

O Livro dos Espíritos

Allan Kardec

2026

Sumário

Prefácio	1
Introdução à Doutrina Espírita	3
 Livro Primeiro	 39
Capítulo 1 - Deus	41
Deus e o infinito	41
Provas da existência de Deus	42
Atributos da divindade	44
Panteísmo	46
 Capítulo 2 - Elementos gerais do Universo	 49
Conhecimento do princípio das coisas	49
Espírito e matéria	50
Propriedades da matéria	54
Espaço universal	56
 Capítulo 3 - Criação	 59
Formação dos mundos	59
Formação dos seres vivos	60
Povoamento da Terra. Adão	63
Diversidade das raças humanas	64
Pluralidade dos mundos	65
 Capítulo 4 - Princípio vital	 71
Seres orgânicos e inorgânicos	71
A vida e a morte	73
Inteligência e instinto	76

Livro Segundo

79

Capítulo 1 - Dos Espíritos	81
Origem e natureza dos Espíritos	81
Mundo normal primitivo	83
Forma e ubiquidade dos Espíritos	84
Perispírito	86
Diferentes ordens de Espíritos	87
Escala espírita	88
Terceira ordem — Espíritos imperfeitos	90
Segunda ordem — Espíritos bons	95
Primeira ordem — Espíritos puros	97
Progressão dos Espíritos	98
Anjos e demônios	103
 Capítulo 2 - Encarnação dos Espíritos	 107
Objetivo da encarnação	107
A alma	108
Materialismo	114
 Capítulo 3 - Retorno à vida espiritual	 119
A alma depois da morte	119
Separação da alma e do corpo	121
Perturbação que se segue à morte	124
 Capítulo 4 - Pluralidade das existências	 127
A reencarnação	127
Justiça da reencarnação	128
Encarnação nos diferentes mundos	130
Transmigrações progressivas	137
Sorte das crianças após a morte	142
Sexo nos Espíritos	143
Parentesco e filiação	144
Semelhanças físicas e morais	145
Ideias inatas	148
 Capítulo 5 - Sobre a pluralidade das existências	 151
 Capítulo 6 - Vida espírita	 159

Espíritos errantes	159
Mundos transitórios	163
Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos	165
Ensaio teórico da sensação dos Espíritos	170
Escolha de provas	175
As relações no além-túmulo	182
Simpatia e antipatia entre os Espíritos. Metades eternas	185
Recordação da existência corporal	189
Comemoração dos mortos. Funerais	193
Capítulo 7 - Retorno à vida corporal	197
Prelúdio da volta	197
União da alma e do corpo. Aborto	201
Faculdades morais e intelectuais do homem	206
Influência do organismo	208
Idiotismo, loucura	211
A infância	214
Simpatias e antipatias terrenas	217
Esquecimento do passado	218
Capítulo 8 - Emancipação da alma	223
O sono e os sonhos	223
Visitas espíritas entre pessoas vivas	230
Transmissão oculta do pensamento	232
Letargia, catalepsia, mortes aparentes	233
Sonambulismo	235
Êxtase	240
Segunda vista	242
Capítulo 9 - Intervenção dos Espíritos no mundo corporal	249
Faculdade de penetrar nossos pensamentos	249
Influência oculta em nossos pensamentos e atos	250
Possessos	254
Convulsionários	257
Afeição dos Espíritos por certas pessoas	258
Anjos guardiães. Espíritos protetores ou familiares.	260
Pressentimentos	271
Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida	272

Os Espíritos durante os combates	277
Pactos	279
Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros	280
Bênçãos e maldições	282
Capítulo 10 - Ocupações e missões dos Espíritos	285
Capítulo 11 - Os três reinos	295
Os minerais e as plantas	295
Os animais e o homem	297
Metempsicose	302
 Livro Terceiro	 303
Capítulo 1 - Lei divina ou natural	305
Caracteres da lei natural	305
Conhecimento da lei natural	306
O bem e o mal	310
Divisão da lei natural	315
Capítulo 2 - Lei de adoração	317
Objetivo da adoração	317
Adoração exterior	318
Vida contemplativa	320
A prece	320
Politeísmo	323
Sacrifícios	325
Capítulo 3 - Lei do trabalho	327
Necessidade do trabalho	327
Limite do trabalho. Repouso	329
Capítulo 4 - Lei de reprodução	333
População do globo	333
Sucessão e aperfeiçoamento das raças	333
Obstáculos à reprodução	335
Casamento e celibato	336

Poligamia	337
Capítulo 5 - Lei de conservação	339
Instinto de conservação	339
Meios de conservação	339
Gozo dos bens terrenos	343
O necessário e o supérfluo	344
Privações voluntárias. Mortificações	345
Capítulo 6 - Lei de destruição	349
Destruição necessária e destruição abusiva	349
Flagelos destruidores	352
Guerras	354
Assassínio	355
Crueldade	357
Duelo	358
Pena de morte	360
Capítulo 7 - Lei de sociedade	363
Necessidade da vida social	363
Vida de isolamento. Voto de silêncio	364
Laços de família	365
Capítulo 8 - Lei do progresso	367
Estado de natureza	367
Marcha do progresso	368
Povos degenerados	371
Civilização	374
Progresso da legislação humana	376
Influência do Espiritismo no progresso	377
Capítulo 9 - Lei de igualdade	381
Igualdade natural	381
Desigualdade das aptidões	381
Desigualdades sociais	383
Desigualdade das riquezas	383
As provas da riqueza e da miséria	386
Igualdade dos direitos do homem e da mulher	387

Igualdade perante o túmulo	389
Capítulo 10 - Lei de liberdade	391
Liberdade natural	391
Escravidão	392
Liberdade de pensar	394
Liberdade de consciência	394
Livre-arbítrio	396
Fatalidade	398
Conhecimento do futuro	404
Capítulo 11 - Lei de justiça, amor e caridade	411
Justiça e direito natural	411
Direito de propriedade. Roubo	414
Caridade e amor do próximo	416
Amor materno e filial	419
Capítulo 12 - Perfeição moral	421
As virtudes e os vícios	421
As paixões	427
O egoísmo	429
Caracteres do homem de bem	433
Conhecimento de si mesmo	434
 Livro Quarto	 437
Capítulo 1 - Penas e gozos terrestres	439
Felicidade e infelicidade relativas	439
Perda dos entes queridos	445
Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas	447
Unões antipáticas	448
Temor da morte	450
Desgosto da vida. Suicídio	451
Capítulo 2 - Penas e gozos futuros	457
O Nada. Vida futura	457
Intuição das penas e gozos futuros	458

Intervenção de Deus nas penas e recompensas	459
Natureza das penas e gozos futuros	461
Penas temporais	469
Expição e arrependimento	472
Duração das penas futuras	476
Ressurreição da carne	480
Paraíso, inferno e purgatório.	481
Conclusão	485

Prefácio

Objetivo

A modernização visa facilitar a leitura e compreensão deste texto fundamental do Espiritismo, especialmente para leitores contemporâneos. Buscamos tornar a obra extremamente acessível, reformulando frases e estruturas quando necessário para melhorar o fluxo e a fluidez do texto, sempre preservando o sentido e a essência do conteúdo doutrinário. Como os próprios espíritos afirmam: “As palavras pouco nos importam. Cabe a vocês organizar a linguagem de modo que consigam se entender.”

Estrutura e Organização

Para facilitar a referência cruzada e o estudo comparativo, os nomes dos capítulos permanecem idênticos à versão original. A estrutura completa da obra foi mantida, incluindo a organização em livros, capítulos, perguntas e respostas, permitindo que leitores possam facilmente localizar e comparar passagens entre a versão original e esta modernização.

Escopo da Modernização

O compromisso fundamental é preservar o sentido, a essência e o conteúdo doutrinário. As ideias, os conceitos e as respostas dos espíritos permanecem íntegros. As palavras podem ser alteradas, as frases podem ser reformuladas, os

parágrafos podem ser reorganizados, mas o significado profundo deve ser mantido.

Licença

Este é um projeto sem fins lucrativos, desenvolvido voluntariamente com o objetivo de disseminar o conhecimento espírita de forma mais acessível. Não há qualquer intenção comercial ou de lucro com esta modernização.

Este trabalho está disponível sob a licença Creative Commons CC0 1.0 Universal (Domínio Público), alinhado ao fato de que as obras originais de Allan Kardec também são de domínio público. Isso significa que você é livre para: Compartilhar, copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato. Adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer propósito, mesmo comercialmente.

O licenciante não pode revogar essas liberdades enquanto você seguir os termos da licença.

Esta escolha de licença reflete o espírito de livre acesso ao conhecimento que caracteriza a Doutrina Espírita e permite que esta modernização seja amplamente compartilhada e utilizada para fins educacionais e de estudo.

Contribuições

Você pode contribuir para a modernização no repositório kardec-md caso tenha encontrado algum erro ou queira melhorar algo. Contribuições são muito bem-vindas e ajudam a tornar esta obra ainda mais acessível e precisa.

Introdução à Doutrina Espírita

I

Para nomear coisas novas, são necessários termos novos. A clareza da linguagem exige isso, para evitar confusão causada por palavras que já possuem vários significados. Os termos espiritual, espiritualista e espiritualismo têm sentidos bem definidos. Alterá-los para aplicá-los à doutrina dos Espíritos apenas aumentaria a confusão.

Espiritualismo é o oposto de materialismo. Todo aquele que acredita existir algo em si além da matéria é espiritualista. Mas isso não significa, necessariamente, que acredite na existência dos Espíritos ou em sua comunicação com o mundo visível. Por isso, adotamos os termos espírita e espiritismo para designar especificamente essa doutrina. Essas palavras indicam claramente sua origem e sentido, mantendo para espiritualismo seu significado tradicional.

Diremos, então, que a doutrina espírita, ou Espiritismo, tem como princípio as relações entre o mundo material e os Espíritos, seres do mundo invisível. Seus adeptos são chamados espíritas.

Como obra específica, O Livro dos Espíritos apresenta a doutrina espírita. De modo mais amplo, ele se insere no espiritualismo, do qual é uma das expressões. Por isso traz no título a expressão: Filosofia espiritualista.

II

Há outra palavra fundamental para a doutrina moral e que gera muitas discussões por falta de definição clara: alma. As divergências sobre sua natureza nascem do sentido particular que cada pessoa dá ao termo. Se cada ideia tivesse uma palavra própria, muitas discussões não existiriam.

Para alguns, alma é apenas o princípio da vida orgânica. Não teria existência própria e desapareceria com a morte. Essa é a posição materialista. Nesse sentido, diz-se de um instrumento quebrado que “não tem alma”. Aqui, a alma seria efeito, não causa.

Outros entendem alma como o princípio da inteligência, um agente universal do qual cada ser absorveria uma parte. Segundo essa visão, existiria uma única alma universal, que se dividiria temporariamente nos seres vivos e, após a morte, retornaria à fonte comum, como os rios voltam ao mar. Embora admita algo além da matéria, essa ideia elimina a individualidade após a morte. Seria quase como se nada permanecesse. Essa concepção se aproxima do panteísmo, onde Deus seria a alma universal e cada ser, uma parte dele.

Por fim, há quem considere a alma um ser moral, distinto da matéria, independente e que mantém sua individualidade após a morte. Essa é a visão mais difundida entre os povos, em todos os graus de civilização. Segundo ela, a alma é causa, não efeito. É a posição dos espiritualistas.

Sem discutir qual dessas opiniões é superior, observemos apenas o problema linguístico: três ideias diferentes estão sendo expressas por uma única palavra. Isso gera confu-

são. O ideal seria usar termos distintos para cada conceito. Como isso não ocorre, é necessário definir claramente o sentido adotado.

Optamos por usar alma em seu sentido mais comum: o ser imaterial e individual que habita em nós e sobrevive ao corpo. Mesmo que fosse apenas uma hipótese, ainda assim precisaríamos de um termo para designá-lo.

Para evitar equívocos, chamamos:

Princípio vital ao princípio da vida orgânica, comum a todos os seres vivos, das plantas ao homem. Pode haver vida sem pensamento; logo, o princípio vital é distinto da inteligência. Alguns o veem como propriedade da matéria; outros, como um fluido especial, universal, do qual cada ser absorve uma parcela durante a vida — o chamado fluido vital, que alguns associam ao fluido magnético ou nervoso.

Independentemente da explicação, há um fato incontestável: os seres orgânicos possuem uma força interna que produz o fenômeno da vida enquanto está presente. A vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência. A inteligência e o pensamento pertencem a certas espécies. E entre elas, há uma que possui também senso moral especial: a espécie humana.

Com tantos significados atribuídos à palavra alma, ela pode ser usada tanto pelo materialista quanto pelo panteísta ou pelo espiritualista. Por isso surgem disputas intermináveis.

A confusão diminuiria se acrescentássemos qualificativos: alma vital (princípio da vida orgânica), alma intelectual

(princípio da inteligência) e alma espírita (princípio da individualidade após a morte). Nesse caso, a alma vital seria comum a plantas, animais e homens; a alma intelectual, aos animais e homens; e a alma espírita, apenas ao homem.

Insistimos nesses esclarecimentos porque a doutrina espírita se baseia na existência de um ser independente da matéria que sobrevive ao corpo. Como a palavra alma será usada com frequência, era necessário fixar seu sentido antes de avançarmos.

III

Como toda ideia nova, a doutrina espírita tem adeptos e opositores. Procuraremos responder às objeções, analisando os argumentos apresentados, sem pretender convencer a todos. Muitos acreditam já possuir a verdade absoluta. Dirigimo-nos aos que estão de boa-fé, que não trazem preconceitos firmados e que desejam compreender. Mostraremos que grande parte das objeções nasce de observação incompleta e julgamento precipitado.

Antes disso, recordemos resumidamente os fatos que deram origem à doutrina.

O primeiro fenômeno observado foi o movimento de objetos. Popularmente, chamou-se mesas girantes. Embora tenha se tornado conhecido na América, há registros semelhantes na Antiguidade. O fenômeno vinha acompanhado de ruídos e pancadas sem causa aparente.

Rapidamente se espalhou pela Europa e outros países. No início, gerou desconfiança. Mas a repetição constante tor-

nou impossível negar os fatos.

Se tudo tivesse se limitado ao movimento de objetos, poderíamos atribuir a causa a agentes físicos ainda desconhecidos. A eletricidade, por exemplo, revela constantemente novas propriedades. Nada impediria que algum agente invisível estivesse envolvido. O fato de que a presença de várias pessoas aumentava a intensidade parecia reforçar essa hipótese.

O movimento circular também não era estranho à natureza. Mas nem sempre o movimento era regular. Às vezes era brusco, desordenado, contrariando leis conhecidas da física. Ainda assim, poderia haver explicação natural.

Os ruídos também poderiam ser atribuídos a causas físicas ocultas. Até esse ponto, tudo permanecia no campo dos fenômenos físicos e fisiológicos, já merecendo estudo sério.

Por que isso não ocorreu de imediato? A resposta é incômoda: a banalidade do objeto — uma mesa — levou muitos a desprezarem o fenômeno. A expressão “dança das mesas” contribuiu para o descrédito. Muitos julgaram indigno estudar algo com esse nome.

Alguns cientistas tentaram observar, mas, como o fenômeno não se produzia sempre sob suas condições, concluíram negativamente. No entanto, os fatos continuaram a ocorrer.

Fenômenos naturais exigem condições específicas. Não se nega a eletricidade porque não se manifesta fora dessas condições. Do mesmo modo, fatos novos podem obedecer a leis ainda desconhecidas. Para compreendê-los, é preciso

observação paciente e contínua.

Alegou-se também fraude. Mas antes de afirmar isso, é preciso ter certeza. Mesmo admitindo casos isolados, isso não invalida o conjunto. Não se rejeita a física porque existam ilusionistas. Além disso, muitos envolvidos eram pessoas sérias, sem interesse em enganar. Uma fraude mundial e prolongada seria ainda mais extraordinária que o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos tivessem permanecido apenas no campo físico, ali ficariam. Mas surgiu algo novo: sinais de inteligência nas manifestações. O movimento não parecia apenas mecânico. Isso abriu um campo totalmente novo de investigação.

As primeiras respostas inteligentes surgiram por meio de pancadas que indicavam “sim” ou “não”. Depois, passou-se a utilizar o alfabeto, formando palavras e frases. As respostas mostravam coerência e precisão.

Quando questionada sobre sua natureza, a entidade que respondia dizia ser um Espírito, declarava um nome e fornecia informações.

Importante notar: ninguém criou a hipótese dos Espíritos para explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que levou a essa conclusão.

Posteriormente, indicou-se o uso de um lápis preso a uma cesta. O objeto movia-se e escrevia mensagens longas sobre temas filosóficos, morais e científicos, com rapidez surpreendente.

O instrumento é apenas meio. O essencial é a influência exercida por certas pessoas chamadas médiuns — intermediários entre os Espíritos e os homens. Essa faculdade depende de condições físicas e morais ainda não totalmente compreendidas. Pode surgir em qualquer idade, sexo ou nível intelectual e se desenvolve com o exercício.

V

Mais tarde, percebeu-se que o objeto intermediário era dispensável. O médium passou a escrever diretamente, por impulso involuntário. As comunicações tornaram-se mais rápidas e completas.

Também se constatou que as manifestações podiam ocorrer por meio da fala, audição, visão, tato e até escrita direta, sem a mão do médium.

Restava uma questão essencial: qual o papel do médium? Ele participa conscientemente das respostas?

Dois fatos ajudam a responder.

Primeiro: o movimento da cesta não podia ser controlado pelo médium. Quando várias pessoas colocavam as mãos juntas, seria necessária perfeita coordenação física e mental para produzir respostas coerentes.

Segundo: a mudança de caligrafia conforme o Espírito comunicante, reproduzindo sempre o mesmo estilo. Seria improvável que o médium pudesse imitar conscientemente tantas variações.

Além disso, as respostas frequentemente ultrapassam o conhecimento do médium. Muitas vezes ele não entende o

que escreve. Às vezes a pergunta é feita mentalmente ou em idioma desconhecido para ele — e a resposta vem corretamente.

Há comunicações espontâneas, sem pergunta prévia.

Algumas revelam profunda sabedoria e elevada moralidade; outras são superficiais e banais. Essa diversidade sugere diferentes inteligências manifestando-se.

Os fatos são visíveis, repetidos por milhares de pessoas, à luz do dia. Não pertencem ao domínio exclusivo do físico, pois revelam intenção e inteligência.

Diversas teorias foram propostas para explicá-los. Serão examinadas adiante. Por ora, consideremos a hipótese apresentada pelas próprias manifestações: a existência de seres distintos da humanidade corporal. Vejamos o que dizem.

VI

Como já observamos, os próprios seres que se comunicam se identificam como **Espíritos** ou **gênios** e declaram — ao menos alguns — que já foram pessoas que viveram na Terra. Eles formam o **mundo espiritual**, assim como nós formamos o **mundo corporal** durante a vida. A seguir, resumimos os pontos centrais do que eles ensinam, para responder com mais facilidade a algumas objeções:

— *Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, perfeitamente justo e bom.*

— *Deus criou o universo, que inclui todos os seres, animados e inanimados, materiais e imateriais.*

— Os seres materiais formam o mundo visível (corporal); os seres imateriais formam o mundo invisível (espiritual), isto é, o mundo dos Espíritos.

— O mundo espiritual é o mundo fundamental: é anterior ao mundo corporal e sobrevive a tudo.

— O mundo corporal é secundário; poderia não existir, sem que isso alterasse a essência do mundo espiritual.

— Os Espíritos, por um tempo, usam um corpo material perecível. Com a morte, esse corpo se desfaz e o Espírito recupera a liberdade.

— Entre as espécies do mundo corporal, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação de Espíritos que já alcançaram certo grau de desenvolvimento, dando ao ser humano superioridade moral e intelectual sobre as demais.

— A alma é um Espírito encarnado; o corpo é apenas seu envoltório.

— No homem há três elementos: 1) o corpo, ser material semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2) a alma, ser imaterial, isto é, o Espírito encarnado; 3) o laço que une alma e corpo, um princípio intermediário entre matéria e Espírito.

— Assim, o homem tem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza animal; pela alma, participa da natureza espiritual.

— O laço, ou perispírito, que une corpo e Espírito, é um envoltório semimaterial. A morte destrói o envoltório mais denso; o Espírito conserva o segundo, que funciona como um corpo sutil, invisível em condições comuns, mas que pode tornar-se visível e

até tangível em certos casos, como nas aparições.

— O Espírito, portanto, não é algo abstrato e indefinido. É um ser real, delimitado, que em algumas circunstâncias pode ser percebido pela visão, audição e tato.

— Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais em poder, inteligência, conhecimento ou moralidade. Na primeira ordem estão os Espíritos superiores, distinguidos pela perfeição, pelo saber, pela proximidade de Deus, pela pureza dos sentimentos e pelo amor ao bem: são os anjos, ou Espíritos puros. Nas ordens seguintes, eles se afastam cada vez mais dessa perfeição. Os das categorias inferiores tendem às paixões humanas: ódio, inveja, ciúme, orgulho etc., e se comprazem no mal. Há também os que não são totalmente maus, mas são mais perturbadores e enganadores do que perversos: neles predominam a malícia e a falta de responsabilidade. São os Espíritos levianos.

— Os Espíritos não permanecem para sempre na mesma ordem. Todos podem melhorar, passando pelos diferentes graus. Esse progresso ocorre por meio de encarnações: para uns, como expiação; para outros, como missão. A vida material é uma prova repetida até que se atinja a perfeição; é como um processo de depuração.

— Ao deixar o corpo, a alma retorna ao mundo espiritual, de onde saiu, e depois de um tempo maior ou menor, passa por nova existência material, permanecendo nesse intervalo como Espírito errante.

— Como o Espírito passa por muitas encarnações, todos nós já tivemos diversas existências e ainda teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, na Terra ou em outros mundos.

— A encarnação ocorre sempre na espécie humana; é erro acreditar que a alma ou o Espírito encarne em um animal.

— As existências corporais são progressivas, nunca regressivas; a velocidade desse progresso depende do esforço de cada um para chegar à perfeição.

— As qualidades da alma são as qualidades do Espírito que encarna: uma pessoa boa encarna um Espírito mais adiantado; uma pessoa perversa encarna um Espírito ainda impuro.

— A alma tinha individualidade antes de encarnar e a conserva após se separar do corpo.

— Ao voltar ao mundo espiritual, ela reencontra aqueles que conheceu na Terra e tem diante de si suas existências anteriores, com a lembrança do bem e do mal que praticou.

— O Espírito encarnado sofre influência da matéria. Quem vence essa influência, elevando e depurando a alma, se aproxima dos Espíritos bons. Quem se deixa dominar por paixões e faz da vida apenas satisfação de apetites grosseiros se aproxima dos Espíritos impuros, fortalecendo o lado animal.

— Os Espíritos encarnados habitam diferentes mundos do universo.

— Os Espíritos errantes não ocupam região fixa. Estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e convivendo conosco constantemente: é uma população invisível ao redor de nós.

— Os Espíritos agem sem cessar no mundo moral e também no mundo físico. Influenciam a matéria e o pensamento e são uma das forças da natureza, explicando muitos fenômenos antes mal compreendidos.

— *As relações entre Espíritos e seres humanos são constantes. Os bons nos chamam ao bem, nos sustentam nas provas e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos empurram para o erro e se divertem quando caímos.*

— *As comunicações podem ser discretas ou evidentes. As discretas ocorrem pela influência boa ou má que sofremos sem perceber. Cabe ao nosso juízo distinguir inspirações boas e ruins. As evidentes ocorrem por escrita, fala ou outras manifestações materiais, quase sempre por meio de médiuns.*

— *Os Espíritos podem se manifestar espontaneamente ou por evocação. Podem ser evocados Espíritos de pessoas simples ou de figuras célebres, de qualquer época, assim como parentes, amigos ou inimigos. Pode-se obter deles conselhos, informações sobre sua condição no além, o que pensam de nós e revelações que lhes seja permitido oferecer.*

— *Os Espíritos são atraídos conforme a afinidade moral do grupo que os chama. Espíritos superiores se aproximam de reuniões sérias, onde há amor ao bem e desejo sincero de aprender e melhorar. A presença deles afasta Espíritos inferiores. Já em ambientes frívolos, movidos só por curiosidade ou por maus impulsos, esses Espíritos encontram livre acesso e atuam à vontade. Nessas condições, não se deve esperar ensinamentos úteis: é comum surgirem banalidades, mentiras, brincadeiras de mau gosto e mistificações. Muitos usam nomes respeitados para enganar melhor.*

— *Distinguir bons e maus Espíritos é, em essência, simples. Espíritos superiores usam linguagem digna e elevada, marcada por moralidade e serenidade; seus conselhos buscam nosso aperfeiçoamento e o bem geral. Espíritos inferiores, ao contrário, costumam ser incoerentes, muitas vezes vulgares; misturam verdades*

com absurdos, por malícia ou ignorância; zombam da credulidade, alimentam vaidades e prometem o que não podem cumprir.

— A moral dos Espíritos superiores se resume, como a de Jesus, nesta máxima: fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem conosco — isto é, praticar o bem e evitar o mal. Desse princípio nasce uma regra universal, válida até para as menores ações.

— Eles ensinam que egoísmo, orgulho e sensualidade nos prendem à matéria e nos aproximam do lado animal; que quem se desapega do supérfluo e ama o próximo se aproxima do lado espiritual; que cada um deve ser útil conforme suas capacidades e recursos; e que o forte e o poderoso têm o dever de amparar o fraco — pois abusar da força e do poder para oprimir é violar a lei de Deus. Ensinam também que, no mundo espiritual, nada fica escondido: o hipócrita é revelado, e a presença constante daqueles a quem fizemos mal pode ser um dos castigos que nos aguardam, assim como há alegrias e sofrimentos ligados ao grau de elevação do Espírito.

— Mas ensinam, igualmente, que não existem faltas irreparáveis: a expiação pode apagar o erro. E o caminho é claro: as diferentes existências permitem avançar, de acordo com a vontade e o esforço, rumo à perfeição — nosso destino final.

Esse é o resumo da doutrina espírita, segundo os ensinamentos dos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que costumam aparecer.

VII

Para muita gente, a resistência de instituições científicas é, se não uma prova, ao menos um forte indício contra qual-

quer novidade. Não somos dos que atacam os cientistas. Ao contrário: respeitamos muito seu trabalho e nos sentiríamos honrados em ser contados entre eles. Mas a opinião de cientistas, em todas as situações, não pode ser tratada como sentença definitiva.

Quando a ciência sai da observação direta dos fatos materiais e passa a interpretá-los, abre-se espaço para hipóteses. Cada um tende a construir um sistema e defendê-lo com força. Todos os dias vemos ideias serem aceitas e rejeitadas, às vezes rotuladas como erro num momento e adotadas como evidência pouco depois. O verdadeiro critério é o fato. Onde não há fatos suficientes, a atitude sensata é a dúvida.

Em assuntos já estabelecidos, a opinião técnica é naturalmente confiável. Mas diante de algo novo, a opinião negativa costuma ser apenas uma hipótese — e também pode ser guiada por preconceitos. O especialista tende a explicar tudo a partir do seu próprio campo: o matemático espera provas em forma de demonstração; o químico vê tudo como jogo de elementos; e assim por diante. Fora da área em que domina, ele pode errar como qualquer pessoa.

Por isso, eu consultaria um químico sobre análises, um físico sobre eletricidade, um mecânico sobre forças e motores. Mas não vejo por que uma avaliação negativa sobre Espiritismo deva valer mais do que, por exemplo, a opinião de um arquiteto sobre música.

As ciências comuns trabalham com propriedades da matéria, que podemos manipular livremente. Já os fenômenos espíritos dependem da ação de inteligências com vontade

própria, que mostram a todo momento não obedecer aos nossos caprichos. Por isso, o método de observação não pode ser o mesmo. Exigir que o fenômeno siga as mesmas regras de laboratório é criar uma analogia que não existe.

Assim, a ciência material, enquanto ciência material, não tem como encerrar a questão do Espiritismo. O Espiritismo nasce de convicção pessoal e de observação, que qualquer indivíduo — cientista ou não — pode adquirir. Seria tão ilógico pedir que uma assembleia de físicos decidisse sobre a existência da alma quanto pedir que um tribunal de astrônomos julgasse o destino moral do homem. O núcleo do Espiritismo é a alma e seu estado após a morte — tema que não se resolve com bisturi nem com equações.

Quando essas ideias se difundirem ainda mais, o que deve acontecer com rapidez, ocorrerá o que sempre acontece com novidades que enfrentam resistência: muitos se renderão à evidência, individualmente, com o tempo. Até lá, forçar instituições a abandonar seus trabalhos para investigar um tema fora do seu programa tende a ser improdutivo.

E quem, sem estudo sério, nega e ridiculariza quem discorda, esquece que isso já aconteceu com diversas descobertas que depois mudaram a história. Basta lembrar que houve academias que zombaram de ideias hoje básicas — e, no entanto, eram temas que estavam sim dentro do campo delas.

Esses erros não apagam os méritos reais dos cientistas em outras áreas. Mas também não é preciso diploma para ter bom senso. Basta olhar para a diversidade dos que estudam

e adotam o Espiritismo e reconhecer que há, aí, pessoas de caráter e capacidade. Se elas afirmam haver algo, é razoável admitir que exista ao menos um fato a ser examinado.

Repetimos: se tudo se limitasse a movimento mecânico, a busca por uma causa física caberia à ciência material. Mas aqui se trata de manifestações fora das leis já conhecidas. Quando surge um fato novo, o cientista, para estudá-lo, precisa deixar de lado certezas prontas e aceitar que pode estar diante de um campo novo.

E vale um alerta: muitas vezes “razão” é apenas orgulho com outro nome. Quem se considera infalível se coloca perigosamente perto do erro. Por isso falamos com quem tem serenidade para duvidar do que ainda não viu e para admitir que a natureza não terminou de revelar tudo.

VIII

Acrescentemos: o estudo de uma doutrina como a espírita — que nos coloca, de repente, diante de uma ordem de ideias tão ampla e nova — só rende frutos quando feito por pessoas sérias, perseverantes, sem preconceitos e com desejo honesto de chegar a uma conclusão. É difícil levar a sério quem julga tudo antes de observar com profundidade; ou quem estuda sem continuidade, sem regularidade e sem o recolhimento necessário. Menos ainda quem tenta encontrar “o lado engraçado” em questões que pessoas honestas e convictas tratam como essenciais. Quem não quer se deter no assunto é livre para não fazê-lo — mas isso não dá direito de desrespeitar a convicção alheia.

O que define um estudo sério é a continuidade. Não é surpresa que não se obtenham respostas consistentes

quando se fazem perguntas importantes de improviso, em meio a uma avalanche de questões sem sentido. Muitas vezes, uma questão complexa exige respostas preliminares. Quem quer aprender uma ciência estuda por etapas, do começo ao fim, acompanhando o encadeamento das ideias. Se alguém, ao acaso, faz perguntas a um especialista sobre uma disciplina cujos fundamentos desconhece, a resposta pode soar incompleta — ou até parecer contraditória. O mesmo acontece nas relações com os Espíritos: quem quer aprender precisa de método, escolha cuidadosa e constância.

Dissemos que Espíritos superiores se aproximam de reuniões sérias, especialmente onde há harmonia de pensamentos voltada ao bem. Perguntas vazias e atitude frívola os afastam, como pessoas sensatas evitam ambientes ruidosos. Nessas condições, o espaço fica aberto para Espíritos levianos e enganadores, prontos para zombar e confundir.

O que acontece, então, quando uma questão séria é lançada num ambiente assim? Pode até ser respondida — mas por quem? É como perguntar, num grupo que só quer brincadeira: “o que é a alma?” ou “o que é a morte?”. Se a intenção não é séria, a resposta dificilmente será.

Se você quer respostas sérias, a postura precisa ser séria — no sentido mais completo da palavra — e as condições necessárias precisam ser respeitadas. Só assim se alcançam resultados sólidos. E, além disso, é preciso trabalho e perseverança: do contrário, os Espíritos superiores se afastam, como um bom professor se afasta de alunos que não se dedicam.

IX

O movimento dos objetos é um fato que não se pode negar. A questão é saber se, nesse movimento, existe ou não uma manifestação inteligente e, se existir, qual é a origem dessa inteligência.

Aqui não vamos tratar do movimento “inteligente” de certos objetos, nem de comunicações faladas, nem da escrita direta do médium. Para quem está começando, esse tipo de manifestação pode parecer pouco independente da vontade do próprio médium e, por isso, nem sempre produz convicção imediata. Então, vamos nos limitar à escrita obtida com um objeto qualquer munido de lápis — cesta, prancheta e semelhantes.

Do modo como os dedos do médium apenas repousam sobre o objeto, já dissemos, é extremamente difícil imaginar que ele consiga intervir, com precisão, no traçado das letras. Ainda assim, admitamos que alguém, com habilidade excepcional, pudesse enganar até um observador atento. Mesmo assim, como explicar a natureza das respostas quando elas ultrapassam, de maneira evidente, o repertório de ideias e conhecimentos do médium? E note: não estamos falando de respostas curtas, e sim de páginas inteiras, escritas com rapidez impressionante — às vezes espontaneamente, às vezes sobre temas específicos. De vez em quando, até médiuns sem prática literária produzem poesia de alto nível, com pureza e força que muitos autores consagrados não assinariam com tranquilidade.

O que torna tudo isso ainda mais difícil de descartar é que esses fatos aparecem em vários lugares ao mesmo tempo, e

o número de médiuns cresce sem parar. São reais ou não? Para isso, só existe uma resposta: observe. Oportunidades não faltam. Mas observe de verdade: repetidas vezes, por tempo suficiente, e dentro das condições necessárias.

E o que dizem os opositores? “Vocês estão sendo enganados” ou “estão se iludindo”. Primeiro: falar em “charlatanismo” não faz sentido onde não existe lucro. Charlatão não trabalha de graça. No máximo, seria uma “pegadinha”. Mas como explicar uma “pegadinha” global, em que pessoas de lugares distantes agiriam da mesma forma, produziriam efeitos parecidos e entregariam respostas equivalentes em sentido, ainda que mudem as palavras e o idioma? E como supor que pessoas sérias, instruídas e respeitadas se prestariam a isso — e por quê? E como atribuir a crianças a paciência e a técnica necessárias, quando muitas delas são médiuns, sem terem idade, treino ou contexto social compatíveis com uma fraude elaborada?

Então eles dizem: “se não é fraude, pode ser ilusão”. Em lógica, a qualidade das testemunhas importa. E aqui cabe perguntar: uma doutrina que hoje reúne milhões de simpatizantes só teria atraído ignorantes? Os fatos são extraordinários, e a dúvida é compreensível. O que não faz sentido é a pretensão de alguns de monopolizar o bom senso e, ainda por cima, tratar como incapazes aqueles que discordam — desrespeitando pessoas corretas e a seriedade de quem observou por muito tempo.

Para qualquer pessoa ponderada, a opinião de quem estudou com continuidade, observou com cuidado e refletiu com calma é, no mínimo, um indício forte. Não é sempre uma “prova”, mas é uma presunção a favor —

especialmente quando vem de gente séria, sem interesse em espalhar erro e sem tempo para brincadeira.

X

Algumas objeções parecem mais atraentes à primeira vista, porque vêm de observações reais e de pessoas consideradas sensatas.

Uma delas se apoia na linguagem de certos Espíritos, que nem sempre parece compatível com a elevação atribuída a seres “superiores”. Mas, se a pessoa retomar o resumo da doutrina, verá que os próprios Espíritos dizem que entre eles existe grande desigualdade de conhecimento e de moralidade, e que nem tudo o que comunicam deve ser aceito literalmente. Cabe a quem recebe separar o bom do ruim.

Quem conclui daí que só se comunicam seres maus, cuja única intenção é enganar, provavelmente não conhece o tipo de comunicação que aparece em ambientes realmente sérios — onde se manifestam Espíritos de ordem mais alta. Do contrário, não sustentaria isso. É lamentável que a experiência de alguns tenha mostrado apenas o lado pior do mundo espiritual — não queremos supor que exista “afinidade” por maldade, mas é possível que a curiosidade, sem firmeza moral e sem objetivo elevado, acabe abrindo espaço para comunicações inferiores, enquanto as melhores se afastam.

Julgar a questão por esse recorte é tão ilógico quanto julgar uma cidade inteira pelo que se fala num lugar onde só se reúnem pessoas descontroladas ou mal-intencionadas. É como um visitante que chega a uma grande capital por um bairro degradado e conclui que todos os habitantes são

iguais àquele pedaço. No mundo espiritual também existe convivência elevada e convivência baixa. Quem julga assim deveria estudar o que ocorre quando se busca, de verdade, contato com Espíritos sérios — e perceber que não existe apenas “ruído” no invisível.

“Mas esses Espíritos superiores vêm até nós?” A resposta é simples: não fique só na periferia. Observe melhor, em outros ambientes, com outras condições. Os fatos existem e estão ao alcance de todos — a não ser que caiba aqui aquela ideia atribuída a Jesus: “tem olhos e não vê; tem ouvidos e não ouve”.

Como variação disso, há quem atribua tudo a uma ação exclusivamente diabólica — um “Proteu” que assume qualquer forma para enganar. Não vale a pena insistir muito nisso, porque o que já foi dito desmonta a tese. Basta notar o absurdo: se fosse assim, teríamos de admitir que o “diabo” às vezes é sensato, prudente e até moral — ou então inventar a ideia de “diabos bons”.

E mais: como aceitar que Deus permitiria apenas que o mal falasse, para nos perder, sem permitir também um contrapeso de orientação e auxílio? Se Deus não pode, ele não seria onipotente. Se pode e não quer, ele negaria sua própria bondade. As duas hipóteses são ofensivas às noções mais básicas de razão e de fé.

Além disso, reconhecer que existem manifestações já é admitir o princípio de que algo se comunica. Se acontece, acontece com permissão de Deus. Então como sustentar, com seriedade, que Deus permitiria somente o mal e impediria o bem? Essa ideia entra em choque direto com o

bom senso e com a própria religião.

XI

Alguns afirmam que só se fala de Espíritos de pessoas famosas e perguntam por que seriam eles os únicos a se manifestar. Isso também é fruto de observação apressada. Entre as manifestações espontâneas, é muito maior o número de Espíritos desconhecidos do que o de figuras célebres. Muitas vezes eles se apresentam com nomes comuns, simbólicos ou apenas descritivos.

Nas evocações, quando não se trata de parente ou amigo, é natural que se busque primeiro um nome conhecido — porque chama mais atenção e porque é mais fácil fixar a ideia. Por isso, os nomes famosos aparecem mais e são mais comentados.

Também acham estranho que Espíritos de pessoas consideradas “grandes” respondam com familiaridade e, às vezes, sobre temas simples, comparados aos assuntos que trataram em vida. Isso não deveria surpreender quem entende que prestígio social e poder terreno não significam superioridade automática no mundo espiritual. Ali, a “posição” não é a mesma. Isso ecoa o sentido moral daquela frase do Evangelho: “os grandes serão diminuídos e os pequenos serão elevados” — isto é, a hierarquia muda conforme o valor real do Espírito.

Assim, alguém que foi “o primeiro” aqui pode ser “um dos últimos” lá. E alguém diante de quem todos se curvavam na Terra pode se expressar com humildade, porque deixou para trás o peso da posição social. Do mesmo modo, um governante poderoso pode se encontrar abaixo, em elevação

moral, de pessoas simples.

XII

A observação — e os próprios Espíritos — mostram que Espíritos inferiores às vezes usam nomes conhecidos e respeitados. Então como ter certeza de que um Espírito que diz ser Sócrates, César, Napoleão ou qualquer outro realmente foi aquela pessoa? Essa dúvida existe até entre alguns simpaticizantes sinceros, que aceitam as manifestações, mas perguntam: “como confirmar a identidade?”

De fato, esse controle é difícil de fazer com a mesma “documentação” que usamos aqui. Mas, em muitos casos, é possível chegar a uma boa presunção por indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente — um parente ou amigo, especialmente se morreu há pouco — é comum que a linguagem, o jeito e o tom combinem com o caráter que a pessoa tinha. Isso já pesa muito. E a dúvida diminui ainda mais quando o Espírito menciona fatos íntimos, recorda episódios familiares e traz detalhes que só o interlocutor conheceria. Pais reconhecem filhos; filhos reconhecem pais. Em evocações íntimas, acontecem situações tão fortes e específicas que até um cético duro pode ficar impactado.

Outro indício que aparece com frequência é a mudança de caligrafia conforme o Espírito se manifesta — e a repetição da mesma caligrafia quando o mesmo Espírito retorna. Há casos (sobretudo com mortes recentes) em que a escrita se aproxima bastante da escrita que a pessoa tinha em vida; assinaturas às vezes surgem com notável fidelidade. Isso não é regra fixa, nem constante; mas é um ponto digno de

atenção.

Também vale lembrar: Espíritos ainda muito ligados à matéria costumam manter ideias, hábitos e até manias da vida terrena. Isso, por si só, pode funcionar como traço de reconhecimento — e há muitos detalhes que só uma observação paciente percebe.

Agora, se em alguns casos a identidade pode ser indicada por sinais, em outros isso é naturalmente mais difícil — especialmente quando se trata de pessoas que viveram há muito tempo. Ainda assim, permanece o critério do conteúdo: um Espírito realmente bom não se expressa como um Espírito agressivo, cruel ou desregrado.

E quando um Espírito usa um nome ilustre, ele costuma se revelar pela linguagem e pelos princípios que sustenta. Um Espírito que se dissesse “Fénelon”, por exemplo, e ofendesse o bom senso e a moral, mostraria o engano só por esse detalhe. Se, ao contrário, a comunicação for elevada, coerente, sem contradições e compatível com o caráter do nome invocado, não há motivo forte para negar de imediato.

Além disso, é possível que um Espírito da mesma categoria moral “assuma” o nome de outro, por afinidade e por ser um modo de nos orientar — um recurso para fixar ideias, já que precisamos de nomes. No fundo, o que importa é: se o conteúdo é bom e a linguagem corresponde ao padrão de um Espírito elevado, o essencial está preservado. O nome, muitas vezes, é só um rótulo útil.

Claro: essas substituições podem gerar confusão, erro e mistificação. Essa é uma dificuldade prática real. Mas isso

não significa que o tema seja simples. Nenhuma ciência séria é aprendida “brincando”. O Espiritismo exige estudo constante, às vezes longo. Como nem sempre se pode provocar o fenômeno, é preciso esperar e observar quando ele surge — e muitas vezes ele aparece em detalhes que só o olhar treinado percebe. É como nas ciências comuns: alguém apressado vê numa flor apenas “beleza”; quem estuda vê estrutura, função e uma riqueza de sinais.

XIII

Essas observações nos levam a uma outra dificuldade: a divergência na linguagem dos Espíritos. Como eles variam muito em conhecimento e moralidade, é natural que respondam de modos diferentes — exatamente como aconteceria se você perguntasse a mesma coisa a pessoas muito diferentes: um especialista, um iniciante, alguém sério, alguém que só quer fazer graça. O ponto central é saber com quem se está falando.

“Mas por que Espíritos considerados superiores nem sempre concordam entre si?” Primeiro: além das diferenças de nível, existem fatores que influenciam as respostas — e isso só se compreende com estudo mais profundo. Por isso insistimos: o tema pede atenção, observação cuidadosa e continuidade. Leva anos formar um profissional mediano em qualquer área; como imaginar que, em poucas horas, alguém domine um assunto que toca o infinito?

Além disso, muitas vezes a contradição é mais aparente do que real. Em qualquer ciência, pessoas que falam da mesma coisa podem definir de modos diferentes, por palavras diferentes ou por enfoques distintos — man-

tendo a mesma ideia central. Quantas definições existem para “gramática”? E a forma da resposta depende muitas vezes da forma da pergunta. Seria infantil chamar de contradição o que às vezes é só diferença de termos.

Espíritos superiores não se fixam em estilo. Para eles, a ideia vale mais do que a embalagem.

Pegue, por exemplo, a palavra “alma”. Como o termo muda de sentido conforme a tradição e o uso, é natural que a definição varie: um pode chamar de “princípio da vida”, outro de “centelha”, outro dizer que é “interior”, outro que é “externa” — e cada um pode estar falando de um aspecto. O mesmo acontece com a linguagem sobre Deus: “princípio de tudo”, “criador”, “inteligência suprema”, “infinito”, “grande Espírito” — no fim, todos apontam para Deus.

Também vale para classificações. A sequência dos Espíritos é contínua, do mais baixo ao mais elevado. Qualquer classificação em “três”, “cinco”, “dez” classes é, em parte, convenção. Isso ocorre em toda ciência: o sistema muda, mas o objeto estudado não muda. Você pode estudar botânica com classificações diferentes e, ainda assim, aprender botânica. Então, melhor não perder energia com convenções e manter o foco no que é essencial. Muitas vezes, uma reflexão mais calma revela harmonia onde parecia haver conflito.

XIV

Alguns cétricos criticam erros de ortografia em certas mensagens. Isso é um argumento fraco — e, mesmo assim, ele permite uma observação importante.

A ortografia, de fato, nem sempre é perfeita. Mas isso não prova nada sobre o conteúdo, assim como erros desse tipo não anulam o mérito de cientistas, escritores ou pessoas brilhantes. O ponto mais profundo é: para os Espíritos, especialmente os mais elevados, a ideia importa muito mais do que a forma.

Livres da matéria, a comunicação entre eles se dá quase como pensamento direto — sem as travas da linguagem humana. Quando precisam usar palavras, frases e regras, entram num sistema lento e limitado. Eles próprios dizem isso. E é fácil perceber como tentam, às vezes, contornar a pobreza de certas expressões.

Pense na dificuldade de alguém muito inteligente tentando se expressar numa língua curta, rígida e pobre em recursos. É o mesmo incômodo de uma mente rápida tentando acompanhar o próprio pensamento com uma caneta lenta. Por isso, não é estranho que não deem tanta importância à “puerilidade” da ortografia, especialmente quando a mensagem é profunda.

E, ainda assim, não se deve concluir que desconheçam a forma correta. Quando necessário, eles a respeitam. Basta notar que poesias ditadas por eles frequentemente apresentam forma impecável — mesmo quando o médium não teria condições de compor daquele modo.

XV

Há pessoas que enxergam perigo em tudo o que não conhecem. Daí a pressa de concluir contra o Espiritismo porque alguns indivíduos teriam perdido a razão ao se envolverem com esses estudos.

Mas isso acontece com qualquer atividade intelectual intensa: matemática, medicina, música, filosofia, e até religião. Alguém consegue dizer quantas pessoas adoeceram mentalmente por causa de preocupações obsessivas nessas áreas? Isso seria motivo para proibir essas áreas?

O que isso mostra é outra coisa: existe predisposição orgânica em certos cérebros, que ficam mais vulneráveis a determinadas fixações. Onde existe essa predisposição, a loucura tende a assumir a forma da ideia dominante. Se a pessoa vive presa ao tema dos Espíritos, a fixação pode virar “espírita”; se vive presa ao tema do diabo, pode virar “diabólica”; se vive presa à fortuna, ao poder, a um sistema político, a uma ciência, pode virar outra coisa. Não é o objeto em si que “cria” o problema — é a fragilidade prévia somada ao excesso.

Por isso dizemos: o Espiritismo não tem privilégio nesse aspecto. E vamos além: bem compreendido, ele pode ser um freio contra a loucura.

Muitas crises mentais nascem de decepções, perdas, frustrações e afetos contrariados — que também estão entre as causas mais frequentes de suicídio. O espírita, quando entende de verdade a perspectiva espiritual, tende a ver os eventos deste mundo de um ponto de vista mais amplo. O peso das coisas diminui diante do futuro; a vida terrena parece mais curta; as dores viram episódios difíceis, não o fim absoluto. Isso não torna a pessoa indiferente, mas reduz o choque e a desesperança.

Além disso, ele entende as dificuldades como provas úteis ao próprio crescimento, se forem enfrentadas sem revolta

— e confia que existe consequência justa, de acordo com a coragem e a postura moral. Essa visão fortalece a resignação e protege contra o desespero — que é um dos gatilhos de colapso mental e autodestruição.

E existe outro elemento: as comunicações, quando sérias, mostram o estado de quem encurta a própria vida voluntariamente. Esse quadro tende a conter impulsos perigosos — e já há muitos relatos de pessoas que recuaram ao perceber isso. Esse é um efeito concreto. Quem zomba é livre para zombar. Mas as consolações oferecidas a quem estuda com profundidade são reais para quem as experimenta.

Também é comum que o medo produza colapsos — e o medo do diabo já desequilibrou mais de uma mente. Quantas vítimas não nasceram de discursos que aterrorizam imaginações frágeis com imagens de horror? “O diabo só assusta criança”, dizem alguns — como se isso fosse justificativa. Sim, assusta como “bicho-papão” assusta. Mas quando o medo se desfaz, o efeito pode ser o oposto do desejado: a pessoa perde a referência e fica pior. E, para conseguir esse “freio”, quantos danos não se causam, inclusive crises e desorganizações graves em mentes delicadas?

A religião, felizmente, não depende de terror para existir. Ela tem outros meios mais nobres de atuar. E o Espiritismo pode oferecer recursos úteis nesse sentido, se souberem utilizá-los com equilíbrio.

XVI

Restam duas objeções que realmente merecem esse nome, porque tentam ser “racionais”. Ambas aceitam a realidade

dos fenômenos, mas negam a intervenção dos Espíritos.

Na primeira teoria, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos seriam efeitos magnéticos. O médium entraria num estado parecido com um “sonambulismo desperto”, conhecido por quem estuda magnetismo. Nesse estado, as faculdades intelectuais se expandem, a percepção intuitiva parece ir além do comum, e o médium produziria as mensagens a partir de si mesmo — por lucidez — inclusive sobre temas que, no estado normal, ele não dominaria.

Nós não negamos o sonambulismo. Pelo contrário: reconhecemos seu alcance e seus fenômenos. Concordamos que alguns efeitos podem ser explicados por isso. Mas uma observação longa e cuidadosa mostra muitos casos em que a participação do médium, além de instrumento, é impossível de sustentar de maneira coerente.

A quem defende essa hipótese, dizemos o mesmo: observe mais. Mas acrescentamos duas perguntas que saem da própria teoria:

- 1) De onde veio a doutrina espírita? Ela foi criada por alguém? Não. Quem a apresentou foram justamente médiuns em estado de comunicação. Se a lucidez deles é tão confiável, por que atribuiriam aos Espíritos algo que estaria dentro deles mesmos? E como explicariam, com tanta coerência, a natureza dessas inteligências, com informações tão organizadas e, muitas vezes, tão elevadas, se tudo fosse apenas produto do próprio médium? Ou eles são lúcidos — e então sua informação merece confiança — ou não são. Se são, negar a conclusão deles vira contradição.

- 2) Se tudo viesse do médium, as comunicações de uma mesma pessoa seriam sempre homogêneas. Mas não é isso que se vê. O mesmo médium pode alternar estilos, tons, ideias e até posições opostas. Essa falta de unidade aponta para diversidade de fontes. Se não podemos localizar todas essas fontes no médium, precisamos admitir que exista algo fora dele.

Na segunda teoria, o médium seria a fonte, mas não porque “cria” o conteúdo: ele refletiria ideias do ambiente — como um espelho. Ele captaria pensamentos e conhecimentos dos presentes, e não diria nada que ao menos alguém ali não soubesse.

É verdade que os assistentes influenciam as comunicações. Isso faz parte do próprio estudo. Mas essa influência está muito longe de transformar o médium num eco do grupo. Existem inúmeros fatos que contradizem isso: mensagens que não se alinham com as opiniões do ambiente, que surgem espontaneamente, que contrariam expectativas, e que trazem elementos que ninguém ali tinha em mente.

Quando essas contradições ficam claras, os defensores da teoria “espelho” ampliam o escopo: dizem que o médium refletiria não apenas os presentes, mas pensamentos “espalhados” por toda parte — cidade, país, planeta e até outras esferas. Só que, nesse ponto, a teoria se torna mais extraordinária do que a explicação espírita. A ideia de uma irradiação universal concentrando conteúdos no cérebro de uma pessoa é, no mínimo, tão ou mais “maravilhosa” do que admitir uma comunicação de inteligências do mundo invisível.

E há um ponto decisivo: as teorias do sonambulismo e do espelho foram inventadas por pessoas para explicar o fenômeno. Já a doutrina espírita, segundo o próprio argumento histórico, não foi inventada por alguém: ela foi apresentada pelas inteligências que se manifestaram quando quase ninguém cogitava disso e quando a opinião geral resistia.

Então perguntamos: de onde os médiuns tirariam uma doutrina que não existia no pensamento comum? E como milhares de médiuns, em lugares diferentes, sem contato entre si, teriam dito essencialmente a mesma coisa?

Há ainda outro detalhe esquecido: no início, muitas mensagens surgiram por pancadas associadas a letras, formando palavras. Nesse momento inicial, não dá para dizer que “a resposta já estava na cabeça”, porque o método de significação se estabeleceu justamente pelo fenômeno. O conteúdo foi se revelando junto com a forma.

Poderíamos listar inúmeros fatos que indicam individualidade e independência na inteligência comunicante. Por isso, insistimos: a quem discorda, recomendamos observação mais cuidadosa, sem conclusões apressadas. Para encerrar, ficam algumas perguntas simples:

- Por que essa inteligência, seja qual for, às vezes se recusa a responder perguntas básicas e diretas — como nome, idade, o que o interlocutor tem na mão, o que fez ontem, o que pretende fazer amanhã? Se o médium fosse um espelho do grupo, responder isso seria trivial.

Alguns respondem: “mas então por que os Espíritos, que supostamente sabem tanto, não dizem coisas simples?”

e usam isso para negar que sejam Espíritos. Só que isso parte de uma premissa errada: não existe obrigação de responder ao que é fútil, provocativo ou ridículo. Se alguém, numa assembleia séria, começasse com perguntas infantis e debochadas, alguém concluiria que a assembleia é “burra” porque não respondeu? Muitas vezes, o silêncio é apenas recusa — não incapacidade.

Por fim: por que os Espíritos aparecem e desaparecem? Por que, em certos momentos, não voltam apesar de pedidos insistentes? Se tudo dependesse apenas da vontade combinada do grupo e do médium, o desejo coletivo deveria “forçar” a produção. O fato de isso não acontecer com regularidade indica que existe uma influência externa — e, por isso mesmo, independente.

XVII

A descrença diante do Espiritismo, quando não nasce de oposição interessada, quase sempre vem de contato superficial com os fatos. Isso não impede que algumas pessoas ajam como se já tivessem entendido tudo e “encerrem” a questão sem estudo real. Alguém pode ter muita instrução e ainda assim faltar equilíbrio de julgamento. Um primeiro sinal disso é achar que o próprio juízo é infalível.

Há também quem trate as manifestações apenas como curiosidade. Esperamos que, lendo este livro, percebam que existe ali algo maior do que entretenimento.

A ciência espírita tem duas partes: uma experimental, ligada às manifestações em geral; e outra filosófica, ligada às manifestações inteligentes. Quem só observou a primeira fica como alguém que conhece a física apenas por demons-

trações recreativas, sem ter entrado no núcleo da ciência. A doutrina está, de fato, no ensino que os Espíritos trazem — e esse ensino é amplo e profundo demais para ser absorvido sem estudo sério, contínuo, com recolhimento e atenção. Só assim se percebem as nuances que passam despercebidas a um olhar apressado e só assim se forma um juízo consistente.

Se este livro servir apenas para mostrar que o tema é sério e para estimular estudos mais responsáveis, já terá cumprido uma função importante — e ficaremos satisfeitos por ter sido possível contribuir, mesmo sem reivindicar mérito pessoal, já que os princípios aqui expostos não são “criação nossa”, mas ensinamentos atribuídos aos Espíritos.

Esperamos, porém, que sirva para mais: orientar quem quer aprender, mostrando um objetivo maior — o progresso individual e social — e indicando o caminho para isso.

Para concluir, pense em uma analogia: astrônomos, observando o céu, às vezes encontram “lacunas” na distribuição dos corpos celestes, ou efeitos que não se explicam com o que já se conhece. A partir desses efeitos, eles suspeitam: “deve existir algo ali”. Calculam, preveem, e mais tarde os fatos confirmam.

Aplique esse raciocínio à escala dos seres: existe uma continuidade que vai da matéria bruta até o homem. Mas entre o homem e Deus — entre o finito e o infinito — existe uma distância enorme. É razoável imaginar que a cadeia termina no homem e “salta” direto para Deus, sem elos intermediários? A razão sugere que entre o homem e Deus existam

níveis, gradações, ligações.

Que filosofia preencheu essa lacuna de forma consistente? O Espiritismo afirma que ela se preenche pelos seres do mundo invisível, em diferentes graus, e que esses seres são os Espíritos humanos em processo de aperfeiçoamento. Assim, tudo se conecta: do começo ao fim, do menor ao maior, do imperfeito ao perfeito.

E então fica o desafio: quem nega a existência dos Espíritos precisa explicar o vazio que eles ocupam. E quem ri deles deveria ter cuidado para não terminar rindo da própria ideia de ordem, continuidade e poder na criação.

Livro Primeiro

Capítulo 1 - Deus

Deus e o infinito

1 — O que é Deus?

— *Deus é a inteligência suprema, a causa primeira de todas as coisas.*

2 — O que se deve entender por infinito?

— *Aquilo que não tem começo nem fim; o desconhecido. Tudo o que é desconhecido é infinito.*

3 — Pode-se dizer que Deus é o infinito?

— *É uma definição incompleta. A linguagem humana é limitada e não consegue definir aquilo que está além da sua capacidade de compreensão.*

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito, em si, é uma abstração. Dizer que Deus é o infinito é confundir um atributo com a própria essência. É tentar explicar algo desconhecido usando outro conceito igualmente desconhecido.

As perguntas feitas aos espíritos estão em **negrito**, e as respostas deles em *itálico*. As notas de Allan Kardec aparecem logo em seguida: sem formatação.

Provas da existência de Deus

4 — Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

— *Em um princípio que vocês aplicam às ciências: não existe efeito sem causa. Busquem a causa de tudo o que não foi feito pelo ser humano, e a razão de vocês dará a resposta.*

Para crer em Deus, basta observar a criação. O universo existe, portanto tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tenha uma causa e afirmar que o nada pode produzir alguma coisa.

5 — Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo que todos os seres humanos trazem consigo sobre a existência de Deus?

— *A de que Deus existe. De onde viria esse sentimento, se não tivesse um fundamento? Isso também decorre do princípio de que não há efeito sem causa.*

6 — O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não poderia ser fruto da educação, resultado de ideias aprendidas?

— *Se fosse assim, por que esse sentimento existiria entre povos considerados primitivos?*

Se a ideia de um ser supremo fosse apenas resultado do ensino, ela não seria universal e existiria apenas entre aqueles que tiveram acesso a esse aprendizado, assim como acontece com os conhecimentos científicos.

7 — Poderia a causa primeira da formação das coisas estar nas propriedades íntimas da matéria?

— *Nesse caso, qual seria a causa dessas propriedades? Sempre é necessária uma causa primeira.*

Atribuir a origem das coisas às propriedades da matéria é confundir o efeito com a causa, pois essas propriedades também são efeitos e precisam ter uma origem.

8 — O que se deve pensar da opinião de que a formação das coisas ocorreu por uma combinação fortuita da matéria, ou seja, pelo acaso?

— *É outro absurdo. Que pessoa sensata pode considerar o acaso como algo inteligente? Além disso, o que é o acaso? Nada.*

A harmonia que rege o universo revela organização e propósito, o que indica a presença de uma inteligência. Atribuir a origem das coisas ao acaso não faz sentido, pois o acaso é cego e não produz os efeitos próprios da inteligência. Um acaso inteligente deixaria de ser acaso.

9 — De que maneira a causa primeira revela uma inteligência suprema e superior a todas as outras?

— *Existe um provérbio que diz: pela obra se reconhece o autor. Observem a obra e procurem o autor. O orgulho é o que gera a negação da fé. A pessoa orgulhosa não aceita nada acima de si e, por isso, se considera um espírito forte. Pobre ser, que um simples sopro de Deus pode derrubar.*

A grandeza de uma inteligência se mede por suas obras. Como nenhum ser humano é capaz de criar o que a natureza produz, a causa primeira só pode ser uma inteligência

superior à humanidade.

Atributos da divindade

10 — O ser humano consegue compreender a natureza íntima de Deus?

— *Não. A natureza íntima de Deus escapa aos sentidos humanos.*

11 — Um dia será possível ao ser humano compreender o mistério da Divindade?

— *Quando o espírito não estiver mais limitado pela matéria e, por meio da evolução, tiver se aproximado de Deus, ele o verá e o compreenderá.*

As limitações das faculdades humanas impedem a compreensão da natureza íntima de Deus. Nos primeiros tempos da humanidade, muitas vezes o ser humano o confundia com a criatura, atribuindo-lhe imperfeições humanas. À medida que o senso moral se desenvolve, o pensamento se aprofunda e passa a formar uma ideia mais justa da Divindade, ainda que sempre incompleta, mas mais coerente com a razão.

12 — Mesmo sem compreender a natureza íntima de Deus, podemos formar uma ideia de algumas de suas perfeições?

— *De algumas, sim. O ser humano as compreende melhor à medida que se eleva acima da matéria. Ele as percebe pelo pensamento.*

13 — Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, temos uma ideia completa de seus atributos?

— *Do ponto de vista de vocês, sim, pois acreditam abranger tudo. No entanto, existem coisas além da inteligência humana, mesmo da mais elevada, que a linguagem, limitada às ideias e sensações humanas, não consegue expressar. A razão mostra que Deus deve possuir essas perfeições em grau máximo, pois, se lhe faltasse alguma, não seria superior a tudo e, portanto, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não pode estar sujeito a mudanças nem a imperfeições.*

- **Deus é eterno.** Se tivesse tido um começo, teria surgido do nada ou teria sido criado por outro ser. Seguindo esse raciocínio, sempre se chegaria ao infinito e à eternidade.
- **É imutável.** Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam estabilidade.
- **É imaterial.** Isso significa que sua natureza é diferente de tudo o que chamamos de matéria. Caso contrário, estaria sujeito às transformações materiais.
- **É único.** Se existissem vários deuses, não haveria unidade de propósito nem de poder na organização do universo.
- **É todo-poderoso.** Ele o é porque é único. Se não tivesse poder absoluto, existiria algo tão poderoso quanto ele ou mais poderoso do que ele.
- **É soberanamente justo e bom.** A sabedoria das leis divinas se revela tanto nas menores quanto nas maiores coisas, não deixando dúvida quanto à justiça e à bondade de Deus.

Panteísmo

14 — Deus é um ser distinto ou, como afirmam alguns, o resultado da soma de todas as forças e inteligências do universo?

— *Se fosse assim, Deus não existiria, pois seria efeito e não causa. Ele não pode ser, ao mesmo tempo, uma coisa e outra.*

Deus existe; disso não se pode duvidar, e isso é o essencial. Não avancem além disso. Não se percam em sistemas que levam a becos sem saída. Isso não os tornaria melhores, apenas um pouco mais orgulhosos, pois acreditariam saber quando, na verdade, nada saberiam. Deixem esses sistemas de lado. Há muitas coisas que dizem respeito mais diretamente a vocês, a começar por vocês mesmos. Estudem as próprias imperfeições para superá-las; isso será mais útil do que tentar compreender o que é inacessível.

15 — O que se deve pensar da ideia de que todos os corpos da natureza, todos os seres e todos os mundos do universo seriam partes da Divindade, formando, em conjunto, a própria Divindade? Ou seja, o que pensar da doutrina panteísta?

— *Não podendo tornar-se Deus, o ser humano quer, ao menos, ser uma parte de Deus.*

16 — Os que defendem essa doutrina acreditam encontrar nela a explicação de alguns atributos de Deus: sendo infinitos os mundos, Deus seria infinito; não existindo vazio em parte alguma, Deus estaria em toda parte; estando Deus em toda parte, pois tudo faria parte dele, todos os fenômenos da natureza teriam uma razão de ser inteligente. O que se pode responder a esse raciocínio?

— A razão. Reflitam com atenção e não será difícil perceber o absurdo.

Essa doutrina transforma Deus em um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria, em grande escala, o que nós somos em pequena. Como a matéria está em constante transformação, Deus, nesse caso, não teria estabilidade e estaria sujeito a todas as mudanças, inclusive às necessidades humanas. Isso lhe retiraria um de seus atributos essenciais: a imutabilidade. Não é possível associar as propriedades da matéria à ideia de Deus sem rebaixá-lo diante do nosso entendimento. Não sabemos tudo o que Deus é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser, e esse sistema contradiz suas propriedades mais fundamentais. Ele confunde o Criador com a criatura, assim como faria alguém que acreditasse que uma máquina fosse parte do mecânico que a projetou.

A inteligência de Deus se revela em suas obras, assim como a de um pintor se revela em seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, assim como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

Capítulo 2 - Elementos gerais do Universo

Conhecimento do princípio das coisas

17 — É dado ao ser humano conhecer o princípio das coisas?

— Não. Deus não permite que tudo seja revelado ao ser humano neste mundo.

18 — O ser humano um dia penetrará o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

— O véu se levanta diante de seus olhos à medida que ele se aprimora; mas, para compreender certas coisas, ainda lhe faltam faculdades que não possui.

19 — O ser humano não pode, por meio das investigações científicas, penetrar alguns dos segredos da natureza?

— A ciência lhe foi dada para seu progresso em todos os aspectos; no entanto, ele não pode ultrapassar os limites que Deus estabeleceu.

Quanto mais o ser humano consegue penetrar nesses mistérios, maior deve ser sua admiração pelo poder e pela sabedoria do Criador. No entanto, seja por orgulho, seja por fragilidade, sua própria inteligência muitas vezes o engana.

Ele constrói sistemas sobre sistemas, e cada dia lhe mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades rejeitou como erros. São decepções sucessivas para o seu orgulho.

20 — É dado ao ser humano receber, sem recorrer às investigações científicas, comunicações de ordem mais elevada sobre aquilo que escapa aos sentidos?

— *Sim. Se considerar útil, Deus pode revelar o que a ciência não é capaz de ensinar.*

Por meio dessas comunicações, o ser humano adquire, dentro de certos limites, conhecimento sobre seu passado e seu futuro.

Espírito e matéria

21 — A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por ele em determinado momento?

— *Somente Deus o sabe. Há, porém, algo que a razão deve indicar: Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que se imagine o início de sua ação, é possível concebê-lo ocioso por um único instante?*

22 — Geralmente se define a matéria como aquilo que tem extensão, que impressiona os sentidos e que é impenetrável. Essas definições são corretas?

— *Do ponto de vista de vocês, sim, porque se referem apenas ao que conhecem. No entanto, a matéria existe em estados que vocês ignoram. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que não*

cause nenhuma impressão aos sentidos. Ainda assim, continua sendo matéria. Para vocês, porém, ela não seria.

— Que definição podem dar da matéria?

— A matéria é o elo que liga o espírito; é o instrumento que o serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, ele exerce sua ação.

Desse ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário por meio do qual e sobre o qual o espírito atua.

23 — O que é o espírito?

— O princípio inteligente do universo.

— Qual é a natureza íntima do espírito?

— Não é fácil analisá-lo com a linguagem de vocês. Para vocês, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, no entanto, ele é algo. Fiquem sabendo: o nada não existe.

24 — O espírito é sinônimo de inteligência?

— A inteligência é um atributo essencial do espírito. Ambos, porém, se confundem em um princípio comum, de modo que, para vocês, são a mesma coisa.

25 — O espírito é independente da matéria ou apenas uma propriedade dela, como as cores são propriedades da luz e o som é do ar?

— São distintos um do outro; no entanto, a união entre espírito e matéria é necessária para que a matéria possa expressar inteligência.

— Essa união também é necessária para a manifestação

do espírito? (Aqui entendemos por espírito o princípio da inteligência, abstraindo as individualidades que recebem esse nome.)

— *Para vocês, sim, porque não possuem um organismo capaz de perceber o espírito sem a matéria. Seus sentidos não foram feitos para isso.*

26 — Pode-se conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?

— *Sem dúvida, isso é possível pelo pensamento.*

27 — Existem, então, dois elementos gerais do universo: a matéria e o espírito?

— *Sim. E acima de tudo está Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Ao elemento material, porém, é preciso acrescentar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, grosseira demais para que o espírito possa agir diretamente sobre ela. Embora, sob certo ponto de vista, seja possível classificá-lo como matéria, ele se distingue desta por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse simplesmente matéria, não haveria razão para que o espírito também não o fosse. Ele se encontra entre o espírito e a matéria: é fluido, assim como a matéria é matéria, e é suscetível, por suas inúmeras combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas, das quais vocês conhecem apenas uma parte mínima. Esse fluido universal, também chamado primitivo ou elementar, é o agente de que o espírito se utiliza. Sem ele, a matéria permaneceria em constante divisão e jamais adquiriria as propriedades*

que a gravidade lhe confere.

— Esse fluido é o que chamamos de eletricidade?

— Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que vocês chamam de fluido elétrico ou fluido magnético são modificações do fluido universal, que é, na verdade, uma forma de matéria mais aperfeiçoada, mais sutil, e que pode ser considerada independente.

28 — Já que o espírito é, em si, algo real, não seria mais exato e menos sujeito a confusão chamar os dois elementos gerais de matéria inerte e matéria inteligente?

— As palavras pouco nos importam. Cabe a vocês organizar a linguagem de modo que consigam se entender. A maioria das controvérsias surge porque não há entendimento sobre os termos utilizados, já que a linguagem de vocês é incompleta para expressar aquilo que não atinge diretamente os sentidos.

Um fato evidente se impõe a todas as hipóteses: vemos matéria sem inteligência e vemos um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a ligação entre esses dois elementos nos são desconhecidas. Não sabemos se provêm de uma única fonte, se existem pontos de contato necessários entre eles, se a inteligência tem existência própria ou se é apenas uma propriedade ou efeito, ou ainda se, como pensam alguns, é uma emanção da Divindade. Ignoramos tudo isso. Eles se apresentam a nós como distintos, e por isso os admitimos como os dois princípios constitutivos do universo. Acima de tudo, vemos uma inteligência que domina todas as outras, que as governa e que se distingue por atributos essenciais. A essa inteligência suprema chamamos Deus.

Propriedades da matéria

29 — O peso é uma característica essencial da matéria?

— *Da matéria como vocês a percebem, sim; mas não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que compõe esse fluido não possui peso perceptível para vocês. Ainda assim, ela é o princípio da matéria densa.*

A gravidade é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos, não existe peso, assim como não existe alto nem baixo.

30 — A matéria é formada por um único elemento ou por vários?

— *Por um único elemento primitivo. Os corpos que vocês consideram simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva.*

31 — De onde se originam as diversas propriedades da matéria?

— *São modificações que as moléculas elementares sofrem em consequência de sua união e de determinadas circunstâncias.*

32 — De acordo com isso, os sabores, odores, cores, sons e as qualidades venenosas ou benéficas dos corpos seriam apenas modificações de uma única substância primitiva?

— *Sem dúvida. Elas existem apenas em função da disposição dos órgãos destinados a percebê-las.*

A prova disso está no fato de que nem todos percebem as qualidades dos corpos da mesma forma: o que agrada ao

gosto de uma pessoa pode ser desagradável a outra; o que alguns veem como azul, outros veem como vermelho; o que é veneno para uns pode ser inofensivo ou benéfico para outros.

33 — A mesma matéria elementar pode experimentar todas as modificações e adquirir todas as propriedades?

— *Sim. É isso que se deve entender quando dizemos que tudo está em tudo.*

— **Essa teoria não dá razão aos que admitem na matéria apenas duas propriedades essenciais: força e movimento, considerando todas as demais como efeitos secundários que variam conforme a intensidade da força e a direção do movimento?**

— *Essa opinião é correta. Falta apenas acrescentar que isso também depende da disposição das moléculas, como se observa, por exemplo, em um corpo opaco que pode tornar-se transparente e vice-versa.*

O oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio, o carbono e todos os corpos considerados simples são apenas modificações de uma substância primitiva. Como ainda não somos capazes de remontar a essa matéria primária, exceto pelo pensamento, esses corpos são, para nós, verdadeiros elementos e podem ser considerados como tais, até que novos conhecimentos surjam.

Esse princípio explica um fenômeno conhecido dos magnetizadores, que consiste em conferir, pela ação da vontade, a uma substância qualquer — como a água, por exemplo — propriedades muito diferentes, como um sabor específico

ou até qualidades ativas de outras substâncias. Se existe apenas um elemento primitivo e se as propriedades dos diferentes corpos são apenas modificações desse elemento, então até a substância mais inofensiva contém o mesmo princípio da mais nociva. Assim, a água, composta por uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, torna-se corrosiva quando se duplica a proporção de oxigênio. Transformação semelhante pode ocorrer por meio da ação magnética dirigida pela vontade.

34 — As moléculas têm forma determinada?

— *Certamente. As moléculas possuem uma forma, embora vocês não sejam capazes de percebê-la.*

— Essa forma é constante ou variável?

— *Constante nas moléculas elementares primitivas; variável nas moléculas secundárias, que nada mais são do que aglomerações das primeiras. Aquilo que vocês chamam de molécula ainda está muito distante da molécula elementar.*

Espaço universal

35 — O espaço universal é infinito ou limitado?

— *Infinito. Se fosse limitado, o que haveria além de seus limites? Isso confunde a razão, eu sei; ainda assim, a razão indica que não pode ser de outra forma. O mesmo ocorre com o infinito em todas as coisas. Não é dentro da pequena esfera em que vocês se encontram que conseguirão compreendê-lo.*

Se supusermos um limite para o espaço, por mais distante

que a imaginação o coloque, a razão indica que além desse limite algo existe, e assim sucessivamente, até o infinito. Mesmo que esse algo fosse o vazio absoluto, ainda assim seria espaço.

36 — O vácuo absoluto existe em algum ponto do espaço universal?

— *Não. Não existe vácuo. Aquilo que parece vazio está ocupado por matéria que escapa aos sentidos e aos instrumentos de vocês.*

Capítulo 3 - Criação

Formação dos mundos

O universo abrange a infinidade de mundos visíveis e invisíveis, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o preenchem.

37 — O universo foi criado ou existe desde toda a eternidade, como Deus?

— *É certo que ele não pode ter sido criado por si mesmo. E, se existisse desde toda a eternidade, como Deus, não seria obra de Deus.*

A razão nos mostra que o universo não pode ter surgido por si mesmo e que, não sendo obra do acaso, só pode ser obra de Deus.

38 — Como Deus criou o universo?

— *Para usar uma expressão comum, direi: por sua vontade. Nada expressa melhor essa vontade onipotente do que estas palavras do Gênesis: “Deus disse: faça-se a luz, e a luz se fez”.*

39 — Podemos conhecer o modo de formação dos mundos?

— *Tudo o que se pode dizer sobre isso, e que vocês são capazes de compreender, é que os mundos se formam pela condensação da matéria espalhada no espaço.*

40 — Os cometas são, como se pensa hoje, um início de condensação da matéria, mundos em formação?

— *Isso está correto. O absurdo é acreditar na influência que vulgarmente se lhes atribui, pois todos os corpos celestes exercem algum tipo de influência sobre certos fenômenos físicos.*

41 — Um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compõe se dispersar novamente no espaço?

— *Sim. Deus renova os mundos assim como renova os seres vivos.*

42 — Podemos conhecer o tempo que leva a formação dos mundos, como o da Terra, por exemplo?

— *Nada posso dizer a respeito, pois somente o Criador o sabe. E bem imprudente seria quem pretendesse conhecê-lo ou determinar quantos séculos dura essa formação.*

Formação dos seres vivos

43 — Quando a Terra começou a ser povoada?

— *No início, tudo era caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco, cada coisa tomou seu lugar. Então surgiram os seres vivos apropriados ao estado do globo.*

44 — De onde vieram os seres vivos que habitam a Terra?

— *A Terra continha em si os germes, que aguardavam o momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se reuniram quando cessou a força que os mantinha separados, formando os germes de todos os seres vivos. Esses germes permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida ou as sementes das plantas, até o momento propício ao surgimento de cada espécie. Então, os seres de cada espécie apareceram e se multiplicaram.*

45 — Onde estavam os elementos orgânicos antes da formação da Terra?

— *Encontravam-se, por assim dizer, em estado fluídico no espaço, entre os Espíritos ou em outros planetas, aguardando a criação da Terra para iniciar uma nova existência em um novo globo.*

A química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formar cristais de regularidade constante, desde que estejam nas condições adequadas. A menor alteração nessas condições é suficiente para impedir essa união ou, ao menos, para comprometer a disposição regular que caracteriza o cristal. Por que não ocorreria o mesmo com os elementos orgânicos? Durante anos, germes de plantas e animais podem permanecer inativos, desenvolvendo-se apenas sob determinada temperatura e em ambiente apropriado. Já se viram grãos de trigo germinarem após séculos. Há, portanto, nesses germes, um princípio latente de vida, que apenas espera uma condição favorável para se manifestar.

O que ocorre diariamente diante de nossos olhos, por que não poderia ter ocorrido desde a origem do globo terrestre?

A formação dos seres vivos, emergindo do caos pela própria força da natureza, diminui em algo a grandeza de Deus? De modo algum. Pelo contrário, corresponde melhor à ideia que fazemos de seu poder, exercido sobre a infinidade dos mundos por meio de leis eternas. Essa teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; mas Deus tem seus mistérios e impôs limites às nossas investigações.

46 — Ainda existem seres que nascem espontaneamente?

— *Sim, mas o germe primitivo já existia em estado latente. Vocês são testemunhas diárias desse fenômeno. Os tecidos do corpo humano e dos animais contêm os germes de inúmeros organismos que apenas aguardam, para se desenvolver, a fermentação necessária à sua existência. É um mundo minúsculo que dorme e se forma.*

47 — A espécie humana estava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?

— *Sim, e surgiu no momento oportuno. Foi isso que deu origem à ideia de que o homem se formou do barro da terra.*

48 — Podemos conhecer a época do aparecimento do homem e dos outros seres vivos na Terra?

— *Não. Todos os cálculos que vocês fazem a esse respeito são suposições.*

49 — Se o germe da espécie humana já existia entre os elementos orgânicos do globo, por que não surgem homens espontaneamente, como no início dos tempos?

— *O princípio das coisas está nos mistérios de Deus. Ainda assim, pode-se dizer que os seres humanos, uma vez espalhados pela Terra, absorveram os elementos necessários à sua própria formação, transmitindo-os segundo as leis da reprodução. O mesmo ocorreu com as demais espécies de seres vivos.*

Povoamento da Terra. Adão

50 — A espécie humana teve origem em um único homem?

— *Não. Aquele a quem chamam Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra.*

51 — Podemos saber em que época viveu Adão?

— *Aproximadamente na época que lhe atribuem: cerca de 4.000 anos antes de Cristo.*

O homem cuja tradição ficou conhecida pelo nome de Adão foi um dos sobreviventes, em determinada região, de alguns grandes cataclismos que, em diferentes épocas, transformaram a superfície do globo. Ele se tornou o tronco de uma das raças que hoje habitam a Terra. As leis da natureza não permitem que os progressos da humanidade, comprovados muito antes de Cristo, tenham ocorrido em apenas alguns séculos, como teria acontecido se o homem só existisse na Terra a partir da época atribuída a Adão. Muitos, com razão, consideram Adão um mito ou uma alegoria que representa as primeiras idades do mundo.

Diversidade das raças humanas

52 — De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as raças humanas na Terra?

— *Do clima, do modo de vida e dos costumes. O mesmo ocorre com dois filhos de uma mesma mãe que, educados em ambientes diferentes, não se assemelham moralmente.*

53 — O ser humano surgiu em vários pontos do globo?

— *Sim, e em épocas diferentes, o que também explica a diversidade das raças. Depois, com a dispersão pelos diferentes climas e o cruzamento entre grupos distintos, novos tipos se formaram.*

— Essas diferenças constituem espécies distintas?

— *De forma alguma. Todos pertencem à mesma família. Acaso as diversas variedades de um mesmo fruto deixam de pertencer à mesma espécie?*

54 — Pelo fato de a humanidade não descender de um único indivíduo, os seres humanos deixam de ser irmãos?

— *Todos os seres humanos são irmãos diante de Deus, pois são animados pelo espírito e caminham para o mesmo fim. Vocês tendem a interpretar as palavras apenas em seu sentido literal.*

Pluralidade dos mundos

55 — Todos os globos que se movem no espaço são habitados?

— *Sim. O ser humano da Terra está longe de ser, como imagina, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. No entanto, há quem se considere um espírito excepcional e imagine que este pequeno globo tenha o privilégio exclusivo de abrigar seres racionais. Isso é orgulho e vaidade. Pensam que Deus criou o universo apenas para eles.*

Deus povoou os mundos de seres vivos, e todos contribuem para o objetivo final da Providência. Acreditar que apenas o planeta que habitamos seja povoado é duvidar da sabedoria de Deus, que nada faz de inútil. Certamente, esses mundos têm um destino mais elevado do que apenas nos servir de espetáculo. Além disso, nada na posição, no tamanho ou na constituição física da Terra autoriza supor que ela seja a única habitada entre tantos milhares de mundos semelhantes.

56 — A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

— *Não, de forma alguma. Eles não se assemelham.*

57 — Sendo diferentes as constituições físicas dos mundos, os seres que os habitam têm organizações diferentes?

— *Sem dúvida, assim como na Terra os peixes são feitos para viver na água e as aves no ar.*

58 — Os mundos mais distantes do Sol ficam privados de luz e calor, já que esse astro lhes aparece apenas como uma estrela?

— Vocês acreditam que não existam outras fontes de luz e calor além do Sol e ignoram o papel da eletricidade, que em certos mundos desempenha uma função que vocês desconhecem e muito mais importante do que na Terra? Além disso, não dissemos que todos os seres são formados da mesma matéria que vocês, nem que possuem órgãos idênticos aos seus.

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos são adequadas ao ambiente em que vivem. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que seres pudessem viver na água. O mesmo ocorre com os outros mundos, que certamente possuem elementos que desconhecemos. Não vemos na Terra as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais? Que há de impossível em a eletricidade ser, em alguns mundos, mais abundante do que na Terra e desempenhar ali uma função essencial, cujos efeitos não conseguimos compreender? Assim, esses mundos podem conter em si mesmos as fontes de luz e calor necessárias aos seus habitantes.

59 — Considerações e concordâncias bíblicas sobre a criação

Os povos formaram ideias muito diferentes sobre a criação, de acordo com o grau de conhecimento de cada época. Apoiada na ciência, a razão reconheceu a fragilidade de algumas dessas teorias. A explicação apresentada pelos Espíritos confirma uma opinião que há muito tempo já era compartilhada pelos pensadores mais esclarecidos.

A principal objeção que se pode fazer é a aparente contradição com os textos sagrados. No entanto, um exame atento mostra que essa contradição é mais aparente do que real e decorre da interpretação literal de textos que muitas vezes têm caráter alegórico.

A questão de Adão ser o primeiro homem e a origem exclusiva da humanidade não é a única que exigiu revisão das crenças religiosas. Houve um tempo em que o movimento da Terra parecia contrariar as Escrituras, e essa ideia serviu de pretexto para perseguições. Ainda assim, a Terra gira, apesar de todas as condenações, e hoje ninguém pode negar esse fato sem negar a própria razão.

A Bíblia também afirma que o mundo foi criado em seis dias e situa sua criação cerca de quatro mil anos antes da era cristã. Segundo esse entendimento literal, a Terra não existia antes e teria surgido do nada. No entanto, a ciência demonstra o contrário. A história da formação do globo está registrada de forma incontestável no mundo fóssil, mostrando que os seis dias da criação representam períodos — possivelmente de centenas de milhares de anos cada. Isso não é uma teoria isolada, mas um fato tão sólido quanto o movimento da Terra, que a teologia não pode ignorar. Fica claro, assim, o erro de interpretar literalmente uma linguagem essencialmente simbólica.

Deve-se concluir, então, que a Bíblia está errada? Não. A conclusão correta é que os seres humanos se enganaram ao interpretá-la.

Ao estudar os registros da Terra, a ciência revelou a ordem de aparecimento dos seres vivos, que concorda com a

narrativa da Gênese, com a diferença de que essa obra não se realizou de forma instantânea, mas ao longo de milhões de anos, sempre pela vontade de Deus e segundo as leis da natureza. Isso diminui a grandeza divina? Evidentemente, não. Ao contrário, amplia nossa visão da majestade de Deus, que estabeleceu leis eternas para reger os mundos.

Nesse ponto, ciência e Moisés concordam ao colocar o ser humano por último na ordem da criação. Moisés, porém, situa o dilúvio universal no ano 1654 da formação do mundo, enquanto a geologia aponta o grande cataclismo como anterior ao surgimento do homem, já que não se encontram vestígios humanos nas camadas mais antigas. Ainda assim, isso não prova que tal coexistência seja impossível. Novas descobertas podem surgir a qualquer momento.

Caso se confirme que o ser humano existia antes do grande cataclismo, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem ou que sua origem se perde na noite dos tempos. Diante da evidência, não há argumento possível; será preciso aceitar o fato, como já se aceitou o movimento da Terra e os períodos da criação.

A existência humana antes do dilúvio geológico ainda é uma hipótese. No entanto, há fatos menos incertos. Admitindo-se que o homem tenha surgido 4.000 anos antes de Cristo e que, 1.650 anos depois, toda a humanidade tenha sido destruída, exceto uma família, o repovoamento da Terra teria começado com Noé, por volta de 2.350 anos antes da nossa era. No entanto, quando os hebreus chegaram ao Egito, no século XVIII antes de Cristo, encontraram uma civilização antiga, numerosa e avançada. O mesmo ocorria nas Índias e em outros países.

Seria necessário, então, admitir que em apenas 600 anos a humanidade tivesse se espalhado por vastas regiões e alcançado alto grau de desenvolvimento intelectual, o que contraria todas as leis conhecidas da antropologia.

A diversidade das raças reforça essa conclusão. Embora o clima e os costumes influenciem o aspecto físico, a fisiologia mostra diferenças mais profundas entre certas raças do que aquelas explicáveis apenas por fatores ambientais. O cruzamento de raças gera tipos intermediários, apagando características extremas, mas não criando novas. Para que houvesse cruzamento, era necessário que já existissem raças distintas. Como explicar sua existência partindo de uma origem comum tão recente?

É tão improvável que, em poucos séculos, descendentes de Noé tenham dado origem à raça etíope, por exemplo, quanto supor uma origem comum para o lobo e o cordeiro, o elefante e o pulgão, o pássaro e o peixe.

Tudo se esclarece ao admitir que a existência humana é anterior ao período tradicionalmente aceito; que houve diversas origens; que Adão, vivendo há cerca de seis mil anos, povoou apenas uma região ainda desabitada; que o dilúvio de Noé foi uma catástrofe local, posteriormente confundida com o cataclismo geológico; e, por fim, ao reconhecer o caráter alegórico próprio do estilo oriental, presente nos textos sagrados de todos os povos.

Isso mostra como é prudente não rejeitar levianamente doutrinas que podem, mais cedo ou mais tarde, desmentir seus críticos. As ideias religiosas não perdem força ao caminhar junto com a ciência; ao contrário, se fortalecem.

Esse é o único caminho para que não ofereçam brechas ao ceticismo.

Capítulo 4 - Princípio vital

Seres orgânicos e inorgânicos

Os seres orgânicos são aqueles que possuem em si uma fonte de atividade interna que lhes confere a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São dotados de órgãos específicos para a realização dos diversos atos da vida, órgãos esses adequados às necessidades impostas pela própria conservação. Nessa categoria estão incluídos os seres humanos, os animais e as plantas.

Os seres inorgânicos são todos aqueles que não possuem vitalidade nem movimento próprio e que se formam apenas pela agregação da matéria. Nessa classe estão os minerais, a água, o ar, entre outros.

60 — É a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos inorgânicos?

— *Sim. A lei de atração é a mesma para todos.*

61 — Existe diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos?

— *A matéria é sempre a mesma; porém, nos corpos orgânicos, ela está vitalizada.*

62 — Qual é a causa dessa vitalização da matéria?

— *Sua união com o princípio vital.*

63 — O princípio vital reside em algum agente específico ou é apenas uma propriedade da matéria organizada? Em outras palavras, é efeito ou causa?

— *É, ao mesmo tempo, causa e efeito. A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é vida, assim como a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.*

64 — Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do universo. O princípio vital seria um terceiro?

— *Sim. Ele é um dos elementos necessários à constituição do universo, mas tem sua origem na matéria universal modificada. Para vocês, ele é um elemento, assim como o oxigênio e o hidrogênio, que, no entanto, não são elementos primitivos, pois tudo deriva de um único princípio.*

— **Disso parece resultar que a vitalidade não tem sua origem em um agente primitivo distinto, mas em uma propriedade especial da matéria universal, resultante de certas modificações.**

— *Essa é a consequência do que dissemos.*

65 — O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos?

— *Ele tem como fonte o fluido universal. É o que vocês chamam de fluido magnético ou fluido elétrico animalizado. Ele é o intermediário, o elo entre o espírito e a matéria.*

66 — O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?

— *Sim, mas se modifica conforme as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, pois o movimento da matéria não é a vida. A matéria recebe movimento; não o produz.*

67 — A vitalidade é um atributo permanente do agente vital ou se desenvolve apenas com o funcionamento dos órgãos?

— *Ela só se desenvolve com o corpo. Não dissemos que esse agente, sem a matéria, não é vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida.*

— Pode-se dizer que a vitalidade permanece em estado latente quando o agente vital não está unido ao corpo?

— *Sim, exatamente.*

O conjunto dos órgãos forma uma espécie de mecanismo que recebe impulso da atividade interna, ou princípio vital, existente entre eles. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo em que impulsi-
ona os órgãos, a ação destes mantém e desenvolve a atividade desse agente, de modo semelhante ao atrito, que produz o calor.

A vida e a morte

68 — Qual é a causa da morte dos seres orgânicos?

— *O esgotamento dos órgãos.*

— Pode-se comparar a morte à paralisação do movimento de uma máquina desorganizada?

— Sim. Quando a máquina está mal ajustada, o movimento cessa; quando o corpo está comprometido, a vida se extingue.

69 — Por que uma lesão no coração causa a morte mais rapidamente do que em outros órgãos?

— O coração é o centro da vida, mas não é o único órgão cuja lesão pode causar a morte. Ele é apenas uma das peças essenciais.

70 — O que acontece com a matéria e com o princípio vital dos seres orgânicos após a morte?

— A matéria inerte se decompõe e passa a formar novos organismos. O princípio vital retorna à fonte de onde saiu.

Após a morte, os elementos que compõem o ser orgânico se reorganizam em novas combinações, dando origem a novos seres, que extraem da fonte universal o princípio da vida e da atividade, assimilam-no e, posteriormente, o devolvem a essa mesma fonte quando deixam de existir.

Os órgãos se impregnaram, por assim dizer, desse fluido vital, que confere atividade a todas as partes do organismo e permite sua comunicação mútua, especialmente em casos de lesões, normalizando temporariamente funções perturbadas. No entanto, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos são destruídos ou profundamente alterados, o fluido vital se torna incapaz de transmitir o movimento da vida, e o ser morre.

Os órgãos reagem uns sobre os outros, e dessa interação resulta a harmonia do conjunto. Quando essa harmonia é

rompida por qualquer causa, o funcionamento cessa, assim como ocorre com uma máquina cujas peças principais se desajustam. O mesmo acontece, por exemplo, com um relógio desgastado pelo uso ou desmontado por acidente, no qual a força motriz já não consegue fazê-lo funcionar.

Um aparelho elétrico oferece uma imagem ainda mais precisa da vida e da morte. Assim como todos os corpos da natureza, ele contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos só se manifestam quando o fluido entra em atividade por uma causa específica. Pode-se dizer, então, que o aparelho está “vivo”. Quando a causa da atividade cessa, o fenômeno desaparece e o aparelho retorna à inércia. Os corpos orgânicos podem ser comparados a pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido produz o fenômeno da vida; a cessação dessa atividade produz a morte.

A quantidade de fluido vital não é a mesma em todos os seres orgânicos. Ela varia conforme as espécies e não é constante nem no mesmo indivíduo ao longo do tempo, nem entre indivíduos da mesma espécie. Alguns parecem saturados desse fluido, enquanto outros possuem apenas o necessário para manter a vida. Por isso, em certos casos, a vida é mais intensa, mais resistente e, de certo modo, superabundante.

O fluido vital pode se esgotar. Quando se torna insuficiente, a vida não se sustenta, a menos que seja renovado pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.

O fluido vital pode ser transmitido de um indivíduo a outro. Aquele que o possui em maior quantidade pode transferi-lo

a quem tem menos e, em alguns casos, prolongar uma vida prestes a se extinguir.

Inteligência e instinto

71 — A inteligência é um atributo do princípio vital?

— *Não. As plantas vivem, mas não pensam; possuem apenas vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, pois um corpo pode viver sem inteligência. No entanto, a inteligência só pode se manifestar por meio de órgãos materiais. É necessário que o espírito se una à matéria vitalizada para que esta possa expressar inteligência.*

A inteligência é uma faculdade particular, própria de certas classes de seres orgânicos. Ela lhes confere, junto com o pensamento, a vontade de agir, a consciência da própria existência e individualidade, bem como os meios de se relacionar com o mundo exterior e atender às suas necessidades.

Podem-se distinguir, assim: 1. os seres inanimados, formados apenas de matéria, sem vitalidade nem inteligência; 2. os seres animados que não pensam, compostos de matéria e dotados de vitalidade, mas sem inteligência; 3. os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e possuidores de um princípio inteligente que lhes dá a capacidade de pensar.

72 — Qual é a fonte da inteligência?

— *Já dissemos: a inteligência universal.*

— Pode-se dizer que cada ser retira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, assim como faz com o princípio da vida material?

— Isso é apenas uma comparação, e ainda assim imprecisa, pois a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui sua individualidade moral. Além disso, há coisas que não é dado ao ser humano compreender, e esta, por enquanto, é uma delas.

73 — O instinto é independente da inteligência?

— Não. O instinto é uma forma de inteligência, mas sem raciocínio. É por meio dele que todos os seres atendem às suas necessidades.

74 — É possível traçar uma linha clara entre o instinto e a inteligência, isto é, determinar onde um termina e o outro começa?

— Não, pois frequentemente eles se confundem. Ainda assim, é possível distinguir os atos que decorrem do instinto daqueles que resultam da inteligência.

75 — É correto dizer que as faculdades instintivas diminuem à medida que as intelectuais se desenvolvem?

— Não. O instinto sempre existe, mas o ser humano tende a desprezá-lo. O instinto também conduz ao bem; muitas vezes ele nos orienta com mais segurança do que a razão. Ele não se desvia.

— Por que, então, a razão nem sempre é um guia seguro?

— Porque ela é frequentemente distorcida pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão per-

mite escolher e concede ao ser humano o livre-arbítrio.

O instinto é uma forma rudimentar de inteligência, que se diferencia da inteligência propriamente dita pelo fato de suas manifestações serem quase sempre espontâneas, enquanto as da inteligência resultam de reflexão e decisão consciente.

O instinto varia em suas manifestações conforme as espécies e suas necessidades. Nos seres dotados de consciência e percepção do mundo exterior, ele se associa à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

Livro Segundo

Capítulo 1 - Dos Espíritos

Origem e natureza dos Espíritos

76 — Que definição se pode dar dos Espíritos?

— *Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o universo, além do mundo material.*

NOTA: A palavra Espírito é usada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos, e não o princípio inteligente universal.

77 — Os Espíritos são seres distintos da Divindade ou simples emanções dela, sendo por isso chamados filhos de Deus?

— *São obra de Deus, assim como uma máquina é obra do ser humano que a fabrica. A máquina é criação do homem, não é o próprio homem. Quando alguém faz algo belo e útil, costuma chamá-lo de sua criação. Do mesmo modo, somos filhos de Deus porque somos obra dele.*

78 — Os Espíritos tiveram um princípio ou existem, como Deus, desde toda a eternidade?

— *Se não tivessem tido um princípio, seriam iguais a Deus. No entanto, são criação dele e estão submetidos à sua vontade. Deus existe desde sempre, isso é incontestável. Quanto à forma e ao momento em que fomos criados, nada sabemos. Pode-se dizer*

que não tivemos princípio apenas no sentido de que, sendo Deus eterno, ele sempre criou sem cessar. Mas quando e como cada um de nós surgiu, isso ninguém sabe: aí está o mistério.

79 — Considerando que existem dois elementos gerais no universo — o elemento inteligente e o elemento material — pode-se dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, assim como os corpos inertes o são do elemento material?

— Sim. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, assim como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo como isso ocorreu nos são desconhecidos.

80 — A criação dos Espíritos é permanente ou ocorreu apenas na origem dos tempos?

— É permanente. Deus nunca deixou de criar.

81 — Os Espíritos se formam espontaneamente ou procedem uns dos outros?

— Deus os cria, como cria todas as outras coisas, por sua vontade. Mas a origem deles permanece um mistério.

82 — É correto dizer que os Espíritos são imateriais?

— Como definir algo quando faltam termos de comparação e a linguagem é limitada? Um cego de nascença conseguiria definir a luz? “Imaterial” não é o termo mais adequado; “incorpóreo” seria mais preciso. Sendo uma criação, o Espírito é algo real. Trata-se de uma forma de matéria extremamente sutil, sem analogia com o que vocês conhecem, tão etérea que escapa completamente aos sentidos.

Dizemos que os Espíritos são imateriais porque sua essência difere de tudo o que chamamos de matéria. Um povo de cegos não teria palavras para expressar a luz e seus efeitos. Da mesma forma, somos como cegos diante da essência dos seres que estão além de nós. Só conseguimos defini-los por comparações sempre imperfeitas ou por esforço da imaginação.

83 — Os Espíritos têm fim? Suas individualidades se dissolvem com o tempo, como acontece com os corpos materiais?

— *Há muitas coisas que vocês não compreendem porque a inteligência humana é limitada. Isso, porém, não é motivo para rejeitá-las. A existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos dizer, por enquanto.*

Mundo normal primitivo

84 — Os Espíritos constituem um mundo à parte daquele que vemos?

— *Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas.*

85 — Qual dos dois mundos é o principal, na ordem das coisas: o mundo espírita ou o mundo corporal?

— *O mundo espírita, que existe antes de tudo e sobrevive a tudo.*

86 — O mundo corporal poderia deixar de existir sem que isso afetasse o mundo espírita?

— *Sim. Eles são independentes; no entanto, existe uma relação constante entre ambos, pois um reage continuamente sobre o outro.*

87 — Os Espíritos ocupam uma região específica e delimitada no espaço?

— *Estão em toda parte. Povoam os espaços infinitos. Estão continuamente ao lado de vocês, observando-os e influenciando-os, sem que vocês percebam. Os Espíritos são uma das forças da natureza e instrumentos de que Deus se serve para realizar seus desígnios. No entanto, nem todos podem ir a todos os lugares, pois há regiões inacessíveis aos menos evoluídos.*

Forma e ubiquidade dos Espíritos

88 — Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante?

— *Para vocês, não; para nós, sim. O Espírito pode ser comparado a uma chama, um clarão ou uma centelha etérea.*

— Essa chama ou centelha tem cor?

— *Tem uma coloração que, para vocês, varia do tom escuro e opaco a um brilho intenso, semelhante ao rubi, conforme o Espírito seja mais ou menos puro.*

A representação simbólica de gênios com uma chama ou estrela na fronte é uma alegoria da natureza dos Espíritos, colocada na cabeça por ser ali a sede da inteligência.

89 — Os Espíritos levam tempo para se deslocar no espaço?

— *Sim, mas o fazem com a rapidez do pensamento.*

— O pensamento não é a própria alma em movimento?

— *Quando o pensamento está em algum lugar, a alma também está ali, pois é a alma que pensa. O pensamento é um atributo.*

90 — O Espírito tem consciência da distância que percorre ou é transportado instantaneamente?

— *As duas coisas podem ocorrer. Ele pode perceber a distância, se quiser, ou fazê-la desaparecer completamente, dependendo de sua vontade e de seu grau de evolução.*

91 — A matéria oferece resistência ao Espírito?

— *Nenhuma. Eles atravessam tudo: o ar, a terra, a água e até o fogo.*

92 — Os Espíritos possuem o dom da ubiquidade? Um Espírito pode dividir-se ou existir em vários lugares ao mesmo tempo?

— *Um Espírito não pode se dividir, mas cada um é um centro que irradia para vários lados. Isso cria a aparência de estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Assim como o Sol, que é um só, mas irradia sua luz em todas as direções.*

— Todos os Espíritos irradiam com a mesma intensidade?

— *Não. Essa força depende do grau de pureza de cada um.*

Cada Espírito é indivisível, mas pode projetar seus pensamentos em várias direções sem se fragmentar. É nesse sen-

tido que se entende a ubiquidade atribuída aos Espíritos.

Perispírito

93 — O Espírito não possui nenhum envoltório ou está sempre envolvido por alguma substância?

— *Ele é envolvido por uma substância que, para vocês, é vaporosa, mas ainda densa para nós. É suficientemente sutil para elevar-se na atmosfera e deslocar-se livremente.*

Assim como o germe de um fruto é envolvido por uma película, o Espírito é envolvido por um invólucro que chamamos, por analogia, de perispírito.

94 — De onde o Espírito retira esse envoltório semimaterial?

— *Do fluido universal próprio de cada mundo. Por isso, ele não é idêntico em todos os globos. Ao passar de um mundo a outro, o Espírito troca de envoltório, assim como vocês trocam de roupa.*

— Assim, quando os Espíritos de mundos superiores vêm ao nosso, assumem um perispírito mais denso?

— *Sim. É necessário que se revistam da matéria do mundo que visitam.*

95 — O envoltório semimaterial do Espírito tem forma definida e pode ser percebido?

— *Sim. Ele assume a forma que o Espírito desejar. É assim que pode aparecer em sonhos ou em estado de vigília, podendo até se tornar visível e palpável.*

Diferentes ordens de Espíritos

96 — Todos os Espíritos são iguais ou existe hierarquia entre eles?

— São de ordens diferentes, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.

97 — As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são em número fixo?

— Não. São ilimitadas, pois não há fronteiras rígidas entre elas. Ainda assim, podem ser agrupadas em três grandes categorias: Espíritos puros, Espíritos bons e Espíritos imperfeitos.

98 — Os Espíritos da segunda ordem têm poder para praticar o bem?

— Sim, de acordo com o grau de perfeição alcançado. Alguns possuem ciência, outros sabedoria ou bondade. Todos, porém, ainda passam por provas.

99 — Os Espíritos da terceira ordem são essencialmente maus?

— Não. Alguns não fazem nem o bem nem o mal; outros se comprazem no mal; há ainda os levianos, mais perturbadores do que perversos, que gostam mais da malícia do que da maldade e se divertem causando pequenas contrariedades.

Escala espírita

100 — Observações preliminares

A classificação dos Espíritos se baseia no grau de progresso que alcançaram, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições das quais ainda precisam se libertar. Essa classificação, no entanto, não é absoluta. Cada categoria apresenta um caráter geral bem definido apenas quando observada em conjunto.

De um grau a outro, a transição é gradual e quase imperceptível. Nos limites, as diferenças se apagam, assim como acontece nos reinos da natureza, nas cores do arco-íris ou nas fases da vida humana. Por isso, é possível estabelecer maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista adotado. O mesmo ocorre com os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, racionais ou práticos, sem que isso altere a essência da ciência.

Qualquer que seja o sistema adotado, o conteúdo permanece o mesmo. É natural, portanto, que os Espíritos tenham divergido quanto ao número de categorias, sem que isso tenha qualquer consequência real. Alguns se prendem a essas divergências aparentes sem refletir que os Espíritos não dão importância ao que é meramente convencional. Para eles, o pensamento é essencial; a forma, os termos e as classificações ficam a cargo dos seres humanos.

É importante não perder de vista que, entre os Espíritos, assim como entre os seres humanos, existem muitos que são

ignorantes. Por isso, é preciso cautela ao supor que todo Espírito detenha conhecimento elevado. A classificação exige método, análise e compreensão profunda do assunto. No mundo espiritual, aqueles que possuem conhecimento limitado são tão incapazes de compreender um sistema geral quanto os ignorantes o são no mundo material.

Muitos Espíritos, por não conseguirem perceber gradações de saber, capacidade e moralidade, consideram como pertencentes à ordem mais elevada todos aqueles que lhes são superiores. Mesmo entre os que têm capacidade de análise, pode haver divergências de detalhes, conforme o ponto de vista adotado, especialmente quando se trata de uma divisão sem caráter absoluto.

Assim como Lineu, Jussieu e Tournefort propuseram métodos diferentes de classificação das plantas sem alterar a botânica em si, também aqui não se inventaram os Espíritos nem seus atributos. Eles foram observados e avaliados por suas palavras e ações, sendo depois classificados por analogia, com base nos próprios dados fornecidos por eles.

De modo geral, os Espíritos reconhecem três grandes categorias. Na última, situada na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela inclinação ao mal. Na categoria intermediária estão os Espíritos bons, nos quais o espírito prevalece sobre a matéria e há desejo sincero do bem. Por fim, a categoria superior reúne os Espíritos puros, que atingiram o grau máximo de perfeição.

Essa divisão se mostra lógica e bem delimitada. Restava apenas evidenciar, por meio de subdivisões, os principais

matizes de cada conjunto. Foi o que se fez com o auxílio dos Espíritos, cujas orientações nunca faltaram.

Esse quadro permite identificar facilmente o grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos com os quais se entra em contato e, conseqüentemente, o nível de confiança e consideração que merecem. Ele funciona como uma chave para o entendimento da ciência espírita, pois explica as diferenças e aparentes contradições nas comunicações, esclarecendo as desigualdades intelectuais e morais entre os Espíritos.

É importante destacar, porém, que os Espíritos não pertencem de forma fixa a uma única classe. O progresso é sempre gradual e, muitas vezes, mais avançado em certos aspectos do que em outros. Assim, um Espírito pode apresentar características de diferentes categorias, algo que se torna perceptível por seus atos e sua linguagem.

Terceira ordem — Espíritos imperfeitos

101 — Características gerais

Predominância da matéria sobre o espírito. Tendência ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que deles decorrem.

Têm intuição da existência de Deus, mas não conseguem compreendê-lo.

Nem todos são essencialmente maus. Em alguns, há mais leviandade, impulsividade e malícia do que verdadeira maldade. Alguns não praticam nem o bem nem o mal;

mas o simples fato de não fazerem o bem já revela sua inferioridade. Outros, ao contrário, sentem prazer no mal e se satisfazem quando encontram oportunidade de praticá-lo.

A inteligência pode estar associada à malícia ou à maldade. Ainda que alguns apresentem certo desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e seus sentimentos, mais ou menos degradados.

Possuem conhecimento limitado sobre o mundo espiritual, e o pouco que sabem costuma se misturar a ideias e preconceitos da vida material. Por isso, só conseguem transmitir noções incompletas ou distorcidas. Ainda assim, mesmo em comunicações imperfeitas, o observador atento pode encontrar confirmações das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

A linguagem revela o caráter. Todo Espírito que manifesta pensamentos negativos em suas comunicações pertence à terceira ordem. Da mesma forma, todo pensamento mau que nos é sugerido tem origem em Espíritos dessa categoria.

Eles veem a felicidade dos bons, e essa visão lhes causa sofrimento constante, despertando sentimentos de inveja e ciúme.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida material, e essa impressão costuma ser ainda mais dolorosa do que a própria realidade vivida. Sofrem pelos males que suportaram e pelos que causaram aos outros. Como esse sofrimento se prolonga, acreditam que ele será eterno. Deus permite que pensem assim como forma de punição.

Podem ser divididos em cinco classes principais.

102 — Décima classe — ESPÍRITOS IMPUROS

São inclinados ao mal, que se torna o centro de suas preocupações.

Como Espíritos, dão conselhos traiçoeiros, incentivam a discórdia e a desconfiança e se disfarçam de diversas maneiras para melhor enganar. Aproximam-se de pessoas de caráter frágil, propensas a ceder às suas sugestões, com o objetivo de induzi-las à queda moral. Sentem satisfação em retardar o progresso daqueles que fazem sucumbir às provas da vida.

Manifestam-se pela linguagem. A vulgaridade e a grosseria, tanto nos Espíritos quanto nos seres humanos, são sinais de inferioridade moral e, muitas vezes, intelectual. Suas comunicações revelam a baixeza de seus impulsos. Quando tentam enganar usando um tom sensato, não conseguem sustentar o papel por muito tempo e acabam se denunciando.

Alguns povos os transformaram em divindades maléficas; outros os chamaram de demônios, maus gênios ou Espíritos do mal.

Quando encarnados, os seres que eles animam tendem a todos os vícios gerados por paixões degradantes: sensualidade, crueldade, traição, hipocrisia, avareza e ganância. Praticam o mal por prazer, muitas vezes sem motivo, e, por ódio ao bem, escolhem frequentemente como vítimas pessoas honestas. São verdadeiros flagelos para a humanidade, independentemente da posição social que ocupem. O ver-

niz da civilização não os livra da vergonha nem da desonra.

103 — Nona classe — ESPÍRITOS LEVIANOS

São ignorantes, brincalhões, irrefletidos e zombeteiros. Intrrompem-se em tudo, respondem a tudo, sem se preocupar com a verdade. Gostam de causar pequenos aborrecimentos e alegrias passageiras, de confundir e enganar por meio de brincadeiras, truques e mistificações.

A essa classe pertencem os Espíritos popularmente conhecidos como duendes, gnomos ou diabretes. Estão sob a influência de Espíritos superiores, que muitas vezes os utilizam como auxiliares, assim como fazemos com servidores.

Em suas comunicações, a linguagem pode ser espirituosa e divertida, mas quase sempre superficial. Exploram falhas e ridículos humanos com ironia e sarcasmo. Quando usam nomes falsos, geralmente o fazem mais por travessura do que por maldade.

104 — Oitava classe — ESPÍRITOS PSEUDOSSÁBIOS

Possuem conhecimentos relativamente amplos, mas acreditam saber mais do que realmente sabem. Embora tenham feito algum progresso, sua linguagem aparenta seriedade e pode iludir quanto à profundidade de suas ideias.

Na realidade, suas comunicações refletem preconceitos e sistemas de pensamento que cultivavam na vida material. Misturam algumas verdades com erros graves, permeados por orgulho, presunção, inveja e teimosia, imperfeições das quais ainda não conseguiram se libertar.

105 — Sétima classe — ESPÍRITOS NEUTROS

Não são suficientemente bons para praticar o bem, nem suficientemente maus para praticar o mal. Oscilam entre ambos e permanecem na condição comum da humanidade, tanto no aspecto moral quanto no intelectual. Mantêm apego às coisas materiais e sentem saudade dos prazeres grosseiros da vida terrestre.

106 — Sexta classe — ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES

Esses Espíritos não constituem uma classe distinta por suas qualidades morais. Podem pertencer a qualquer das classes da terceira ordem. Manifestam-se principalmente por efeitos físicos e sensíveis, como pancadas, movimentos e deslocamentos anormais de objetos, agitação do ar e fenômenos semelhantes.

São mais ligados à matéria do que outros e parecem atuar como agentes das transformações dos elementos do globo, influenciando o ar, a água, o fogo, os corpos sólidos e até as camadas internas da Terra. Reconhece-se que tais fenômenos não têm origem puramente física quando revelam intenção e inteligência.

Todos os Espíritos podem produzir esses efeitos, mas os mais elevados geralmente delegam essas tarefas aos Espíritos inferiores, mais aptos às manifestações materiais do que às intelectuais.

Segunda ordem — Espíritos bons

107 — Características gerais

Predominância do espírito sobre a matéria; desejo sincero do bem.

Suas qualidades e capacidade de agir para o bem variam conforme o grau de progresso alcançado. Alguns se destacam pela ciência, outros pela sabedoria ou pela bondade. Os mais adiantados reúnem conhecimento e elevação moral. Como ainda não estão completamente livres da matéria, conservam, em maior ou menor grau, traços da existência corporal, perceptíveis na linguagem e em certos hábitos. Se assim não fosse, já seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já experimentam a felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que conseguem impedir. O amor que os une é fonte de uma felicidade profunda, livre de inveja, remorso ou das paixões que atormentam os Espíritos imperfeitos. Ainda assim, precisam passar por provas até alcançarem a perfeição plena.

Como Espíritos, inspiram bons pensamentos, afastam os seres humanos do caminho do mal, protegem aqueles que se mostram dignos e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre os que não estão preparados para resistir.

Quando encarnados, são bondosos e benevolentes. Não se deixam mover por orgulho, egoísmo ou ambição. Não alimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem simplesmente pelo bem.

A essa ordem pertencem os Espíritos conhecidos popularmente como bons gênios, Espíritos protetores ou Espíritos do bem. Em épocas de ignorância e superstição, foram elevados à condição de divindades benéficas.

Podem ser divididos em quatro grupos principais:

108 — Quinta classe — ESPÍRITOS BENEVOLENTES

A bondade é sua principal característica. Sentem prazer em ajudar e proteger os seres humanos. No entanto, seus conhecimentos ainda são limitados. Avançaram mais no aspecto moral do que no intelectual.

109 — Quarta classe — ESPÍRITOS DE CIÊNCIA

Distinguem-se pela amplitude de seus conhecimentos. Interessam-se mais por questões científicas do que morais, para as quais demonstram maior aptidão. Ainda assim, encaram a ciência sob o prisma da utilidade e não são dominados por paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.

110 — Terceira classe — ESPÍRITOS DE SABEDORIA

Caracterizam-se por elevadas qualidades morais. Embora não possuam conhecimento ilimitado, têm discernimento suficiente para julgar com acerto os seres e as situações.

111 — Segunda classe — ESPÍRITOS SUPERIORES

Reúnem ciência, sabedoria e bondade. Sua linguagem é sempre digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos a transmitir noções corretas sobre o mundo espiritual, dentro dos limites do que é permitido ao ser humano conhecer.

Comunicam-se de boa vontade com aqueles que buscam sinceramente a verdade e cuja mente já está suficientemente desprendida das preocupações materiais. Afastam-se, porém, dos que se movem apenas por curiosidade ou que se deixam dominar pelos interesses da matéria.

Quando, excepcionalmente, encarnam na Terra, cumprem missões de progresso e oferecem à humanidade um modelo de perfeição a que se pode aspirar neste mundo.

Primeira ordem — Espíritos puros

112 — Características gerais

Ausência de qualquer influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das demais ordens.

113 — Primeira classe — CLASSE ÚNICA

Percorreram todos os graus da escala e se libertaram completamente das impurezas da matéria. Tendo alcançado o máximo de perfeição possível às criaturas, não precisam mais passar por provas ou expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, vivem a vida eterna em comunhão com Deus.

Gozam de felicidade inalterável, pois não estão submetidos às necessidades nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é uma ociosidade monótona, nem uma contemplação passiva. São mensageiros e executores da vontade divina, responsáveis pela manutenção da harmonia universal.

Comandam os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos em seu progresso e designam suas missões. Amparar os seres humanos em suas aflições, inspirá-los ao bem ou à reparação das faltas que os afastam da felicidade suprema é, para eles, fonte de profunda satisfação.

São conhecidos, em diferentes tradições, como anjos, arcanjos ou serafins.

Os seres humanos podem entrar em comunicação com eles, mas seria extrema presunção pretender tê-los constantemente à própria disposição.

Progressão dos Espíritos

114 — Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são os mesmos Espíritos que se transformam?

— *São os mesmos Espíritos que evoluem. Ao se melhorarem, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.*

115 — Alguns Espíritos foram criados bons e outros maus?

— *Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento. A cada um foi dada uma missão, com o objetivo de esclarecê-los e conduzi-los progressivamente à perfeição, por meio do conhecimento da verdade, aproximando-os de Deus. É nessa perfeição que encontram a felicidade pura e eterna. Ao passar pelas provas que Deus lhes propõe, os Espíritos adquirem conhecimento. Alguns aceitam essas provas com humildade e chegam mais rapidamente ao destino final. Outros as enfrentam com revolta e, por isso, permanecem mais tempo afastados da perfeição e da felicidade prometida.*

— Pelo que dizeis, os Espíritos, em sua origem, seriam como crianças: ignorantes e inexperientes, adquirindo pouco a pouco os conhecimentos de que precisam ao longo das diferentes fases da vida?

— Sim, a comparação é adequada. A criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; seu progresso depende do grau de docilidade. A diferença é que a vida do ser humano tem fim, enquanto a dos Espíritos se estende indefinidamente.

116 — Existem Espíritos que permanecerão eternamente nas ordens inferiores?

— Não. Todos alcançarão a perfeição. A mudança ocorre, mas pode ser lenta, pois, como já dissemos, um pai justo e misericordioso não condena seus filhos para sempre. Acreditarias que Deus, tão grande, bom e justo, fosse pior do que os próprios seres humanos?

117 — O progresso mais rápido ou mais lento depende do próprio Espírito?

— Sim. Eles avançam mais ou menos rapidamente conforme o desejo que têm de progredir e a submissão que demonstram à vontade de Deus. Uma criança obediente não aprende mais rápido do que uma rebelde?

118 — Os Espíritos podem regredir?

— Não. À medida que avançam, compreendem o que os afastava da perfeição. Ao concluir uma prova, o Espírito conserva o conhecimento adquirido. Pode permanecer estacionado, mas nunca retrocede.

119 — Deus não poderia isentar os Espíritos das provas necessárias para alcançar a primeira ordem?

— *Se Deus os tivesse criado perfeitos, eles não teriam mérito algum em desfrutar dessa perfeição. Onde estaria o mérito sem esforço? Além disso, a diversidade entre eles é necessária à individualidade de cada Espírito. Soma-se a isso o fato de que as missões exercidas nos diferentes graus da escala fazem parte dos desígnios da Providência para a harmonia do universo.*

Assim como, na vida social, todos podem aspirar às mais altas funções, pode-se perguntar por que o governante de um país não faz de todos os soldados generais, ou por que todos os alunos não se tornam mestres. A diferença é que a vida social é limitada e nem sempre permite que o ser humano percorra todos os seus degraus, enquanto a vida espiritual é ilimitada e oferece a todos a possibilidade de alcançar o grau supremo.

120 — Todos os Espíritos precisam passar pelo caminho do mal para chegar ao bem?

— *Pelo caminho do mal, não; pelo caminho da ignorância.*

121 — Por que alguns Espíritos seguem o caminho do bem e outros o do mal?

— *Eles não possuem livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, com igual capacidade para o bem e para o mal. Aqueles que se tornam maus o fazem por escolha própria.*

122 — Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência plena de si mesmos, exercer a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Existe neles alguma inclinação que os leve a preferir um caminho ao outro?

— *O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. Não haveria liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa externa à sua vontade. A causa não está no Espírito, mas fora dele, nas influências às quais ele cede por decisão própria. É isso que se representa simbolicamente na alegoria da queda do homem e do pecado original: alguns resistiram à tentação, outros cederam.*

— De onde vêm essas influências?

— *Dos Espíritos imperfeitos, que buscam dominá-lo e se alegram ao vê-lo cair. Foi isso que se quis simbolizar na figura de Satanás.*

— Essa influência ocorre apenas no início da existência do Espírito?

— *Ela o acompanha durante sua vida espiritual, até que alcance tal domínio sobre si mesmo que os Espíritos inferiores desistam de perturbá-lo.*

123 — Por que Deus permite que os Espíritos possam escolher o caminho do mal?

— *Como ousais questionar os atos de Deus? Julgais poder compreender seus desígnios? Pode-se, no entanto, afirmar isto: a sabedoria divina está na liberdade de escolha concedida a cada Espírito, pois assim cada um tem mérito por suas próprias ações.*

124 — Se alguns Espíritos seguem desde cedo o caminho do bem e outros o do mal, devem existir gradações entre esses dois extremos, não?

— *Sim, certamente. Os casos intermediários formam a imensa maioria.*

125 — Os Espíritos que seguiram o caminho do mal poderão alcançar o mesmo grau de superioridade que os outros?

— *Sim, mas levarão mais tempo.*

Aqui, a expressão “eternidades” refere-se à ideia que os Espíritos inferiores fazem da duração de seus sofrimentos, cujo fim ainda não conseguem perceber. Essa impressão retorna sempre que fracassam em uma prova.

126 — Ao alcançar o grau supremo de perfeição, os Espíritos que passaram pelo caminho do mal têm menos mérito diante de Deus do que os outros?

— *Deus ama igualmente os que se desviaram e os que seguiram o caminho reto. Aqueles são chamados maus apenas porque sucumbiram; antes disso, eram apenas Espíritos simples.*

127 — Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais?

— *São criados iguais; porém, ignorando sua origem, é necessário que o livre-arbítrio siga seu curso. Progridem mais ou menos rapidamente, tanto em inteligência quanto em moralidade.*

Os Espíritos que desde o início seguem o caminho do bem não são, por isso, Espíritos perfeitos. Não possuem más in-

clinações, mas ainda precisam adquirir a experiência e os conhecimentos necessários à perfeição. Podem ser comparados a crianças que, mesmo com bons instintos naturais, precisam se desenvolver e amadurecer. Da mesma forma, existem Espíritos que se inclinam ao bem ou ao mal desde a origem, com a diferença essencial de que o Espírito, ao ser criado, não é nem bom nem mau: possui todas as tendências e escolhe sua direção por meio do livre-arbítrio.

Anjos e demônios

128 — Os seres chamados anjos, arcanjos ou serafins formam uma categoria especial, de natureza diferente dos demais Espíritos?

— *Não. São Espíritos puros, que alcançaram o mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.*

A palavra “anjo” costuma evocar a ideia de perfeição moral. No entanto, muitas vezes ela foi usada para designar indistintamente todos os seres incorpóreos, bons ou maus. Fala-se em anjo bom e anjo mau, anjo de luz e anjo das trevas. Nesses casos, o termo é sinônimo de Espírito ou gênio. Aqui, ele é empregado em seu sentido positivo.

129 — Os anjos percorreram todos os graus da escala?

— *Sim. Alguns chegaram mais rapidamente, aceitando suas missões sem resistência; outros levaram mais tempo para alcançar a perfeição.*

130 — Se é incorreta a ideia de seres criados perfeitos desde o início, como explicar que essa crença esteja presente na tradição de quase todos os povos?

— *O mundo em que habitais não existe desde sempre. Muito antes de sua formação, já havia Espíritos que haviam alcançado o grau supremo. Os seres humanos acreditaram que eles sempre tivessem sido assim.*

131 — Existem demônios, no sentido absoluto da palavra?

— *Se existissem demônios nesse sentido, seriam obra de Deus. Mas seria Deus justo e bom se tivesse criado seres destinados eternamente ao mal e à infelicidade? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que viveis e em outros semelhantes. São homens hipócritas que transformam um Deus justo em um Deus vingativo, acreditando agradá-lo por meio das atrocidades que cometem em seu nome.*

A palavra “demônio”, em sua origem grega “daímōn”, significava gênio ou inteligência e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção. A ideia moderna associa o termo exclusivamente a seres essencialmente maus.

Entender demônios como Espíritos eternamente maus é ilógico e contraditório. Deus, sendo soberanamente justo e bom, não poderia criar seres destinados ao mal perpétuo. Os chamados demônios são, na realidade, Espíritos imperfeitos, rebeldes às provas que lhes cabem, e que por isso prolongam seu sofrimento. Esse estado, porém, é transitório, pois todos podem sair dele quando assim o desejarem.

Satanás é a personificação alegórica do mal. Não se pode

conceber um ser maligno lutando de igual para igual com a Divindade. Assim como os antigos personificaram o Tempo na figura de um velho com foice e ampulheta, os seres humanos representaram os Espíritos por imagens materiais para torná-los compreensíveis à imaginação.

Os anjos foram figurados como seres luminosos, com asas brancas, símbolo de pureza; Satanás, com chifres e garras, simbolizando as paixões inferiores. O povo, tomando essas imagens ao pé da letra, transformou alegorias em personagens reais.

Capítulo 2 - Encarnação dos Espíritos

Objetivo da encarnação

132 — Qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?

— Deus impõe a encarnação para conduzir os Espíritos à perfeição. Para alguns, ela é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançar essa perfeição, é necessário passar pelas experiências e dificuldades da vida corporal: é nisso que consiste a expiação. A encarnação também tem outro objetivo: colocar o Espírito em condições de participar da obra da criação. Para isso, em cada mundo, o Espírito assume um instrumento compatível com a matéria desse mundo, a fim de cumprir, sob esse ponto de vista, as leis divinas. Assim, ao mesmo tempo em que contribui para a obra geral, ele próprio progride.

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do universo. Deus, porém, em sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de evoluir e de se aproximar dele. Dessa forma, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.

133 — Os Espíritos que, desde o início, seguiram o caminho do bem também precisam encarnar?

— *Todos são criados simples e ignorantes e se instruem por meio das lutas e dificuldades da vida corporal. Deus, que é justo, não poderia tornar uns felizes sem esforço e trabalho, e portanto sem mérito.*

— Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os livra dos sofrimentos da vida corporal?

— *Eles chegam mais rapidamente ao objetivo final. Além disso, os sofrimentos da vida são, muitas vezes, consequência das imperfeições do Espírito. Quanto menos imperfeições, menos tormentos. Quem não é invejoso, ciumento, avarento ou ambicioso não sofre as dores que nascem desses defeitos.*

A alma

134 — O que é a alma?

— *Um Espírito encarnado.*

— O que era a alma antes de se unir ao corpo?

— *Espírito.*

— As almas e os Espíritos são, portanto, a mesma coisa?

— *Sim. As almas são simplesmente Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que habitam o mundo invisível e que, temporariamente, assumem um envoltório material para se purificar e se esclarecer.*

135 — Existe no ser humano algo além da alma e do corpo?

— *Existe o laço que liga a alma ao corpo.*

— Qual é a natureza desse laço?

— *É semimaterial, isto é, de natureza intermediária entre o Espírito e o corpo. É necessário que seja assim para que ambos possam se comunicar. Por meio desse laço, o Espírito atua sobre a matéria e, reciprocamente, a matéria atua sobre o Espírito.*

O ser humano é, portanto, constituído de três partes essenciais:

1. o corpo, ser material semelhante ao dos animais, animado pelo mesmo princípio vital;
2. a alma, Espírito encarnado que habita o corpo;
3. o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e faz a ligação entre a alma e o corpo. Assim como, em um fruto, há o gérmen, o perisperma e a casca.

136 — A alma é independente do princípio vital?

— *O corpo é apenas um envoltório, repetimos isso constantemente.*

— O corpo pode existir sem a alma?

— *Pode. No entanto, assim que a vida do corpo cessa, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo; depois que essa união se estabelece, a morte rompe os laços que os ligavam, e a alma se separa do corpo.*

A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.

— O que seria o nosso corpo sem a alma?

— Uma simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserem, exceto um ser humano.

137 — Um Espírito pode encarnar ao mesmo tempo em dois corpos diferentes?

— Não. O Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres distintos.

(Ver, em O Livro dos Médiuns, capítulo VII: Da bicorporeidade e da transfiguração.)

138 — O que pensar da opinião dos que consideram a alma como o princípio da vida material?

— É apenas uma questão de palavras. Antes de tudo, é preciso que vocês se entendam sobre os termos.

139 — Alguns Espíritos e, antes deles, alguns filósofos definiram a alma como “uma centelha anímica emanada do grande Todo”. Como explicar essa aparente contradição?

— Não há contradição. Tudo depende do significado atribuído às palavras. Por que não possuem uma palavra específica para cada ideia?

A palavra alma é usada para expressar conceitos diferentes. Alguns chamam de alma o princípio da vida; nesse sentido, pode-se dizer, de forma figurada, que a alma é uma centelha vital emanada do grande Todo. Essa expressão indica a fonte universal do princípio vital, do qual cada ser absorve

uma parte e que, após a morte, retorna à fonte de onde veio. Essa ideia não exclui a existência de um ser moral distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade. A esse ser também se dá o nome de alma; e, nesse sentido, pode-se dizer que a alma é um Espírito encarnado. Ao dar definições diferentes, os Espíritos falaram conforme o uso que faziam da palavra e conforme as ideias terrenas que ainda possuíam em maior ou menor grau. Isso decorre da limitação da linguagem humana, que não dispõe de uma palavra específica para cada ideia, o que gera muitos equívocos e discussões. Por isso, os Espíritos superiores recomendam que primeiro se esclareça o significado das palavras.

140 — O que pensar da teoria segundo a qual a alma seria dividida em tantas partes quantos são os músculos, presidindo cada função do corpo?

— Isso também depende do sentido atribuído à palavra alma. Se por alma se entende o fluido vital, essa teoria tem fundamento; se se entende a alma como o Espírito encarnado, ela é incorreta. Já dissemos que o Espírito é indivisível. Ele transmite o movimento aos órgãos por meio do fluido intermediário, sem se dividir.

— Mas alguns Espíritos deram essa definição.

— Espíritos ignorantes podem confundir o efeito com a causa.

A alma atua por intermédio dos órgãos, e os órgãos são animados pelo fluido vital, que se distribui por eles, existindo em maior abundância nos que são centros de movimento. Essa explicação, porém, não se aplica quando se considera a alma como o Espírito que habita o corpo durante a vida e

o deixa no momento da morte.

141 — Há algo de verdadeiro na ideia de que a alma é exterior ao corpo e o envolve?

— *A alma não está encerrada no corpo como um pássaro numa gaiola. Ela irradia e se manifesta fora dele, assim como a luz atravessa um globo de vidro ou o som se propaga a partir de um centro. Nesse sentido, pode-se dizer que ela é exterior, sem que isso signifique que seja o envoltório do corpo. A alma possui dois envoltórios: um sutil e leve, o primeiro, chamado perispírito; e outro grosseiro, material e pesado, que é o corpo. A alma é o centro de todos esses envoltórios, como o gérmen dentro de um caroço.*

142 — O que pensar da teoria segundo a qual a alma de uma criança se completa aos poucos, ao longo das fases da vida?

— *O Espírito é uno e está completo tanto na criança quanto no adulto. O que se desenvolve e se aperfeiçoa são os órgãos, ou instrumentos, por meio dos quais a alma se manifesta. Mais uma vez, confundem-se o efeito com a causa.*

143 — Por que todos os Espíritos não definem a alma da mesma forma?

— *Porque nem todos possuem o mesmo grau de esclarecimento sobre esses assuntos. Existem Espíritos de inteligência limitada, que não compreendem ideias abstratas, assim como há crianças entre vocês. Existem também Espíritos pseudossábios, que usam palavras complicadas para se impor, como acontece entre os seres humanos. Além disso, os próprios Espíritos esclarecidos podem se expressar de maneiras diferentes, embora o sentido essencial*

seja o mesmo, especialmente quando se trata de conceitos que a linguagem humana não consegue traduzir com precisão. Por isso, recorrem a imagens e comparações, que muitas vezes são tomadas ao pé da letra.

144 — O que se deve entender por “alma do mundo”?

— O princípio universal da vida e da inteligência, do qual nascem as individualidades. Aqueles que usam essa expressão, porém, muitas vezes não se entendem entre si. O termo alma é tão amplo que cada um o interpreta conforme suas próprias ideias. Também já se atribuiu uma alma à Terra. Nesse caso, por alma da Terra deve-se entender o conjunto dos Espíritos abnegados que orientam suas ações para o bem, quando vocês os escutam, e que, de certo modo, são representantes de Deus em relação ao planeta.

145 — Como explicar que tantos filósofos antigos e modernos tenham discutido por tanto tempo a psicologia sem chegar ao conhecimento da verdade?

— Esses homens foram precursores da eterna doutrina espírita. Prepararam o caminho. Eram humanos e, como tais, puderam se enganar, tomando suas próprias ideias como verdade absoluta. Ainda assim, até seus erros serviram para destacar a verdade, ao mostrar o que aceitar e o que rejeitar. Além disso, entre esses equívocos há grandes verdades que um estudo comparativo permite compreender.

146 — A alma tem, no corpo, uma sede determinada e circunscrita?

— Não. Contudo, nos grandes pensadores, ela se manifesta mais particularmente na cabeça; e naqueles que sentem profundamente e cujas ações têm finalidade humanitária, manifesta-se

mais no coração.

— O que pensar da opinião dos que situam a alma em um centro vital?

— Isso significa que o Espírito habita preferencialmente essa parte do organismo, por ser o ponto de convergência das sensações. Aqueles que a situam no que chamam de centro da vitalidade confundem-na com o fluido vital. Ainda assim, pode-se dizer que a sede da alma está especialmente nos órgãos que permitem as manifestações intelectuais e morais.

Materialismo

147 — Por que anatomistas, fisiologistas e, em geral, estudiosos das ciências naturais tendem com tanta frequência ao materialismo?

— Porque o fisiologista tende a explicar tudo a partir do que vê. Soma-se a isso o orgulho humano, que leva muitos a acreditar que sabem tudo e a negar qualquer coisa que esteja além de sua compreensão. A própria ciência que cultivam os enche de presunção e os faz crer que a natureza nada lhes pode ocultar.

148 — É lamentável que o materialismo seja consequência de estudos que deveriam revelar ao ser humano a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deve-se concluir que esses estudos são perigosos?

— Não é correto afirmar que o materialismo seja consequência direta desses estudos. O ser humano é que tira deles uma conclusão equivocada, pois lhe é dado abusar de tudo, até das melhores coisas. Além disso, o nada os assusta mais do que gostariam de

admitir, e os que se dizem fortes, muitas vezes, são mais fanfarrões do que corajosos. Na maioria dos casos, são materialistas porque não sabem como preencher o vazio que se abre diante deles. Mostrem-lhes uma âncora de salvação, e eles se agarrarão a ela prontamente.

Por um desvio da inteligência, há pessoas que veem nos seres orgânicos apenas a ação da matéria e atribuem a ela todos os nossos atos. No corpo humano, enxergam apenas uma máquina; observam o mecanismo da vida apenas pelo funcionamento dos órgãos e, ao verem esse funcionamento cessar com a ruptura de um elo, concluem que nada mais existe além da matéria inerte. Como não veem a alma escapar, nem conseguem capturá-la, concluem que tudo se resume às propriedades da matéria e que, com a morte, o pensamento se extingue.

Se isso fosse verdade, o bem e o mal não teriam sentido; o ser humano teria razão para pensar apenas em si mesmo e colocar acima de tudo a satisfação de seus desejos materiais. Os laços sociais se romperiam, e os sentimentos mais nobres desapareceriam. Felizmente, essas ideias estão longe de ser universais e permanecem restritas a opiniões individuais, pois nunca formaram uma doutrina dominante. Uma sociedade fundada sobre tais princípios traria em si o germe da própria dissolução, e seus membros acabariam se destruindo como animais selvagens.

O ser humano possui, instintivamente, a convicção de que a vida não termina com a morte. A ideia do nada lhe causa horror. É em vão que tenta resistir à noção de um futuro além da vida. No momento final, poucos deixam de se perguntar o que será deles, pois a ideia de uma separação defi-

nitiva de tudo o que amaram é profundamente angustiante. Quem poderia encarar sem temor o abismo do nada, onde se perderiam para sempre todas as faculdades, todas as esperanças, e dizer: depois de mim, nada mais existirá; em poucos dias, minha lembrança se apagará da memória dos que ficarem; nenhum vestígio restará da minha passagem pela Terra; até o bem que fiz será esquecido; e nada haverá para compensar isso, nenhuma perspectiva além do meu corpo entregue à decomposição?

Esse quadro não é terrível e gelado? A religião ensina que não pode ser assim, e a razão confirma isso. No entanto, uma existência futura vaga e indefinida não satisfaz o desejo humano por algo concreto, e daí nasce, para muitos, a dúvida. Sabe-se que há uma alma, mas o que é essa alma? Tem forma? É limitada ou indefinida? Alguns dizem que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros ainda uma parcela do grande Todo. Mas o que isso realmente esclarece? De que adianta ter uma alma se, ao fim da vida, ela se dissolve na imensidão como uma gota d'água no oceano? A perda da individualidade não equivale, para nós, ao nada?

Diz-se também que a alma é imaterial. Mas algo imaterial não tem forma definida; então, para nós, seria como se não existisse. A religião ensina ainda que seremos felizes ou infelizes conforme o bem ou o mal que tivermos feito. Mas o que significa essa felicidade prometida no seio de Deus? Uma contemplação eterna, sem outra ocupação além de louvar o Criador? E os sofrimentos do inferno, são reais ou simbólicos? A própria Igreja reconhece seu caráter simbólico, mas então o que representam esses sofrimentos? Onde se passam? O que se faz e o que se vê

nesse outro mundo que nos espera?

Diz-se que ninguém jamais voltou de lá para nos informar. Isso não é verdade. A missão do Espiritismo é justamente esclarecer esse futuro, permitir que, até certo ponto, ele seja compreendido não apenas pelo raciocínio, mas também pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, o futuro deixa de ser mera suposição. São os próprios Espíritos que descrevem sua situação, relatam o que fazem e nos permitem acompanhar, por assim dizer, os acontecimentos da nova vida que vivem. Assim, torna-se clara a sorte que aguarda cada um, conforme seus méritos e escolhas.

Há nisso algo de antirreligioso? Pelo contrário. Os incrédulos encontram aí o caminho da fé, e os indiferentes reencontram o fervor e a confiança. O Espiritismo é, portanto, um poderoso aliado da religião. Se existe, é porque Deus o permite, para fortalecer esperanças vacilantes e reconduzir o ser humano ao caminho do bem, pela perspectiva do futuro.

Capítulo 3 - Retorno à vida espiritual

A alma depois da morte

149 — O que acontece com a alma no instante da morte?

— *Ela volta a ser Espírito, isto é, retorna ao mundo espiritual, do qual havia se afastado temporariamente.*

150 — A alma conserva sua individualidade após a morte?

— *Sim, jamais a perde. O que ela seria, se não a conservasse?*

— Como a alma percebe sua individualidade, já que não possui mais um corpo material?

— *Ela conserva um fluido que lhe é próprio, extraído da atmosfera do planeta em que viveu, e que mantém a aparência de sua última encarnação: o perispírito.*

— A alma leva algo deste mundo consigo?

— *Nada além da lembrança e do desejo de alcançar um mundo melhor. Essa lembrança pode ser suave ou amarga, conforme o uso que fez da vida. Quanto mais pura for, melhor compreenderá a futilidade do que deixou na Terra.*

151 — O que pensar da ideia de que, após a morte, a alma retorna ao todo universal?

— *O conjunto dos Espíritos forma um todo, mas isso não elimina a individualidade. Assim como em uma assembleia: fazes parte dela, mas continuas sendo tu mesmo.*

152 — Que prova temos da individualidade da alma depois da morte?

— *Não a tendes nas comunicações que recebeis? Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis. Muitas vezes uma voz vos fala, revelando a existência de um ser fora de vós.*

Aqueles que acreditam que a alma se dissolve no todo universal estão enganados se imaginam que ela perde sua individualidade, como uma gota d'água no oceano. Estão certos apenas se entendem por todo universal o conjunto dos seres espirituais, do qual cada alma é um elemento distinto.

Se as almas se fundissem em uma massa única, todas teriam as mesmas qualidades e nenhuma se distinguiria das outras. Não haveria consciência individual nem vontade própria. No entanto, todas as comunicações espirituais demonstram exatamente o contrário: os Espíritos têm consciência de si mesmos, vontade própria e caráter distinto.

A diversidade infinita de Espíritos — bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e sofredores, alegres e tristes — prova que são individualidades distintas. Essa individualidade se torna ainda mais evidente quando comprovam sua identidade por sinais pessoais, fatos verificáveis de suas vidas passadas, ou quando se manifestam visivelmente.

Antes, a individualidade da alma era aceita apenas como ar-

tigo de fé. O Espiritismo a torna evidente e, de certo modo, perceptível.

153 — Em que sentido se deve entender a expressão “vida eterna”?

— *A vida do Espírito é eterna; a do corpo é transitória. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida espiritual.*

— **Não seria mais correto chamar de vida eterna apenas a dos Espíritos puros, que já não precisam passar por provas?**

— *Isso se refere mais propriamente à felicidade eterna. Mas trata-se apenas de uma questão de palavras. Chamai como quiserdes, desde que vos entendais.*

Separação da alma e do corpo

154 — A separação da alma e do corpo é dolorosa?

— *Não. O corpo muitas vezes sofre mais durante a vida do que no momento da morte. A alma não participa desse sofrimento. Em alguns casos, o que se sente no instante da morte é até um alívio para o Espírito, que percebe o fim do exílio corporal.*

Na morte natural, causada pelo esgotamento dos órgãos devido à idade, a pessoa deixa a vida sem perceber, como uma lâmpada que se apaga por falta de óleo.

155 — Como ocorre a separação da alma e do corpo?

— *Quando os laços que os uniam se desfazem, a alma se desprende.*

— Essa separação é instantânea? Existe uma linha nítida entre a vida e a morte?

— Não. A separação é gradual. A alma não se liberta de forma brusca, como um pássaro subitamente solto da gaiola. Os dois estados se confundem por algum tempo, e o Espírito se desprende pouco a pouco. Os laços se desfazem, não se rompem de uma vez.

Durante a vida, o Espírito está ligado ao corpo pelo perispírito. A morte destrói apenas o corpo físico; o perispírito se separa quando cessa a vida orgânica. Observa-se que esse desprendimento raramente é imediato. Em alguns casos é rápido; em outros, especialmente quando a vida foi muito material e sensual, pode durar dias, semanas ou até meses.

Isso não significa que haja vida orgânica ou possibilidade de retorno à vida, mas apenas uma afinidade persistente entre o Espírito e a matéria, proporcional ao apego que teve a ela durante a vida. Quanto mais o Espírito se identificou com a matéria, mais difícil é a separação. Já a elevação moral e intelectual facilita esse desprendimento, que pode começar ainda durante a vida corporal.

Em casos excepcionais, como alguns suicídios, essa afinidade pode causar sofrimento intenso, inclusive a sensação da decomposição do corpo.

156 — A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes do fim completo da vida orgânica?

— Sim. Na agonia, às vezes a alma já deixou o corpo. Resta apenas a vida orgânica. O corpo continua funcionando como uma máquina movida pelo coração, sem que a alma esteja mais presente.

157 — No momento da morte, a alma sente alguma aspiração ou êxtase que lhe permita vislumbrar o mundo espiritual?

— *Muitas vezes, sim. À medida que os laços se desfazem, a alma faz esforço para libertar-se completamente. Já parcialmente desprendida, vê o futuro se abrir diante de si e experimenta, antecipadamente, a condição de Espírito.*

158 — A metáfora da lagarta, que se transforma em crisálida e depois em borboleta, ajuda a compreender a vida terrestre, a morte e a vida espiritual?

— *Ajuda, desde que não seja tomada ao pé da letra. É uma imagem válida em escala reduzida.*

159 — Que sensação a alma experimenta ao reconhecer que está no mundo espiritual?

— *Depende de sua conduta. Quem praticou o mal sente vergonha ao reconhecer seus atos. Já o justo sente alívio, como se tivesse se libertado de um grande peso, pois não teme julgamentos.*

160 — O Espírito reencontra imediatamente aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes?

— *Sim, conforme o grau de afeto mútuo. Muitas vezes esses Espíritos vêm recebê-lo e auxiliá-lo no desligamento da matéria. Ele também reencontra pessoas que conheceu e perdeu de vista durante a vida terrena, vê os Espíritos errantes e pode visitar os que ainda estão encarnados.*

161 — Em mortes violentas ou acidentais, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem ao mesmo tempo?

— Geralmente sim, mas o intervalo entre uma coisa e outra é muito curto.

162 — Após uma decapitação, por exemplo, a pessoa conserva por algum tempo a consciência de si mesma?

— Em alguns casos, por alguns instantes, até que a vida orgânica do cérebro se extinga completamente. Mas, muitas vezes, o choque da morte faz perder essa consciência antes.

Aqui se fala da consciência humana, ligada aos órgãos, e não da consciência do Espírito. Mesmo quando essa consciência persiste por instantes, o perispírito ainda não está totalmente desprendido. Nas mortes violentas, em que a vida não se extingue gradualmente, os laços entre o corpo e o perispírito costumam ser mais fortes, tornando o desprendimento mais lento.

Perturbação que se segue à morte

163 — A alma tem consciência de si mesma imediatamente após deixar o corpo?

— Não imediatamente. Ela passa algum tempo em estado de perturbação.

164 — Essa perturbação é igual para todos os Espíritos?

— Não. Depende do grau de elevação moral. O Espírito já purificado se reconhece quase de imediato, pois já havia se libertado da matéria durante a vida. Já o Espírito ainda muito ligado à

matéria conserva por mais tempo suas impressões.

165 — O conhecimento do Espiritismo influencia a duração dessa perturbação?

— Influencia muito, pois o Espírito já compreende previamente sua situação. Ainda assim, a prática do bem e a consciência tranquila exercem a maior influência.

Após a morte, tudo é confuso no início. A alma precisa de um tempo para se reconhecer, como alguém que desperta de um sono profundo. A lucidez retorna à medida que a influência da matéria se dissipa e a névoa mental se desfaz.

A duração dessa perturbação varia enormemente: pode durar horas, meses ou até anos. Aqueles que, ainda em vida, se prepararam para o estado futuro são os que menos a experimentam.

Nos casos de morte violenta — suicídio, suplício, acidentes — o Espírito frequentemente não acredita que morreu. Vê o próprio corpo, reconhece-o, mas não compreende a separação. Fala com os vivos e não entende por que não é ouvido. Essa ilusão persiste até o completo desprendimento do perispírito.

Esse fenômeno é semelhante ao que ocorre com sonâmbulos que não acreditam estar dormindo, porque pensam e veem. Alguns Espíritos mantêm essa ilusão mesmo quando a morte não foi inesperada, especialmente aqueles que estavam doentes, mas não acreditavam que morreriam.

Há casos em que o Espírito assiste ao próprio enterro como se fosse o de outra pessoa, até que compreenda a realidade.

Para o homem de bem, a perturbação é calma, semelhante a um despertar tranquilo. Para aquele cuja consciência não está em paz, ela é cheia de angústia e ansiedade, que aumentam à medida que ele compreende sua situação.

Em mortes coletivas, observa-se que os Espíritos que faleceram ao mesmo tempo nem sempre se reencontram de imediato, pois cada um segue para onde o atraem seus vínculos.

Na morte natural, a perturbação começa antes do fim da vida orgânica, e o Espírito não percebe o último suspiro. As convulsões da agonia são efeitos nervosos que quase nunca o afetam, exceto em casos específicos em que o sofrimento pode ter caráter expiatório.

Capítulo 4 - Pluralidade das existências

A reencarnação

166 — Como a alma que não alcançou a perfeição durante a vida corporal pode continuar seu aperfeiçoamento?

— *Vivendo a prova de uma nova existência.*

— Como se dá essa nova existência? Ocorre por uma transformação enquanto Espírito?

— *Ao se aperfeiçoar, a alma passa, de fato, por uma transformação. Mas, para isso, é necessária a prova da vida corporal.*

— A alma passa, então, por muitas existências corporais?

— *Sim, todos passamos por muitas existências. Aqueles que afirmam o contrário desejam manter vocês na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse é o objetivo deles.*

— Esse princípio implica que a alma, após deixar um corpo, assume outro, ou seja, reencarna em um novo corpo?

— *Evidentemente.*

167 — Qual é o objetivo da reencarnação?

— *Expição e progresso da humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?*

168 — O número de existências corporais é limitado ou o Espírito reencarna indefinidamente?

— *A cada nova existência, o Espírito dá mais um passo no caminho do progresso. Quando se livra de todas as impurezas, não precisa mais das provas da vida corporal.*

169 — O número de encarnações é o mesmo para todos os Espíritos?

— *Não. Aquele que avança mais rapidamente se submete a menos provas. Ainda assim, as encarnações sucessivas são sempre numerosas, pois o progresso é quase infinito.*

170 — O que se torna o Espírito após sua última encarnação?

— *Um Espírito plenamente feliz; um Espírito puro.*

Justiça da reencarnação

171 — Em que se fundamenta a doutrina da reencarnação?

— *Na justiça de Deus e na revelação. Repetimos constantemente: um bom pai sempre deixa aberta a seus filhos a porta do arrependimento. A razão não mostra que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna aqueles que não tiveram, por circunstâncias alheias à sua vontade, a oportunidade de se aperfeiçoar? Todos os seres humanos não são filhos de Deus? Apenas entre os*

egoístas se encontram a injustiça, o ódio sem perdão e os castigos sem retorno.

Todos os Espíritos tendem à perfeição, e Deus lhes oferece os meios de alcançá-la por meio das provas da vida corporal. Sua justiça permite que realizem, em novas existências, aquilo que não puderam concluir em uma primeira experiência.

Deus não agiria com equidade nem com bondade se condenasse eternamente aqueles que encontraram obstáculos ao progresso, impostos pelo meio em que foram colocados, sem que isso dependesse de sua vontade. Se o destino do ser humano fosse decidido de forma definitiva após a morte, a balança da justiça divina não seria a mesma para todos, e não haveria imparcialidade.

A doutrina da reencarnação — que admite para o Espírito várias existências sucessivas — é a única compatível com a ideia de justiça de Deus em relação aos que se encontram em condição moral inferior. É também a única que explica o futuro e sustenta nossas esperanças, pois oferece os meios de reparar erros por meio de novas provas. A razão a indica, e os Espíritos a ensinam.

Aquele que tem consciência de suas próprias imperfeições encontra na reencarnação uma esperança consoladora. Crendo na justiça divina, não espera estar eternamente em condição inferior aos que mais avançaram. Ao mesmo tempo, essa inferioridade não o exclui definitivamente da felicidade suprema, pois novos esforços lhe permitirão alcançá-la.

Quem, ao final da vida, não lamenta ter adquirido tarde de-

mais uma experiência da qual já não pode mais se beneficiar? Essa experiência, porém, não se perde: o Espírito a utilizará em uma nova existência.

Encarnação nos diferentes mundos

172 — Nossas diversas existências corporais ocorrem todas na Terra?

— *Não. Vivemo-las em diferentes mundos. As existências que temos na Terra não são as primeiras nem as últimas, mas estão entre as mais materiais e mais distantes da perfeição.*

173 — A cada nova existência a alma passa de um mundo para outro ou pode ter várias no mesmo globo?

— *Pode viver várias vezes no mesmo mundo, se ainda não progrediu o suficiente para passar a outro superior.*

— Podemos, então, voltar muitas vezes à Terra?

— *Certamente.*

— Podemos retornar à Terra depois de termos vivido em outros mundos?

— *Sem dúvida. É possível que já tenham vivido em outros lugares antes de estarem aqui.*

174 — Voltar a viver na Terra é uma necessidade?

— *Não. Mas, se não progredirem, poderão ir para outro mundo que não seja melhor do que a Terra e que talvez seja até pior.*

175 — Há alguma vantagem especial em voltar a habitar a Terra?

— *Nenhuma vantagem específica, a menos que seja em missão. Nesse caso, progride-se aqui como em qualquer outro lugar.*

— Não seria mais feliz permanecer apenas como Espírito?

— *Não. Isso significaria estagnação, e o objetivo é avançar em direção a Deus.*

176 — Espíritos que nunca viveram na Terra podem encarnar aqui?

— *Sim, da mesma forma que vocês podem encarnar em outros mundos. Todos os mundos são solidários: o que não se realiza em um, realiza-se em outro.*

— Existem, então, pessoas que estão na Terra pela primeira vez?

— *Muitas, em diferentes graus de progresso.*

— É possível reconhecer, por algum sinal, se um Espírito está encarnando na Terra pela primeira vez?

— *Isso não teria utilidade alguma.*

177 — Para alcançar a perfeição e a felicidade suprema, destino final de todos, o Espírito precisa passar por todos os mundos do universo?

— *Não. Existem muitos mundos correspondentes a um mesmo grau de evolução. O Espírito, ao sair de um deles, nada aprenderia de novo em outro do mesmo nível.*

— Como se explica, então, a pluralidade de existências em

um mesmo mundo?

— *A cada nova existência, o Espírito pode ocupar uma posição diferente, encontrando assim novas oportunidades de adquirir experiência.*

178 — Os Espíritos podem encarnar em um mundo inferior àquele em que já viveram?

— *Sim, quando se trata de uma missão, com o objetivo de auxiliar o progresso. Nesse caso, aceitam com alegria as dificuldades dessa existência, pois ela lhes oferece meios de avanço.*

— Isso também pode ocorrer como forma de expiação? Deus pode enviar Espíritos rebeldes para mundos inferiores?

— *Os Espíritos podem permanecer estacionários, mas não retrocedem. A punição do estacionamento é a necessidade de recomeçar, em condições compatíveis com sua natureza, as existências que foram mal aproveitadas.*

— Quais Espíritos precisam recomeçar a mesma existência?

— *Aqueles que fracassaram em suas missões ou provas.*

179 — Todos os seres que habitam um mesmo mundo atingiram o mesmo grau de perfeição?

— *Não. Em cada mundo ocorre o mesmo que na Terra: há Espíritos mais e menos adiantados.*

180 — Ao passar de um planeta para outro, o Espírito conserva a inteligência que possuía?

— *Sim. A inteligência não se perde. No entanto, ele pode não dispor dos mesmos meios para manifestá-la, conforme sua superioridade e as condições do corpo que assume.*

(Ver: Influência do organismo, Capítulo 7.)

181 — Os seres que habitam diferentes mundos possuem corpos semelhantes aos nossos?

— *É certo que possuem corpos, pois o Espírito precisa estar revestido de matéria para agir sobre a matéria. Esse envoltório, porém, é mais ou menos material conforme o grau de pureza alcançado pelo Espírito. É isso que determina a diferença entre os mundos que percorremos, pois há muitas moradas na casa do Pai, em diferentes níveis. Alguns têm consciência disso ainda na Terra; outros, não.*

182 — É possível conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?

— *Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de desenvolvimento em que vocês se encontram. Isso significa que não devemos revelar essas coisas a todos, pois nem todos estariam preparados para compreendê-las, e tais revelações poderiam causar confusão.*

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste também se aproxima da natureza espiritual. A matéria torna-se menos densa; o ser deixa de arrastar-se penosamente sobre o solo; as necessidades físicas se tornam menos grosseiras, e já não é preciso que os seres vivos

se destruam mutuamente para sobreviver. O Espírito se torna mais livre e passa a perceber coisas distantes que vocês ainda não conseguem captar. Ele vê com os olhos do corpo aquilo que vocês apenas vislumbram pelo pensamento.

Do aperfeiçoamento do Espírito decorre também o progresso moral dos seres que ele anima quando encarnado. As paixões instintivas se enfraquecem e o egoísmo dá lugar ao sentimento de fraternidade. É por isso que, nos mundos mais elevados que o de vocês, não existem guerras: não há ódio nem discórdia, porque ninguém pensa em prejudicar o outro. A intuição que seus habitantes têm do futuro, aliada à tranquilidade de uma consciência sem remorso, faz com que a morte não lhes cause temor. Eles a encaram serenamente, como uma simples transformação.

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar relação com o grau de superioridade física e moral de seus habitantes, o que é perfeitamente lógico. Quanto menos material é o corpo, menos sujeito está às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro é o Espírito, menos paixões o corroem. Essa também é uma forma de misericórdia divina, que assim reduz os sofrimentos.

183 — Ao passar de um mundo para outro, o Espírito atravessa novamente a infância?

— Em todos os lugares, a infância é uma fase necessária, mas nem sempre é tão limitada e lenta quanto no mundo de vocês.

184 — O Espírito pode escolher o mundo onde irá encarnar?

— *Nem sempre. Ele pode pedir para ir a este ou àquele mundo e pode obter permissão, se o merecer, pois o acesso aos mundos depende do grau de elevação do Espírito.*

— Se o Espírito não fizer nenhum pedido, o que determina o mundo em que ele reencarnará?

— *O seu grau de evolução.*

185 — O estado físico e moral dos seres é sempre o mesmo em cada mundo?

— *Não. Os mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram, como o de vocês, em estado inferior. A própria Terra passará por transformação semelhante e se tornará um paraíso quando os seres humanos se tornarem bons.*

As raças que hoje habitam a Terra desaparecerão um dia, substituídas por seres cada vez mais aperfeiçoados. Novas raças transformadas sucederão às atuais, assim como estas sucederam a outras mais primitivas.

186 — Existem mundos onde o Espírito, deixando de usar corpos materiais, tenha apenas o perispírito como envoltório?

— *Sim. E esse envoltório pode tornar-se tão etéreo que, para vocês, seria como se não existisse. Esse é o estado dos Espíritos puros.*

— Isso significa que não há uma separação bem definida entre as últimas encarnações e o estado de Espírito puro?

— *Exatamente. Essa diferença se apaga gradualmente e acaba se*

tornando imperceptível, como a transição da noite para o amanhecer.

187 — A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?

— Não. Ela é mais ou menos etérea. Ao passar de um mundo para outro, o Espírito se reveste da matéria própria desse novo ambiente, e essa mudança ocorre com extrema rapidez.

188 — Os Espíritos puros habitam mundos específicos ou permanecem no espaço universal, sem ligação com um mundo determinado?

— Habitam certos mundos, mas não ficam presos a eles como os seres humanos à Terra. Podem estar em toda parte com mais facilidade do que os outros.

Segundo os Espíritos, a Terra é, entre os mundos do nosso sistema, um dos menos adiantados moral e fisicamente. Marte estaria ainda abaixo dela, enquanto Júpiter lhe seria muito superior. O Sol não seria um mundo habitado por seres corpóreos, mas um centro de reunião dos Espíritos superiores, que irradiam seus pensamentos para os outros mundos por meio do fluido universal.

O tamanho dos planetas ou sua distância em relação ao Sol não determina seu grau de progresso. Vênus, ao que parece, é mais adiantado que a Terra, enquanto Saturno é inferior a Júpiter.

Espíritos que, na Terra, animaram personalidades conhecidas já disseram estar reencarnados em Júpiter, o que causa estranhamento, dado o alto grau desse mundo. Isso se ex-

plica porque podem ter cumprido missões específicas na Terra ou passado por existências intermediárias antes de chegar a lá. Além disso, mesmo em mundos mais avançados, há diferentes graus de desenvolvimento, assim como na Terra existe grande distância entre um selvagem e um homem instruído.

A contagem do tempo e as condições de longevidade também variam de um mundo para outro. Um Espírito afirmou estar encarnado há poucos meses em um mundo desconhecido por nós e declarou que, quanto à inteligência, já possuía ali o equivalente a trinta anos da vida terrestre. Isso não é absurdo, pois vemos na Terra animais atingirem pleno desenvolvimento em poucos meses. Nada impede que algo semelhante ocorra com o ser humano em outros mundos.

É um erro considerar o ser humano como modelo absoluto da criação ou imaginar que Deus nada mais poderia criar além do que conhecemos. Tal visão limita a própria ideia da Divindade.

Transmigrações progressivas

189 — Desde sua origem, o Espírito possui plenamente suas faculdades?

— *Não. Assim como ocorre com o ser humano, o Espírito também passa por uma fase de infância. Em sua origem, sua vida é quase instintiva; ele mal tem consciência de si e de seus atos. A inteligência se desenvolve gradualmente.*

190 — Qual é o estado da alma em sua primeira encarnação?

— *O de infância na vida corporal. A inteligência começa apenas a despertar; a alma se prepara para a vida.*

191 — As almas dos povos primitivos estão em estado de infância?

— *De infância relativa; mas já são almas desenvolvidas, pois possuem paixões.*

— As paixões indicam desenvolvimento?

— *Sim, indicam desenvolvimento e consciência do eu, mas não perfeição. São sinais de atividade. Já na alma primitiva, a inteligência e a vida estão apenas em estado germinal.*

A vida do Espírito passa pelas mesmas fases observadas na vida corporal: embrião, infância, maturidade. A diferença é que, para o Espírito, não existe decadência nem morte definitiva. Sua vida, que teve um começo, não terá fim. Do ponto de vista humano, ele leva um tempo imenso para passar da infância espiritual ao completo desenvolvimento. Esse progresso ocorre por meio de existências em diferentes mundos.

Assim como na vida humana há dias improdutivos, na vida espiritual existem encarnações que não trazem grande avanço, porque o Espírito não soube aproveitá-las.

192 — Pode alguém, vivendo de forma irrepreensível nesta vida, atingir todos os graus da perfeição e tornar-se Espírito puro sem passar por outras etapas?

— Não. Aquilo que o ser humano considera perfeição está muito distante da perfeição absoluta. Há qualidades que ele ainda não conhece nem compreende. Pode ser tão perfeito quanto sua natureza terrena permite, mas isso não equivale à perfeição suprema.

Assim como a criança precisa passar pela juventude antes de atingir a maturidade, e o doente pela convalescença antes de recuperar a saúde, o Espírito precisa progredir tanto em conhecimento quanto em moralidade. Se avançou apenas em um aspecto, precisa avançar no outro.

Quanto mais o ser humano progride nesta vida, menos longas e penosas serão as provas futuras.

— Pode o ser humano, já nesta vida, preparar uma existência futura menos difícil?

— Sem dúvida. Ele pode reduzir o caminho e suas dificuldades. Apenas o descuidado permanece sempre no mesmo ponto.

193 — Um Espírito pode, em nova existência, ocupar posição inferior à atual?

— Socialmente, sim; espiritualmente, não.

194 — A alma de um homem de bem pode animar, em nova encarnação, o corpo de um criminoso?

— Não, pois o Espírito não retrocede.

— A alma de um homem perverso pode tornar-se a de um homem de bem?

— *Sim, se houver arrependimento. Isso constitui uma recompensa.*

O progresso do Espírito é sempre ascendente, nunca regressivo. Ele pode ocupar posições sociais humildes, mas não perde o nível espiritual já alcançado. Assim, um poderoso pode renascer em condição modesta e um humilde pode renascer em posição elevada, pois entre os seres humanos as posições sociais não refletem necessariamente a elevação moral. Herodes foi rei; Jesus, carpinteiro.

195 — A possibilidade de melhorar em outra existência não pode levar certas pessoas a persistirem no mau caminho, acreditando que sempre poderão se corrigir mais tarde?

— *Quem pensa assim, na verdade, não acredita em nada. A ideia de um castigo eterno não o impediria de agir mal, porque sua própria razão rejeita essa noção, e isso acaba levando à rejeição de qualquer outra crença. Se apenas meios racionais tivessem sido usados para orientar as pessoas, não haveria tantos céticos.*

De fato, um Espírito ainda imperfeito pode, durante a vida corporal, raciocinar dessa forma. No entanto, quando se liberta da matéria, passa a enxergar a realidade de outro modo. Logo percebe que fez um cálculo errado e leva para a nova existência um sentimento oposto ao que tinha antes. É assim que o progresso acontece. Eis também por que os seres humanos se encontram em graus tão diferentes de adiantamento: alguns já possuem experiências que outros ainda não têm, mas que adquirirão pouco a pouco.

Cada pessoa pode acelerar o próprio progresso ou retardá-lo indefinidamente, conforme suas escolhas.

Quem ocupa uma condição infeliz deseja sair dela o mais rápido possível. Aquele que compreende que as dificuldades da vida terrena são consequência de suas próprias imperfeições procura garantir para si uma nova existência menos dolorosa. Essa compreensão o afasta do caminho do mal muito mais eficazmente do que a ameaça do fogo eterno, na qual ele sequer acredita.

196 — Sendo as tribulações da vida corporal necessárias ao progresso, pode-se dizer que a vida material é um meio de purificação?

— *Sim, exatamente. O Espírito se aperfeiçoa nessas provas, evitando o mal e praticando o bem. Somente após muitas encarnações sucessivas ele atinge o objetivo para o qual tende.*

— É o corpo que influi sobre o Espírito ou o Espírito que influi sobre o corpo?

— *O Espírito é tudo; o corpo é apenas uma veste que se desgasta.*

O vinho oferece uma boa analogia: o álcool puro precisa passar por várias destilações para se livrar das impurezas. O corpo é como o alambique onde a alma entra para se purificar. O perispírito também se depura à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

Sorte das crianças após a morte

197 — O Espírito de uma criança que morreu cedo pode ser tão adiantado quanto o de um adulto?

— *Muitas vezes, pode ser ainda mais adiantado, pois pode já ter vivido mais e adquirido maior experiência.*

— Pode o Espírito de uma criança ser mais evoluído que o de seus pais?

— *Isso acontece com frequência. Vocês não veem isso diariamente na Terra?*

198 — O Espírito de uma criança que morreu cedo, não tendo praticado o mal, pertence a categorias superiores?

— *Se não fez o mal, também não fez o bem. Deus não o isenta das provas necessárias. Se for puro, não será por ter habitado o corpo de uma criança, mas porque já havia progredido.*

199 — Por que a vida muitas vezes se interrompe na infância?

— *Porque a curta duração dessa vida pode completar uma existência anterior interrompida antes do tempo. Muitas vezes, a morte da criança é prova ou expiação para os pais.*

— O que acontece com o Espírito de uma criança que morre cedo?

— *Recomeça outra existência.*

Se uma única existência decidisse o destino eterno, metade da humanidade — a que morre na infância — desfrutaria da felicidade sem mérito, enquanto a outra metade enfrenta-

ria duras provas. Isso não seria justo.

A reencarnação estabelece igualdade para todos. Cada um é responsável por seus próprios atos. As diferenças morais observadas nas crianças — algumas revelando inclinações negativas desde cedo — não podem ser explicadas apenas pela educação. Elas resultam do grau de progresso do Espírito, que traz consigo tendências de vidas anteriores.

Assim, a justiça divina se aplica de forma igual a todos, e cada um colhe exatamente aquilo que semeou.

Sexo nos Espíritos

200 — Os Espíritos têm sexo?

— *Não no sentido em que vocês entendem, pois o sexo depende do organismo. Entre os Espíritos há amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos.*

201 — Em nova existência, o Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher, e vice-versa?

— *Sim. São os mesmos Espíritos que animam homens e mulheres.*

202 — Quando está no estado errante, o Espírito prefere encarnar como homem ou como mulher?

— *Isso pouco lhe importa. O que orienta essa escolha são as provas que ele precisa enfrentar.*

Os Espíritos encarnam ora como homens, ora como mulheres, porque não possuem sexo. Como precisam progredir

em todos os aspectos, cada sexo — assim como cada posição social — oferece provas, deveres e experiências específicas. Quem encarnasse apenas como homem conheceria apenas a experiência masculina.

Parentesco e filiação

203 — Os pais transmitem aos filhos uma parte de suas almas ou apenas a vida animal, à qual outra alma vem se unir?

— *Transmitem apenas a vida animal, pois a alma é indivisível. Um pai intelectualmente limitado pode ter filhos inteligentes, e o contrário também ocorre.*

204 — Considerando que tivemos muitas existências, nossos laços de parentesco vão além desta vida atual?

— *Necessariamente. A sucessão das existências corporais cria entre os Espíritos vínculos que remontam a vidas anteriores. Daí surgirem, muitas vezes, simpatias espontâneas entre vocês e Espíritos que lhes parecem estranhos.*

205 — Algumas pessoas consideram que a reencarnação destrói os laços de família, ao torná-los anteriores à vida atual.

— *Ela os amplia, não os destrói. Ao basear o parentesco em afeições anteriores, torna os laços familiares menos frágeis. Essa doutrina amplia os deveres da fraternidade, pois no vizinho ou no servidor pode estar um Espírito que já esteve ligado a você por laços de sangue em outra existência.*

— Isso não diminui a importância atribuída à genealogia?

— Sim, pois essa importância geralmente se apoia no orgulho. Muitos se envergonhariam de descender de um antepassado humilde e, ao mesmo tempo, se orgulhariam de descender de um nobre devasso. Mas, gostem ou não, as leis da natureza não se moldam à vaidade humana.

206 — O fato de não haver filiação espiritual direta invalida o respeito aos antepassados?

— De forma alguma. É motivo de satisfação pertencer a uma família onde encarnaram Espíritos elevados. Embora os Espíritos não procedam uns dos outros, eles sentem afeição pelos laços familiares, pois frequentemente são atraídos por simpatias e vínculos anteriores. Contudo, os Espíritos dos antepassados não se honram com homenagens motivadas pelo orgulho, mas sim pelos esforços dos descendentes em seguir seus bons exemplos.

Semelhanças físicas e morais

207 — Os pais transmitem aos filhos apenas a semelhança física ou também a moral?

— Apenas a física, pois as almas são diferentes. O corpo deriva do corpo; o Espírito não procede do Espírito.

— De onde vêm, então, as semelhanças morais entre pais e filhos?

— Da afinidade entre Espíritos, que se atraem pela semelhança de inclinações.

208 — Os Espíritos dos pais exercem influência sobre os filhos após o nascimento?

— *Exercem grande influência. Os Espíritos devem contribuir para o progresso uns dos outros. Os pais têm a missão de desenvolver moralmente seus filhos por meio da educação. Essa é uma responsabilidade. Falhar nela é uma falta.*

209 — Por que pais bons e virtuosos às vezes têm filhos de natureza perversa?

— *Um Espírito imperfeito pode pedir para nascer em uma família virtuosa, esperando beneficiar-se de seus conselhos. Muitas vezes, Deus concede esse pedido.*

210 — Os pais, por pensamentos e preces, podem atrair um Espírito melhor para o corpo do filho?

— *Não podem escolher o Espírito, mas podem ajudá-lo a melhorar. Esse é o dever deles. Filhos difíceis são provas para os pais.*

211 — De onde vem a semelhança de caráter entre irmãos, especialmente gêmeos?

— *São Espíritos simpáticos que se atraem pela afinidade de sentimentos.*

212 — Nos gêmeos unidos fisicamente, há duas almas?

— *Sim. São dois Espíritos distintos, embora muito semelhantes, o que pode dar a impressão de uma única alma.*

213 — Se os Espíritos dos gêmeos encarnam por simpatia, como explicar a aversão que às vezes existe entre eles?

— *Nem sempre são simpáticos. Espíritos imperfeitos também podem encarnar juntos para se confrontarem e aprenderem.*

214 — O que pensar das histórias de crianças que lutam no ventre materno?

— *São alegorias, usadas para representar ódios antigos e profundos, figurando-os como existentes antes do nascimento.*

215 — De onde vem o caráter particular de cada povo?

— *Os Espíritos também se agrupam por afinidade, formando grandes famílias espirituais. Um povo é o resultado da reunião de Espíritos com inclinações semelhantes. Daí surgem os traços comuns que caracterizam cada coletividade.*

216 — O Espírito conserva, em novas existências, traços morais das anteriores?

— *Pode conservar, mas ao melhorar, muda. A posição social pode ser diferente, o que dificulta reconhecê-lo. O Espírito é o mesmo, mas suas manifestações variam conforme as circunstâncias e o progresso alcançado.*

217 — O Espírito conserva traços físicos de existências anteriores?

— *O corpo atual não tem relação direta com o anterior. No entanto, o Espírito se reflete no corpo, moldando-lhe certos traços, especialmente no rosto. Por isso se diz que os olhos são o espelho da alma.*

Não se deve concluir, a partir de semelhanças físicas for-

tuitas, que se trata do mesmo Espírito em existências sucessivas. Contudo, as qualidades morais frequentemente imprimem um caráter especial ao conjunto da aparência e dos modos, tornando reconhecível a elevação ou a inferioridade espiritual.

Ideias inatas

218 — Quando encarnado, o Espírito conserva algum vestígio das percepções e dos conhecimentos adquiridos em existências anteriores?

— *Conserva uma lembrança vaga, que dá origem ao que se chamam ideias inatas.*

— Então a teoria das ideias inatas não é uma fantasia?

— *Não. Os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem. Liberto da matéria, o Espírito sempre os conserva. Durante a encarnação, ele os esquece em parte e de forma temporária, mas a intuição que permanece o auxilia em seu progresso. Se não fosse assim, teria de recomeçar sempre do zero. Em cada nova existência, o ponto de partida do Espírito é aquele em que ele parou na existência anterior.*

— Deve haver, então, uma grande ligação entre duas existências consecutivas?

— *Nem sempre tão grande quanto possas imaginar, pois as condições do Espírito podem ser muito diferentes de uma existência para outra, e no intervalo entre ambas ele pode ter progredido bastante (216).*

219 — Qual é a origem das faculdades extraordinárias de pessoas que, sem estudo prévio, parecem ter intuição de certos conhecimentos, como línguas, cálculo e outros?

— *Lembranças do passado; progresso anterior do Espírito, do qual ele não tem consciência. De onde achas que viriam tais conhecimentos? O corpo muda, mas o Espírito permanece o mesmo, ainda que troque de envoltório.*

220 — Ao mudar de corpo, o Espírito pode perder algumas faculdades intelectuais, como, por exemplo, o gosto pelas artes?

— *Sim, se tiver deturpado sua inteligência ou a utilizado de forma inadequada. Além disso, uma faculdade pode permanecer adormecida durante uma existência, quando o Espírito decide exercitar outra que não tem relação com ela. Nesse caso, fica em estado latente para reaparecer mais tarde.*

221 — O sentimento instintivo que o ser humano possui da existência de Deus e o pressentimento da vida futura, mesmo em estado primitivo, devem-se a uma lembrança do passado?

— *Sim. Trata-se de uma lembrança do que ele sabia como Espírito antes de encarnar. Porém, o orgulho frequentemente abafa esse sentimento.*

— As crenças relacionadas à doutrina espírita, encontradas em todos os povos, também se devem a essa mesma lembrança?

— *Sim. Essa doutrina é tão antiga quanto o mundo. É por isso que ela se encontra em toda parte, o que constitui prova de sua verdade. Conservando a intuição de seu estado espiritual, o Es-*

pírito encarnado mantém uma consciência instintiva do mundo invisível. No entanto, os preconceitos muitas vezes distorcem essa percepção, e a ignorância lhe mistura a superstição.

Capítulo 5 - Sobre a pluralidade das existências

222

Alguns dizem que a reencarnação não é uma ideia nova, mas apenas a retomada da doutrina de Pitágoras. Nunca afirmamos que o Espiritismo seja uma invenção moderna. Sendo uma lei da natureza, ele deve existir desde a origem dos tempos, e sempre buscamos demonstrar que seus vestígios estão presentes nas épocas mais remotas da humanidade. Pitágoras, como se sabe, não foi o criador da metempsicose; ele a recebeu dos filósofos indianos e egípcios, que a conheciam desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das almas era, portanto, uma crença amplamente difundida e aceita por homens de grande valor intelectual. Como essa ideia surgiu? Por revelação ou por intuição? Não sabemos. Seja como for, é certo que uma ideia não atravessa séculos nem se impõe a inteligências notáveis se não contiver algo de profundamente verdadeiro. Assim, a antiguidade dessa doutrina, longe de ser uma objeção, é um argumento a seu favor.

Há, contudo, uma diferença essencial entre a metempsicose dos antigos e a doutrina moderna da reencarnação: os Espíritos rejeitam de forma absoluta a transmigração da alma humana para corpos de animais e vice-versa.

Ao ensinarem a pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que remonta às primeiras idades do mundo e que permaneceu viva no íntimo de muitas pessoas até os nossos dias. Eles apenas a apresentam sob um ponto de vista mais racional, mais coerente com as leis progressivas da natureza e mais harmonioso com a sabedoria do Criador, libertando-a dos elementos supersticiosos que a cercavam. É digno de nota que esse ensinamento não surgiu apenas neste livro: antes mesmo de sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza já haviam sido recebidas em diversos países, multiplicando-se depois de forma considerável.

Talvez fosse oportuno examinar por que os Espíritos nem sempre parecem concordar plenamente sobre esse tema, mas voltaremos a esse ponto mais adiante.

Analisemos agora a questão sob outro ângulo. Coloquemos de lado, por um momento, qualquer intervenção dos Espíritos. Suponhamos que essa teoria nada tenha a ver com eles e que jamais se tenha falado em Espíritos. Coloquemo-nos em um terreno neutro, atribuindo igual probabilidade às duas hipóteses — a pluralidade ou a unicidade das existências corporais — e vejamos para qual delas a razão e nosso próprio interesse nos conduzem.

Algumas pessoas rejeitam a ideia da reencarnação simplesmente porque ela não lhes agrada. Dizem que uma única existência já lhes parece excessiva e que não desejariam recomençar outra semelhante. Há quem se irrite só de imaginar que possa voltar à Terra. Perguntaremos apenas se acreditam que Deus lhes pediu opinião ou consultou seus gostos para organizar o universo. Há apenas duas possibilidades:

ou a reencarnação existe, ou não existe. Se existe, pouco importa que desagrade; ela ocorrerá independentemente da nossa vontade. Reagir contra isso é tão inútil quanto a atitude de uma criança que não quer ir à escola ou de um condenado que se recusa a ir para a prisão. Passarão, ainda assim, pelo que tiver de acontecer.

Essas objeções são frágeis demais para merecer exame mais profundo. Diremos apenas a quem as faz que se tranquilize: a doutrina espírita sobre a reencarnação não é tão terrível quanto parece à primeira vista. Se fosse estudada com atenção, causaria menos temor. Compreender-se-ia que as condições de uma nova existência dependem do que cada um faz agora, e que é possível, desde já, elevar-se a tal ponto que não haja mais receio de recaídas dolorosas.

Falamos aqui com pessoas que acreditam em um futuro após a morte, e não com aquelas que veem no fim da vida apenas o nada ou a dissolução da alma em um todo indistinto, onde a individualidade se perde — o que, na prática, equivale quase à mesma coisa. Se acreditais em um futuro, certamente não admitis que ele seja igual para todos, pois, se assim fosse, qual seria o sentido do bem? Por que alguém se esforçaria em dominar suas paixões ou respeitar os outros, se isso não o tornasse melhor nem pior no destino final?

Reconheceis, ao contrário, que esse futuro será mais ou menos feliz conforme a conduta de cada um. Desejais, portanto, que ele seja o melhor possível, já que será eterno. Mas acreditais sinceramente serdes os seres mais perfeitos que já existiram, com direito imediato à felicidade suprema? Evidentemente, não. Admitis que outros são

mais adiantados e merecem uma condição melhor, sem que isso vos transforme em condenados sem esperança.

Colocai-vos, então, por um instante, nessa posição intermediária e imaginai que alguém vos diga: “Sofreis porque ainda não sois tão felizes quanto poderíeis ser. À vossa frente estão seres que desfrutam de plena felicidade. Que-reis mudar de lugar com eles?” Certamente responderíeis que sim. “O que é preciso fazer?” — “Quase nada: refazer o trabalho mal executado e fazê-lo melhor.” Hesitaríeis em aceitar, mesmo que isso exigisse várias existências de esforço e provação?

Façamos uma comparação simples. Um homem, sem estar na miséria absoluta, sofre privações por falta de recursos. Alguém lhe diz: “Aqui está uma imensa riqueza à qual podes ter acesso; para isso, basta trabalhar intensamente por um minuto.” Haveria alguém que recusasse? Trabalharia um minuto, uma hora ou um dia, se necessário. Que importa esse esforço, se ele garante uma vida inteira de abundância? Ora, o que é a duração de uma vida corporal em comparação com a eternidade? Menos que um segundo.

Alguns argumentam que Deus, sendo infinitamente bom, não poderia impor ao ser humano o retorno a uma série de sofrimentos e tribulações. Perguntamos: haveria mais bondade em condenar alguém a sofrer eternamente por alguns erros cometidos em poucos anos do que em oferecer meios de reparação?

Imaginemos dois empregadores e dois trabalhadores, ambos com chance de se tornarem sócios. Certo dia, os dois trabalhadores executam mal suas tarefas. Um dos patrões,

apesar dos pedidos, demite o empregado, que acaba na miséria. O outro diz: “Erraste um dia; deves repará-lo. Refaz o trabalho e, se o fizeres bem, mantereí minha promessa.” Qual dos dois foi mais humano? Poderíamos admitir que Deus fosse menos justo e menos misericordioso do que um homem?

Há algo de profundamente angustiante na ideia de que nosso destino seja decidido para sempre por alguns anos de provas, muitas vezes vividas sem condições reais de atingir a perfeição. Em contraste, a ideia de novas oportunidades é profundamente consoladora. Assim, sem tomar partido prévio, podemos afirmar que, se fosse dada aos seres humanos a escolha, ninguém desejaria um julgamento sem apelação.

Um filósofo disse que, se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo para a felicidade da humanidade. O mesmo poderia ser dito da pluralidade das existências. Mas, como já dissemos, Deus não nos pede permissão: a reencarnação existe ou não existe. Examinemos, então, o que a razão indica.

Se não há reencarnação, há apenas uma existência corporal. Nesse caso, a alma ou nasce com o corpo, ou já existia antes dele. Se não existia, surge então a pergunta: de onde vêm as enormes diferenças de aptidões entre os seres humanos? Se existia, em que estado se encontrava? Era consciente ou não? Progredia ou permanecia estagnada?

Se admitirmos que a alma nasce com o corpo e é criada igual para todos, como explicar:

1. As aptidões tão diversas, independentes da educação

recebida? 2. O talento extraordinário de algumas crianças, enquanto outras permanecem medíocres por toda a vida? 3. As ideias inatas ou intuitivas presentes em alguns e ausentes em outros? 4. As inclinações precoces para virtudes ou vícios, em contraste com o meio em que a criança nasceu? 5. O fato de alguns homens serem mais adiantados do que outros, independentemente da instrução? 6. A diferença entre povos considerados primitivos e civilizados?

Nenhuma filosofia explica satisfatoriamente esses fatos sem recorrer a hipóteses injustas ou ilógicas. Se as almas são criadas desiguais, Deus seria parcial. Se são criadas iguais, a desigualdade observada permanece sem explicação.

Admitamos, ao contrário, existências sucessivas. Tudo se esclarece. Cada ser nasce trazendo a intuição do que já aprendeu. Uns estão mais adiantados, outros menos, conforme o número e o aproveitamento de suas experiências anteriores. As existências sucessivas são para a alma o que os anos são para o corpo.

Assim, a pluralidade das existências explica de forma simples, lógica e justa o que, sem ela, permanece inexplicável. Ela é profundamente consoladora, perfeitamente compatível com a justiça divina e constitui para o ser humano uma verdadeira âncora de esperança.

As próprias palavras de Jesus confirmam esse princípio, quando afirma que é necessário “nascer de novo” para entrar no reino de Deus, como se lê no Evangelho segundo João, capítulo III.

Reconheçamos, portanto, que somente a doutrina da pluralidade das existências resolve de maneira coerente os grandes problemas morais e filosóficos da humanidade, em perfeita harmonia com a razão, a justiça e a misericórdia divinas.

Capítulo 6 - Vida espírita

Espíritos errantes

223 — A alma reencarna logo após se separar do corpo?

— Às vezes, sim; porém, em geral, isso ocorre apenas após intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Como a matéria corporal nesses mundos é menos densa, o Espírito, quando encarnado ali, desfruta quase plenamente de suas faculdades espirituais, encontrando-se em um estado semelhante ao dos sonâmbulos lúcidos entre vocês.

224 — O que é a alma durante o intervalo entre as encarnações?

— É um Espírito errante, que aspira a um novo destino e permanece em expectativa.

— Quanto tempo podem durar esses intervalos?

— Desde algumas horas até milhares de séculos. Em termos absolutos, não existe um limite máximo fixo para o estado de erraticidade. Ele pode prolongar-se por muito tempo, mas nunca é eterno. Mais cedo ou mais tarde, o Espírito precisará retornar a uma existência adequada para se purificar das imperfeições de suas vidas anteriores.

— Essa duração depende da vontade do Espírito ou pode

ser imposta como expiação?

— *É consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Para alguns, no entanto, esse estado constitui uma punição permitida por Deus. Outros pedem que ele se prolongue, a fim de continuar estudos que só podem ser realizados com proveito no estado de Espírito livre.*

225 — A erraticidade é, por si só, sinal de inferioridade espiritual?

— *Não, pois existem Espíritos errantes em todos os graus de evolução. A encarnação é um estado transitório; o estado normal do Espírito é o de liberdade em relação à matéria.*

226 — Pode-se dizer que todos os Espíritos não encarnados são errantes?

— *Sim, no caso daqueles que ainda precisam reencarnar. Não são errantes os Espíritos puros, que alcançaram a perfeição e se encontram em seu estado definitivo.*

Quanto às qualidades íntimas, os Espíritos pertencem a diferentes ordens ou graus, pelos quais passam sucessivamente à medida que se purificam. Quanto ao estado em que se encontram, podem ser:

- **Encarnados:** Quando ligados a um corpo material;

- **Errantes:** Quando estão sem corpo e aguardam nova encarnação para progredir;

- **Espíritos puros:** Quando atingiram a perfeição e não necessitam mais encarnar.

Entre os Espíritos não encarnados, há os que desempenham missões e se dedicam a atividades úteis, gozando de relativa felicidade. Outros permanecem em incerteza e instabilidade; são estes que constituem, propriamente, os Espíritos errantes, no sentido mais restrito do termo, frequentemente chamados de “almas a penar”. Os primeiros nem sempre se consideram errantes, pois distinguem sua condição da dos segundos.

227 — De que forma os Espíritos errantes se instruem? Certamente não como nós.

— *Eles estudam o próprio passado e buscam meios de se elevar. Observam o que acontece nos lugares por onde passam, ouvem os ensinamentos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados. Tudo isso desperta neles ideias que antes não possuíam.*

228 — Os Espíritos conservam algumas das paixões humanas?

— *Ao perder o corpo, os Espíritos elevados se libertam das paixões inferiores e conservam apenas o desejo do bem. Os Espíritos inferiores, porém, ainda as mantêm; caso contrário, já pertenceriam à primeira ordem.*

229 — Por que, ao deixarem a Terra, os Espíritos não abandonam imediatamente todas as más paixões, se reconhecem seus prejuízos?

— Observa neste mundo pessoas dominadas pela inveja ou pelo orgulho. Acreditas que, ao deixarem a Terra, perdem instantaneamente esses defeitos? Após a morte, sobretudo nos que cultivaram paixões intensas, permanece uma espécie de atmosfera que os envolve e conserva suas imperfeições, porque o Espírito ainda não se libertou totalmente da matéria. Apenas por momentos ele vislumbra a verdade, como se esta lhe fosse mostrada para indicar o caminho correto.

230 — O Espírito progride durante a erraticidade?

— Pode progredir muito, desde que tenha vontade e desejo sincero de fazê-lo. No entanto, é na vida corporal que ele coloca em prática as ideias novas que adquiriu.

231 — Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes?

— São mais ou menos felizes, conforme seus méritos. Sofrem em razão das paixões que ainda conservam ou são felizes de acordo com o grau de desmaterialização que já alcançaram. Na erraticidade, o Espírito percebe claramente o que ainda lhe falta para ser plenamente feliz e busca os meios de consegui-lo. Nem sempre, porém, lhe é permitido reencarnar segundo sua própria vontade, o que pode representar uma punição.

232 — Os Espíritos errantes podem ir a todos os mundos?

— Depende. O simples fato de ter deixado o corpo não significa que o Espírito esteja completamente desprendido da matéria. Ele geralmente permanece ligado ao mundo onde viveu por último

ou a outro de grau semelhante, a menos que, durante a vida, tenha se elevado moralmente, o que constitui o objetivo essencial de seus esforços. Caso contrário, não haveria progresso. Pode, no entanto, visitar alguns mundos superiores, mas apenas como observador, tendo deles uma visão parcial, o que desperta o desejo de se melhorar para um dia habitá-los.

233 — Os Espíritos já purificados visitam mundos inferiores?

— Frequentemente, com a finalidade de auxiliar seu progresso. Se assim não fosse, esses mundos ficariam abandonados, sem guias que os orientassem.

Mundos transitórios

234 — Existem, de fato, mundos que servem como estações ou pontos de repouso para os Espíritos errantes?

— Sim. Há mundos especialmente destinados a Espíritos errantes, que funcionam como habitações temporárias, verdadeiros campos de descanso após longos períodos de erraticidade, que é sempre um estado um tanto penoso. Esses mundos ocupam posições intermediárias entre outros, graduadas conforme a natureza dos Espíritos que podem acessá-los, oferecendo maior ou menor bem-estar.

— Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente?

— Sim. Eles podem partir quando precisam seguir para outros destinos. Imaginai bandos de aves que pousam em uma ilha para recuperar forças antes de continuar a viagem.

235 — Enquanto permanecem nesses mundos transitórios, os Espíritos continuam progredindo?

— *Certamente. Os que ali chegam o fazem com o objetivo de se instruir e obter mais facilmente permissão para alcançar mundos melhores e, enfim, a posição reservada aos Espíritos elevados.*

236 — Esses mundos permanecem para sempre destinados aos Espíritos errantes?

— *Não. Sua condição é apenas temporária.*

— Esses mundos são habitados por seres corpóreos?

— *Não. Sua superfície é estéril, e os que ali vivem não têm necessidades materiais.*

— Essa esterilidade é permanente?

— *Não. É transitória.*

— Esses mundos não possuem belezas naturais?

— *A natureza ali reflete as belezas da imensidão, tão admiráveis quanto aquelas que vocês chamam de belezas naturais.*

— A Terra já pertenceu a essa categoria de mundos?

— *Sim.*

— Em que época?

— *Durante sua formação.*

Nada é inútil na natureza; tudo tem um propósito. Não existe vazio: em toda parte há vida. Durante os longos períodos que precederam o aparecimento do ser humano na Terra, enquanto ela ainda era uma massa informe, caótica

e estéril para a vida material, não havia ausência de vida espiritual. Seres livres de nossas necessidades físicas ali encontravam abrigo. Deus quis que, mesmo imperfeita, a Terra tivesse uma função. Quem poderia afirmar que, entre os inúmeros mundos do universo, apenas um tivesse o privilégio exclusivo de ser habitado? Tal ideia seria incompatível com a sabedoria divina.

Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos

237 — Ao retornar ao mundo espiritual, a alma conserva as percepções da vida corporal?

— *Sim, e ainda adquire outras, pois o corpo funcionava como um véu que as obscurecia. A inteligência é atributo do Espírito e se manifesta com maior liberdade quando não há entraves materiais.*

238 — O conhecimento e as percepções dos Espíritos são ilimitados?

— *Quanto mais se aproximam da perfeição, mais sabem. Os Espíritos superiores possuem vasto conhecimento; os inferiores são mais ou menos ignorantes em muitos aspectos.*

239 — Os Espíritos conhecem o princípio de todas as coisas?

— *Isso depende do grau de elevação que alcançaram. Os inferiores não sabem mais do que os seres humanos.*

240 — Os Espíritos compreendem o tempo como nós?

— Não. É por isso que, muitas vezes, não nos compreendem quando falamos de datas ou épocas.

Os Espíritos vivem fora da noção de tempo tal como a conhecemos. Para eles, a duração quase deixa de existir. Séculos, para nós tão longos, lhes parecem instantes perdidos na eternidade.

241 — Os Espíritos têm uma noção mais justa do presente do que nós?

— Sim, assim como quem enxerga bem compreende melhor do que quem é cego. Eles veem o que vocês não veem e, por isso, julgam as coisas de forma diferente. Isso, porém, também depende do grau de elevação.

242 — Como os Espíritos conhecem o passado? Esse conhecimento é ilimitado?

— Quando se ocupam do passado, ele se apresenta como o presente, assim como ocorre com vocês ao recordar algo marcante. Sem o véu material, a memória espiritual é mais ampla. Ainda assim, os Espíritos não sabem tudo, a começar pela própria origem.

243 — E quanto ao futuro, os Espíritos o conhecem?

— Depende de sua elevação. Muitas vezes apenas o pressentem, e nem sempre podem revelá-lo. Quando o percebem, ele lhes parece presente. Quanto mais próximos de Deus, mais claramente o veem. Após a morte, a alma percebe suas existências passadas, mas o futuro permanece velado, salvo àqueles que já se integraram profundamente às leis divinas.

— Os Espíritos puros conhecem completamente o futuro?

— Não completamente, pois apenas Deus possui esse conhecimento absoluto.

244 — Os Espíritos veem a Deus?

— Apenas os Espíritos superiores o veem e compreendem. Os inferiores o sentem e intuem sua existência.

— Quando um Espírito inferior afirma que Deus lhe permite ou proíbe algo, como sabe disso?

— Ele não vê Deus, mas percebe sua soberania por intuição, como um aviso interior. Algo semelhante ocorre com vocês quando sentem um pressentimento.

— Deus se comunica diretamente com os Espíritos?

— Não diretamente. Para se comunicar com Deus, é necessário ser digno disso. As ordens divinas chegam por intermédio de Espíritos superiores.

245 — A visão dos Espíritos é limitada como a dos seres humanos?

— Não. A visão reside no próprio Espírito.

246 — Os Espíritos precisam de luz para enxergar?

— Não. Eles veem por si mesmos; para eles não há trevas, exceto aquelas impostas como expiação.

247 — Para ver em dois lugares diferentes, o Espírito precisa se deslocar?

— *O Espírito se desloca com a rapidez do pensamento. Pode-se dizer que vê em toda parte ao mesmo tempo, embora essa faculdade dependa de sua pureza.*

248 — O Espírito vê as coisas com a mesma nitidez que nós?

— *Vê com muito mais clareza, pois nada lhe obscurece a percepção.*

249 — Os Espíritos percebem sons?

— *Sim, inclusive sons imperceptíveis aos sentidos humanos.*

— A audição, assim como a visão, reside em todo o Espírito?

— *Sim. Todas as percepções são atributos do Espírito. Quando encarnado, elas se manifestam por meio dos órgãos; quando livre, não estão localizadas.*

250 — Os Espíritos podem se esquivar das percepções?

— *Em geral, o Espírito vê e ouve o que deseja. Contudo, os Espíritos imperfeitos muitas vezes percebem coisas contra a própria vontade, quando isso lhes é útil ao progresso.*

251 — Os Espíritos são sensíveis à música?

— *A música de vocês é insignificante comparada à harmonia espiritual. Ainda assim, Espíritos menos elevados podem sentir prazer com a música terrestre. A música espiritual é de uma beleza que a imaginação humana não consegue conceber.*

252 — Os Espíritos apreciam as belezas naturais?

— *Sim, conforme sua capacidade de compreendê-las. Nos Espíritos elevados, as belezas gerais superam as particularidades.*

253 — Os Espíritos sentem nossas necessidades e sofrimentos físicos?

— *Eles os conhecem, pois já os experimentaram, mas não os sentem materialmente.*

254 — Os Espíritos sentem fadiga ou necessidade de repouso?

— *Não como vocês. Eles não se cansam fisicamente, pois não possuem órgãos. O repouso do Espírito é a diminuição da atividade mental, não a inatividade absoluta.*

255 — Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é esse sofrimento?

— *Sufrimentos morais, mais dolorosos do que os físicos.*

256 — Por que alguns Espíritos afirmam sentir frio ou calor?

— *São reminiscências da vida corporal. Muitas vezes, trata-se apenas de uma forma simbólica de expressar seu estado moral.*

Ensaio teórico da sensação dos Espíritos

257

O corpo é o instrumento da dor. Se não é sua causa primeira, é ao menos sua causa imediata. A alma percebe a dor: essa percepção é o efeito. A lembrança da dor pode ser muito penosa, mas não produz ação física. De fato, nem o frio nem o calor podem desorganizar a alma, que não pode congelar nem queimar. Não vemos todos os dias a lembrança ou o medo de um mal físico produzirem efeitos reais, chegando às vezes à morte? É sabido que pessoas amputadas sentem dor em membros que já não existem. Evidentemente, a dor não está no membro, mas na impressão conservada no cérebro. É razoável, portanto, admitir que algo semelhante ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte.

O estudo do perispírito — que desempenha papel fundamental em todos os fenômenos espíritas, nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado do Espírito no momento da morte, na ideia frequente de ainda estar vivo, nas situações comoventes dos suicidas, dos executados e daqueles que se entregaram excessivamente aos prazeres materiais — lançou luz sobre essa questão e permitiu as explicações que seguem.

O perispírito é o elo que une o Espírito ao corpo. Ele é formado a partir do meio ambiente, do fluido universal. Participa, ao mesmo tempo, da eletricidade, do magnetismo e, em certo grau, da matéria inerte. Pode-se dizer que é a

quintessência da matéria. Ele é o princípio da vida orgânica, mas não da vida intelectual, que pertence ao Espírito. É também o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos funcionam como condutores e localizam essas sensações. Destruído o corpo, as sensações tornam-se gerais. Por isso, o Espírito não diz que sofre mais na cabeça do que nos pés.

Não se deve confundir as sensações do perispírito, agora independente, com as sensações do corpo. Estas só podem ser tomadas como termo de comparação, não como equivalentes. Libertos do corpo, os Espíritos podem sofrer, mas esse sofrimento não é físico, embora também não seja apenas moral, como o remorso, pois eles relatam sensações de frio e calor. No entanto, não sofrem mais no inverno do que no verão, nem sentem dor ao atravessar chamas. A dor que experimentam não é propriamente física: trata-se de uma sensação íntima, difusa, que o próprio Espírito muitas vezes não compreende bem, porque não é localizada nem causada por agentes externos. É, na maioria das vezes, uma reminiscência, ainda que muito penosa. Em certos casos, porém, há algo mais, como veremos.

A experiência mostra que, no momento da morte, o perispírito se desprende do corpo de forma mais ou menos lenta. Nos primeiros instantes após a desencarnação, o Espírito não compreende plenamente sua situação. Ele acredita não estar morto, pois se sente vivo; vê o corpo ao seu lado, reconhece-o como seu, mas não entende que está separado dele. Esse estado persiste enquanto houver algum vínculo entre o corpo e o perispírito.

Certa vez, um suicida afirmou: — *Não, não estou morto.* E

acrescentou: — *No entanto, sinto os vermes me roendo.*

Evidentemente, os vermes não roíam o perispírito nem o Espírito, mas apenas o corpo. Contudo, como a separação ainda não era completa, produzia-se uma espécie de repercussão moral, transmitindo ao Espírito a impressão do que ocorria no corpo. Não se trata exatamente de uma repercussão material, mas da percepção do que acontecia ao corpo, ao qual o perispírito ainda estava ligado, gerando uma ilusão tomada como realidade. Nesse caso, não era uma lembrança, pois o Espírito não havia passado por isso em vida; era a sensação de um fato presente.

Durante a vida, o corpo recebe impressões externas e as transmite ao Espírito por meio do perispírito, que pode ser comparado ao fluido nervoso. Após a morte, o corpo já não sente nada, pois não há mais Espírito nem perispírito ligados a ele. O perispírito, separado do corpo, experimenta a sensação, mas como já não há um conduto localizado, ela se torna geral. Sendo o perispírito apenas o agente de transmissão, e estando a consciência no Espírito, conclui-se que, se houvesse perispírito sem Espírito, não haveria sensação alguma, assim como ocorre com um corpo morto. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a qualquer sensação dolorosa. É isso que acontece com os Espíritos completamente purificados.

À medida que o Espírito se purifica, o perispírito se torna mais etéreo, e a influência da matéria diminui. Quanto mais o Espírito progride, menos grosseiro se torna seu envoltório e menos intensas são as sensações dolorosas.

Pode-se objetar que, se o perispírito transmite tanto sensações agradáveis quanto desagradáveis, o Espírito puro deveria ser insensível a ambas. Isso é verdadeiro no que diz respeito às impressões provenientes da matéria que conhecemos. Os sons dos nossos instrumentos e os perfumes das nossas flores não lhe causam impressão. No entanto, ele experimenta sensações íntimas de uma harmonia e beleza indescritíveis, das quais não podemos formar ideia, assim como um cego de nascença não pode conceber a luz.

Sabemos que o Espírito percebe, sente, vê e ouve, e que essas faculdades são atributos do ser inteiro, e não de partes específicas, como no corpo humano. O modo como essas percepções ocorrem nos escapa, pois nossa linguagem não dispõe de meios para expressar ideias que não possuímos.

O perispírito, retirado do meio ambiente, varia conforme a natureza dos mundos. Ao passar de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, assim como mudamos de roupa ao passar do frio ao calor. Quando Espíritos elevados vêm visitar a Terra, revestem-se do perispírito terrestre e, então, suas percepções se manifestam como as dos Espíritos comuns deste mundo. Todos os Espíritos, porém, só percebem aquilo que desejam perceber, exceto os conselhos dos Espíritos bons, que são obrigados a ouvir.

A visão do Espírito é sempre ativa, embora ele possa tornar-se invisível a outros Espíritos, conforme sua categoria. Nos primeiros instantes após a morte, a visão espiritual é confusa e vai se esclarecendo à medida que o desprendimento se completa. A extensão dessa visão — no espaço, no passado e no futuro — depende do grau de elevação do Espírito.

Pode parecer inquietante saber que o Espírito ainda possa sofrer após a morte. Contudo, também é possível deixar de sofrer, inclusive desde o instante em que termina a vida corporal. Muitos sofrimentos da vida física são consequência direta das paixões humanas. Quem vive com sobriedade, moderação e desapego evita inúmeras tribulações. O mesmo ocorre com o Espírito: seus sofrimentos guardam relação direta com a maneira como viveu.

Quanto mais o Espírito se liberta da influência da matéria ainda durante a vida, menos sofrerá após a morte. Está em suas mãos realizar esse desprendimento: dominar paixões, evitar o ódio, a inveja, o orgulho e o egoísmo; cultivar sentimentos elevados; praticar o bem e relativizar a importância das coisas materiais. Assim, mesmo encarnado, já estará parcialmente livre da matéria, e, ao deixá-la, não sofrerá sua influência.

O estudo de inúmeros Espíritos, de todas as classes e condições, mostrou sempre que seus sofrimentos após a morte correspondiam à conduta que tiveram na vida. A outra vida é fonte de felicidade profunda para os que seguiram o bem. Logo, se alguém sofre, isso acontece como consequência de suas próprias escolhas. Ninguém deve queixar-se senão de si mesmo, neste mundo ou no outro.

Escolha de provas

258 — Quando está no estado espiritual, antes de iniciar uma nova existência corporal, o Espírito tem consciência e previsão do que lhe acontecerá durante a vida na Terra?

— *Sim. Ele próprio escolhe o tipo de provas pelas quais irá passar. É nisso que consiste o seu livre-arbítrio.*

— Então não é Deus quem impõe as dificuldades da vida como castigo?

— *Nada acontece sem a permissão de Deus, pois foi Ele quem estabeleceu todas as leis que regem o universo. Perguntar por que Ele criou esta lei e não outra seria questionar a própria sabedoria divina. Ao conceder ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe dá total responsabilidade por seus atos e pelas consequências deles. Nada bloqueia o seu futuro: tanto o caminho do bem quanto o do mal estão abertos.*

Se o Espírito vier a cair, permanece a consolação de que nem tudo está perdido e de que a bondade divina lhe concede a oportunidade de refazer o que foi mal conduzido. É importante distinguir o que resulta da vontade de Deus do que resulta da vontade humana. Se um perigo surge, não foste tu quem o criou, mas Deus. No entanto, foi tua a decisão de te expor a ele, por enxergá-lo como meio de progresso, e Deus o permitiu.

259 — O fato de o Espírito escolher o tipo de provas que sofrerá significa que todas as dificuldades da vida foram previstas e escolhidas por ele?

— *Não todas. O Espírito não escolhe nem prevê cada detalhe da vida, até as menores circunstâncias. Ele escolhe apenas o gênero*

das provas. Os detalhes decorrem da posição em que se encontra e, muitas vezes, de suas próprias ações.

Ao escolher, por exemplo, nascer em um meio violento, o Espírito sabe que estará exposto a determinadas influências, mas não sabe exatamente quais atos praticará. Esses atos dependem do exercício do livre-arbítrio. Ele conhece a natureza geral das lutas que enfrentará, mas não os acontecimentos específicos. Os fatos principais, aqueles que influenciam o destino, são previstos; os secundários resultam das circunstâncias.

Se escolhes uma estrada cheia de buracos, sabes que precisarás andar com cuidado, pois há risco de cair, mas não sabes em que ponto isso pode acontecer, e talvez nem caias, se fores prudente. Da mesma forma, se uma telha cai sobre alguém ao atravessar uma rua, não penses que isso estava previamente escrito, como se costuma dizer.

260 — Como pode um Espírito desejar nascer em meio a pessoas de conduta moralmente má?

— Porque é necessário estar em um ambiente adequado à prova escolhida. Para combater uma inclinação ao roubo, por exemplo, é preciso estar em contato com pessoas que roubam.

— Então, se não houvesse pessoas de maus costumes na Terra, não existiriam meios para certas provas?

— E isso seria algo lamentável? É o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não existe. Por isso, nesses mundos só há Espíritos bons. Façam com que o mesmo aconteça na Terra o quanto antes.

261 — Para alcançar a perfeição, o Espírito precisa passar por todo tipo de tentação?

— Não. Há Espíritos que, desde cedo, seguem um caminho que os dispensa de muitas provas. No entanto, aquele que se deixa arrastar pelo mal acaba enfrentando diversos perigos.

Um Espírito pode, por exemplo, pedir a prova da riqueza e obtê-la. A partir disso, conforme seu caráter, pode tornar-se avarento ou generoso, egoísta ou desprendido, ou ainda se entregar aos excessos. Isso não significa, porém, que ele tenha de passar obrigatoriamente por todas essas inclinações.

262 — Como um Espírito, inicialmente simples, ignorante e sem experiência, pode escolher uma existência com discernimento e ser responsável por essa escolha?

— Deus supre sua inexperiência, indicando-lhe o caminho, como fazem os pais com uma criança. Aos poucos, à medida que o livre-arbítrio se desenvolve, Ele o deixa escolher por si mesmo. É então que, muitas vezes, o Espírito se perde ao ignorar os conselhos dos Espíritos bons. É isso que se pode chamar de queda.

— Quando o Espírito já possui livre-arbítrio, a escolha da existência depende sempre apenas de sua vontade ou pode ser imposta por Deus como expiação?

— Deus sabe esperar e não força a expiação. No entanto, pode impor uma existência quando o Espírito, por inferioridade ou resistência, não compreende o que lhe seria mais útil, e quando essa experiência contribuir para sua purificação, progresso e reparação.

263 — O Espírito faz essa escolha logo após a morte?

— Não. Muitos permanecem por algum tempo presos à crença em penas eternas, o que, como já foi dito, constitui um castigo.

264 — O que orienta o Espírito na escolha das provas que deseja enfrentar?

— Ele escolhe de acordo com a natureza de suas faltas e com aquilo que pode levá-lo à reparação e ao progresso mais rápido. Alguns se impõem vidas de privações e dificuldades para enfrentá-las com coragem; outros preferem a prova da riqueza e do poder, mais perigosa pelos abusos e paixões que pode despertar; outros, ainda, escolhem enfrentar o vício para testar suas forças morais.

265 — Existem Espíritos que buscam o contato com o vício não como prova, mas por afinidade e desejo de satisfazer paixões materiais?

— Sim, mas apenas entre Espíritos cujo senso moral ainda é pouco desenvolvido. Nesse caso, a prova surge naturalmente, e eles a enfrentam por mais tempo. Mais cedo ou mais tarde, compreendem que a satisfação dessas paixões traz consequências dolorosas, que podem parecer intermináveis. Deus os deixa nessa condição até que reconheçam o erro e, por vontade própria, peçam meios de reparação por meio de provas úteis.

266 — Não é natural que se escolham provas menos dolorosas?

— Isso parece natural do ponto de vista humano, mas não do Espírito. Quando se liberta da matéria, toda ilusão desaparece e sua forma de pensar muda.

Na Terra, o ser humano vê apenas o lado penoso das provas. Por isso acha natural escolher aquelas que ainda permitam prazeres materiais. No estado espiritual, porém, o Espírito compara esses prazeres passageiros com a felicidade duradoura que passa a vislumbrar, e os sofrimentos temporários já não o impressionam.

Assim, pode escolher provas duras e uma existência difícil, esperando alcançar mais rapidamente um estado melhor, como o doente que aceita um remédio amargo para se curar logo. Quem busca descobrir uma região desconhecida não escolhe caminhos fáceis; conhece os perigos, mas também sabe da recompensa.

Quando se compreende que os Espíritos, livres da matéria, avaliam a vida de modo diferente, a escolha de provas difíceis deixa de parecer estranha. Após cada existência, o Espírito vê o quanto avançou e o quanto ainda precisa progredir. Por isso, aceita voluntariamente as dificuldades que podem levá-lo mais rápido à meta.

A vida humana reflete, em pequena escala, a vida espiritual. Assim como na Terra escolhemos esforços e sacrifícios para alcançar posições melhores, o Espírito, que vê mais longe e sabe que a vida corporal é breve, pode escolher uma existência árdua se isso o conduzir à felicidade duradoura.

267 — O Espírito pode escolher suas provas enquanto ainda está encarnado?

— *Os desejos que manifesta podem influenciar escolhas futuras, conforme a intenção que os anima. No entanto, como Espírito livre, ele frequentemente vê as coisas de modo diferente. Ainda*

assim, há momentos na vida material em que o Espírito se desprende da matéria e pode orientar essas escolhas.

— Certamente não é como prova ou expiação que muitos desejam riquezas e poder, não é?

— Não. Nesses casos, é a matéria que deseja desfrutar dessas condições, enquanto o Espírito busca compreender suas consequências.

268 — Até alcançar a perfeição, o Espírito precisa passar constantemente por provas?

— Sim, mas não da forma como vocês entendem. O que chamam de provas são, em geral, sofrimentos materiais. Quando o Espírito se eleva, deixa de sofrer dessa maneira, embora continue sujeito a deveres que contribuem para seu aperfeiçoamento, como ajudar outros a progredir.

269 — O Espírito pode enganar-se quanto à eficácia da prova que escolheu?

— Sim. Pode escolher uma prova acima de suas forças e fracassar, ou uma que nada lhe traga de útil, como uma vida ociosa. Ao retornar ao mundo espiritual, percebe que não avançou e pede nova oportunidade para recuperar o tempo perdido.

270 — A que se devem as vocações e a inclinação de certas pessoas para determinadas carreiras?

— Isso decorre da escolha das provas e do progresso realizado em existências anteriores.

271 — Ao estudar, no estado espiritual, as condições de progresso, como o Espírito imagina alcançá-lo ao nascer, por exemplo, entre povos considerados selvagens?

— *Espíritos adiantados não nascem entre povos extremamente atrasados. Aqueles que ali encarnam possuem natureza semelhante ou ainda inferior.*

Existem mundos mais rudes do que a Terra, onde a brutalidade é maior. Para Espíritos desses mundos, nascer entre povos primitivos da Terra representa progresso. O avanço do Espírito é gradual; não se dá por saltos. É por isso que a reencarnação é necessária e justa.

272 — Espíritos vindos de mundos inferiores ou de povos muito atrasados podem nascer entre povos civilizados?

— *Podem, mas alguns se perdem ao tentar subir rápido demais. Nesse caso, sentem-se deslocados, pois seus instintos entram em conflito com o meio em que vivem.*

Ao retornarem ao ambiente anterior, não sofrem degradação, apenas retomam o lugar que lhes corresponde, podendo até se beneficiar disso.*

273 — Um homem de sociedade civilizada pode reencarnar, como expiação, entre povos considerados selvagens?

— *Pode, dependendo da natureza da expiação. Quem abusou do poder pode nascer em condição de submissão; quem foi cruel pode sofrer os mesmos maus-tratos que infligiu. Deus pode impor essas experiências como reparação. Um Espírito bom também pode escolher nascer entre povos primitivos, em posição de influência, para ajudá-los a progredir. Nesse caso, cumpre uma missão.*

As relações no além-túmulo

274 — A existência de diferentes ordens de Espíritos implica hierarquia e autoridade entre eles?

— *Sim. Há uma hierarquia baseada no grau de elevação moral. A autoridade decorre de um ascendente moral natural.*

— Espíritos inferiores podem escapar dessa autoridade?

— *Eu disse: irresistível.*

275 — O poder e o prestígio que alguém teve na Terra lhe conferem superioridade no mundo espiritual?

— *Não. Muitas vezes, os pequenos são elevados e os grandes rebaixados.*

— Como entender isso?

— *Os Espíritos pertencem a diferentes ordens conforme seus méritos. Alguém que foi poderoso na Terra pode ocupar posição inferior no mundo espiritual, enquanto um simples servidor pode estar entre os mais elevados. Foi isso que Jesus ensinou ao dizer que quem se humilha será exaltado.*

276 — Um Espírito orgulhoso sente humilhação ao perceber sua inferioridade no mundo espiritual?

— *Sim, especialmente se for vaidoso e invejoso.*

277 — Um soldado continua vendo seu general como superior no mundo espiritual?

— *Títulos não têm valor; apenas a superioridade moral conta.*

278 — Os Espíritos de diferentes ordens convivem entre si?

— *Sim e não. Eles se veem, mas se distinguem. Aproximam-se ou se afastam conforme a afinidade, como acontece entre vocês.*

279 — Todos os Espíritos têm acesso a todos os grupos?

— *Os Espíritos bons podem ir a todos os lugares para influenciar os maus. Já as regiões habitadas por Espíritos elevados não são acessíveis aos inferiores, para evitar perturbações.*

280 — Qual é a relação entre Espíritos bons e maus?

— *Os bons se dedicam a combater as más inclinações dos outros, ajudando-os a progredir. Essa é sua missão.*

281 — Por que Espíritos inferiores gostam de induzir os humanos ao mal?

— *Por ressentimento. Desejam impedir que outros alcancem o bem que eles próprios ainda não conquistaram.*

282 — Como os Espíritos se comunicam entre si?

— *Eles se veem e se compreendem diretamente. A palavra é material; o pensamento se transmite por meio do fluido universal, que funciona como um meio de comunicação, assim como o ar transmite o som entre vocês.*

283 — Os Espíritos podem esconder seus pensamentos uns dos outros?

— *Não completamente. Para os Espíritos, tudo é visível, especialmente para os mais elevados. No entanto, alguns podem tornar-se invisíveis a outros, se julgarem necessário.*

284 — Como os Espíritos, sem corpo físico, reconhecem sua individualidade?

— *Pelo perispírito, que os distingue uns dos outros, assim como o corpo distingue os seres humanos.*

285 — Espíritos que conviveram na Terra se reconhecem após a morte?

— *Sim, perfeitamente.*

— Como ocorre esse reconhecimento?

— *Pela recordação da vida passada, que se apresenta como um livro aberto.*

Os Espíritos também podem, quando necessário, se reconhecer pela aparência que tinham quando vivos. Ao Espírito que acaba de chegar, e ainda pouco familiarizado com seu novo estado, os Espíritos que o vêm receber apresentam-se sob uma forma que lhe permite reconhecê-los.

286 — Ao deixar o corpo, a alma vê imediatamente parentes e amigos?

— *Nem sempre imediatamente. É preciso algum tempo para que o Espírito se reconheça e se liberte das impressões materiais.*

287 — Como a alma é recebida ao retornar ao mundo espiritual?

— *A do justo é acolhida com alegria; a do mau, com frieza e afastamento.*

288 — Como os Espíritos imperfeitos reagem à chegada de outro Espírito semelhante?

— *Sentem satisfação, como criminosos que se reencontram entre iguais.*

289 — Parentes e amigos vêm ao nosso encontro após a morte?

— *Sim. Aqueles que nos amam vêm nos receber, ajudam no desligamento do corpo e celebram o retorno, como quem volta de uma viagem difícil. Isso é uma recompensa para os Espíritos bons; o isolamento, para os maus, é uma forma de punição.*

290 — Parentes e amigos permanecem sempre juntos após a morte?

— *Depende do grau de elevação e do ritmo de progresso de cada um. Se um avança mais rápido que o outro, não permanecem juntos o tempo todo, embora possam se reencontrar. A separação temporária pode ser, em certos casos, uma prova.*

Simpatia e antipatia entre os Espíritos. Metades eternas

291 — Além da simpatia geral, decorrente da semelhança entre eles, os Espíritos desenvolvem afeições particulares?

— *Assim como os seres humanos. Porém, o laço que une os Espíritos é mais forte quando estão livres do corpo material, pois não fica sujeito às instabilidades das paixões.*

292 — Os Espíritos sentem ódio uns pelos outros?

— *Apenas os Espíritos impuros sentem ódio. São eles que insuflam nos seres humanos as inimizades e discórdias.*

293 — Dois seres que foram inimigos na Terra conservam ressentimento um pelo outro no mundo espiritual?

— *Não. Eles compreendem que o ódio era absurdo e que os motivos que o geraram eram infantis. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam certa animosidade, até que se purifiquem. Se o conflito teve origem apenas em interesses materiais, isso deixa de ter importância, desde que estejam minimamente desprendidos da matéria. Não havendo mais antipatia e desaparecida a causa da discórdia, aproximam-se com satisfação.*

Ocorre como entre dois colegas que, ao atingirem a maturidade, reconhecem a futilidade das brigas da infância e deixam de se hostilizar.

294 — A lembrança dos atos maus praticados por duas pessoas uma contra a outra impede que exista simpatia entre elas?

— *Essa lembrança tende a afastá-las.*

295 — Que sentimento nutrem, após a morte, aqueles a quem fizemos mal na vida terrena?

— *Se forem bons, perdoam conforme o arrependimento demonstrado. Se forem maus, podem guardar ressentimento e até perseguir aquele que os prejudicou, por vezes em outra existência. Deus pode permitir isso como forma de aprendizado.*

296 — As afeições individuais entre Espíritos podem se alterar?

— Não, pois eles não se enganam. Não usam máscaras como os hipócritas. Por isso, quando são puros, suas afeições são estáveis e duradouras. A felicidade suprema decorre do amor que os une.

297 — A afeição mútua que dois seres tiveram na Terra continua a existir no mundo espiritual?

— Sim, desde que tenha se originado de verdadeira simpatia. Se, porém, nasceu principalmente de causas físicas, desaparece com elas. As afeições entre Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra, pois não dependem de interesses materiais nem do orgulho.

298 — As almas que devem se unir estão predestinadas desde a origem, e cada pessoa tem em algum lugar do universo sua “metade”, à qual fatalmente se reunirá?

— Não. Não existe união particular e fatal entre duas almas. A união verdadeira é a de todos os Espíritos entre si, em diferentes graus, conforme o nível de perfeição alcançado. Quanto mais elevados, mais unidos. Da discórdia nascem os males humanos; da concórdia resulta a felicidade plena.

299 — Em que sentido se deve entender a palavra “metade”, usada por alguns Espíritos para designar Espíritos simpáticos?

— Trata-se de uma expressão inexata. Se um Espírito fosse metade de outro, separados estariam ambos incompletos.

300 — Se dois Espíritos perfeitamente simpáticos se unem, permanecerão juntos para sempre ou podem se separar e unir-se a outros?

— *Todos os Espíritos estão interligados. Refiro-me aqui aos que alcançaram a perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito progride, deixa de simpatizar, como antes, com os que permanecem em níveis mais baixos.*

301 — Dois Espíritos simpáticos se completam mutuamente, ou essa simpatia resulta de identidade perfeita?

— *A simpatia surge da perfeita concordância de tendências e instintos. Se um tivesse de completar o outro, perderia sua individualidade.*

302 — A identidade necessária para a simpatia perfeita consiste apenas na afinidade de pensamentos e sentimentos, ou também na igualdade de conhecimentos?

— *Na igualdade dos graus de elevação.*

303 — Espíritos que hoje não são simpáticos podem vir a sê-lo no futuro?

— *Todos acabarão sendo. Um Espírito que hoje está em esfera inferior ascenderá, pelo progresso, àquela onde se encontra outro Espírito. O reencontro pode ocorrer mais rapidamente se o mais elevado, ao enfrentar provas difíceis, permanecer estacionado.*

— Dois Espíritos que hoje são simpáticos podem deixar de sê-lo?

— *Sim, se um deles se mostrar negligente em seu progresso.*

A chamada teoria das “metades eternas” é apenas uma fi-

gura de linguagem, representando a afinidade entre Espíritos simpáticos. Não deve ser tomada literalmente. Os Espíritos que utilizaram essa expressão não pertencem às ordens mais elevadas e recorreram a termos da linguagem humana para se fazer compreender. Não existem Espíritos criados exclusivamente uns para os outros, destinados a se reunirem fatalmente na eternidade após longas separações.

Recordação da existência corporal

304 — O Espírito se lembra de sua existência corporal?

— *Sim. Tendo vivido muitas vezes na Terra, lembra-se do que foi como ser humano e, muitas vezes, observa a si mesmo com certo pesar, reconhecendo suas próprias tolices.*

Assim como o adulto ri das imprudências da juventude ou das ingenuidades da infância.

305 — A lembrança da vida corporal surge de forma imediata e completa após a morte?

— *Não. Ela retorna gradualmente, como uma imagem que emerge da névoa, à medida que o Espírito dirige sua atenção a ela.*

306 — O Espírito se recorda detalhadamente de todos os acontecimentos de sua vida?

— *Recorda-se conforme a influência que esses fatos tiveram sobre seu estado atual como Espírito. Muitas circunstâncias às quais deu pouca importância na vida não merecem sua atenção de-*

pois.

— Se quisesse, poderia lembrar-se de todos os detalhes?

— Sim, inclusive dos pensamentos mais íntimos, quando isso lhe for útil.

— O Espírito compreende melhor o objetivo da vida terrena após a morte?

— Compreende com muito mais clareza. Entende a necessidade da purificação para alcançar o infinito e percebe que, a cada existência, deixa para trás algumas imperfeições.

307 — De que forma a vida passada se apresenta à memória do Espírito?

— Ora como lembrança evocada pela vontade, ora como um quadro que se impõe à visão. Tudo depende do grau de desmaterialização. Quanto mais elevado, menos importância dá às coisas materiais.

Por isso, Espíritos recém-desencarnados muitas vezes não se lembram de nomes ou detalhes que eram importantes para os vivos, pois essas coisas já perderam relevância. O que permanece claro são os fatos que contribuíram para seu progresso.

308 — O Espírito se recorda de todas as existências anteriores?

— Seu passado se desenrola diante dele como um caminho percorrido. Contudo, não se lembra de tudo com igual nitidez. As primeiras existências, comparáveis à infância do Espírito, tornam-se vagas e se perdem no esquecimento.

309 — Como o Espírito vê o corpo de que se separou?

— *Como uma veste incômoda, sentindo-se aliviado por estar livre dela.*

— O que sente ao ver seu corpo em decomposição?

— *Em geral, indiferença, como diante de algo que já não lhe diz respeito.*

310 — Com o tempo, o Espírito reconhece ossos ou objetos que lhe pertenceram?

— *Às vezes, dependendo do grau de elevação com que observa as coisas terrenas.*

311 — O respeito prestado aos objetos que lhe pertenceram agrada ao Espírito?

— *O que o toca é o pensamento afetuosos de quem se lembra dele, não os objetos em si.*

312 — O Espírito conserva a lembrança dos sofrimentos da última existência?

— *Frequentemente, sim. Essa lembrança o ajuda a compreender melhor o valor da felicidade espiritual.*

313 — Aquele que foi feliz na Terra sente saudade dos prazeres materiais?

— *Apenas os Espíritos inferiores sentem falta desses prazeres, compatíveis com sua natureza ainda impura. Os Espíritos elevados preferem infinitamente a felicidade espiritual.*

Assim como o adulto não sente falta dos brinquedos da infância.

314 — Quem iniciou trabalhos importantes e os viu interrompidos pela morte lamenta isso no além?

— Não. Ele vê que outros os continuarão e procura influenciar os encarnados para que deem prosseguimento ao bem iniciado.

315 — O Espírito mantém apego às obras artísticas ou literárias que produziu?

— Conforme sua elevação. Muitas vezes passa a julgá-las com mais rigor do que quando estava encarnado.

316 — O Espírito se interessa pelo progresso das artes e das ciências na Terra?

— Sim, conforme sua elevação ou missão. O que para os humanos parece grandioso pode ser apenas um exercício inicial aos olhos de Espíritos mais avançados.

317 — O Espírito conserva o amor à pátria?

— Para os Espíritos elevados, a pátria é o universo. Na Terra, sentem-se ligados aos lugares onde estão os Espíritos com os quais têm maior afinidade.

Os Espíritos mais elevados permanecem pouco tempo ligados à Terra, a menos que estejam em missão. Os Espíritos intermediários ainda frequentam este mundo com certa regularidade. Já os Espíritos comuns formam a maior parte da população espiritual terrestre, conservando gostos, hábitos e inclinações semelhantes aos que tinham quando encarnados. Muitos participam indiretamente das atividades humanas, incentivando paixões ou observando para aprender.

318 — As ideias do Espírito se modificam durante a erraticidade?

— *Sim, profundamente. À medida que se desmaterializa, passa a ver as coisas com maior clareza e busca meios de se aprimorar.*

319 — Por que o Espírito se espanta ao retornar ao mundo espiritual, se já viveu nele antes?

— *Isso se deve à perturbação inicial após a morte. Com o tempo, a lembrança do passado retorna e a impressão da vida terrena se dissipa.*

Comemoração dos mortos. Funerais

320 — Os Espíritos se sentem tocados quando aqueles que lhes foram queridos na Terra se lembram deles?

— *Muito mais do que vocês imaginam. Se estão felizes, isso aumenta sua felicidade; se estão em sofrimento, serve como alívio.*

321 — O dia de comemoração dos mortos é, para os Espíritos, mais especial do que os outros dias?

Eles comparecem aos cemitérios quando as pessoas vão orar sobre seus túmulos?

— *Os Espíritos atendem, nesse dia, ao chamado daqueles que lhes dirigem pensamentos, assim como o fazem em qualquer outro dia.*

— Mas o Dia de Finados é, para eles, um momento especial de reunião junto às sepulturas?

— *Nesse dia, eles se reúnem em maior número nos cemitérios, por-*

que também é maior o número de pessoas que os chamam pelo pensamento. No entanto, cada Espírito vai apenas ao encontro de seus afetos, não da multidão indiferente.

— De que forma eles se apresentam ali, e como os veríamos, se pudessem tornar-se visíveis?

— Sob a aparência que tinham quando encarnados.

322 — E aqueles que são esquecidos, cujos túmulos ninguém visita, também comparecem? Sentem tristeza por ninguém se lembrar deles?

— Que importância tem a Terra para eles? O vínculo existe apenas enquanto há afeição. Quando ninguém mais lhes dedica pensamento ou carinho, nada os prende a esse mundo. O universo inteiro está à disposição do Espírito.

323 — A visita a um túmulo traz mais satisfação ao Espírito do que a prece feita em casa?

— A visita ao túmulo é uma forma exterior de demonstrar que se pensa no Espírito ausente. Ela representa o pensamento. No entanto, já foi dito que é a prece que santifica o ato da lembrança. O lugar não importa, desde que a intenção seja sincera.

324 — Os Espíritos das pessoas a quem se erguem estátuas ou monumentos assistem à sua inauguração? Sentem prazer nisso?

— Muitos assistem, quando podem. No entanto, são menos tocados pelas homenagens exteriores do que pela lembrança sincera que as pessoas conservam deles.

325 — Qual a origem do desejo que algumas pessoas têm de serem enterradas em determinado lugar? Após a morte, o Espírito prefere esse local? Essa importância dada a algo tão material indica inferioridade espiritual?

— *Trata-se de apego a lugares específicos, o que revela certa inferioridade moral. Para um Espírito elevado, que importância teria este ou aquele pedaço de terra? Ele sabe que sua alma se reunirá àqueles que ama, ainda que seus ossos permaneçam separados.*

— Deve-se considerar futilidade o desejo de reunir, em um mesmo local, os restos mortais de todos os membros de uma família?

— *Não. É um costume respeitável e uma demonstração de afeto por parte dos vivos. Embora não tenha importância real para os Espíritos, essa prática é útil aos encarnados, pois torna as lembranças mais concentradas e vivas.*

326 — As homenagens prestadas aos despojos mortais comovem o Espírito que retorna à vida espiritual?

— *Quando o Espírito já atingiu certo grau de elevação, ele se encontra livre das vaidades terrenas e compreende a futilidade dessas homenagens. No entanto, há Espíritos que, nos primeiros momentos após a morte, ainda sentem prazer com as honras recebidas ou se incomodam com o desprezo dado ao corpo. Isso acontece porque ainda conservam alguns dos preconceitos da vida material.*

327 — O Espírito assiste ao próprio enterro?

— *Frequentemente, sim. Em alguns casos, porém, ele não percebe o que acontece, se ainda estiver em estado de perturbação.*

— A presença de muitas pessoas no enterro lhe causa satisfação?

— Depende do sentimento que anima essas pessoas.

328 — O Espírito daquele que acaba de morrer acompanha a reunião de seus herdeiros?

— Quase sempre. Para seu aprendizado e, às vezes, como correção aos culpados, Deus permite que isso aconteça. Nessa ocasião, o Espírito avalia o real valor das manifestações de afeto que recebia. Todos os sentimentos se tornam evidentes, e a decepção causada pela ganância daqueles que disputam seus bens o esclarece quanto à verdadeira natureza dessas relações. Mas chegará o momento daqueles que lhe causam essa decepção.

329 — O respeito instintivo que, em todas as épocas e povos, o ser humano dedica aos mortos decorre da intuição da vida futura?

— Sim. É a consequência natural dessa intuição. Se assim não fosse, esse respeito não teria razão de existir.

Capítulo 7 - Retorno à vida corporal

Prelúdio da volta

330 — Os Espíritos sabem em que época irão reencarnar?

— *Eles pressentem, assim como um cego pressente o calor ao se aproximar do fogo. Sabem que precisarão retomar um corpo, do mesmo modo que vocês sabem que um dia irão morrer, mas sem saber quando isso acontecerá (166).*

— Então a reencarnação é uma necessidade da vida espiritual, assim como a morte é da vida corporal?

— *Exatamente. É assim que ocorre.*

331 — Todos os Espíritos se preocupam com a própria reencarnação?

— *Muitos não pensam nisso, nem sequer compreendem plenamente o que seja. Isso depende do grau de adiantamento. Para alguns, a incerteza quanto ao futuro que os aguarda constitui uma forma de punição.*

332 — Pode o Espírito acelerar ou retardar o momento da reencarnação?

— *Pode acelerá-lo, atraindo-o por um desejo intenso. Pode também adiá-lo, recuando diante da prova, pois entre os Espíritos*

também há covardes e indiferentes. No entanto, nenhum faz isso sem consequências, pois sofre por isso, como aquele que recusa o remédio capaz de curá-lo.

333 — Se um Espírito se julgasse suficientemente feliz numa condição intermediária entre os Espíritos errantes e não desejasse progredir, poderia prolongar indefinidamente esse estado?

— Indefinidamente, não. Mais cedo ou mais tarde, o Espírito sente a necessidade de avançar. Todos precisam progredir; esse é o destino de todos.

334 — Existe predestinação na união da alma com determinado corpo, ou essa escolha ocorre apenas no último momento?

— O Espírito é sempre designado antecipadamente. Após escolher a prova pela qual deseja passar, pede para encarnar. Deus, que tudo sabe e tudo vê, já sabia e previa que tal Espírito se uniria a tal corpo.

335 — Cabe ao Espírito escolher o corpo em que irá encarnar, ou apenas o tipo de vida que servirá como prova?

— Ele pode também escolher o corpo, pois as imperfeições físicas podem representar provas que auxiliam seu progresso, se souber vencer os obstáculos que delas decorrem. Essa escolha, porém, nem sempre depende exclusivamente dele; ainda assim, ele pode pedir que seu corpo seja de determinada forma.

— Poderia o Espírito recusar, no último momento, tomar o corpo que havia escolhido?

— Se recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tentou

prova alguma.

336 — Poderia acontecer de nenhum Espírito aceitar encarnar em uma criança prestes a nascer?

— Deus providencia isso. Quando uma criança deve nascer para viver, ela está sempre destinada a ter uma alma. Nada é criado sem um propósito.

337 — Pode a união do Espírito a determinado corpo ser imposta por Deus?

— Pode, assim como certas provas, sobretudo quando o Espírito ainda não é capaz de escolher com pleno discernimento. Como expiação, o Espírito pode ser obrigado a unir-se ao corpo de determinada criança que, pelo nascimento e pela posição que ocupará no mundo, se torne para ele um instrumento de aprendizado doloroso.

338 — Se vários Espíritos desejarem ocupar um mesmo corpo destinado a nascer, o que determina a escolha?

— Muitos podem solicitá-lo, mas Deus julga qual deles é mais capaz de cumprir a missão destinada àquela criança. Contudo, como já foi dito, o Espírito é designado antes do momento da união com o corpo.

339 — No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante à que sente ao desencarnar?

— Muito maior e, sobretudo, mais prolongada. Pela morte, o Espírito se liberta; pelo nascimento, entra em nova forma de limitação.

340 — O instante da encarnação é solene para o Espírito? Ele o encara como algo sério e importante?

— *Age como um viajante que se lança a uma travessia perigosa, sem saber se encontrará a morte nas ondas que decide enfrentar.*

O viajante conhece o perigo, mas não sabe se naufragará. O mesmo ocorre com o Espírito: ele conhece o tipo de provas que enfrentará, mas não sabe se irá vencê-las.

Assim como a morte do corpo é, para o Espírito, uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou melhor, de exílio e confinamento. Ele deixa o mundo espiritual para entrar no mundo corporal, assim como o ser humano deixa este mundo ao morrer. Sabe que irá reencarnar, assim como o homem sabe que morrerá. Porém, somente no instante decisivo tem plena consciência de que vai reencarnar. Nesse momento, uma perturbação o envolve, semelhante à agonia humana, prolongando-se até que a nova existência esteja claramente formada. À medida que se aproxima o momento da reencarnação, o Espírito experimenta uma espécie de angústia.

341 — Diante da incerteza quanto ao êxito nas provas que enfrentará na vida, o Espírito sente ansiedade antes de reencarnar?

— *Sente uma ansiedade muito grande, pois as provas podem retardar ou acelerar seu progresso, conforme ele as enfrente.*

342 — No momento de reencarnar, o Espírito é acompanhado por Espíritos amigos, que assistem à sua partida do mundo espiritual, assim como o recebem quando ele retorna?

— *Isso depende da esfera a que pertença. Se já se encontra em regiões onde reina a afeição, os Espíritos que o amam o acompanham até o último instante, encorajam-no e, muitas vezes, seguem seus passos ao longo da vida.*

343 — Os Espíritos amigos que nos acompanham durante a vida seriam aqueles que vemos em sonhos, que nos demonstram afeto e se apresentam com semblantes desconhecidos?

— *Muito frequentemente, sim. Eles vêm visitá-los, assim como vocês visitam alguém que está preso.*

União da alma e do corpo. Aborto

344 — Em que momento a alma se une ao corpo?

— *A união começa na concepção, mas só se completa no nascimento. Desde a concepção, o Espírito destinado a habitar aquele corpo liga-se a ele por um laço fluídico, que se fortalece progressivamente até o instante em que a criança nasce. O primeiro choro anuncia que ela passa a integrar o mundo dos vivos.*

345 — A união do Espírito com o corpo é definitiva desde a concepção? Durante essa fase inicial, o Espírito pode desistir de habitar o corpo que lhe foi destinado?

— *A união é definitiva no sentido de que nenhum outro Espírito pode substituí-lo. No entanto, como os laços ainda são frágeis, podem se romper com facilidade. O Espírito pode desistir da prova escolhida, mas, nesse caso, a criança não sobrevive.*

346 — O que faz o Espírito se o corpo que escolheu morre antes do nascimento?

— *Escolhe outro.*

— Qual a utilidade dessas mortes prematuras?

— *Geralmente decorrem das imperfeições da matéria.*

347 — Que utilidade encontra um Espírito ao encarnar em um corpo que morre poucos dias após o nascimento?

— *O ser ainda não tem consciência plena da existência; a importância da morte é mínima. Frequentemente, trata-se de uma prova para os pais.*

348 — O Espírito sabe, de antemão, que o corpo escolhido não tem probabilidade de sobreviver?

— *Às vezes, sim. Mas se essa for a razão da escolha, significa que ele está fugindo da prova.*

349 — Quando uma encarnação falha por qualquer motivo, ela é imediatamente substituída por outra?

— *Nem sempre. É necessário dar tempo ao Espírito para fazer nova escolha, salvo quando a reencarnação imediata já fazia*

parte de uma decisão anterior.

350 — Uma vez unido ao corpo da criança, e não podendo mais voltar atrás, o Espírito alguma vez lamenta a escolha feita?

— Pergunta-se se, como ser humano, ele se queixa da vida que tem e desejaria outra diferente? Sim. Mas se ele se arrepende da escolha feita? Não, pois não tem consciência de tê-la feito. Após encarnar, não pode lamentar uma escolha da qual não se lembra. Pode, no entanto, achar a carga pesada demais e considerá-la acima de suas forças, recorrendo, em alguns casos, ao suicídio.

351 — Entre a concepção e o nascimento, o Espírito desfruta plenamente de suas faculdades?

— Em maior ou menor grau, conforme o estágio desse período, pois ainda não está encarnado, apenas ligado ao corpo. Desde a concepção, o Espírito entra em estado de perturbação, que o avisa de que chegou o momento de iniciar nova vida corporal. Essa perturbação aumenta progressivamente até o nascimento. Seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. À medida que o nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, da qual deixa de ter consciência ao ingressar na vida humana. Essa lembrança retorna gradualmente quando volta ao estado de Espírito.

352 — Ao nascer, o Espírito recupera imediatamente todas as suas faculdades?

— Não. Elas se desenvolvem gradualmente junto com os órgãos. O Espírito inicia uma nova existência e precisa aprender a usar os instrumentos de que dispõe. As ideias retornam pouco a pouco, como em alguém que desperta e se encontra em situação

diferente da do dia anterior.

353 — Não estando completa a união do Espírito com o corpo antes do nascimento, pode-se considerar o feto como dotado de alma?

— O Espírito que irá animá-lo existe, de certo modo, fora dele. O feto não possui, propriamente falando, uma alma, pois a encarnação ainda está em processo. No entanto, ele já está ligado à alma que virá a ter.

354 — Como se explica a vida intrauterina?

— É semelhante à da planta que cresce. A criança vive vida orgânica e animal. O ser humano possui a vida vegetal e a vida animal, que se completam com a vida espiritual após o nascimento.

355 — Existem, como indica a ciência, crianças que ainda no útero não são viáveis? Com que finalidade isso ocorre?

— Isso acontece frequentemente, e Deus o permite como prova, seja para os pais, seja para o Espírito da criança.

356 — Entre os natimortos, há alguns que não foram destinados à encarnação de Espíritos?

— Sim, há casos em que nenhum Espírito foi destinado àqueles corpos. Nada havia a ser realizado ali. Essas crianças existem apenas em função dos pais.

— Um ser dessa natureza pode nascer a termo?

— Algumas vezes, sim, mas não sobrevive.

— Toda criança que vive após o nascimento tem necessariamente um Espírito encarnado?

— *O que ela seria se assim não fosse? Não seria um ser humano.*

357 — Que consequências o aborto tem para o Espírito?

— *Trata-se de uma existência nula, que precisará ser recomeçada.*

358 — Provocar aborto constitui crime em qualquer fase da gestação?

— *Há crime sempre que se transgride a lei de Deus. Uma mãe, ou qualquer pessoa, comete crime ao tirar a vida de uma criança antes do nascimento, pois impede que uma alma passe pelas provas para as quais aquele corpo serviria.*

359 — No caso em que o nascimento da criança coloca em risco a vida da mãe, há crime em sacrificar a primeira para salvar a segunda?

— *É preferível sacrificar o ser que ainda não existe plenamente do que aquele que já existe.*

360 — É racional tratar um feto com as mesmas considerações que se têm com o corpo de uma criança que já viveu algum tempo?

— *Em tudo, considerem a vontade e a obra de Deus. Não tratem com levandade aquilo que deve ser respeitado. Por que não respeitar obras da criação que, às vezes, permanecem incompletas por vontade do Criador? Tudo ocorre segundo seus desígnios, e ninguém é chamado a julgá-los.*

Faculdades morais e intelectuais do homem

361 — Qual é a origem das qualidades morais, boas ou más, do ser humano?

— *Elas pertencem ao Espírito que nele está encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, maior a inclinação para o bem.*

— Disso se conclui que o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom, e o homem vicioso a de um Espírito mau?

— *Sim, mas é melhor dizer que o homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito. Caso contrário, poder-se-ia supor a existência de Espíritos eternamente maus, a que costumais chamar de demônios.*

362 — Qual é o caráter das pessoas em que encarnam Espíritos levianos e pouco equilibrados?

— *São indivíduos imprudentes, levianos e, às vezes, mal-intencionados.*

363 — Os Espíritos possuem paixões que a humanidade não compartilha?

— *Não. Se possuísem, vocês já teriam sido informados disso.*

364 — O mesmo Espírito é responsável tanto pelas qualidades morais quanto pelas intelectuais?

— *Sim, conforme o grau de adiantamento que alcançou. O ser humano não abriga dois Espíritos.*

365 — Por que algumas pessoas muito inteligentes, o que indica superioridade intelectual, são ao mesmo tempo profundamente viciosas?

— *Porque os Espíritos que nelas encarnam ainda não são suficientemente purificados e cedem à influência de Espíritos inferiores. O progresso do Espírito é gradual e não acontece ao mesmo tempo em todas as áreas. Ele pode avançar na ciência em um período e na moral em outro.*

366 — O que pensar da opinião daqueles que afirmam que as diferentes faculdades morais e intelectuais resultam da encarnação de vários Espíritos distintos, cada um responsável por uma aptidão específica?

— *Basta refletir para perceber o absurdo dessa ideia. O Espírito precisa reunir todas as aptidões em si mesmo, pois o progresso exige uma vontade única. Se o ser humano fosse um conjunto de Espíritos diferentes, essa unidade não existiria, e ele perderia sua individualidade. Com a morte, esses Espíritos se dispersariam como pássaros fugindo de uma gaiola.*

Com frequência, o ser humano se queixa de não compreender certas coisas, mas curiosamente multiplica as dificuldades quando tem à disposição uma explicação simples e natural. Nesse caso, confunde-se o efeito com a causa. O mesmo erro foi cometido pelos antigos pagãos, que acreditavam em vários deuses para explicar os fenômenos da natureza, quando esses fenômenos eram apenas manifestações de um único princípio.

O mundo físico e o mundo moral oferecem muitos exemplos semelhantes. Enquanto os homens se fixavam apenas na aparência dos fenômenos, acreditavam que a matéria fosse múltipla. Hoje se compreende que fenômenos diversos podem ser apenas

modificações de uma única matéria fundamental. Do mesmo modo, as diferentes faculdades humanas são manifestações de uma única causa — a alma ou Espírito encarnado — e não de várias almas, assim como os diferentes sons de um instrumento provêm do mesmo ar, e não de vários tipos de ar.

Se fosse diferente, ao perder ou adquirir certas aptidões, o ser humano estaria recebendo ou perdendo Espíritos, tornando-se um ser múltiplo, sem identidade e sem responsabilidade. Além disso, essa teoria é desmentida pelas inúmeras manifestações espirituais que comprovam a individualidade e a identidade dos Espíritos.

Influência do organismo

367 — Ao se unir ao corpo, o Espírito se identifica com a matéria?

— A matéria é apenas o envoltório do Espírito, assim como a roupa é o envoltório do corpo. Ao unir-se ao corpo, o Espírito conserva suas características espirituais.

368 — Depois de unido ao corpo, o Espírito exerce suas faculdades com plena liberdade?

— O exercício dessas faculdades depende dos órgãos que servem como instrumentos. A matéria mais grosseira dificulta sua manifestação.

— Então o corpo material é um obstáculo à livre expressão das faculdades do Espírito, como um vidro opaco dificulta a passagem da luz?

— *Sim, como um vidro muito opaco.*

Pode-se também comparar a ação da matéria grosseira sobre o Espírito à de um corpo mergulhado em lama espessa, que perde a liberdade de movimento.

369 — O livre exercício das faculdades da alma depende do desenvolvimento dos órgãos?

— *Os órgãos são instrumentos da manifestação das faculdades da alma. Essa manifestação depende do grau de desenvolvimento e perfeição desses órgãos, assim como a qualidade de um trabalho depende da ferramenta utilizada.*

370 — Da influência dos órgãos pode-se concluir que existe relação direta entre o desenvolvimento do cérebro e o das faculdades morais e intelectuais?

— *Não confundam causa e efeito. O Espírito sempre possui as faculdades que lhe são próprias. Não são os órgãos que criam essas faculdades, mas as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.*

— Deve-se concluir, então, que a diversidade de aptidões entre as pessoas deriva apenas do estado do Espírito?

— *A palavra apenas não expressa com exatidão a realidade. A origem dessa diversidade está, de fato, nas qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos adiantado. No entanto, é preciso considerar também a influência da matéria, que pode limitar em maior ou menor grau o exercício dessas faculdades.*

Ao encarnar, o Espírito traz certas predisposições. Se admitirmos que a cada uma delas corresponda um órgão cerebral específico, o desenvolvimento desses órgãos será consequência, e não

causa. Se os órgãos fossem a origem das faculdades, o ser humano seria apenas uma máquina, sem livre-arbítrio e sem responsabilidade moral.

Seria necessário admitir, então, que os grandes gênios — cientistas, poetas, artistas — o são apenas por acaso, porque receberam órgãos especiais. Isso levaria à conclusão absurda de que, sem esses órgãos, um gênio não existiria, e que qualquer pessoa poderia ter sido um Newton, um Virgílio ou um Rafael, bastando possuir determinados órgãos.

Essa ideia se torna ainda mais insustentável quando aplicada às qualidades morais. Segundo essa lógica, um Vicente de Paulo poderia ter sido um criminoso se tivesse órgãos diferentes, e o maior dos criminosos poderia tornar-se um Vicente de Paulo apenas por uma alteração orgânica.

Ao contrário, se admitirmos que os órgãos, quando especializados, se desenvolvem pelo exercício da faculdade — assim como os músculos se desenvolvem com o movimento — nenhuma conclusão absurda será necessária.

Usemos uma comparação simples, mas verdadeira: certos traços físicos permitem reconhecer uma pessoa com o vício da embriaguez. Esses sinais fazem dela um alcoólatra, ou é o alcoolismo que imprime esses sinais? Assim ocorre com o Espírito: os órgãos recebem a marca das faculdades, e não o contrário.

Idiotismo, loucura

371 — Tem algum fundamento a ideia de que a alma dos cretinos e dos idiotas seja de natureza inferior?

— *Nenhum. Eles possuem almas humanas, muitas vezes mais inteligentes do que imaginais, mas sofrem pela limitação dos meios de que dispõem para se expressar, assim como o mudo sofre por não poder falar.*

372 — Que objetivo tem a Providência ao criar seres infelizes, como os cretinos e os idiotas?

— *Os Espíritos que habitam corpos de idiotas estão submetidos a uma punição. Sofrem pelo constrangimento que experimentam e pela impossibilidade de se manifestarem por meio de órgãos não desenvolvidos ou comprometidos.*

— Não há, então, fundamento para dizer que os órgãos não influenciam as faculdades?

— *Nunca dissemos que os órgãos não influenciam. Eles exercem grande influência sobre a manifestação das faculdades, mas não são a sua origem. Eis a diferença. Um excelente músico, com um instrumento defeituoso, não produzirá boa música, mas nem por isso deixa de ser um bom músico.*

É importante distinguir o estado normal do estado patológico. No primeiro, o moral supera os obstáculos impostos pela matéria. No segundo, a matéria oferece tal resistência que as manifestações da alma ficam bloqueadas ou distorcidas, como ocorre no idiotismo e na loucura. São estados patológicos e, como nesses casos a alma não dispõe de plena liberdade, a própria lei humana isenta essas pessoas da res-

ponsabilidade por seus atos.

373 — Qual é o mérito da existência de seres que, como os cretinos e os idiotas, não podendo fazer o bem nem o mal, parecem incapazes de progredir?

— *Trata-se de uma expiação decorrente do abuso de certas faculdades em existências anteriores. É um estado temporário de estacionamento.*

— Pode, então, o corpo de um idiota conter um Espírito que tenha animado um homem de gênio em existência anterior?

— *Sim. A genialidade, quando mal utilizada, pode transformar-se em um fardo.*

A superioridade moral nem sempre acompanha a superioridade intelectual. Grandes gênios podem ter muito a expiar. Daí, muitas vezes, resultarem existências inferiores às que tiveram antes, cheias de sofrimento. As dificuldades que o Espírito encontra para se manifestar podem ser comparadas às correntes que imobilizam um homem forte. Pode-se dizer que os cretinos e os idiotas são mutilados do cérebro, assim como o coxo o é das pernas e o cego da visão.

374 — No estado de Espírito livre, o idiota tem consciência de sua condição mental?

— *Frequentemente, sim. Compreende que as limitações que o prendem são prova e expiação.*

375 — Qual é a situação do Espírito na loucura?

— Quando livre, o Espírito recebe diretamente as impressões e atua diretamente sobre a matéria. Encarnado, porém, depende de órgãos específicos para manifestar-se. Se esses órgãos se alteram, parcial ou totalmente, sua ação e suas percepções ficam comprometidas. Se o órgão da inteligência e da vontade for afetado, o Espírito, embora consciente interiormente, não consegue governar suas manifestações.

— Nesse caso, é sempre o corpo que está desorganizado, e não o Espírito?

— Sim. Contudo, é preciso lembrar que, assim como o Espírito atua sobre a matéria, a matéria também reage sobre ele, dentro de certos limites. Pode ocorrer que o Espírito seja temporariamente afetado pela alteração dos órgãos pelos quais se manifesta. Se a loucura se prolonga por muito tempo, a repetição dos mesmos atos pode exercer influência sobre o Espírito, da qual ele só se libertará após se desligar completamente da matéria.

376 — Por que a loucura leva, às vezes, o ser humano ao suicídio?

— Porque o Espírito sofre com o constrangimento e com a impossibilidade de se manifestar livremente. Por isso, busca na morte uma forma de romper seus grilhões.

377 — Após a morte, o Espírito do alienado ainda sente os efeitos da perturbação mental?

— Pode senti-los por algum tempo, até que se desligue completamente da matéria, assim como alguém que desperta ainda se ressonante, por instantes, da confusão provocada pelo sono.

378 — De que modo a alteração do cérebro repercute sobre o Espírito após a morte?

— Como uma lembrança. Um peso ainda o oprime, e, como não teve plena consciência do que se passou durante a loucura, necessita de certo tempo para compreender tudo. Quanto mais longa foi a loucura na vida terrena, mais prolongada será a perturbação após a morte. Libertado do corpo, o Espírito ainda sente, por algum tempo, a impressão dos vínculos que o prendiam a ele.

A infância

379 — O Espírito que anima o corpo de uma criança é tão desenvolvido quanto o de um adulto?

— Pode ser até mais desenvolvido, se já tiver progredido mais. A imperfeição dos órgãos infantis é que impede sua plena manifestação. Ele age conforme o instrumento de que dispõe.

380 — Desconsiderando a limitação dos órgãos, o Espírito de uma criança pensa como criança ou como adulto?

— Como os órgãos da inteligência ainda não estão desenvolvidos, eles não permitem ao Espírito expressar toda a compreensão de um adulto. Assim, sua inteligência se encontra, de fato, limitada até que a razão amadureça. A perturbação causada pela encarnação não desaparece de imediato após o nascimento; ela se dissipa gradualmente, à medida que os órgãos se desenvolvem.

A observação confirma isso: os sonhos infantis têm caráter simples e pueril, o que revela a natureza das preocupações do Espírito nessa fase.

381 — Com a morte da criança, o Espírito recupera imediatamente seu vigor anterior?

— *Sim, pois se liberta do envoltório corporal. Contudo, só readquire plena lucidez quando se separa completamente do corpo.*

382 — Durante a infância, o Espírito sofre pelo constrangimento imposto pela imperfeição dos órgãos?

— *Não. Esse estado corresponde a uma necessidade natural e está de acordo com os desígnios da Providência. É um período de repouso para o Espírito.*

383 — Qual é a utilidade do estado de infância para o Espírito?

— *Ao encarnar para se aperfeiçoar, o Espírito torna-se, nesse período, mais receptivo às impressões que podem auxiliá-lo no progresso, cabendo aos responsáveis por sua educação favorecer esse desenvolvimento.*

384 — Por que o choro é a primeira manifestação da criança ao nascer?

— *Para despertar a atenção da mãe e provocar os cuidados de que necessita. Se suas manifestações fossem apenas de alegria, quando ainda não sabe falar, os que a cercam se preocupariam menos com suas necessidades. Em tudo se revela a sabedoria da Providência.*

385 — O que explica a mudança de caráter que ocorre em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? O Espírito se modifica?

— *O Espírito retoma sua natureza própria e se mostra como realmente é.*

A inocência da criança oculta o que ela foi e o que será. Deus concede às crianças a aparência de inocência para que não se possa acusá-lo de severidade excessiva. Mesmo quando se trata de Espíritos com más inclinações, suas ações ficam encobertas pela inconsciência da infância. Essa inocência não é superioridade real, mas a imagem do que deveriam ser.

Essa aparência de inocência também é concedida em benefício dos pais, pois o amor necessário à fragilidade infantil se enfraqueceria se o caráter real se manifestasse desde cedo. Quando, porém, cessada a necessidade dessa proteção, o caráter verdadeiro surge, com as nuances que a infância ocultava.

A infância é, portanto, um estado necessário e providencial. Espíritos vindos de mundos diversos, com hábitos e tendências diferentes, só podem conviver harmoniosamente passando por esse período de nivelamento inicial. A infância permite que os Espíritos sejam educados, que seus caracteres sejam moldados e que más tendências sejam contidas. Essa é uma missão sagrada confiada aos pais, da qual prestarão contas.

Assim, a infância é não apenas útil, mas indispensável, sendo consequência natural das leis divinas que regem o universo.

Simpatias e antipatias terrenas

386 — Dois seres que se conheceram e se amaram podem reencontrar-se em outra existência corporal e reconhecer-se?

— *Não se reconhecem. Mas podem sentir atração mútua. Muitas ligações profundas, fundadas em sincera afeição, têm origem nessa atração entre Espíritos.*

— Não seria mais agradável que se reconhecessem?

— *Nem sempre. A lembrança das existências passadas traria inconvenientes maiores do que imaginais. Após a morte, irão se reconhecer e saber quanto tempo passaram juntos.*

387 — A simpatia tem sempre como causa um conhecimento anterior?

— *Não. Espíritos que se harmonizam atraem-se naturalmente, mesmo sem terem se conhecido como humanos.*

388 — Os encontros que parecem obra do acaso não seriam efeito de relações de simpatia?

— *Entre os seres pensantes existem vínculos que ainda não conhecem. O magnetismo é o precursor de uma ciência que compreenderão melhor no futuro.*

389 — De onde vem a repulsão instintiva sentida, à primeira vista, por algumas pessoas?

— *De Espíritos antipáticos que se reconhecem sem necessidade de palavras.*

390 — A antipatia instintiva é sempre sinal de natureza má?

— *Não necessariamente. A antipatia pode resultar apenas de divergência no modo de pensar. À medida que os Espíritos se elevam, essas divergências desaparecem e a antipatia deixa de existir.*

391 — A antipatia entre duas pessoas surge primeiro na que é pior ou na que é melhor?

— *Pode surgir em ambas, mas por razões diferentes. O Espírito mau sente antipatia por quem pode desmascará-lo e julgá-lo. O Espírito bom sente repulsão pelo mau por saber que não será compreendido por ele. Contudo, o primeiro transforma esse sentimento em ódio e desejo de fazer o mal; o segundo limita-se a evitar o outro e a lastimá-lo.*

Esquecimento do passado

392 — Por que o Espírito encarnado perde a lembrança de seu passado?

— *Porque o ser humano não pode, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que oculta certas coisas, ele ficaria ofuscado, como alguém que sai bruscamente da escuridão para a luz. Esquecendo o passado, ele é mais plenamente ele mesmo.*

393 — Como pode o ser humano ser responsável por atos e reparar faltas de que não se lembra?

— *Em cada nova existência, ele dispõe de mais inteligência e distingue melhor o bem do mal. Onde estaria seu mérito se se lembrasse de tudo? Ao retornar à vida espiritual, o Espírito revê toda a sua vida passada, reconhece suas faltas e compreende a justiça das provas que enfrenta. Escolhe então novas experiências para reparar o que fez e pede auxílio a Espíritos superiores. Essa intuição se manifesta, na vida corporal, como a voz da consciência, que o adverte para não reincidir nos mesmos erros.*

394 — Nos mundos mais elevados que a Terra, os habitantes se consideram mais felizes do que nós?

— *Há mundos cujos habitantes conservam lembrança clara de suas existências passadas e, por isso, sabem apreciar a felicidade que desfrutam. Em outros, embora vivam em condições melhores que as vossas, não se consideram plenamente felizes, pois não se recordam de estados mais infelizes. Ainda assim, apreciam sua condição como Espíritos.*

O esquecimento do passado doloroso revela a sabedoria divina. Nos mundos inferiores, a lembrança constante de sofrimentos agravaria as dificuldades presentes. Tudo o que Deus fez é perfeito, e não cabe ao ser humano julgar ou corrigir suas obras.

395 — Podemos ter revelações sobre nossas vidas anteriores?

— *Nem sempre. Contudo, muitos sabem o que foram e o que fizeram. Se pudessem dizer tudo abertamente, fariam revelações extraordinárias.*

396 — As vagas lembranças de um passado desconhecido são sempre ilusões?

— Às vezes são impressões reais; outras vezes, simples ilusões da imaginação, contra as quais é preciso cautela.

397 — Em existências corporais mais elevadas que a nossa, a lembrança do passado é mais clara?

— Sim. À medida que o corpo se torna menos material, a lembrança do passado se torna mais precisa.

398 — Estudando as tendências instintivas, pode o ser humano conhecer suas faltas passadas?

— Até certo ponto. Contudo, é preciso considerar os progressos já realizados e as resoluções tomadas na erraticidade. Uma existência atual pode ser muito melhor que a anterior.

— Pode também ser pior?

— Sim, se o Espírito não souber vencer as provas. Isso indica estacionamento, nunca retrocesso.

399 — As vicissitudes da vida corporal permitem deduzir como foi a existência anterior?

— Muitas vezes, sim. Cada um é frequentemente punido naquilo em que errou. Contudo, não se deve estabelecer regra absoluta. As tendências instintivas são indícios mais seguros.

As provas da vida corporal são, ao mesmo tempo, expiação do passado e preparação para o futuro. Se o Espírito triunfa nelas, eleva-se; se falha, precisa recomeçar. O livre-arbítrio permanece sempre, e o esquecimento do passado não impede o progresso, pois a consciência e as tendências

instintivas funcionam como guia interior.

Capítulo 8 - Emancipação da alma

O sono e os sonhos

400 — O Espírito encarnado permanece de bom grado no seu envoltório corporal?

— *É como se perguntasses se ao preso agrada a prisão. O Espírito encarnado aspira constantemente à libertação, e quanto mais grosseiro é o envoltório, mais intenso é o desejo de se ver livre dele.*

401 — Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

— *Não. O Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, como este não necessita então de sua presença, ele se desloca pelo espaço e entra em relação mais direta com outros Espíritos.*

402 — Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?

— *Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita, o Espírito dispõe de mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e, algumas vezes, prevê o futuro. Adquire maior capacidade e pode comunicar-se com outros Espíritos, neste mundo ou em outro. Dizes frequentemente: “Tive um sonho estranho, um sonho horrível, mas totalmente inverossímil.” Enganas-te. Mui-*

tas vezes é uma lembrança de lugares e situações que viste ou que ainda verás, em outra existência ou em outro momento. Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito tenta romper seus grilhões e investigar o passado ou o futuro. Pobres seres humanos, que mal conhecem os fenômenos mais comuns da vida! Julgais-vos muito sábios, e as coisas mais simples vos confundem. Nada sabeis responder às perguntas que até as crianças fazem: o que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos?

O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o ser humano se encontra, por algum tempo, no estado em que ficará de modo permanente após a morte. Os Espíritos que, ao desencarnar, se desligam rapidamente da matéria, já experimentavam durante a vida corporal um sono lúcido. Quando dormem, vão ao encontro de Espíritos que lhes são superiores; com eles viajam, conversam e aprendem. Trabalham até mesmo em obras que encontram concluídas quando retornam, após a morte, ao mundo espiritual. Isso deve ensinar-vos a não temer a morte, pois todos os dias morreis um pouco, como disse um santo.

Isso se aplica aos Espíritos elevados. Quanto à maioria das pessoas que, ao morrer, passam longos períodos em perturbação e incerteza, enquanto dormem vão a mundos inferiores à Terra, atraídas por antigas inclinações, ou em busca de prazeres ainda mais baixos do que aqueles aos quais se entregam aqui. Absorvem doutrinas mais vis, mais degradantes e mais nocivas do que as que professam entre vós. É daí que nasce a simpatia na Terra: ao despertar, o ser humano sente-se ligado pelo afeto àqueles com quem acabou de passar várias horas de prazer ou satisfação. As antipatias profundas também se explicam assim: sentimos intimamente que aqueles de quem não gostamos têm uma consciência diferente da nossa. Reconhecemo-los sem jamais tê-

los visto com os olhos. Isso também explica a indiferença: há pessoas que não se empenham em fazer novos amigos porque sabem que já são amadas por muitos. Em resumo, o sono influencia muito mais a vida de vocês do que imaginam.

Graças ao sono, os Espíritos encarnados mantêm constante relação com o mundo espiritual. Por isso, os Espíritos superiores aceitam, sem grande repulsa, encarnar entre vós. Deus quis que, estando em contato com o vício, pudessem renovar-se na fonte do bem, para não falharem quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para reencontrar seus amigos espirituais; é o repouso após o trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a libertação final que os reconduzirá ao meio que lhes é próprio.

O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Observa, porém, que nem sempre sonhas, pois nem sempre te lembras do que viste, ou de tudo o que viste enquanto dormias. Os sonhos nem sempre refletem a ação plena da alma; muitas vezes são apenas a lembrança confusa da perturbação sentida na partida ou no retorno ao corpo, somada ao que fizeste ou ao que te preocupa quando estás desperto. Caso contrário, como explicarias os sonhos absurdos que tanto os sábios quanto as pessoas mais simples têm? Também acontece que Espíritos inferiores se aproveitam do estado de sonho para atormentar almas frágeis e inseguras.

Além disso, em breve verás desenvolver-se outro tipo de sonhos. Embora tão antigos quanto os anteriores, são pouco conhecidos. Refiro-me aos sonhos de Joana d'Arc, aos de Jacó, aos dos profetas judeus e aos de alguns sábios indianos. São lembranças conservadas por almas que se desprendem completamente do corpo, recordações dessa segunda vida a que nos referimos há pouco.

Procura distinguir essas duas espécies de sonhos entre aqueles de que te lembras; do contrário, cairás em contradições e erros prejudiciais à tua compreensão.

Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa e das relações sensoriais. Daí surge uma espécie de clarividência indefinida, que pode se estender a lugares distantes e até a outros mundos. Daí também a lembrança de acontecimentos da vida atual ou de existências anteriores. As imagens estranhas do que ocorre ou ocorreu em mundos desconhecidos, misturadas a elementos da vida presente, formam esses conjuntos confusos que parecem não ter sentido ou ligação.

A incoerência dos sonhos também se explica pelas falhas de uma lembrança incompleta do que foi visto durante o sono. É como uma narrativa da qual foram suprimidos trechos ao acaso; reunidos depois, os fragmentos restantes não apresentam sentido lógico.

403 — Por que não nos lembramos sempre dos sonhos?

— Porque, no que chamas de sono, apenas o corpo repousa; o Espírito permanece sempre ativo. Durante o sono, ele recupera parte de sua liberdade e se comunica com aqueles que lhe são caros, neste mundo ou em outros. Mas, sendo o corpo formado por matéria pesada e grosseira, tem dificuldade em conservar as impressões recebidas pelo Espírito, pois estas não lhe chegam por intermédio dos órgãos corporais.

404 — O que se deve pensar das significações atribuídas aos sonhos?

— Os sonhos não são verdadeiros no sentido que lhes atribuem os intérpretes supersticiosos, pois é absurdo acreditar que sonhar com algo anuncia necessariamente outro fato. Eles são verdadeiros no sentido de apresentarem imagens que, para o Espírito, têm realidade, mas que muitas vezes não guardam relação com a vida corporal. Frequentemente, como já dissemos, são lembranças. Em certos casos, podem ser pressentimentos do futuro, se Deus o permitir, ou a percepção do que ocorre naquele momento em outro lugar para onde a alma se desloca. Não são raros os casos de pessoas que aparecem em sonho a parentes e amigos para avisá-los do que lhes está acontecendo. Que são essas aparições senão as almas ou os Espíritos dessas pessoas comunicando-se com quem lhes é caro? Quando tens certeza de que o que viste realmente aconteceu, isso não prova que a imaginação não teve participação, sobretudo se o fato não te ocupava o pensamento quando estavas desperto?

405 — Acontece com frequência vermos em sonho coisas que parecem presságios, mas que depois não se confirmam. A que se deve isso?

— Pode acontecer que esses pressentimentos se confirmem apenas na experiência do Espírito, e não na do corpo; ou seja, o Espírito vê aquilo que deseja, porque vai ao encontro disso. Não se deve esquecer que, durante o sono, a alma ainda está sob influência da matéria e nunca se liberta completamente das ideias terrenas. Por isso, as preocupações da vigília podem dar ao que se vê a aparência do que se deseja ou do que se teme. É a isso que se deve atribuir, de fato, o efeito da imaginação. Quando uma ideia nos ocupa intensamente, tudo o que vemos parece ligado a ela.

406 — Quando, em sonho, vemos pessoas vivas e conhecidas praticando atos nos quais jamais pensariam, isso não é puro efeito da imaginação?

— *Dizes que jamais pensariam nisso. O que sabes a respeito? Os Espíritos dessas pessoas podem visitar o teu, assim como o teu pode visitá-los, sem que saibas sempre o que eles pensam. Além disso, não é raro atribuíres a pessoas conhecidas, conforme teus desejos ou receios, fatos que dizem respeito a outras existências.*

407 — É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito?

— *Não. Basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recupere sua liberdade. Para se emancipar, ele aproveita todos os momentos de repouso que o corpo lhe concede. Sempre que há enfraquecimento das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre quanto mais fraco estiver o corpo.*

Assim, quando estamos apenas sonolentos ou em leve dormência, muitas vezes vemos imagens semelhantes às dos sonhos.

408 — Às vezes parece-nos ouvir, dentro de nós, palavras pronunciadas com clareza, sem relação com o que nos preocupa. Qual a razão disso?

— *É fato. Chegas até a ouvir frases inteiras, principalmente quando os sentidos começam a entorpecer-se. Trata-se, muitas vezes, de um eco fraco do que diz um Espírito que tenta comunicar-se contigo.*

409 — Em outras ocasiões, num estado que ainda não é exatamente o do sono, com os olhos fechados, vemos imagens nítidas, figuras cujos mínimos detalhes percebemos. Isso é visão ou imaginação?

— *Como o corpo está entorpecido, o Espírito procura desprender-se. Ele se desloca e vê. Se o sono fosse completo, isso já seria um sonho.*

410 — Durante o sono, ou mesmo quando estamos apenas levemente adormecidos, surgem ideias que parecem excelentes, mas que logo se apagam da memória, apesar do esforço para retê-las. De onde vêm essas ideias?

— *Vêm da liberdade do Espírito que se emancipa e, nesse estado, dispõe de mais faculdades. Muitas vezes são conselhos dados por outros Espíritos.*

— De que servem essas ideias e conselhos, se esquecemos tudo e não conseguimos aproveitá-los?

— *Algumas dessas ideias dizem mais respeito ao mundo espiritual do que ao mundo corporal. Porém, com mais frequência, mesmo que o corpo as esqueça, o Espírito as conserva, e elas retornam no momento oportuno, como uma inspiração repentina.*

411 — Estando desprendido da matéria e agindo como Espírito, sabe o Espírito encarnado quando morrerá?

— *Frequentemente, ele pressente isso. Às vezes, tem consciência clara desse momento, o que faz com que, no estado de vigília, tenha uma intuição do fato. É por isso que algumas pessoas conseguem prever com grande exatidão a data de sua morte.*

412 — A atividade do Espírito durante o repouso ou o sono pode fatigar o corpo?

— *Pode, pois o Espírito permanece ligado ao corpo como um balão preso a um poste. Assim como os movimentos do balão sacodem o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode cansá-lo.*

Visitas espíritas entre pessoas vivas

413 — Do princípio da emancipação da alma parece decorrer que temos duas existências simultâneas: a do corpo, que nos permite a vida de relação ostensiva; e a da alma, que nos proporciona a vida de relação oculta. É assim?

— *No estado de emancipação, a vida da alma predomina. Contudo, não existem, de fato, duas existências. São, antes, duas fases de uma só existência, porque o homem não vive duas vezes.*

414 — Podem duas pessoas que se conhecem visitar-se durante o sono?

— *Sim, e muitos que acham que não se conhecem costumam se reunir e conversar. Você pode ter, sem perceber, amigos em outro país. É tão comum vocês se encontrarem, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conhecem e com pessoas que podem ser úteis, que quase todas as noites fazem essas visitas.*

415 — Que utilidade podem elas ter, se as esquecemos?

— Em geral, ao despertar, vocês guardam a intuição desse fato, e daí frequentemente surgem ideias que aparecem espontaneamente, sem que consigam explicar de onde vieram. São ideias que vocês adquiriram nessas conversas.

416 — Pode o homem, pela sua vontade, provocar as visitas espíritas? Pode, por exemplo, dizer, quando está para dormir: Quero esta noite encontrar-me em Espírito com fulano, quero falar-lhe para dizer isto?

— O que acontece é o seguinte: quando o homem adormece, seu Espírito desperta e, muitas vezes, não tem a menor disposição de fazer o que o homem havia decidido, porque a vida corporal pouco interessa ao Espírito, uma vez desprendido da matéria. Isso vale para homens já bastante elevados espiritualmente. Os outros passam por essa fase espiritual da existência terrena de modo bem diferente: entregam-se às suas paixões, ou permanecem inativos. Pode, portanto, acontecer — se houver motivos para isso — que o Espírito vá visitar aqueles com quem deseja encontrar-se. Mas o simples fato de a pessoa, acordada, querer que isso aconteça não é motivo suficiente para que de fato aconteça.

417 — Podem Espíritos encarnados reunir-se em certo número e formar assembleias?

— Sem dúvida alguma. Laços de amizade, antigos ou recentes, costumam reunir desse modo diversos Espíritos, que se sentem felizes de estar juntos.

Pelo termo antigos se devem entender os laços de amizade contraídos em existências anteriores. Ao despertar,

guardamos intuição das ideias que recolhemos nesses colóquios, mas ficamos na ignorância da fonte de onde vieram.

418 — Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, sem que tal fosse a realidade, poderia encontrar-se com ele, em Espírito, e verificar que continua vivo? Poderia, neste caso, ter a intuição desse fato ao despertar?

— *Como Espírito, a pessoa que imaginas pode ver o seu amigo e conhecer a sua situação. Se não lhe tiver sido imposto, como prova, acreditar na morte desse amigo, poderá ter um pressentimento de que ele está vivo, assim como poderá ter um pressentimento de sua morte.*

Transmissão oculta do pensamento

419 — Que é o que faz com que uma ideia, a de uma descoberta, por exemplo, surja em muitos pontos ao mesmo tempo?

— *Já dissemos que, durante o sono, os Espíritos se comunicam entre si. Então, quando acontece o despertar, o Espírito se lembra do que aprendeu e o homem acha que isso foi uma invenção dele mesmo. Assim é que muitos podem descobrir, ao mesmo tempo, a mesma coisa. Quando vocês dizem que uma ideia “paira no ar”, usam uma imagem mais exata do que imaginam. Todos, sem perceber, contribuem para propagá-la.*

Desse modo, o nosso próprio Espírito muitas vezes revela a outros Espíritos, sem que disso nos demos conta, o que era objeto de nossas preocupações no estado de vigília.

420 — Podem os Espíritos comunicar-se, estando completamente despertos os corpos?

— O Espírito não está fechado no corpo como numa caixa; ele irradia por todos os lados. Por isso, pode comunicar-se com outros Espíritos mesmo em estado de vigília, embora com mais dificuldade.

421 — Como se explica que duas pessoas perfeitamente acordadas tenham instantaneamente a mesma ideia?

— São dois Espíritos simpáticos que se comunicam e veem, reciprocamente, os pensamentos um do outro, mesmo sem os corpos estarem adormecidos.

Há, entre os Espíritos que se encontram, uma comunicação de pensamento, que faz com que duas pessoas se vejam e se compreendam sem precisarem dos sinais visíveis da linguagem. Poder-se-ia dizer que falam entre si a linguagem dos Espíritos.

Letargia, catalepsia, mortes aparentes

422 — Os letárgicos e os catalépticos, em geral, veem e ouvem o que se passa em derredor, sem que possam expressar que estão vendo e ouvindo. É pelos olhos e pelos ouvidos que têm essas percepções?

— Não; pelo Espírito. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se.

— Por quê?

— Porque o estado do corpo impede isso. Esse estado especial dos

órgãos prova que no homem há algo mais do que o corpo, pois, então, o corpo já não funciona e, no entanto, o Espírito continua ativo.

423 — Na letargia, pode o Espírito separar-se inteiramente do corpo, de modo a imprimir-lhe todas as aparências da morte e voltar depois a habitá-lo?

— Na letargia, o corpo não está morto, porque há funções que continuam a ser executadas. Sua vitalidade fica em estado latente, como na crisálida, mas não é anulada. Enquanto o corpo vive, o Espírito continua ligado a ele. Quando esses laços se rompem, por causa da morte real e da desagregação dos órgãos, a separação se torna completa e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Quando um homem aparentemente morto volta à vida, é porque a morte não era completa.

424 — Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem, restituindo-se à vida um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido?

— Sem dúvida, e todos os dias vocês têm prova disso. O magnetismo, em tais casos, é muitas vezes um poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.

A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda não explicada. Diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou

menos extensa do corpo, de modo a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes espontânea, mas pode ser provocada e anulada artificialmente pela ação magnética.

Sonambulismo

425 — O sonambulismo natural tem alguma relação com os sonhos? Como explicá-lo?

— *É um estado de independência da alma mais completo do que o do sonho. Nesse estado, suas faculdades se ampliam. A alma passa a ter percepções que não possui no sonho, que pode ser considerado um sonambulismo incompleto.*

No sonambulismo, o Espírito está plenamente consciente de si. Os órgãos materiais, encontrando-se em espécie de catalepsia, deixam de receber as impressões externas. Esse estado ocorre principalmente durante o sono, quando o Espírito pode afastar-se temporariamente do corpo, que então desfruta do repouso necessário à matéria. Quando surgem os fenômenos do sonambulismo, é porque o Espírito, ocupado com determinado assunto, aplica-se a uma ação que exige o uso do corpo. Ele então se serve do corpo como se serviria de um objeto material, como ocorre nas manifestações físicas, ou como utiliza a mão do médium nas comunicações escritas.

Nos sonhos conscientes, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar. Eles recebem de forma imperfeita as impressões produzidas por objetos ou causas externas e as transmitem ao Espírito, que, ainda em repouso, experimenta apenas sensa-

ções confusas, muitas vezes desordenadas, sem razão aparente, misturadas a vagas lembranças da existência atual ou de existências anteriores. Assim, compreende-se facilmente por que os sonâmbulos não guardam lembrança do que ocorreu durante o estado sonambúlico e por que os sonhos de que nos lembramos, na maioria das vezes, não fazem sentido. Digo na maioria das vezes, porque também ocorre que sejam lembranças exatas de acontecimentos de uma vida anterior ou, em certos casos, uma espécie de intuição do futuro.

426 — O chamado sonambulismo magnético tem alguma relação com o sonambulismo natural?

— É o mesmo fenômeno, com a única diferença de ser provocado.

427 — De que natureza é o agente chamado fluido magnético?

— Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.

428 — Qual a causa da clarividência sonambúlica?

— Já foi dito: é a alma que vê.

429 — Como pode o sonâmbulo ver através de corpos opacos?

— Não existem corpos opacos senão para os vossos órgãos grosseiros. Já não dissemos que a matéria não oferece obstáculo ao Espírito, que a atravessa livremente? Frequentemente ouvis o sonâmbulo dizer que vê pela fronte, pelo joelho, etc., porque, estando vós inteiramente presos à matéria, não compreendeis que ele possa ver sem o auxílio dos órgãos. Ele próprio, influenciado pelo desejo de quem o interroga, julga precisar desses órgãos. Se,

porém, fosse deixado livre, compreenderia que vê por todas as partes do corpo, ou melhor dizendo, que vê fora do corpo.

430 — Se a clarividência pertence à alma ou ao Espírito, por que o sonâmbulo não vê tudo e tantas vezes se engana?

— Primeiro, porque aos Espíritos imperfeitos não é dado saber tudo nem ver tudo. Eles ainda compartilham dos vossos erros e preconceitos. Além disso, quando ligados à matéria, não desfrutam plenamente de todas as faculdades espirituais. Deus concedeu ao ser humano a faculdade sonambúlica para fins úteis e sérios, não para revelar tudo o que não deve ser conhecido. Por isso, os sonâmbulos não podem dizer tudo.

431 — Qual a origem das ideias inatas do sonâmbulo, e como pode falar com exatidão de coisas que ignora quando desperto, inclusive de assuntos acima de sua capacidade intelectual?

— O sonâmbulo possui mais conhecimentos do que imaginais. Esses conhecimentos apenas permanecem adormecidos, pois, sendo o envoltório corporal imperfeito, não permite que ele se recorde plenamente. O que é um sonâmbulo, afinal? Um Espírito como nós, encarnado na matéria para cumprir sua missão, que desperta dessa letargia quando entra em estado sonambúlico. Já dissemos repetidamente que renascemos muitas vezes. Essa mudança de condição faz com que o sonâmbulo, como qualquer Espírito, perca materialmente o que aprendeu em existência anterior. Ao entrar no estado que chamamos de crise, ele se lembra do que sabe, mas sempre de modo incompleto. Sabe, mas não consegue dizer de onde vem o conhecimento nem como o possui. Passada a crise, toda lembrança se apaga, e ele

retorna à obscuridade.

A experiência mostra também que os sonâmbulos recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devem dizer e suprem as limitações que apresentam. Isso se verifica principalmente nas prescrições médicas. O Espírito do sonâmbulo percebe o mal, e outro Espírito lhe indica o remédio. Essa dupla ação às vezes é evidente e se revela por expressões frequentes como: “disseram-me que eu dissesse” ou “não me permitem dizer tal coisa”. Neste último caso, há sempre perigo em insistir numa revelação negada, pois se abre espaço para a intervenção de Espíritos levianos, que falam sem critério e sem compromisso com a verdade.

432 — Como se explica a visão à distância em certos sonâmbulos?

— Durante o sono, a alma não se desloca? O mesmo ocorre no sonambulismo.

433 — O maior ou menor desenvolvimento da clarividência sonambúlica depende da organização física ou apenas da natureza do Espírito encarnado?

— De ambos. Existem disposições físicas que permitem ao Espírito desprender-se da matéria com maior ou menor facilidade.

434 — As faculdades de que goza o sonâmbulo são as mesmas que o Espírito possui após a morte?

— Apenas até certo ponto, pois é preciso considerar a influência da matéria à qual ele ainda está ligado.

435 — O sonâmbulo pode ver outros Espíritos?

— A maioria os vê muito bem, conforme o grau e a natureza da lucidez de cada um. Algumas vezes, porém, não percebem de imediato que estão vendo Espíritos e os tomam por seres corpóreos. Isso ocorre principalmente com aqueles que nada conhecem do Espiritismo e ainda não compreendem a natureza dos Espíritos. O fato os espanta e os leva a acreditar que estão diante de pessoas encarnadas.

O mesmo acontece com Espíritos recém-desencarnados que ainda se julgam vivos. Não percebendo nenhuma alteração ao seu redor e vendo Espíritos com aparência semelhante à humana, tomam a aparência do próprio perispírito por um corpo material.

436 — Se, nos fenômenos sonambúlicos, é a alma que se desloca, de onde o sonâmbulo vê: do local onde está o corpo ou de onde está a alma?

— Por que fazer essa pergunta, se sabes que é a alma que vê, e não o corpo?

437 — Se é a alma que se desloca, como pode o sonâmbulo sentir no corpo as sensações de frio ou calor do lugar onde se encontra sua alma, muitas vezes distante do corpo?

— A alma, nesses casos, não se separa completamente do corpo. Ela permanece ligada por um laço que funciona como condutor das sensações. Quando duas pessoas se comunicam à distância por meio da eletricidade, esta funciona como o elo que liga seus pensamentos. Assim, conversam como se estivessem lado a lado.

438 — O uso que o sonâmbulo faz de sua faculdade influencia o estado de seu Espírito após a morte?

— *Influencia muito, assim como o bom ou mau uso que o ser humano faz de todas as faculdades que Deus lhe concedeu.*

Êxtase

439 — Qual a diferença entre o êxtase e o sonambulismo?

— *O êxtase é um sonambulismo mais elevado. A alma do extático é ainda mais independente.*

440 — O Espírito do extático realmente penetra nos mundos superiores?

— *Ele vê esses mundos e compreende a felicidade dos que os habitam, o que desperta o desejo de ali permanecer. Contudo, existem mundos inacessíveis aos Espíritos que ainda não estão suficientemente purificados.*

441 — Quando o extático manifesta o desejo de deixar a Terra, fala com sinceridade? O instinto de conservação não o retém?

— *Isso depende do grau de purificação do Espírito. Se percebe que sua situação futura será melhor do que a atual, esforça-se por romper os laços que o prendem à Terra.*

442 — Se o extático fosse deixado entregue a si mesmo, sua alma poderia abandonar definitivamente o corpo?

— *Poderia, sim. Ele poderia morrer. Por isso é necessário chamá-lo de volta, apelando para tudo o que o liga a este*

mundo, fazendo-o compreender que a maneira mais segura de não permanecer onde vê felicidade é romper totalmente os laços com a vida corporal.

443 — Se o extático vê coisas que parecem produto da imaginação influenciada por crenças e preconceitos terrenos, não se deve concluir que nem tudo o que ele vê é real?

— O que o extático vê é real para ele. Contudo, como seu Espírito ainda sofre a influência das ideias terrenas, pode acontecer que ele interprete ou expresse o que vê segundo seus próprios preconceitos ou segundo os de quem o escuta, para ser melhor compreendido. Nesse sentido, é que pode ocorrer erro.

444 — Que confiança se pode depositar nas revelações dos extáticos?

— O extático está sujeito a enganar-se com frequência, sobretudo quando tenta penetrar em assuntos que devem permanecer ocultos ao ser humano. Nesses casos, pode ser levado por suas próprias ideias ou tornar-se instrumento de Espíritos mistificadores, que se aproveitam de seu entusiasmo.

445 — Que conclusões podem ser tiradas dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não seriam uma espécie de iniciação à vida futura?

— De certo modo, por meio desses fenômenos, o ser humano vislumbra a vida passada e a vida futura. Estudai-os e encontrareis neles a explicação de muitos mistérios que a razão, sozinha, tenta em vão esclarecer.

446 — Esses fenômenos podem ser conciliados com as ideias materialistas?

— *Quem os estuda de boa-fé e sem preconceitos não pode permanecer materialista nem ateu.*

Segunda vista

447 — O fenômeno chamado segunda vista tem relação com o sonho e o sonambulismo?

— *Tudo isso é a mesma coisa. O que chamais de segunda vista é também resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo esteja adormecido. A segunda vista é a visão da alma.*

448 — A segunda vista é permanente?

— *A faculdade é permanente; o exercício, não. Em mundos menos materiais que o vosso, os Espíritos se desprendem com mais facilidade e se comunicam apenas pelo pensamento, sem abolir a linguagem articulada. Nesses mundos, a segunda vista é uma faculdade permanente para a maioria dos habitantes, cujo estado normal se assemelha ao dos vossos sonâmbulos lúcidos. É por isso também que esses Espíritos se manifestam com mais facilidade do que os encarnados em corpos mais densos.*

449 — A segunda vista se desenvolve espontaneamente ou pela vontade de quem a possui?

— *Na maioria das vezes, surge espontaneamente, mas a vontade também desempenha papel importante em seu desenvolvimento. Observa, por exemplo, as pessoas conhecidas como videntes ou leitoras de sorte: muitas entram nesse estado com auxílio da pró-*

pria vontade.

450 — A segunda vista pode ser desenvolvida pelo exercício?

— *Sim. O exercício conduz ao progresso e à dissipação do véu que encobre certas percepções.*

— Essa faculdade tem relação com a organização física?

— *Sem dúvida. O organismo influencia sua manifestação. Há organismos que lhe são refratários.*

451 — Por que a segunda vista parece hereditária em algumas famílias?

— *Pela semelhança do organismo, que se transmite como outras características físicas. Além disso, a faculdade se desenvolve por uma espécie de educação, que também se transmite.*

452 — Certas circunstâncias favorecem o desenvolvimento da segunda vista?

— *Sim. Doença, perigo iminente, grandes emoções podem despertá-la. Às vezes, o corpo entra num estado especial que permite ao Espírito ver o que não se pode perceber com os sentidos físicos.*

Em épocas de crises e calamidades, grandes comoções morais frequentemente provocam o desenvolvimento da segunda vista. Parece que a Providência, quando um perigo nos ameaça, nos oferece um meio de enfrentá-lo.

453 — As pessoas dotadas de segunda vista sempre têm consciência dessa faculdade?

— *Nem sempre. Muitas a consideram algo natural e acreditam que todos, se observassem melhor a si mesmos, perceberiam o mesmo.*

454 — A perspicácia de algumas pessoas, que compreendem melhor as situações sem nada apresentarem de extraordinário, pode ser atribuída à segunda vista?

— *É sempre a alma que irradia com mais liberdade e aprecia melhor do que sob o véu da matéria.*

— Essa faculdade pode, em certos casos, dar a presciência?

— *Pode, assim como pressentimentos. Ela possui muitos graus, que podem coexistir num mesmo indivíduo.*

455 — Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista

Os fenômenos do sonambulismo natural ocorrem espontaneamente e independem de causa exterior conhecida. Em algumas pessoas, dotadas de organização física particular, podem ser provocados artificialmente pela ação magnética.

O sonambulismo magnético difere do natural apenas por ser provocado, enquanto o outro é espontâneo.

O sonambulismo natural é um fato conhecido, que ninguém contesta seriamente, apesar do caráter extraordinário dos fenômenos que produz. Por que seria mais

irracional o sonambulismo magnético? Apenas porque é provocado artificialmente, como tantas outras coisas? Se charlatães o exploram, isso não invalida o fenômeno. Pelo contrário, é motivo para que a ciência se aproprie dele. Quando isso ocorrer, os charlatães perderão espaço. Enquanto isso não acontece, o fenômeno avança, apesar da resistência de alguns, inclusive no meio científico.

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno fisiológico: é uma luz lançada sobre a psicologia. É nesse estado que a alma pode ser estudada diretamente, pois se manifesta de forma mais livre. Um dos principais fenômenos observados é a clarividência independente dos órgãos da visão. Os que contestam esse fato alegam que o sonâmbulo não vê sempre ou conforme a vontade do experimentador. Mas isso ocorre porque os meios são diferentes. A alma tem propriedades próprias, assim como os olhos têm as suas. Deve-se analisá-las por si mesmas, não por analogia.

A clarividência do sonâmbulo, seja natural ou magnética, tem a mesma origem: é um atributo da alma. O sonâmbulo vê onde quer que sua alma possa se transportar, independentemente da distância.

Na visão à distância, o sonâmbulo não vê a partir do local onde está o corpo, como se usasse um telescópio. Ele vê como se estivesse presente no lugar observado, porque sua alma realmente está ali. Por isso, o corpo fica momentaneamente privado de sensações até que a alma retorne. Essa separação parcial entre alma e corpo é um estado anormal, que não pode durar indefinidamente. Daí o cansaço que o corpo sente após certo tempo, especialmente quando a

alma se dedica a atividades intensas.

A visão da alma não tem sede determinada. Por isso, os sonâmbulos não conseguem apontar um órgão específico. Eles veem simplesmente, sem saber como, pois, como Espíritos, a visão não depende de um foco físico. Ao tentar explicar isso com base no corpo, situam essa percepção nos centros de maior atividade vital, como o cérebro ou a região do epigástrico, que consideram pontos de ligação mais fortes entre o Espírito e o corpo.

A lucidez sonambúlica não é ilimitada. O Espírito, mesmo livre, tem seus conhecimentos limitados pelo grau de perfeição alcançado. Essas limitações são ainda maiores quando está ligado à matéria. Por isso, a clarividência sonambúlica não é universal nem infalível, especialmente quando desviada de seu fim natural e transformada em simples curiosidade.

No estado de desprendimento, o Espírito do sonâmbulo se comunica com mais facilidade com outros Espíritos, encarnados ou não. Essa comunicação ocorre pelo contato dos fluidos dos perispíritos, que transmitem o pensamento, como um fio elétrico. O sonâmbulo não precisa de palavras: ele sente e percebe os pensamentos. Isso o torna extremamente sensível às influências morais do ambiente. Por isso, uma assistência numerosa ou hostil prejudica o desenvolvimento de suas faculdades, que só se manifestam plenamente em ambiente favorável.

O sonâmbulo percebe ao mesmo tempo seu Espírito e seu corpo, como se fossem dois seres distintos, representando a dupla existência corporal e espiritual. Nem sempre tem

consciência clara dessa condição, o que explica por que às vezes fala de si como se fosse outra pessoa.

Em cada existência corporal, o Espírito adquire novos conhecimentos e experiências. Ao encarnar em matéria mais grosseira, esquece-os parcialmente, mas deles se recorda como Espírito. Por isso, sonâmbulos podem revelar conhecimentos superiores ao grau de instrução que possuem quando despertos. Esses conhecimentos podem vir de experiências anteriores, da clarividência sobre o presente ou de comunicações de outros Espíritos.

Os fenômenos do sonambulismo, natural ou magnético, oferecem prova clara da existência e da independência da alma. Permitem observar diretamente sua emancipação e compreender melhor o destino espiritual. Enquanto a metafísica abstrata se perde em especulações, Deus coloca diante de nós meios simples e acessíveis para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado em que a independência da alma em relação ao corpo se manifesta de forma mais intensa. No sonho e no sonambulismo, a alma se movimenta nas regiões terrestres; no êxtase, penetra em mundos espirituais mais elevados, ainda que sem ultrapassar certos limites. Se os ultrapassasse, os laços com o corpo se romperiam definitivamente.

Nesse estado, o corpo quase se anula, restando apenas a vida orgânica. A alma parece ligada ao corpo por um fio tênue, que poderia romper-se com pequeno esforço. Os pensamentos terrenos desaparecem, dando lugar a sentimentos elevados. O extático vê a vida corporal como uma etapa

passageira e antecipa, por instantes, a felicidade espiritual.

Como nos sonâmbulos, a lucidez dos extáticos varia conforme o grau de elevação do Espírito. Às vezes, há mais exaltação do que verdadeira lucidez, o que leva a misturas de verdades e erros. Espíritos inferiores podem se aproveitar desse estado para enganar o extático, adaptando-se aos seus preconceitos. Cabe sempre julgar essas revelações com razão e discernimento.

A emancipação da alma pode ocorrer também em estado de vigília, dando origem à segunda vista. Nesse fenômeno, o Espírito percebe além dos limites dos sentidos físicos. O estado físico da pessoa se altera: o olhar torna-se vago, e os olhos deixam de ser o instrumento da percepção.

Para quem possui a segunda vista, essa faculdade parece natural. Muitas vezes, o esquecimento se segue à experiência, como ocorre com os sonhos. O grau dessa faculdade varia desde simples intuições até percepções claras de acontecimentos presentes ou futuros.

O sonambulismo, o êxtase, a segunda vista e os sonhos são manifestações de uma mesma causa: a emancipação da alma. Esses fenômenos sempre existiram e explicam muitos fatos antes considerados sobrenaturais.

Capítulo 9 - Intervenção dos Espíritos no mundo corporal

Faculdade de penetrar nossos pensamentos

456 — Os Espíritos veem tudo o que fazemos?

— *Podem ver, pois estão constantemente ao redor de vocês. Cada Espírito, porém, só observa aquilo a que presta atenção. Não se ocupam do que lhes é indiferente.*

457 — Os Espíritos podem conhecer nossos pensamentos mais secretos?

— *Muitas vezes conhecem até aquilo que vocês gostariam de esconder de si mesmos. Nem atos nem pensamentos lhes podem ser ocultados.*

— Então seria mais fácil esconder algo de uma pessoa viva do que dessa mesma pessoa depois de morta?

— *Certamente. Quando vocês acreditam estar bem escondidos, é comum haver ao seu lado uma multidão de Espíritos observando.*

458 — O que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e nos observam?

— *Depende. Os Espíritos levianos riem das pequenas armadilhas que pregam e zombam da impaciência de vocês. Os Espíritos sérios se compadecem das dificuldades que enfrentam e procuram ajudar.*

Influência oculta em nossos pensamentos e atos

459 — Os Espíritos influenciam nossos pensamentos e nossas ações?

— *Muito mais do que vocês imaginam, pois frequentemente são eles que os conduzem.*

460 — Além dos pensamentos que nos são próprios, existem outros que nos são sugeridos?

— *A alma de vocês é um Espírito que pensa. Vocês sabem que, muitas vezes, vários pensamentos surgem ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto, e não raro entram em conflito. Pois bem: nesse conjunto, misturam-se os pensamentos de vocês com os nossos. Daí nasce a indecisão. É porque existem, em vocês, ideias que se enfrentam.*

461 — Como distinguir os pensamentos próprios daqueles que nos são sugeridos?

— *Quando um pensamento é sugerido, vocês costumam ter a impressão de que alguém lhes fala. Em geral, os pensamentos próprios surgem primeiro. No entanto, não é tão importante saber*

distinguir uns dos outros. Muitas vezes é melhor que isso não seja possível. Assim, a pessoa age com mais liberdade. Quando escolhe o bem, o faz por vontade própria; quando escolhe o mal, sua responsabilidade é maior.

462 — As pessoas inteligentes e de gênio tiram sempre suas ideias apenas de si mesmas?

— Às vezes as ideias vêm do próprio Espírito delas; muitas outras vezes, são sugeridas por Espíritos que as consideram capazes de compreendê-las e dignas de transmiti-las. Quando não encontram essas ideias em si mesmas, recorrem à inspiração. Sem perceber, fazem assim uma verdadeira evocação.

Se fosse útil distinguir claramente nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus teria nos dado meios claros para isso, como nos deu para distinguir o dia da noite. Quando algo permanece indefinido, é porque assim convém.

463 — Diz-se que o primeiro impulso é sempre bom. Isso é verdade?

— Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom para quem sabe ouvir as boas inspirações.

464 — Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um Espírito bom ou de um Espírito mau?

— Analisem o conteúdo. Os Espíritos bons aconselham sempre para o bem. Cabe a vocês discernir.

465 — Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

— *Para que sofram como eles sofrem.*

— Isso diminui o sofrimento deles?

— *Não. Fazem isso por inveja, por não suportarem ver outros felizes.*

— Que tipo de sofrimento procuram causar?

— *O sofrimento de permanecer em condição inferior e afastado de Deus.*

466 — Por que Deus permite que Espíritos nos estimulem ao mal?

— *Os Espíritos imperfeitos servem para colocar à prova a fé e a perseverança das pessoas no bem. Como Espírito que és, precisas avançar no conhecimento do infinito, e isso exige enfrentar provas. Passa-se pelo mal para alcançar o bem. Nossa missão é orientar vocês para o caminho correto. Quando sofrem más influências, é porque as atraem por seus próprios desejos, pois os Espíritos inferiores se aproximam quando há inclinação para o mal. Só quando alguém deseja o mal é que eles podem ajudá-lo a praticá-lo. Se uma pessoa tende à violência, terá ao redor Espíritos que alimentam essa inclinação. Mas outros Espíritos também estarão presentes, tentando influenciá-la para o bem, restabelecendo o equilíbrio e preservando sua liberdade de escolha.*

Assim, Deus confia à consciência de cada um a escolha do caminho a seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra influência.

467 — O ser humano pode livrar-se da influência dos Espíritos que tentam levá-lo ao mal?

— *Pode, pois esses Espíritos só se ligam àqueles que os atraem por seus desejos ou pensamentos.*

468 — Os Espíritos cuja influência é rejeitada desistem de suas tentativas?

— *O que você espera que façam? Quando nada conseguem, afastam-se. Mas ficam atentos, à espera de uma oportunidade, como o gato à espreita do rato.*

469 — Como neutralizar a influência dos maus Espíritos?

— *Praticando o bem e confiando plenamente em Deus. Assim, vocês repelem os Espíritos inferiores e anulam o poder que eles desejam exercer. Evitem dar atenção às sugestões que despertam maus pensamentos, que criam discórdia ou alimentam paixões negativas. Desconfiem, sobretudo, daqueles que estimulam o orgulho, pois esse é o ponto mais vulnerável. Por isso Jesus ensinou na oração: “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”*

470 — Os Espíritos que nos induzem ao mal cumprem alguma missão ao testar nossa firmeza no bem? Eles são responsáveis por isso?

— *Nenhum Espírito recebe a missão de praticar o mal. Quem o faz age por conta própria e responde pelas consequências. Deus pode permitir essa ação como prova, mas jamais a ordena. Cabe a vocês resistir.*

471 — Quando sentimos angústia, ansiedade sem causa aparente ou uma alegria íntima inexplicável, isso é apenas efeito físico?

— *Quase sempre é resultado das comunicações inconscientes que vocês mantêm com Espíritos, ou das que ocorreram durante o sono.*

472 — Os Espíritos que tentam nos levar ao mal apenas aproveitam as circunstâncias ou também as criam?

— *Aproveitam as circunstâncias, mas também podem criá-las, conduzindo vocês, sem que percebam, para aquilo que desejam. Por exemplo, um homem encontra dinheiro em seu caminho. Não pensem que os Espíritos colocaram o dinheiro ali, mas podem tê-lo inspirado a seguir aquele caminho e depois sugerido que se apropriasse da quantia, enquanto outros lhe sugerem devolvê-la. O mesmo ocorre em todas as tentações.*

Possessos

473 — Um Espírito pode tomar temporariamente o corpo de uma pessoa viva e agir em seu lugar?

— *Um Espírito não entra em um corpo como alguém entra em uma casa. Ele se associa a um Espírito encarnado cujas imperfeições e qualidades sejam semelhantes às suas, para agir junto com ele. Mas quem atua sobre a matéria é sempre o encarnado, conforme sua vontade. Nenhum Espírito pode substituir aquele que está encarnado, pois este permanece ligado ao corpo até o fim de sua existência material.*

474 — Se não há possessão no sentido de dois Espíritos ocuparem o mesmo corpo, pode a alma ficar dominada por outro Espírito a ponto de ter a vontade paralisada?

— *Sim, e esses são os verdadeiros possessos. Mas essa dominação nunca ocorre sem o consentimento daquele que a sofre, seja por fraqueza, seja por desejo. Muitas pessoas doentes, como epiléticos ou indivíduos com transtornos mentais, foram confundidas com possessos, quando precisavam de cuidados médicos, não de exorcismos.*

O termo possesso, no sentido comum, pressupõe a existência de demônios como seres maus por natureza e a coabitação deles com a alma de alguém. Como não existem demônios nesse sentido e dois Espíritos não podem ocupar o mesmo corpo, não há possessão como normalmente se imagina. O termo só deve ser usado para indicar a dependência extrema de uma alma em relação a Espíritos imperfeitos que a dominam.

475 — Alguém pode afastar por si mesmo os maus Espíritos e libertar-se dessa dominação?

— *Sempre que houver vontade firme, é possível livrar-se desse jugo.*

476 — Pode acontecer que a fascinação seja tão forte que a pessoa não perceba que está dominada? Nesse caso, outra pessoa pode ajudá-la?

— *Se essa outra pessoa for moralmente elevada, sua vontade pode ser eficaz ao pedir auxílio aos Espíritos bons. Quanto mais moralmente elevada for, maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos. No entanto, nada conseguirá se o dominado não cooperar.*

Há quem goste dessa dependência, pois ela alimenta seus desejos. Além disso, quem não tiver o coração puro não exercerá influência alguma, pois os Espíritos bons não o atendem e os maus não o temem.

477 — As fórmulas de exorcismo têm eficácia contra os maus Espíritos?

— Não. Eles zombam quando veem alguém levar isso a sério.

478 — Algumas pessoas bem-intencionadas continuam obsidiadas. Qual o melhor meio de se libertarem?

— Ignorar completamente esses Espíritos, não dar valor às sugestões deles e mostrar que estão perdendo tempo. Quando percebem que não conseguem nada, afastam-se.

479 — A prece é eficaz contra a obsessão?

— A prece é sempre um grande auxílio. Mas não basta repetir palavras. Deus ajuda quem age, não quem apenas pede. É indispensável que o obsidiado trabalhe para eliminar em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos.

(Ver O Livro dos Médiuns, capítulo “Da obsessão”).

480 — O que pensar da expulsão dos demônios mencionada no Evangelho?

— Tudo depende da interpretação. Se chamarem de demônio o Espírito imperfeito que domina alguém, ao destruir essa influência, ele terá sido de fato expulso. Se atribuírem a um demônio a causa de uma doença, ao curá-la, podem dizer que expulsaram o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa conforme o sentido dado às palavras. Muitas verdades parecem absurdas

quando se observa apenas a forma ou quando se toma a alegoria como realidade. Guardem bem isso, pois se aplica a muitos casos.

Convulsionários

481 — Os Espíritos participam dos fenômenos observados nos chamados convulsionários?

— Sim, de forma importante, assim como o magnetismo, que é a fonte principal desses fenômenos. O charlatanismo, porém, muitas vezes os explorou e exagerou, levando-os ao ridículo.

— Que tipo de Espíritos costuma participar desses fenômenos?

— Espíritos pouco elevados. Vocês acham que Espíritos superiores se divertiriam com isso?

482 — Como se explica que o estado anormal dos convulsionários se espalhe subitamente por uma população inteira?

— É efeito de simpatia. As disposições morais se comunicam facilmente em certos casos. Vocês conhecem os efeitos do magnetismo e podem compreender isso, assim como a participação natural de Espíritos que simpatizam com os que provocam esses fenômenos.

483 — Qual a causa da insensibilidade física observada em convulsionários e em pessoas submetidas a grandes dores?

— *Em alguns casos, é efeito exclusivo do magnetismo sobre o sistema nervoso. Em outros, a exaltação do pensamento diminui a sensibilidade. É como se a vida se afastasse do corpo para concentrar-se no Espírito. Quando o Espírito está intensamente focado em algo, o corpo não sente, não vê e não ouve.*

A exaltação fanática e o entusiasmo explicam muitos casos em que pessoas suportam dores extremas com calma impressionante. Em batalhas, por exemplo, há combatentes que não percebem ferimentos graves, enquanto em situações comuns um pequeno ferimento os faria sofrer intensamente.

Esses fenômenos dependem de causas físicas e da ação de certos Espíritos. A autoridade pública, ao intervir, não elimina a causa espiritual, mas suprime a condição que favorecia o abuso e o escândalo, tornando latente o que antes era ativo. Nesses casos, a intervenção é legítima, pois a ação dos Espíritos era apenas secundária.

Afeição dos Espíritos por certas pessoas

484 — Os Espíritos se afeiçoam mais a algumas pessoas do que a outras?

— *Os Espíritos bons simpatizam com pessoas de bem ou com aquelas dispostas a melhorar. Os Espíritos inferiores se ligam aos vi-*

ciosos ou aos que podem tornar-se assim. Daí surgem suas preferências, conforme a afinidade de sentimentos.

485 — A afeição dos Espíritos é exclusivamente moral?

— A afeição verdadeira não é carnal. Contudo, quando um Espírito se apega a alguém, nem sempre o faz apenas por afinidade moral; podem existir reminiscências de paixões humanas.

486 — Os Espíritos se interessam por nossas alegrias e sofrimentos?

— Os Espíritos bons fazem todo o bem que podem e se alegram com suas felicidades. Sofrem com suas dores quando vocês não as enfrentam com resignação, pois então nada aprendem com elas.

487 — Quais sofrimentos mais afligem os Espíritos por nossa causa: os físicos ou os morais?

— O egoísmo e a dureza do coração. Desses nascem todos os outros males. Eles se compadecem pouco dos sofrimentos imaginários causados pelo orgulho e pela ambição, mas se entristecem profundamente com os males morais que afastam vocês do progresso.

488 — Os parentes e amigos que já partiram nos dedicam mais afeição do que Espíritos desconhecidos?

— Sim, e muitas vezes os protegem conforme as possibilidades que têm.

— Eles sentem a afeição que ainda temos por eles?

— Sentem profundamente, mas esquecem aqueles que os esquecem.

Anjos guardiães. Espíritos protetores ou familiares.

489 — Há Espíritos que se ligam particularmente a uma pessoa para protegê-la?

— *Existe o irmão espiritual, aquele que vocês chamam de bom Espírito ou bom gênio.*

490 — O que se deve entender por anjo guardião?

— *O Espírito protetor pertencente a uma ordem mais elevada.*

491 — Qual é a missão do Espírito protetor?

— *A mesma de um pai em relação aos filhos: guiar a pessoa pelo caminho do bem, ajudá-la com conselhos, consolá-la nas aflições e encorajá-la nas provas da vida.*

492 — O Espírito protetor se liga à pessoa desde o nascimento?

— *Desde o nascimento até a morte, e muitas vezes a acompanha também na vida espiritual após a morte, e até mesmo ao longo de várias existências corporais, que não passam de fases muito breves da vida do Espírito.*

493 — A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?

— *O Espírito assume o compromisso de assistir aquele a quem foi confiado, uma vez que aceita essa tarefa. No entanto, pode escolher pessoas com as quais tenha afinidade. Para alguns, isso é um prazer; para outros, uma missão ou um dever.*

— Ao se ligar a uma pessoa, o Espírito deixa de proteger outras?

— Não, mas passa a protegê-las de forma menos direta.

494 — O Espírito protetor fica inevitavelmente preso à pessoa sob sua guarda?

— Frequentemente acontece que alguns Espíritos deixam temporariamente a função de protetores para cumprir outras missões. Nesses casos, outros Espíritos os substituem.

495 — Pode acontecer de o Espírito protetor afastar-se da pessoa, por ela se mostrar rebelde aos seus conselhos?

— Ele se afasta quando percebe que seus conselhos são ignorados e que a pessoa prefere seguir a influência de Espíritos inferiores. No entanto, não a abandona por completo e continua tentando se fazer ouvir. É a própria pessoa que fecha os ouvidos. O protetor retorna assim que ela o chama.

A doutrina dos anjos guardiães, por sua ternura e consolação, deveria tocar até os mais incrédulos. Não é profundamente reconfortante saber que existem sempre ao nosso lado seres superiores, prontos a aconselhar, amparar e ajudar na difícil subida do caminho do bem? Amigos mais sinceros e dedicados do que muitos dos que nos cercam na Terra. Eles estão ao nosso lado por vontade de Deus. Foi Deus quem os colocou ali, e por amor a Ele permanecem conosco, cumprindo uma missão bela, embora exigente. Onde quer que estejamos, eles estão conosco: nem nas prisões, nem nos hospitais, nem nos lugares de degradação moral, nem na solidão estamos separados desses amigos invisíveis, cujo influxo suave a alma percebe e cujos conselhos prudentes ela escuta.

Ah, se compreendessem bem essa verdade! Quanto ela ajudaria nos momentos difíceis! Quantas vezes afastaria a influência dos maus Espíritos! Mas quantas vezes, no dia decisivo, esse anjo não terá de lamentar: “Não te aconselhei? E, ainda assim, não me ouviste. Não te mostrei o abismo? E mesmo assim te lançaste nele. Não fiz ecoar em tua consciência a voz da verdade? Preferiste seguir a mentira.” Interroguem seus anjos guardiães. Criem com eles a intimidade que existe entre verdadeiros amigos. Não pensem em esconder nada, pois eles veem com o olhar de Deus, e não podem ser enganados. Pensem no futuro. Procurem avançar desde já. Assim, encurtarão as provas e tornarão suas existências mais felizes. Coragem, homens! Abandonem de vez os preconceitos e pensamentos ocultos. Entrem no novo caminho que se abre diante de vocês. Caminhem. Vocês têm guias: sigam-nos, e não deixarão de alcançar a meta, que é o próprio Deus.

Aos que consideram impossível que Espíritos elevados se dediquem a uma tarefa tão constante e exigente, respondemos que influenciemos suas almas mesmo estando a milhões de léguas de distância. Para nós, o espaço não é obstáculo. Ainda que vivamos em outro mundo, mantemos laços com vocês. Possuímos qualidades que vocês ainda não compreendem, mas tenham certeza de que Deus não nos impôs tarefas acima de nossas forças e não deixou vocês sozinhos na Terra, sem amigos ou amparo. Cada anjo guardião tem alguém sob sua proteção, como um pai cuida de um filho. Alegra-se ao vê-lo no caminho certo e sofre quando seus conselhos são desprezados.

Não tenham receio de nos cansar com suas perguntas. Ao contrário, procurem manter contato conosco. Assim, serão mais fortes e mais felizes. Essas comunicações entre cada pessoa e seu

Espírito familiar fazem com que, de certo modo, todos sejam médiuns — ainda que hoje inconscientes disso. No futuro, essa faculdade se manifestará amplamente, espalhando-se como um oceano sem limites, varrendo o ceticismo e a ignorância. Homens instruídos, ensinem seus semelhantes; homens de talento, eduquem seus irmãos. Vocês não imaginam a obra que realizam assim: a obra do Cristo, aquela que Deus lhes confiou. Para que Deus lhes deu inteligência e conhecimento, senão para compartilhá-los, ajudando seus irmãos a avançar no caminho que leva à felicidade verdadeira?

São Luís, Santo Agostinho.

Nada há de surpreendente na doutrina dos anjos guardiães, que velam por aqueles que protegem, apesar da distância entre os mundos. Pelo contrário, ela é grandiosa e sublime. Não vemos, na Terra, um pai cuidar do filho mesmo à distância, ajudando-o com conselhos? Por que então seria estranho que os Espíritos, de outro mundo, possam guiar aqueles que tomaram sob sua proteção, se para eles a distância entre os mundos é menor do que a que separa continentes na Terra? Além disso, eles dispõem do fluido universal, que liga todos os mundos, tornando-os solidários — um imenso veículo de transmissão do pensamento, assim como o ar é, para nós, o meio da transmissão do som.

496 — O Espírito que se afasta de seu protegido, deixando de ajudá-lo, pode prejudicá-lo?

— Os bons Espíritos jamais fazem o mal. Eles apenas permitem que Espíritos inferiores ocupem esse espaço. Então, vocês costumam atribuir à sorte os males que sofrem, quando na verdade são consequência das próprias escolhas.

497 — Um Espírito protetor pode deixar seu protegido exposto à ação de outro Espírito que queira prejudicá-lo?

— Os Espíritos inferiores se unem para neutralizar a ação dos bons. Mas, se quiser, o protegido pode dar toda a força ao seu protetor. Pode acontecer que o bom Espírito encontre, em outro lugar, alguém disposto a receber auxílio, e se dedique a isso enquanto aguarda o momento de retornar.

498 — O Espírito protetor permite que seu protegido se desvie por não conseguir lutar contra Espíritos maus?

— Não é por incapacidade, mas por escolha. Ele não impede porque das provas surgem o aprendizado e o aperfeiçoamento do protegido. Ele continua a orientar por meio de bons pensamentos, que infelizmente nem sempre são ouvidos. A fraqueza, o descuido e o orgulho da pessoa é que dão força aos maus Espíritos, cujo poder só existe quando não encontram resistência.

499 — O Espírito protetor está sempre junto de seu protegido ou pode, em certas circunstâncias, afastar-se sem abandoná-lo?

— Há situações em que não é necessário que o Espírito protetor esteja constantemente ao lado da pessoa.

500 — Chega um momento em que o Espírito não precisa mais de anjo guardião?

— Sim, quando alcança o ponto de poder guiar-se sozinho, como o estudante que chega ao momento em que não precisa mais do professor. Isso, porém, não acontece enquanto se está na Terra.

501 — Por que a ação dos Espíritos sobre nossa vida é oculta? E por que, quando nos protegem, não o fazem de modo evidente?

— Porque, se vocês dependessem sempre dessa ação, deixariam de agir por si mesmos, e o Espírito não progrediria. Para avançar, ele precisa da experiência, muitas vezes adquirida com esforço próprio. É necessário exercitar suas forças; caso contrário, seria como uma criança que nunca aprende a andar sozinha. A ação dos Espíritos bons é sempre equilibrada para não tirar o livre-arbítrio. Sem responsabilidade, não há progresso. Mesmo sem vê-los, vocês contam com a vigilância do guia, que, de tempos em tempos, alerta sobre os perigos.

502 — O Espírito protetor que consegue conduzir seu protegido ao bem recebe algum benefício?

— Isso lhe conta como mérito, seja para seu progresso, seja para sua felicidade. Ele se sente feliz ao ver o sucesso de seus esforços, como um educador se alegra com o êxito do aluno.

— Ele é responsável quando o resultado é negativo?

— Não, pois fez tudo o que estava ao seu alcance.

503 — O Espírito protetor sofre ao ver seu protegido seguir mau caminho, apesar de seus conselhos?

— Ele se entristece com os erros do protegido, mas essa dor não se compara às angústias humanas. Ele sabe que há remédio para o mal e que o que não é feito hoje poderá ser feito amanhã.

504 — Podemos saber o nome do nosso Espírito protetor?

— *Como esperar nomes que não existem para vocês? Aham que só existem Espíritos conhecidos por vocês?*

— Como invocá-lo, então, se não sabemos seu nome?

— *Dêem-lhe o nome que quiserem, de um Espírito elevado que lhes inspire respeito ou carinho. O protetor atenderá, pois todos os Espíritos bons são irmãos e se auxiliam.*

505 — Os Espíritos protetores que se apresentam com nomes conhecidos são realmente aqueles que tiveram esses nomes?

— *Nem sempre. Muitas vezes são Espíritos simpáticos a essas figuras, que respondem em nome delas, com autorização. Assim como vocês delegam alguém para agir em seu nome, os Espíritos fazem o mesmo.*

506 — Na vida espiritual, reconheceremos nosso Espírito protetor?

— *Sim, pois não é raro que já o conhecessem antes de encarnar.*

507 — Todos os Espíritos protetores pertencem à classe dos Espíritos superiores? Um pai pode tornar-se protetor do próprio filho?

— *Pode, mas a proteção exige certo grau de elevação e autoridade moral. Um pai pode proteger o filho, mas também pode ser auxiliado por um Espírito mais elevado.*

508 — Espíritos que deixam a Terra em boas condições sempre podem proteger os que lhes são queridos?

— O poder de que dispõem varia conforme a situação em que se encontram, e nem sempre têm plena liberdade de ação.

509 — Pessoas em estado de selvageria ou inferioridade moral também têm Espíritos protetores?

— Todo ser humano tem um Espírito que vela por ele, mas as missões são proporcionais ao grau de evolução. Não se dá um professor de filosofia a uma criança que está aprendendo a ler. O progresso do Espírito protetor acompanha o do protegido. Assim, ao ser protegido hoje, você poderá amanhã tornar-se protetor de alguém menos adiantado. O progresso daquele que você auxilia contribui também para o seu próprio avanço.

510 — Quando um pai protetor reencarna, ele continua a proteger o filho?

— Isso se torna mais difícil. Ainda assim, ele pode, em momentos de desprendimento, pedir a um Espírito simpático que o substitua. Além disso, os Espíritos só aceitam missões que podem cumprir até o fim.

Encarnado, sobretudo em mundos materiais, o Espírito fica muito preso ao corpo para dedicar-se inteiramente a outro. Por isso, mesmo os que ainda não se elevaram muito são assistidos por Espíritos superiores, de modo que, se um falhar, outro o substitui.

511 — Além do Espírito protetor, cada pessoa tem também um mau Espírito ligado a ela para levá-la ao erro?

— *Ligado não é a palavra certa. Os Espíritos maus se aproximam quando encontram oportunidade. Há sempre uma luta entre o bem e o mal, e vence aquele a quem a pessoa decide ouvir.*

512 — Podemos ter vários Espíritos protetores?

— *Toda pessoa tem Espíritos mais ou menos elevados que simpatizam com ela e se interessam por seu progresso, assim como outros que a influenciam negativamente.*

513 — Os Espíritos simpáticos atuam por missão?

— *Às vezes, cumprem missões temporárias. Mais frequentemente, agem por afinidade de pensamentos e sentimentos, seja para o bem, seja para o mal.*

— Isso significa que Espíritos simpáticos podem ser bons ou maus?

— *Sim. O ser humano sempre atrai Espíritos semelhantes a si.*

514 — Os Espíritos familiares são os mesmos que os simpáticos ou os protetores?

— *Há gradações. O Espírito familiar é, antes de tudo, um amigo próximo.*

Dos esclarecimentos acima, pode-se concluir:

O Espírito protetor, anjo guardião ou bom gênio tem como missão acompanhar a pessoa e ajudá-la a progredir. É sempre superior ao protegido.

Os Espíritos familiares ligam-se a certas pessoas para

ajudá-las dentro de limites restritos. Em geral são bons, mas ainda pouco adiantados, e às vezes levianos. Atuam apenas com permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos se aproximam por afinidade de gostos e sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal, e sua permanência depende das circunstâncias.

O mau gênio é um Espírito imperfeito que tenta desviar a pessoa do bem. Age por iniciativa própria e só tem poder quando encontra abertura. A pessoa é sempre livre para ouvi-lo ou resistir.

515 — O que pensar de pessoas que parecem exercer influência irresistível sobre outras, levando-as ao bem ou ao mal?

— *Em certos casos, trata-se de uma fascinação real. Quando ocorre para o mal, são Espíritos inferiores que, com ajuda de outros semelhantes, subjagam a vontade. Deus permite isso como prova.*

516 — Os Espíritos bons e maus podem encarnar para acompanhar mais de perto alguém?

— *Isso às vezes acontece. Mais frequentemente, encarregam dessa missão outros Espíritos encarnados que lhes são afins.*

517 — Existem Espíritos ligados à proteção de uma família inteira?

— *Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma família unida por afeto, mas não pensem em Espíritos protetores do orgulho das raças.*

518 — Assim como Espíritos se ligam a indivíduos por afinidade, podem também se ligar a grupos?

— *Sim. Os Espíritos preferem estar entre aqueles que lhes são semelhantes. Sociedades, cidades e povos atraem Espíritos conforme os pensamentos e sentimentos predominantes. O aperfeiçoamento moral coletivo afasta Espíritos inferiores e atrai os bons.*

519 — Coletividades como cidades e nações têm Espíritos protetores?

— *Sim, porque são individualidades coletivas que seguem um objetivo comum e precisam de direção superior.*

520 — Os Espíritos protetores das coletividades são mais elevados que os dos indivíduos?

— *Depende do grau de progresso tanto da coletividade quanto do indivíduo.*

521 — Espíritos podem auxiliar o progresso das artes e das ciências?

— *Sim. Existem Espíritos protetores dessas áreas, que assistem os que são dignos dessa ajuda.*

As antigas tradições chamaram esses Espíritos de divindades. As Musas eram a personificação dos Espíritos protetores das artes e das ciências, assim como os Lares e Penates simbolizavam os protetores da família. Hoje, cidades, países e atividades também têm seus patronos, que são Espíritos superiores sob diferentes nomes.

Assim como ocorre com os indivíduos, as coletividades

atraem Espíritos conforme os pensamentos predominantes. Nos povos, as leis têm papel fundamental, pois refletem o caráter da nação. Onde reina a justiça, os maus Espíritos perdem influência. Onde há leis injustas, os Espíritos inferiores se multiplicam e enfraquecem as boas influências, que se tornam isoladas. Observando os costumes e as leis de um povo, pode-se compreender a população invisível que atua sobre seus pensamentos e ações.

Pressentimentos

522 — O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

— *É um conselho íntimo e discreto de um Espírito que deseja o seu bem. Também está ligado à intuição das escolhas feitas antes da encarnação. É a voz do instinto. Antes de encarnar, o Espírito conhece as principais fases da sua existência, isto é, o tipo de provas que irá enfrentar. Como essas provas têm características marcantes, ele conserva, em seu íntimo, uma espécie de lembrança delas. Essa lembrança, que se manifesta como instinto, torna-se pressentimento quando se aproxima o momento de vivê-las.*

523 — Como os pressentimentos e a voz do instinto costumam ser vagos, o que devemos fazer quando ficamos em dúvida?

— *Quando estiveres na incerteza, invoca o teu Espírito protetor ou ora a Deus, soberano de tudo, para que te envie um de seus mensageiros, um de nós.*

524 — Os conselhos dos Espíritos protetores dizem respeito apenas à nossa conduta moral ou também às decisões da vida pessoal?

— *A tudo. Eles procuram ajudar para que vivam da melhor forma possível. Muitas vezes, porém, vocês ignoram esses conselhos e acabam sofrendo por causa das próprias escolhas.*

Os Espíritos protetores nos orientam por meio da voz da consciência, que ressoa dentro de nós. Como nem sempre damos atenção a isso, eles também utilizam meios indiretos, como as pessoas ao nosso redor. Cada um pode analisar sua própria vida e perceber quantas vezes recebeu conselhos que, se tivessem sido seguidos, teriam evitado muitos sofrimentos.

Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida

525 — Os Espíritos exercem alguma influência nos acontecimentos da vida?

— *Certamente, pois eles aconselham.*

— **Essa influência ocorre apenas por meio dos pensamentos que sugerem, ou eles também atuam diretamente nos acontecimentos?**

— *Sim, atuam, mas sempre dentro das leis da natureza.*

Costumamos imaginar que os Espíritos só atuam por meio de fenômenos extraordinários. Gostaríamos que nos ajudassem através de milagres e os imaginamos como se ti-

vessem poderes mágicos. Como não é assim, a ação deles nos parece invisível e o que acontece nos soa apenas como algo natural. Eles podem, por exemplo, favorecer o encontro de duas pessoas que acreditam ter se encontrado por acaso; inspirar alguém a passar por determinado lugar; ou chamar sua atenção para algo específico. Mesmo assim, a pessoa continua acreditando que agiu por vontade própria, preservando sempre o livre-arbítrio.

526 — Tendo ação sobre a matéria, podem os Espíritos provocar acontecimentos para que algo se cumpra? Por exemplo: um homem deve morrer; sobe uma escada, a escada quebra e ele morre da queda. Foram os Espíritos que quebraram a escada?

— *Os Espíritos têm ação sobre a matéria, mas sempre para cumprir as leis da natureza, nunca para contrariá-las. No exemplo, a escada se quebrou porque estava podre ou não suportava o peso. Se era destino daquele homem morrer dessa forma, os Espíritos apenas lhe inspirariam a ideia de subir aquela escada, que naturalmente se quebraria, sem que fosse necessário nenhum milagre.*

527 — Consideremos outro caso: um homem deve morrer atingido por um raio. Ele se abriga debaixo de uma árvore e o raio cai ali. Os Espíritos provocaram o raio?

— *O raio caiu naquele local porque assim determinavam as leis da natureza. Não foi atraído pelo homem. O que ocorreu foi que ele foi inspirado a se abrigar justamente sob aquela árvore, que seria atingida de qualquer forma.*

528 — Se alguém dispara contra outra pessoa e o projétil passa muito perto sem atingi-la, pode ter havido a intervenção de um Espírito bondoso?

— *Se a pessoa não estava destinada a morrer daquela forma, o Espírito bondoso pode inspirá-la a se desviar, ou então confundir momentaneamente quem dispara, fazendo-o errar o alvo. Uma vez disparado, o projétil segue naturalmente o seu curso.*

529 — O que pensar das balas encantadas mencionadas em algumas lendas, que atingiriam fatalmente o alvo?

— *Pura imaginação. O ser humano gosta do fantástico e não se satisfaz com as maravilhas naturais.*

— Espíritos que dirigem acontecimentos podem ter sua ação impedida por outros Espíritos que desejam o contrário?

— *O que Deus quer sempre se realiza. Se há demora ou obstáculos, é porque assim foi permitido.*

530 — Espíritos levianos e zombeteiros podem criar pequenos transtornos e atrapalhar nossos planos, sendo a causa das chamadas pequenas misérias da vida?

— *Eles gostam de causar esse tipo de aborrecimento, que serve como prova para exercitar a paciência. Mas se cansam quando percebem que não obtêm resultado. Ainda assim, não é justo atribuir a eles todas as frustrações, pois muitas decorrem da imprudência humana.*

— Esses Espíritos agem por antipatia pessoal ou por simples malícia?

— *Às vezes por antipatia, especialmente quando há inimizades*

de vidas passadas; outras vezes, por simples gosto em perturbar.

531 — A maldade daqueles que nos prejudicaram na Terra desaparece com a morte?

— Muitas vezes eles reconhecem o erro cometido. Mas também é comum que continuem perseguindo, se isso for permitido como prova.

— É possível pôr fim a isso? Como?

— Sim. Orando por eles e respondendo ao mal com o bem. Assim, acabam compreendendo o erro. Além disso, quando vocês se colocam acima dessas influências, eles desistem por não obter vantagem.

532 — Os Espíritos podem afastar males ou favorecer alguém com prosperidade?

— Não completamente, pois há sofrimentos previstos pela Providência. Eles, porém, aliviam as dores, inspirando paciência e resignação. Muitas vezes, depende de vocês evitar ou suavizar esses males.

Deus deu ao ser humano a inteligência para usá-la, e é principalmente por meio dela que os Espíritos auxiliam, sugerindo ideias úteis. Mas só ajudam de fato aqueles que também se ajudam.

533 — Os Espíritos podem conceder riquezas a quem pede?

— Às vezes, como prova. Na maioria das vezes, recusam, como se faz com uma criança que pede algo imprudente.

— São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses

favores?

— *Pode ser qualquer um, dependendo da intenção. Geralmente, os maus Espíritos facilitam riquezas quando isso pode conduzir ao excesso e ao desvio moral.*

534 — Quando obstáculos parecem impedir nossos projetos, isso é sempre influência espiritual?

— *Às vezes sim, mas na maioria dos casos é erro de planejamento ou de execução. Se insistem em um caminho errado, não podem culpar os Espíritos pelos fracassos.*

535 — Quando algo bom acontece, devemos agradecer ao Espírito protetor?

— *Agradeçam primeiro a Deus, sem cuja permissão nada acontece, e depois aos bons Espíritos que foram instrumentos dessa vontade.*

— E se esquecermos de agradecer?

— *O mesmo que acontece aos ingratos.*

536 — Os grandes fenômenos da natureza são fruto do acaso ou têm finalidade providencial?

— *Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.*

— Esses fenômenos têm sempre o ser humano como objetivo?

— *Às vezes sim, mas muitas vezes servem apenas para manter o equilíbrio e a harmonia das forças naturais.*

537 — As antigas mitologias, que atribuíam fenômenos naturais a deuses, tinham fundamento?

— *Tinham mais fundamento do que se imagina, embora ainda estivessem longe da verdade completa.*

538 — Os Espíritos que atuam nos fenômenos da natureza formam uma categoria especial?

— *São Espíritos que já encarnaram ou que ainda encarnarão.*

— Pertencem a ordens superiores ou inferiores?

— *Depende da função. Os que executam tarefas mais materiais são de ordem inferior; os que dirigem são mais elevados.*

539 — Fenômenos como tempestades são obra de um único Espírito ou de vários?

— *De muitos, reunidos em grandes conjuntos.*

540 — Esses Espíritos atuam conscientemente ou por impulso instintivo?

— *Alguns têm consciência, outros não. Os Espíritos menos adiantados executam tarefas sem plena noção do conjunto, como instrumentos da lei divina.*

Os Espíritos durante os combates

541 — Durante uma batalha há Espíritos auxiliando os combatentes?

— *Sim, estimulando a coragem.*

542 — Se a justiça está de um lado, por que Espíritos apoiam causas injustas?

— *Porque há Espíritos que se comprazem na discórdia e na destruição, sem se importar com a justiça.*

543 — Espíritos podem influenciar um general em seus planos?

— *Sim, como em qualquer concepção.*

544 — Maus Espíritos podem inspirar planos errados?

— *Podem, mas o general tem livre-arbítrio. Se não souber discernir, sofrerá as consequências.*

545 — Um general pode ter uma intuição antecipando o resultado de seus planos?

— *Sim. Isso ocorre com pessoas de gênio. Essa inspiração vem dos Espíritos que as orientam.*

546 — O que acontece com os Espíritos dos que morrem em combate?

— *Alguns continuam interessados na batalha, outros se afastam.*

547 — Após a morte, antigos inimigos continuam se odiando?

— *No início pode acontecer, mas com o retorno da lucidez o ódio tende a desaparecer, embora possam restar resquícios.*

— Eles ainda ouvem os sons da batalha?

*— *Sim. Perfeitamente.*

548 — Como o Espírito percebe a separação da alma e do corpo em uma morte violenta?

— *Raramente a morte é instantânea. No começo, o Espírito fica confuso e não percebe imediatamente que morreu. Aos poucos, compreende a situação, e a separação lhe parece natural.*

Pactos

549 — Existe alguma verdade nos pactos com Espíritos maus?

— *Não, não existem pactos no sentido literal. O que existe são pessoas de natureza má que entram em sintonia com Espíritos igualmente maus. Por exemplo: alguém deseja prejudicar o vizinho e não sabe como fazer isso. Ao alimentar esse desejo, acaba atraindo Espíritos inferiores que, como ele, querem o mal. Esses Espíritos ajudam, mas exigem que a pessoa também os sirva em seus propósitos negativos. Isso não impede, porém, que o vizinho se liberte dessa influência por meio de sua própria vontade e de uma influência contrária. É apenas nisso que consiste o chamado “pacto”.*

Quando alguém se torna dependente de Espíritos inferiores, isso acontece porque se entrega aos pensamentos ruins que eles sugerem, e não porque tenha feito algum acordo formal. O pacto, no sentido comum da palavra, é apenas uma imagem que representa a afinidade entre uma pessoa de má índole e Espíritos igualmente mal-intencionados.

550 — Qual o significado das lendas que falam de pessoas que teriam vendido a alma ao diabo para obter vantagens?

— Todas as fábulas trazem um ensinamento moral. O erro está em tomá-las ao pé da letra. Essa ideia é uma alegoria que pode ser explicada assim: quem recorre a Espíritos para obter riquezas ou favores materiais reclama da Providência, rejeita as provas que lhe cabem nesta vida e abandona a missão que assumiu ao encarnar. No futuro espiritual, sofrerá as consequências dessa escolha.

Isso não significa que sua alma esteja condenada para sempre. Mas, ao se apegar cada vez mais à matéria, perderá no mundo espiritual tudo o que ganhou em prazeres terrenos, até reparar a falta por meio de novas provas, talvez mais difíceis. Por buscar satisfações materiais, coloca-se sob a influência de Espíritos impuros. Forma-se assim um pacto implícito, que pode ser rompido a qualquer momento, desde que a pessoa o queira de forma sincera e busque o auxílio dos Espíritos bons.

Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros

551 — Pode uma pessoa má, com a ajuda de um Espírito mau, fazer mal ao próximo?

— Não. Deus não permitiria isso.

552 — O que pensar da crença de que certas pessoas teriam o poder de lançar feitiços?

— Algumas pessoas possuem grande poder magnético e podem usá-lo de forma negativa se seus sentimentos forem ruins. Nesse

caso, podem ser auxiliadas por Espíritos igualmente maus. Mas não existe poder mágico no sentido supersticioso. Isso só vive na imaginação de pessoas ignorantes das leis da natureza. Os fatos citados como prova desse poder são fenômenos naturais mal observados e mal interpretados.

553 — Que efeito produzem fórmulas e práticas usadas por pessoas que acreditam controlar Espíritos?

— Tornam essas pessoas ridículas, quando agem de boa-fé. Quando há má-fé, tratam-se de charlatães que merecem reprovação. Todas essas fórmulas são ilusões. Não existe palavra sagrada, sinal cabalístico ou talismã que tenha ação sobre Espíritos. Eles respondem ao pensamento, não a objetos materiais.

— Mas alguns Espíritos não chegam a ditar fórmulas ou sinais estranhos?

— Sim, alguns Espíritos indicam palavras estranhas ou gestos simbólicos, sugerindo conjuros. Mas são Espíritos zombeteiros, que se divertem explorando a credulidade humana.

554 — A crença na virtude de um talismã não poderia atrair um Espírito, já que o que atua é o pensamento?

— Sim, mas a natureza do Espírito atraído depende da intenção e da elevação moral de quem acredita nisso. Geralmente, quem confia em talismãs busca objetivos mais materiais do que morais. Essa crença revela fragilidade intelectual e favorece a ação de Espíritos inferiores e zombeteiros.

555 — Que significado deve ser dado ao termo “feiticeiro”?

— O que vocês chamam de feiticeiros são, muitas vezes, pessoas que possuem certas faculdades naturais, como o magnetismo ou a segunda vista, e que, agindo de boa-fé, produzem efeitos que os ignorantes não compreendem. Por isso, são tidas como dotadas de poderes sobrenaturais. Quantas vezes cientistas também não foram considerados feiticeiros pelos ignorantes?

O Espiritismo e o magnetismo explicam inúmeros fenômenos que a ignorância transformou em lendas exageradas. O conhecimento claro dessas duas áreas — que, no fundo, formam uma só — é o melhor antídoto contra a superstição, pois mostra o que é possível, o que é natural e o que não passa de fantasia.

556 — Algumas pessoas realmente têm o poder de curar pelo simples contato?

— O poder magnético pode chegar a esse ponto quando aliado à pureza de intenção e ao sincero desejo de fazer o bem. Nesses casos, Espíritos bons auxiliam. No entanto, é preciso desconfiar dos relatos exagerados feitos por pessoas muito crédulas ou entusiasmadas, que veem o maravilhoso onde há apenas fenômenos naturais. Também é necessário cautela com relatos interesseiros de quem explora a fé alheia.

Bênçãos e maldições

557 — A bênção ou a maldição podem realmente atrair o bem ou o mal para alguém?

— Deus não atende a uma maldição injusta, e quem a profere se torna responsável por isso. Como existem influências opostas —

o bem e o mal —, uma maldição pode exercer influência momentânea, até mesmo sobre a matéria, mas apenas se Deus permitir, como prova para quem a recebe. Em geral, os maus são amaldiçoados e os bons são abençoados.

A bênção ou a maldição jamais desviam a Providência do caminho da justiça. Deus só permite que o mal atinja quem pratica o mal e só concede proteção a quem a merece.

Capítulo 10 - Ocupações e missões dos Espíritos

558 — Os Espíritos têm outras ocupações além de se aperfeiçoarem pessoalmente?

— *Sim. Eles contribuem para a harmonia do universo, executando a vontade de Deus, da qual são instrumentos. A vida espiritual é uma atividade constante, mas não cansativa como a vida material, pois não existe fadiga física nem a angústia das necessidades.*

559 — Os Espíritos inferiores e imperfeitos também exercem alguma função útil no universo?

— *Todos têm deveres a cumprir. Na construção de um edifício, o último ajudante é tão necessário quanto o arquiteto.*

560 — Cada Espírito possui atribuições específicas?

— *Todos precisam passar por todas as regiões e adquirir conhecimento sobre tudo, participando sucessivamente das tarefas que se realizam nos diversos pontos do universo. Como diz o Eclesiastes, há um tempo para cada coisa. Assim, um Espírito cumpre hoje sua função neste mundo; outro já a cumpriu ou ainda a cumprirá em outro tempo, seja na Terra, na água, no ar ou em outros meios.*

561 — As funções dos Espíritos são permanentes e exclusivas de certas classes?

— *Não. Todos precisam percorrer os diferentes graus da escala espiritual para se aperfeiçoarem. Deus, sendo justo, não concede conhecimento a uns sem esforço enquanto outros só o adquirem com trabalho.*

Entre os seres humanos, ninguém alcança grande domínio em uma arte sem antes passar pelos seus fundamentos.

562 — Os Espíritos mais elevados, que já nada têm a aprender, ficam em repouso absoluto?

— *O que fariam então por toda a eternidade? A ociosidade eterna seria um sofrimento eterno.*

— Em que consistem, então, suas ocupações?

— *Em receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las ao universo e zelar por sua execução.*

563 — As ocupações dos Espíritos são contínuas?

— *Sim, no sentido de que o pensamento nunca deixa de estar ativo, pois os Espíritos vivem pelo pensamento. Mas não confundam essa atividade com o trabalho material humano. Para os Espíritos, agir é fonte de satisfação, pois têm consciência de sua utilidade.*

— Isso vale também para os Espíritos inferiores?

— *A eles cabem tarefas compatíveis com sua natureza. Vocês confiariam trabalhos intelectuais complexos a quem ainda não tem preparo?*

564 — Existem Espíritos que permanecem ociosos ou inúteis?

— *Sim, mas apenas de forma temporária. Esse estado depende do desenvolvimento de sua inteligência. Há Espíritos que, como certos seres humanos, vivem apenas para si mesmos. No entanto, essa ociosidade logo se torna pesada, e o desejo de progredir desperta a necessidade de agir. Quando conseguem tornar-se úteis, sentem-se felizes.*

Falamos aqui dos Espíritos que já têm consciência de si e livre-arbítrio. Em sua origem, todos são como crianças recém-nascidas, agindo mais por instinto do que por vontade consciente.

565 — Os Espíritos observam e se interessam pelas obras de arte humanas?

— *Interessam-se por tudo o que contribui para a elevação dos Espíritos e para o progresso.*

566 — Um Espírito que foi artista na Terra continua interessado nessa arte após a morte?

— *Tudo converge para um objetivo maior. Se for um Espírito elevado, esse interesse existe apenas na medida em que a arte possa ajudar na elevação espiritual. Além disso, um Espírito que foi artista em uma vida pode ter desenvolvido outra habilidade em existência anterior, pois precisa conhecer tudo para se tornar perfeito.*

O que vocês consideram sublime em um mundo ainda atrasado pode parecer infantil a Espíritos de mundos mais avançados. Como esperar que admirem obras que, para eles, equivalem a exercícios escolares? Por isso

dizemos que eles se interessam apenas pelo que representa progresso real.

— E os Espíritos menos adiantados?

— Esses ainda observam as coisas sob um ponto de vista limitado e podem admirar o que vocês admiram.

567 — Os Espíritos costumam participar de nossos prazeres e ocupações?

— Os Espíritos comuns costumam, sim. Eles estão sempre ao redor de vocês e frequentemente participam ativamente do que fazem, de acordo com sua natureza. Isso acontece para impulsionar ou moderar as paixões humanas.

Os Espíritos se interessam pelas coisas do mundo conforme seu grau de elevação. Os superiores podem observar tudo em detalhes, mas só o fazem quando isso é útil ao progresso. Já os Espíritos inferiores atribuem importância exagerada às coisas materiais, por ainda estarem presos a elas.

568 — Os Espíritos cumprem suas missões apenas quando encarnados?

— Não. Podem cumpri-las tanto encarnados quanto no estado espiritual. Para muitos Espíritos errantes, isso é uma grande ocupação.

569 — Em que consistem as missões dos Espíritos errantes?

— São tão variadas que não podem ser descritas por completo, e muitas estão além da compreensão humana. Os Espíritos executam a vontade de Deus, cujos desígnios nem sempre nos é dado

conhecer.

Todas as missões têm como objetivo o bem. Seja como Espíritos, seja como seres humanos, eles trabalham pelo progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, preparando acontecimentos, orientando processos e zelando por sua execução.

Alguns têm missões amplas; outros, tarefas mais restritas, como assistir enfermos, agonizantes e aflitos, proteger aqueles de quem se tornam guias, aconselhá-los ou inspirar bons pensamentos.

Há tantos tipos de missão quantos são os interesses a preservar, tanto no plano físico quanto no moral. O Espírito progride conforme a maneira como desempenha sua tarefa.

570 — Os Espíritos têm sempre consciência da missão que cumprem?

— *Não. Muitos agem como instrumentos inconscientes; outros sabem perfeitamente o objetivo de suas ações.*

571 — Apenas Espíritos elevados recebem missões?

— *A importância da missão corresponde à capacidade e ao grau de elevação do Espírito. Um mensageiro que entrega uma carta também cumpre uma missão, ainda que diferente da de um general.*

572 — A missão de um Espírito é imposta ou escolhida por ele?

— *O Espírito a solicita e considera-se feliz quando a obtém.*

— Vários Espíritos podem pedir a mesma missão?

— Sim, frequentemente há muitos candidatos, mas nem todos são aceitos.

573 — Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?

— Em instruir, auxiliar o progresso e melhorar as instituições humanas por meios diretos e materiais. As missões variam em alcance e importância. Quem cultiva a terra cumpre uma missão, assim como quem governa ou ensina. Tudo na natureza está interligado.

Ao mesmo tempo em que o Espírito se aprimora pela encarnação, contribui para a realização dos desígnios da Providência. Todos têm uma missão, pois todos podem ser úteis.

574 — Qual é a missão daqueles que vivem voluntariamente sem utilidade?

— Existem, de fato, pessoas que vivem apenas para si mesmas e não sabem ser úteis. São dignas de compaixão, pois sofrerão as consequências dessa escolha, muitas vezes já nesta vida, pelo tédio e pelo vazio que experimentam.

— Por que escolheram uma existência assim?

— Entre os Espíritos também há os preguiçosos, que recuam diante do trabalho. Deus permite isso. Mais tarde, compreenderão os prejuízos dessa inutilidade e pedirão a oportunidade de reparar o tempo perdido. Também pode acontecer que tenham escolhido uma missão útil, mas desistido dela por influência de Espíritos que os induzem à inércia.

575 — Como reconhecer que alguém tem uma missão específica na Terra?

— *Pelas grandes realizações e pelo progresso que promove entre seus semelhantes.*

576 — Aqueles que têm missões importantes já as conhecem antes de nascer?

— *Às vezes, sim. Mas, na maioria dos casos, não. Descendo à Terra, trazem apenas um objetivo vago, que se esclarece com o tempo e as circunstâncias. Deus os conduz pelo caminho onde devem cumprir sua missão.*

577 — Tudo o que uma pessoa faz de útil decorre de uma missão previamente determinada?

— *Não. Muitas vezes, ela se torna instrumento de um Espírito que deseja realizar algo útil. Por exemplo, um Espírito pode inspirar alguém a escrever um livro que ele próprio escreveria se estivesse encarnado. O autor executa a ideia, mesmo sem ter vindo à Terra com essa missão específica.*

Durante o sono, o Espírito encarnado pode se comunicar diretamente com Espíritos errantes e combinar a execução dessas tarefas.

578 — Um Espírito pode falhar em sua missão?

— *Sim, se não for um Espírito superior.*

— Quais as consequências dessa falha?

— *Terá de retomar a tarefa. Essa é sua punição, além de responder pelo mal que causou.*

579 — Se Deus confia missões importantes, como pode confiá-las a Espíritos que podem falhar?

— Deus conhece o futuro, embora vocês não o conheçam. Seus grandes planos não dependem exclusivamente de quem pode desistir no meio do caminho.

580 — O Espírito que encarna para cumprir uma missão sente as mesmas dificuldades que outro que encarna apenas para ser provado?

— Não, pois traz consigo a experiência adquirida.

581 — Como entender a missão de homens geniais que misturam grandes verdades com grandes erros?

— A missão foi deturpada por eles mesmos. Estão aquém da tarefa que assumiram. Ainda assim, é preciso considerar a época em que viveram. Um ensinamento que hoje parece equivocado pode ter sido adequado ao tempo em que foi transmitido.

582 — A paternidade pode ser considerada uma missão?

— Sem dúvida. É uma missão e um dever de enorme responsabilidade. Deus confiou os filhos aos pais para que os conduzam no caminho do bem. Muitos, porém, cuidam mais das plantas do jardim do que da formação moral dos filhos.

Se o filho se perde por negligência dos pais, eles responderão por isso, compartilhando de seus sofrimentos no futuro.

583 — Os pais são responsáveis quando um filho segue o mau caminho, apesar dos cuidados recebidos?

— *Não. Mas quanto mais difíceis as inclinações do filho, maior o mérito dos pais se conseguirem desviá-lo do mal.*

— E se o filho se torna bom apesar dos maus exemplos dos pais?

— *Deus é justo.*

584 — Qual é a missão do conquistador movido apenas pela ambição, espalhando calamidades?

— *Na maioria das vezes, ele é apenas um instrumento de Deus para acelerar o progresso de um povo.*

— Ele se beneficia do bem que resulta dessas calamidades?

— *Cada um é recompensado de acordo com suas intenções e com o bem que realmente desejou fazer.*

Os Espíritos encarnados têm ocupações próprias da vida material. No estado espiritual, suas atividades correspondem ao grau de adiantamento alcançado.

Alguns percorrem mundos, aprendem e se preparam para novas encarnações.

Outros, mais avançados, orientam o progresso, dirigem acontecimentos e inspiram ideias que favorecem a evolução.

Há Espíritos que encarnam com missões específicas.

Outros protegem indivíduos, famílias, cidades e povos, atuando como anjos guardiães e Espíritos protetores.

Há os que dirigem os fenômenos da natureza.

Espíritos comuns participam das ocupações e diversões humanas.

Os Espíritos imperfeitos aguardam, em sofrimento, a oportunidade de progredir. Se praticam o mal, é por revolta diante do bem que ainda não conseguem alcançar.

Capítulo 11 - Os três reinos

Os minerais e as plantas

585 — O que pensar da divisão da natureza em três reinos ou, mais precisamente, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Alguns defendem que a espécie humana formaria uma quarta classe. Qual dessas divisões é a mais adequada?

— Todas são válidas, conforme o ponto de vista adotado. Do ponto de vista material, existem apenas seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há claramente quatro graus.

Esses quatro graus apresentam características bem definidas, embora pareçam confundir-se em seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, possui apenas uma força mecânica. As plantas, embora formadas por matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem ainda uma forma de inteligência instintiva, limitada, além da consciência de sua existência e de sua individualidade. O ser humano, reunindo tudo o que existe nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por meio de uma inteligência especial e indefinida, que lhe dá consciência do futuro, percepção do que vai além da matéria e conhecimento de Deus.

586 — As plantas têm consciência de sua própria existência?

— *Não, pois não pensam; possuem apenas vida orgânica.*

587 — Elas sentem alguma coisa? Sofrem quando são mutiladas?

— *Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepção consciente. Portanto, não sentem dor.*

588 — A força que atrai as plantas umas às outras depende de sua vontade?

— *Não, pois não pensam. Trata-se de uma força mecânica da matéria agindo sobre a própria matéria, sem possibilidade de oposição.*

589 — Algumas plantas, como a sensitiva e a dioneia, realizam movimentos que indicam grande sensibilidade e, em certos casos, algo parecido com vontade, como na dioneia, cujos lóbulos capturam insetos. Essas plantas possuem a faculdade de pensar? Têm vontade? Formam uma classe intermediária entre o reino vegetal e o animal?

— *Tudo na natureza é transição, pois nada é completamente isolado; tudo se liga. As plantas não pensam e, portanto, não possuem vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: possuem apenas um instinto cego e natural.*

O organismo humano oferece exemplos semelhantes de movimentos automáticos, sem participação da vontade, como nas funções digestivas e circulatórias. O piloro se contrai ao contato com certas substâncias para impedir sua passagem. Algo semelhante ocorre com a sensitiva:

seus movimentos não implicam percepção consciente nem vontade.

590 — Não existe nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as leve a buscar o que lhes é útil e evitar o que lhes é prejudicial?

— *Pode-se chamar isso de instinto, dependendo do significado que se dê à palavra. Mas trata-se de um instinto puramente mecânico. Quando, em reações químicas, dois corpos se combinam, é porque há afinidade entre eles. Isso não é chamado de instinto.*

591 — Nos mundos superiores, as plantas são mais perfeitas, assim como os demais seres?

— *Tudo é mais aperfeiçoado. As plantas, porém, continuam sendo plantas, assim como os animais continuam sendo animais e os seres humanos continuam sendo humanos.*

Os animais e o homem

592 — Comparando a inteligência do homem com a dos animais, parece difícil estabelecer uma linha clara de separação, pois alguns animais demonstram superioridade intelectual em relação a certos homens. É possível definir essa distinção de forma precisa?

— *Nesse ponto, os filósofos de vocês discordam completamente. Alguns dizem que o homem é apenas um animal; outros afirmam que o animal é um homem incompleto. Ambos estão errados. O homem é um ser distinto, que pode rebaixar-se muito ou elevar-se muito.*

Fisicamente, o homem se assemelha aos animais e, em alguns aspectos, é menos bem dotado do que muitos deles. A natureza concedeu aos animais, de forma instintiva, tudo aquilo que o homem precisou criar por meio da inteligência para suprir suas necessidades. O corpo humano se destrói como o dos animais, mas o Espírito humano possui um destino que só ele pode compreender, pois só ele é plenamente livre. Reconhece-se o homem pela capacidade de pensar em Deus.

593 — Pode-se dizer que os animais agem apenas por instinto?

— *Em parte, sim. Na maioria deles predomina o instinto, mas muitos demonstram também uma vontade limitada. Trata-se de uma inteligência restrita.*

Alguns animais realizam ações combinadas, adaptadas às circunstâncias, o que revela uma forma limitada de inteligência. Contudo, essa inteligência se restringe à satisfação das necessidades físicas e à conservação. Eles não criam, nem promovem progresso real. Executam hoje o que sempre fizeram, sem aperfeiçoamento significativo. A cria, mesmo isolada, constrói seu ninho corretamente sem aprendizado. Quando certos animais parecem educáveis, isso se deve à ação do homem, não a um progresso próprio. Esse progresso é temporário e individual.

594 — Os animais possuem uma linguagem?

— *Se entendermos linguagem como palavras articuladas, não. Mas possuem meios de comunicação.*

Eles se comunicam muito mais do que vocês imaginam, em-

bora de forma limitada às suas necessidades. Animais sem voz também se compreendem por outros meios. O homem não detém o monopólio da comunicação. A linguagem animal é instintiva e restrita; a humana é consciente e capaz de expressar ideias complexas.

595 — Os animais possuem livre-arbítrio?

— *Não são simples máquinas, mas sua liberdade é limitada às necessidades da vida material. Não se compara à liberdade humana.*

596 — De onde vem a capacidade de certos animais imitarem a linguagem humana?

— *De uma conformação específica dos órgãos vocais aliada ao instinto de imitação. O macaco imita gestos; algumas aves imitam sons.*

597 — Existe nos animais um princípio independente da matéria?

— *Sim, e ele sobrevive ao corpo.*

— Esse princípio é uma alma semelhante à do homem?

— *É uma alma, se assim quiserem chamá-la, mas inferior à do homem. A distância entre a alma animal e a humana é semelhante à que existe entre a alma humana e Deus.*

598 — Após a morte, a alma dos animais conserva individualidade e consciência?

— *Conserva a individualidade, mas não a consciência de si. A vida inteligente permanece em estado latente.*

599 — A alma do animal escolhe o corpo em que encarna?

— *Não, pois não possui livre-arbítrio.*

600 — A alma do animal, após a morte, entra em estado de erraticidade como a do homem?

— *Permanece em um estado intermediário, mas não como Espírito errante. O Espírito errante pensa e age por vontade própria, o que não ocorre com o princípio espiritual dos animais. Eles são rapidamente encaminhados para nova utilização.*

601 — Os animais estão sujeitos a uma lei de progresso?

— *Sim. Por isso, em mundos mais elevados, os animais também são mais adiantados, embora sempre inferiores ao homem e subordinados a ele.*

602 — Os animais progridem por vontade própria ou pela força das circunstâncias?

— *Pela força das circunstâncias. Por isso, não estão sujeitos à expiação.*

603 — Nos mundos superiores, os animais conhecem Deus?

— *Não. Para eles, o homem é como um deus, assim como os Espíritos já foram considerados deuses pelo homem.*

604 — Deus teria criado seres intelectuais destinados à inferioridade permanente?

— *Tudo na natureza se encadeia por leis que vocês ainda não conseguem compreender. Nada é contraditório na obra divina. A limitação está na visão humana, ainda restrita.*

605 — O homem teria duas almas, uma animal e outra espiritual?

— Não. O homem possui uma única alma. O que existe é uma dupla natureza: a animal, ligada ao corpo e aos instintos, e a espiritual, ligada ao Espírito.

O Espírito encarnado traz consigo o princípio moral e intelectual que o torna superior aos animais. À medida que se purifica, liberta-se da influência da matéria.

606 — De onde os animais tiram o princípio inteligente que os anima?

— Do princípio inteligente universal.

607 — Onde o Espírito passa sua fase inicial de desenvolvimento?

— Em uma série de existências anteriores ao período humano.

608 — Após a morte, o Espírito humano tem consciência dessas existências anteriores?

— Não. Assim como o homem não se lembra da própria infância, o Espírito não se recorda dessas fases iniciais.

609 — O Espírito conserva traços do estado anterior ao período humano?

— Depende do progresso realizado. As transições na natureza são graduais.

610 — Os Espíritos erraram ao afirmar que o homem é um ser à parte?

— Não. O homem é distinto por suas faculdades e por seu destino espiritual.

Metempsicose

611 — A origem comum do princípio inteligente confirma a metempsicose?

— Não no sentido literal. O princípio inteligente evolui, mas não ocorre transmigração direta da alma de um animal para um homem.

612 — Um Espírito humano pode encarnar em um animal?

— Não. Isso seria retrocesso, e o Espírito não retrograda.

613 — A ideia de metempsicose surgiu da intuição das múltiplas existências?

— Sim, mas foi distorcida.

O que é certo é a sobrevivência do Espírito, sua individualidade após a morte e sua capacidade de progresso. As relações profundas entre homem e animal pertencem aos desígnios de Deus, cujo conhecimento não é essencial ao progresso moral humano.

Livro Terceiro

Capítulo 1 - Lei divina ou natural

Caracteres da lei natural

614 — O que se deve entender por lei natural?

— *A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do ser humano. Ela indica o que deve ser feito ou evitado, e o homem só se torna infeliz quando se afasta dela.*

615 — A lei de Deus é eterna?

— *Sim. É eterna e imutável, como o próprio Deus.*

616 — É possível que Deus tenha permitido algo em uma época e proibido em outra?

— *Deus não erra. Quem muda são os homens, porque suas leis são imperfeitas. As leis de Deus são perfeitas. A harmonia que existe tanto no universo material quanto no moral se baseia em leis estabelecidas por Deus desde sempre.*

617 — O que abrangem as leis divinas? Dizem respeito apenas à conduta moral?

— *Todas as leis da natureza são leis divinas, pois Deus é o autor de tudo. O cientista estuda as leis da matéria; o homem de bem estuda e pratica as leis da alma.*

— **O ser humano pode aprofundar o conhecimento de todas essas leis?**

— *Pode, mas uma única existência não é suficiente para isso.*

De fato, alguns poucos anos são insuficientes para adquirir tudo o que o ser precisa para se considerar plenamente desenvolvido, mesmo se pensarmos apenas no caminho que vai do homem primitivo ao civilizado. Nem mesmo a existência mais longa possível bastaria — ainda menos quando ela é curta, como acontece com a maioria das pessoas.

Entre as leis divinas, algumas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas, cujo estudo pertence ao campo da ciência.

As outras dizem respeito especialmente ao ser humano, considerado em si mesmo e em suas relações com Deus e com os semelhantes. Elas contêm tanto as regras da vida material quanto as da vida espiritual: são as leis morais.

618 — As leis divinas são as mesmas em todos os mundos?

— *A razão indica que elas devem ser adequadas à natureza de cada mundo e ao grau de progresso dos seres que o habitam.*

Conhecimento da lei natural

619 — Deus concedeu a todos os homens os meios de conhecer sua lei?

— *Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Aqueles que têm boa vontade e se dispõem a estudá-la a compreendem melhor. No entanto, todos a compreenderão um dia, pois o progresso é inevitável.*

A justiça das múltiplas encarnações decorre desse princí-

pio, já que a cada nova existência a inteligência se desenvolve mais, permitindo compreender melhor o bem e o mal. Se tudo tivesse que ser concluído em uma única vida, qual seria o destino dos milhões que morrem diariamente na brutalidade da selvageria ou na escuridão da ignorância, sem que isso tenha sido escolha deles? (171-222)

620 — Antes de se unir ao corpo, a alma compreende melhor a lei de Deus do que depois de encarnada?

— *Ela a compreende de acordo com o grau de perfeição que já alcançou e conserva essa intuição ao se unir ao corpo. No entanto, os maus instintos humanos fazem com que essa lembrança seja frequentemente abafada.*

621 — Onde está escrita a lei de Deus?

— *Na consciência.*

— Se o homem traz a lei de Deus em sua consciência, por que foi necessário revelá-la?

— *Porque ele a havia esquecido e desprezado. Deus quis, então, que ela fosse lembrada.*

622 — Deus confiou a certos homens a missão de revelar sua lei?

— *Sim. Em todos os tempos existiram homens com essa missão. São Espíritos superiores que encarnam para impulsionar o progresso da humanidade.*

623 — Aqueles que se propuseram a ensinar a lei de Deus nem sempre erraram, levando muitas vezes os homens ao desvio por meio de falsos princípios?

— *Sim. Muitos que não eram inspirados por Deus, movidos pela ambição, atribuíram a si mesmos uma missão que não lhes pertencia. Ainda assim, por serem homens de grande inteligência, mesmo em meio aos erros que ensinaram, muitas verdades importantes podem ser encontradas.*

624 — Qual é o caráter do verdadeiro profeta?

— *O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Ele pode ser reconhecido por suas palavras e por seus atos. Deus jamais usaria a boca de um mentiroso para ensinar a verdade.*

625 — Qual foi o modelo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem como guia?

— *Jesus.*

Para o ser humano, Jesus representa o ideal de perfeição moral ao qual a humanidade pode aspirar na Terra. Deus o apresenta como o modelo mais elevado, e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei divina, pois era animado pelo espírito de Deus e foi o mais puro de todos os que viveram na Terra.

Quanto àqueles que, ao longo do tempo, afirmaram ensinar a lei de Deus e acabaram desviando os homens por meio de falsos princípios, isso ocorreu porque se deixaram dominar por interesses terrenos e confundiram as leis da vida espiritual com as leis da vida material. Muitos apresentaram como leis divinas simples regras humanas, criadas para atender a paixões ou para dominar os outros.

626 — Se Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, antes dele os homens só as conheciam por intuição?

— Já não dissemos que elas estão escritas em toda parte? Desde os tempos mais remotos, todos aqueles que refletiram sobre a sabedoria puderam compreendê-las e ensiná-las. Mesmo que de forma incompleta, seus ensinamentos prepararam o terreno para que a semente germinasse. Como as leis divinas estão escritas no livro da natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que se dispôs a buscá-las. Por isso, os princípios essenciais da moral foram proclamados em todas as épocas pelos homens de bem e aparecem, ainda que de forma incompleta ou distorcida pela ignorância, nas tradições morais de todos os povos que superaram a barbárie.

627 — Se Jesus revelou as leis divinas, qual é a utilidade do ensino dos Espíritos? Eles ainda têm algo a nos ensinar?

— Jesus frequentemente utilizava alegorias e parábolas, pois falava de acordo com o tempo e o contexto em que vivia. Hoje, é necessário que a verdade seja compreendida por todos. É essencial que essas leis sejam explicadas e aprofundadas, pois poucos as entendem e menos ainda as colocam em prática. Nossa missão é abrir os olhos e os ouvidos, desmascarando o orgulho e a hipocrisia daqueles que usam a aparência de virtude e religião para esconder más intenções. O ensino dos Espíritos precisa ser claro e direto, para que ninguém possa alegar ignorância e para que todos possam avaliá-lo com a razão. Somos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus. Por isso, é preciso impedir que a lei de Deus seja interpretada conforme interesses pessoais ou distorcida, já que ela é inteiramente baseada no amor e na caridade.

628 — Por que a verdade nem sempre esteve acessível a todos?

— *Porque tudo deve acontecer no tempo certo. A verdade é como a luz: o homem precisa se acostumar a ela gradualmente, caso contrário fica ofuscado.*

Deus nunca permitiu que o ser humano recebesse comunicações tão completas e esclarecedoras como as atuais. Na antiguidade, existiam pessoas que acreditavam possuir uma ciência sagrada e a mantinham em segredo, afastando aqueles que consideravam indignos. Pelas leis que regem esses fenômenos, é possível compreender que essas pessoas recebiam apenas fragmentos da verdade, geralmente misturados a símbolos e ambiguidades. Ainda assim, nenhum sistema filosófico antigo, tradição ou religião deve ser desprezado. Em todos eles existem sementes de grandes verdades que, embora pareçam contraditórias ou estejam envoltas em ideias sem fundamento, podem ser organizadas e compreendidas graças às explicações oferecidas pelo Espiritismo. O que antes parecia sem sentido hoje encontra confirmação clara. Por isso, não despreze esses objetos de estudo: eles são valiosos e podem contribuir muito para a formação intelectual e moral.*

O bem e o mal

629 — Que definição se pode dar da moral?

— *A moral é a regra para agir corretamente, isto é, para distinguir o bem do mal. Ela se baseia na lei de Deus. O homem age bem quando tudo o que faz tem como objetivo o bem de todos,*

pois assim cumpre essa lei.

630 — Como se pode distinguir o bem do mal?

— O bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus; o mal é tudo o que se opõe a ela. Fazer o bem é agir conforme essa lei; fazer o mal é desrespeitá-la.

631 — O homem consegue distinguir sozinho o que é bem e o que é mal?

— Sim, quando acredita em Deus e realmente deseja saber. Deus lhe deu inteligência para diferenciar um do outro.

632 — Sendo falível, o homem não pode se enganar ao julgar o bem e o mal, achando que faz o bem quando, na verdade, faz o mal?

— Jesus disse: observe como você gostaria de ser tratado. Tudo se resume a isso. Seguindo esse princípio, o erro é evitado.

633 — Essa regra do bem e do mal, baseada na reciprocidade ou solidariedade, parece não se aplicar ao comportamento do homem consigo mesmo. A lei natural oferece uma regra segura nesse caso?

— Quando você come em excesso, percebe que isso lhe faz mal. Deus é quem estabelece a medida do que é necessário. Ao ultrapassar esse limite, surgem as consequências. Isso vale para tudo. A lei natural define os limites das necessidades humanas. Quando o homem os ultrapassa, sofre. Se sempre ouvisse a voz interior que diz “chega”, evitaria muitos dos males que costuma atribuir à natureza.

634 — Por que o mal existe na natureza das coisas, especialmente o mal moral? Deus não poderia ter criado a humanidade em condições melhores?

— Já foi explicado que os Espíritos foram criados simples e ignorantes (115). Deus permite que o homem escolha seu caminho. Se escolhe o caminho errado, sua jornada se torna mais longa. Sem montanhas, o homem não aprenderia que é possível subir e descer; sem rochas, não entenderia o que é um corpo duro. O Espírito precisa ganhar experiência e, para isso, conhecer o bem e o mal. É por isso que existe a união do Espírito com o corpo (119).

635 — As diferentes posições sociais criam necessidades diferentes, que não são iguais para todos. Isso não indica que a lei natural deixa de ser uma regra uniforme?

— Essas diferenças fazem parte da ordem natural das coisas e estão ligadas à lei do progresso. Elas não anulam a unidade da lei natural, que continua valendo para todos.

As condições de vida mudam conforme o tempo e o lugar, gerando necessidades distintas e posições sociais compatíveis com elas. Como isso faz parte da ordem natural, está de acordo com a lei de Deus, que é única em seu princípio. Cabe à razão separar as necessidades reais daquelas criadas por costumes ou convenções.

636 — O bem e o mal são absolutos para todos os homens?

— A lei de Deus é a mesma para todos. O mal, porém, depende principalmente da intenção de praticá-lo. O bem continua sendo bem, e o mal continua sendo mal, qualquer que seja a posição do homem. O que muda é o grau de responsabilidade.

637 — O selvagem que, seguindo seu instinto, se alimenta de carne humana é culpado?

— *O mal depende da intenção. Quanto mais consciência o homem tem do que faz, maior é sua culpa.*

As circunstâncias tornam o bem e o mal mais ou menos graves. Muitas faltas decorrem da posição em que a sociedade coloca o indivíduo, o que pode atenuar sua responsabilidade. Ainda assim, ela é proporcional à capacidade que ele tem de compreender o bem e o mal. Por isso, diante de Deus, é mais culpado o homem esclarecido que comete uma injustiça simples do que o ignorante que age apenas por instinto.

638 — Às vezes, o mal parece resultar das circunstâncias, como quando alguém se vê obrigado a destruir até mesmo outro ser humano. Nesses casos, há violação da lei de Deus?

— *Mesmo quando parece necessário, o mal continua sendo mal. Essa necessidade diminui à medida que a alma se purifica ao longo das existências. Por isso, quanto maior o entendimento, maior a responsabilidade ao praticá-lo.*

639 — Muitas vezes, o mal praticado por alguém resulta da situação imposta por outros. Nesse caso, quem é mais culpado?

— *A responsabilidade recai sobre quem causou o mal. Quem foi levado a praticá-lo por causa da situação criada por outros tem menos culpa do que aqueles que provocaram essa situação. Cada um responderá não só pelo mal que fez, mas também pelo mal que gerou.*

640 — Quem não pratica diretamente o mal, mas se beneficia dele, é tão culpado quanto quem o praticou?

— *Sim. Beneficiar-se do mal é participar dele. Talvez não tivesse coragem de praticá-lo, mas ao tirar proveito demonstra que o aprova e que o faria, se pudesse.*

641 — Desejar o mal é tão grave quanto praticá-lo?

— *Depende. Existe mérito em resistir conscientemente ao mal que se deseja praticar, especialmente quando há oportunidade de fazê-lo. Mas, se a pessoa apenas não pratica o mal por falta de ocasião, é responsável pelo desejo.*

642 — Para agradar a Deus e garantir um bom futuro espiritual, basta não praticar o mal?

— *Não. É necessário fazer o bem dentro das próprias possibilidades. O homem responde também pelo mal que resulta de não ter feito o bem quando podia.*

643 — Existe alguém que, por sua posição, não tenha condições de fazer o bem?

— *Não. Todos podem fazer o bem. Apenas o egoísta nunca encontra oportunidade. Basta conviver com outras pessoas para surgir a chance de fazer o bem, e não há um único dia em que isso não seja possível para quem não está dominado pelo egoísmo. Fazer o bem não é apenas ajudar materialmente, mas ser útil sempre que possível.*

644 — Para alguns, o ambiente em que vivem não é a principal causa de muitos vícios e crimes?

— *Sim, mas isso também representa uma prova escolhida pelo Espírito quando ainda estava em liberdade, ao decidir se expor à tentação para conquistar o mérito da resistência.*

645 — Quando alguém vive cercado pelo vício, o mal não se torna quase irresistível?

— *Ele se torna um forte impulso, mas não algo impossível de resistir. Mesmo nesses ambientes, surgem pessoas de grande virtude. São Espíritos que tiveram força para resistir e que também receberam a missão de influenciar positivamente os outros.*

646 — O mérito do bem depende das condições em que ele é praticado? Existem graus diferentes de mérito?

— *O mérito do bem está na dificuldade de realizá-lo. Não há mérito quando o bem não exige esforço ou sacrifício. Deus valoriza mais o pobre que divide o único pedaço de pão do que o rico que doa apenas o que sobra, como ensinou Jesus ao falar do óbolo da viúva.*

Divisão da lei natural

647 — A lei de Deus está totalmente contida no mandamento do amor ao próximo ensinado por Jesus?

— *Sim, esse mandamento resume todos os deveres dos homens uns para com os outros. No entanto, é preciso mostrar como aplicá-lo na prática; caso contrário, ele continua sendo ignorado. Além disso, a lei natural abrange todas as situações da vida, e*

esse preceito cobre apenas uma parte dela. Por isso, são necessárias regras mais claras, já que princípios muito genéricos deixam espaço para interpretações distorcidas.

648 — O que pensar da divisão da lei natural em dez partes: adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, por fim, justiça, amor e caridade?

— Essa divisão, atribuída a Moisés, é adequada, pois consegue abranger todas as situações da vida, o que é essencial. Pode ser adotada sem problemas, embora não seja absoluta, como nenhum sistema de classificação é. Todos dependem do ponto de vista adotado. A última lei é a mais importante, pois permite ao homem avançar mais na vida espiritual, ao reunir e resumir todas as outras.

Capítulo 2 - Lei de adoração

Objetivo da adoração

649 — Em que consiste a adoração?

— *Em elevar o pensamento a Deus. Pela adoração, o homem aproxima sua alma dele.*

650 — A adoração nasce com o homem ou é resultado de aprendizado?

— *É um sentimento natural, assim como a percepção da existência de Deus. A consciência da própria fragilidade leva o homem a se voltar para aquele que pode protegê-lo.*

651 — Já existiram povos sem qualquer sentimento de adoração?

— *Não. Nunca houve povos verdadeiramente ateus. Todos reconhecem que existe algo superior acima de tudo.*

652 — Pode-se considerar a lei natural como a fonte da adoração?

— *Sim. A adoração faz parte da lei natural, pois nasce de um sentimento inato no ser humano. Por isso ela existe em todos os povos, ainda que se manifeste de formas diferentes.*

Adoração exterior

653 — A adoração precisa de manifestações exteriores?

— *A verdadeira adoração vem do coração. Em todas as suas ações, lembre-se sempre de que Deus vê tudo.*

— A adoração exterior tem alguma utilidade?

— *Tem, desde que não seja apenas aparência. Dar um bom exemplo é sempre útil. Mas aqueles que agem apenas por vaidade ou interesse pessoal, e cuja conduta desmente a falsa piedade que exibem, dão um péssimo exemplo sem perceber o mal que causam.*

654 — Deus prefere uma forma específica de adoração?

— *Deus prefere quem o adora com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, àqueles que acreditam honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores com os outros.*

Todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Ele acolhe todos os que obedecem às suas leis, independentemente da forma como as expressem.

É hipócrita quem limita sua fé a gestos externos. Também dá mau exemplo quem aparenta devoção, mas age de forma contrária a ela.

A religião está apenas nos lábios, e não no coração, daquele que diz seguir o Cristo, mas é orgulhoso, invejoso, ciumento, duro, implacável ou excessivamente apegado aos bens materiais. Deus, que tudo vê, dirá: aquele que conhece a verdade é muito mais culpado pelo mal que pratica do que o ignorante que vive isolado no deserto.

Se um cego esbarrar em você, você o perdoa; se for alguém que enxerga perfeitamente, a reclamação é justa.

Portanto, não pergunte qual forma de adoração agrada mais a Deus. Isso seria o mesmo que perguntar se ele prefere ser adorado em um idioma ou em outro. Os cânticos só chegam até ele quando passam pelo coração.

655 — Merece censura quem pratica uma religião em que não acredita profundamente, apenas por respeito social ou para não causar escândalo?

— Como em muitas situações, a intenção é o que conta. Não erra quem age assim por respeito às crenças alheias. Age melhor do que aquele que ridiculariza essas crenças, pois isso fere a caridade. No entanto, quem pratica uma religião por interesse ou ambição se torna desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Deus não se agrada daqueles que fingem humildade apenas para receber elogios.

656 — A adoração em grupo é preferível à adoração individual?

— Quando se reúnem com pensamentos e sentimentos em sintonia, os homens têm mais força para atrair bons Espíritos. O mesmo acontece quando se unem para adorar a Deus. Ainda assim, a adoração individual não perde valor, pois cada um pode se aproximar de Deus pelo pensamento.

Vida contemplativa

657 — Aqueles que se dedicam apenas à vida contemplativa, sem praticar o mal e pensando somente em Deus, têm algum mérito?

— Não. *Se é verdade que não fazem o mal, também é verdade que não fazem o bem, tornando-se inúteis. Além disso, deixar de fazer o bem já é uma forma de mal. Deus quer que o homem pense nele, mas não que pense apenas nele. O homem tem deveres a cumprir na Terra. Quem passa a vida apenas meditando vive de forma egoísta e inútil à humanidade, e Deus lhe pedirá contas do bem que deixou de fazer (640).*

A prece

658 — A prece agrada a Deus?

— *A prece agrada a Deus quando vem do coração, pois a intenção é tudo. Uma prece sincera vale mais do que uma oração bonita recitada apenas com os lábios. A prece feita com fé, sinceridade e sentimento é sempre acolhida. Já a prece do orgulhoso, do fútil ou do egoísta só tem valor se for acompanhada de arrependimento verdadeiro e humildade.*

659 — Qual é o sentido geral da prece?

— *A prece é um ato de adoração. Orar é pensar em Deus, aproximar-se dele, entrar em comunhão com ele. Por meio da prece, podemos louvar, pedir e agradecer.*

660 — A prece torna o homem melhor?

— *Sim. Quem ora com fé e confiança se fortalece contra as tentações do mal, e Deus envia bons Espíritos para ajudá-lo. Esse auxílio nunca é negado quando pedido com sinceridade.*

— Por que, então, há pessoas que oram muito e continuam sendo invejosas, orgulhosas, difíceis no convívio e até cheias de vícios?

— *Porque o importante não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas acreditam que o mérito está na quantidade de palavras, e não se observam interiormente. Transformam a prece em hábito ou passatempo, mas não em reflexão sobre si mesmas. O problema não está na prece, mas na forma como a utilizam.*

661 — É útil pedir a Deus que perdoe nossas faltas?

— *Deus distingue perfeitamente o bem do mal. A prece não esconde erros. O perdão só vem quando há mudança de atitude. As boas ações são a melhor prece, pois os atos têm mais valor do que as palavras.*

662 — É útil orar por outras pessoas?

— *Sim. Pela vontade sincera de fazer o bem, aquele que ora atrai bons Espíritos, que se associam ao bem desejado.*

O pensamento e a vontade são forças que atuam além dos limites do corpo físico. A prece feita por alguém é um ato dessa vontade. Quando é sincera, pode atrair bons Espíritos para ajudar quem recebe a prece, inspirando bons pensamentos e fortalecendo o corpo e a alma. Mas, novamente, a prece que vem do coração é tudo; a feita apenas com palavras não tem valor.

663 — As preces que fazemos por nós mesmos podem mudar nossas provas ou evitar sofrimentos?

— *As provas estão nas mãos de Deus, e algumas precisam ser enfrentadas até o fim. No entanto, Deus sempre leva em conta a forma como elas são aceitas. A prece aproxima bons Espíritos, que dão força para suportá-las com coragem, tornando-as menos difíceis. A prece nunca é inútil quando feita corretamente, pois fortalece quem ora. Além disso, Deus não altera as leis da natureza conforme os desejos individuais. Muitas vezes, aquilo que parece um grande mal do ponto de vista humano é um bem dentro da ordem geral. Grande parte dos sofrimentos também nasce da imprudência ou dos próprios erros do homem. Ainda assim, pedidos justos são atendidos com mais frequência do que se imagina. Muitas vezes, a ajuda vem por meios naturais, que parecem acaso, ou por ideias que surgem e permitem resolver a dificuldade com esforço próprio.*

664 — É útil orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? Essas preces aliviam seus sofrimentos?

— *A prece não muda a justiça de Deus, mas leva alívio ao Espírito por quem se ora, pois ele sente que é lembrado com carinho. Esse sentimento traz consolo. Além disso, a prece pode despertar nele o arrependimento e o desejo de melhorar. Nesse sentido, o sofrimento pode ser abreviado, desde que o próprio Espírito colabore com boa vontade. A prece sincera atrai Espíritos melhores, que ajudam, esclarecem e trazem esperança. Jesus orava pelos que se afastavam do caminho, mostrando que também somos responsáveis por orar por aqueles que mais precisam.*

665 — O que pensar dos que rejeitam a prece pelos mortos por ela não estar explícita no Evangelho?

— Cristo ensinou: *amai-vos uns aos outros. Esse ensinamento inclui todas as formas possíveis de demonstrar afeto e solidariedade. A prece por alguém querido é um sinal de lembrança e carinho, que naturalmente traz alívio e consolo. Quando o Espírito demonstra arrependimento, ele é auxiliado. Além disso, saber que alguém se importa gera gratidão e fortalece os laços de afeto. Assim, ambos cumprem a lei do amor e da união entre os seres, que conduz à verdadeira unidade espiritual.*

Resposta atribuída ao Espírito Monod, pastor protestante em Paris, desencarnado em abril de 1856. A resposta anterior, nº 664, é do Espírito São Luís.

666 — Pode-se orar aos Espíritos?

— *Pode-se orar aos Espíritos bons, como mensageiros de Deus e executores de sua vontade. O poder deles, porém, depende do grau de elevação que alcançaram e sempre vem de Deus. Nada acontece sem a permissão divina, e por isso as preces dirigidas a eles só têm efeito se forem aceitas por Deus.*

Politeísmo

667 — Por que a crença no politeísmo, apesar de falsa, é tão antiga e difundida?

— *A ideia de um Deus único só surge com o desenvolvimento do pensamento. Incapaz de conceber um ser imaterial atuando sobre a matéria, o homem primitivo atribuiu forma e características humanas ao divino. Tudo o que ultrapassava*

sua compreensão era visto como sobrenatural. Assim, passou a acreditar em várias forças divinas, uma para cada fenômeno observado. Ainda assim, sempre existiram homens mais esclarecidos que perceberam a impossibilidade de múltiplos poderes governarem o mundo sem uma direção superior, chegando à ideia de um Deus único.

668 — Os fenômenos espíritas contribuíram para a crença em vários deuses?

— Sim. Chamando de deuses tudo o que era considerado sobre-humano, os homens passaram a tratar os Espíritos como divindades. Pessoas que se destacavam por inteligência, poder ou feitos extraordinários eram vistas como deuses, e após a morte recebiam culto (603).

Entre os antigos, a palavra “deus” tinha um sentido muito amplo. Designava qualquer ser fora da condição humana comum. As manifestações espíritas revelaram a existência de seres incorpóreos atuando na natureza, e por isso foram chamados de deuses, assim como hoje os chamamos de Espíritos. A diferença é que, por ignorância — muitas vezes mantida de propósito —, criaram-se templos e cultos lucrativos, enquanto hoje entendemos que são apenas seres como nós, em diferentes graus de evolução.

O Cristianismo não destruiu o que faz parte da natureza, mas direcionou a adoração ao verdadeiro Deus. A lembrança dos Espíritos permaneceu sob diferentes nomes, e suas manifestações continuaram sendo interpretadas de formas variadas. Hoje, com um estudo mais sério, o Espiritismo esclarece esses fenômenos, libertando-os das superstições e revelando princípios fundamentais da

natureza espiritual.

Sacrifícios

669 — Por que os sacrifícios humanos surgiram na antiguidade, se parecem incompatíveis com a ideia de Deus?

— *Primeiro, porque os homens ainda não compreendiam Deus como fonte de bondade. Nos povos primitivos, o instinto predominava sobre o espírito, e o senso moral era pouco desenvolvido. Segundo, acreditavam que uma vida tinha mais valor para Deus do que um objeto material. Assim, começaram sacrificando animais e depois passaram aos homens, acreditando que quanto maior a vítima, maior o agrado a Deus.*

— Os sacrifícios de animais vieram antes dos humanos?

— *Sem dúvida.*

— Então os sacrifícios humanos não nasceram da crueldade?

— *Não, mas de uma compreensão equivocada sobre como agradar a Deus. Com o tempo, essa prática foi sendo deturpada, chegando ao ponto de sacrificar inimigos. Deus, porém, nunca exigiu sacrifícios, nem humanos nem animais. Não faz sentido prestar culto a Deus destruindo suas criaturas.*

670 — Alguma vez sacrifícios humanos agradaram a Deus, mesmo com boa intenção?

— *Nunca. Deus julga a intenção, não o ato em si. Pela ignorância, os homens acreditavam agir corretamente, e Deus considerava apenas a intenção. Com o progresso moral, o erro foi re-*

conhecido e essas práticas passaram a ser condenadas. Mesmo assim, muitos continuaram por apego às próprias paixões.

671 — O que pensar das chamadas guerras santas?

— Elas são inspiradas por maus Espíritos. Fazer guerra aos semelhantes vai contra a vontade de Deus, que ensina o amor ao próximo. Todos adoram o mesmo Deus, apenas com nomes diferentes. Não se pode impor uma crença pela violência. A verdadeira doutrina deve ser ensinada com persuasão e exemplo, nunca com armas.

672 — A oferta de frutos da terra agradava mais a Deus do que o sacrifício de animais?

— Deus julga pela intenção, não pela forma. Oferecer frutos era mais agradável do que derramar sangue, mas o mais importante sempre foi a intenção. Uma prece sincera vale mais do que qualquer oferenda material.

673 — Oferecer bens para aliviar o sofrimento dos necessitados não seria a forma mais agradável de agradar a Deus?

— Deus sempre abençoa quem faz o bem. O melhor modo de honrá-lo é aliviar o sofrimento dos pobres e aflitos. Isso não significa que as cerimônias sejam condenadas, mas muitos recursos gastos nelas poderiam ser usados de forma mais útil. Deus ama a simplicidade. Quem se apega apenas às formas externas e ignora o coração tem uma visão limitada. Em consciência, pergunte-se: Deus valoriza mais a aparência ou a intenção?

Capítulo 3 - Lei do trabalho

Necessidade do trabalho

674 — A necessidade do trabalho é uma lei da natureza?

— *O trabalho é uma lei da natureza porque é uma necessidade. A civilização faz com que o homem trabalhe mais, pois amplia suas necessidades e também seus prazeres.*

675 — Por trabalho devem ser entendidas apenas as atividades materiais?

— *Não. O Espírito trabalha assim como o corpo. Toda atividade útil é trabalho.*

676 — Por que o trabalho é imposto ao homem?

— *Porque decorre de sua natureza corporal. O trabalho é, ao mesmo tempo, uma forma de reparação e um meio de desenvolver a inteligência. Sem ele, o homem permaneceria intelectualmente imaturo. Por isso, sua alimentação, sua segurança e seu bem-estar dependem do trabalho e da atividade. Àquele que tem limitações físicas, Deus concedeu a inteligência para compensá-las — o que também é uma forma de trabalho.*

677 — Por que a natureza provê, por si só, todas as necessidades dos animais?

— *Tudo na natureza trabalha. Os animais também trabalham, mas seu esforço e sua inteligência se limitam à própria sobrevivência. Por isso, desse trabalho não resulta progresso. Já o trabalho do homem tem dois objetivos: conservar o corpo e desenvolver o pensamento, o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo. Quando se diz que o trabalho dos animais se limita à conservação, refere-se à intenção que os move. Ainda assim, ao suprirem suas necessidades materiais, eles executam inconscientemente os desígnios do Criador, contribuindo para o objetivo maior da natureza, mesmo que o resultado não seja imediatamente perceptível.*

678 — Nos mundos mais evoluídos, os homens também precisam trabalhar?

— *A natureza do trabalho corresponde à natureza das necessidades. Quanto menos materiais são as necessidades, menos material é o trabalho. Mas isso não significa inatividade. A ociosidade seria um castigo, não um benefício.*

679 — Aquele que possui bens suficientes para viver está isento da lei do trabalho?

— *Do trabalho material, talvez; mas não da obrigação de ser útil conforme suas capacidades, nem de desenvolver a própria inteligência ou a dos outros, o que também é trabalho. Quem recebeu de Deus recursos suficientes para garantir sua subsistência tem ainda maior responsabilidade de ser útil aos semelhantes, pois dispõe de mais oportunidades para praticar o bem.*

680 — Existem pessoas incapazes de qualquer tipo de trabalho, tornando sua existência inútil?

— *Deus é justo. Ele só responsabiliza aquele que escolhe tornar sua existência inútil, vivendo às custas do trabalho alheio. Cada um deve ser útil conforme suas possibilidades (643).*

681 — A lei natural impõe aos filhos a obrigação de trabalhar para sustentar os pais?

— *Sim, da mesma forma que os pais devem trabalhar para sustentar os filhos. Foi por isso que Deus fez do amor entre pais e filhos um sentimento natural, para que, por essa afeição mútua, os membros da família se ajudassem. Infelizmente, isso é frequentemente esquecido na sociedade atual (205).*

Limite do trabalho. Repouso

682 — Sendo o trabalho uma necessidade, o repouso também não é uma lei da natureza?

— *Sem dúvida. O repouso serve para restaurar as forças do corpo e também para dar mais liberdade à inteligência, permitindo que ela se eleve acima da matéria.*

683 — Qual é o limite do trabalho?

— *O limite são as forças de cada um. Quanto ao restante, Deus deixa o homem livre.*

684 — O que pensar daqueles que abusam da autoridade e impõem trabalho excessivo aos seus subordinados?

— *Isso é uma das piores faltas. Quem tem poder de mando é responsável pelo excesso de trabalho que impõe aos outros, pois ao agir assim viola a lei de Deus (273).*

685 — O homem tem direito ao repouso na velhice?

— *Sim. Ninguém é obrigado a fazer além do que suas forças permitem.*

— Mas o que fazer quando o idoso precisa trabalhar para sobreviver e já não tem condições?

— *O forte deve amparar o fraco. Se o idoso não tem família, a sociedade deve assumir esse papel. Essa é a lei da caridade.*

Não basta dizer ao homem que ele tem o dever de trabalhar. É preciso que aquele que depende do trabalho para viver encontre meios de se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando isso se torna generalizado, a falta de trabalho gera miséria em larga escala. A economia tenta resolver esse problema equilibrando produção e consumo, mas mesmo que isso seja possível, sempre haverá períodos de instabilidade durante os quais o trabalhador ainda precisa sobreviver.

Há, porém, um fator que raramente é considerado e sem o qual a economia permanece apenas teórica: a educação. Não a educação intelectual, mas a educação moral — não aquela aprendida em livros, mas a que forma o caráter e cria hábitos. Educação é o conjunto dos hábitos adquiridos.

Diante da multidão de pessoas lançadas diariamente na so-

cidade sem princípios, sem limites e entregues apenas aos próprios instintos, não é surpresa que surjam consequências graves. Quando essa arte de educar for compreendida e praticada, o homem desenvolverá hábitos de ordem, responsabilidade e cuidado consigo e com os outros, além de respeito pelo que é digno de respeito. Esses hábitos permitirão enfrentar com menos sofrimento os períodos difíceis, que são inevitáveis.

A desordem e a imprudência são duas feridas sociais que só uma educação bem compreendida pode curar. Esse é o verdadeiro ponto de partida do bem-estar coletivo e a base real da segurança de todos.

Capítulo 4 - Lei de reprodução

População do globo

686 — A reprodução dos seres vivos é uma lei da natureza?

— *Evidentemente. Sem a reprodução, o mundo material deixaria de existir.*

687 — Considerando o crescimento constante da população, chegará um momento em que ela será excessiva na Terra?

— *Não. Deus cuida disso e mantém sempre o equilíbrio. Nada do que Ele faz é inútil. O homem, que enxerga apenas uma pequena parte do conjunto, não consegue avaliar a harmonia geral da natureza.*

Sucessão e aperfeiçoamento das raças

688 — Existem atualmente raças humanas que estão claramente em declínio. Chegará o momento em que desaparecerão da Terra?

— *Sim. Outras estão ocupando o seu lugar, assim como, no futuro, outras substituirão as que hoje existem.*

689 — Os homens atuais formam uma criação nova ou são descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?

— São os mesmos Espíritos que retornam para se aperfeiçoar em novos corpos, embora ainda estejam longe da perfeição. A raça humana atual, que tende a se espalhar por toda a Terra e substituir as que desaparecem, também passará por seu período de declínio e desaparecerá. No lugar dela surgirão raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, assim como o homem civilizado de hoje descende dos seres rudes e primitivos do passado.

690 — Do ponto de vista físico, os corpos da raça atual são uma criação especial ou resultam da reprodução dos corpos primitivos?

— A origem das raças se perde no tempo. Mas, como todas pertencem à grande família humana, independentemente de sua origem, sempre puderam se misturar e gerar novos tipos.

691 — Qual é, do ponto de vista físico, a principal característica das raças primitivas?

— O predomínio da força física sobre a inteligência. Hoje acontece o contrário: o homem realiza muito mais por meio da inteligência do que da força corporal. Ainda assim, ele produz muito mais resultados porque aprendeu a utilizar as forças da natureza, algo que os animais não conseguem fazer.

692 — O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela ciência contraria a lei da natureza? Não seria mais correto deixar que tudo siga seu curso natural?

— Tudo deve contribuir para alcançar a perfeição, e o próprio homem é um instrumento de Deus para atingir esse objetivo. Como

a natureza tende à perfeição, favorecer esse progresso é agir de acordo com a vontade divina.

— Mas, em geral, o homem busca melhorar as raças por interesse pessoal, visando apenas aumentar seus próprios benefícios. Isso não reduz o mérito dessas ações?

— Pouco importa que o mérito pessoal seja pequeno, desde que o progresso aconteça. Cabe ao homem tornar seu trabalho meritório pela intenção. Além disso, ao realizar esse trabalho, ele exercita e desenvolve sua inteligência, e é nisso que está o maior benefício.

Obstáculos à reprodução

693 — As leis e costumes humanos que criam obstáculos à reprodução são contrários à lei da natureza?

— Tudo o que dificulta o curso natural da vida é contrário à lei geral.

— No entanto, há espécies animais e vegetais cuja reprodução excessiva seria prejudicial a outras, e até ao próprio homem. Ele erra ao impedir essa reprodução?

— Deus concedeu ao homem poder sobre os demais seres vivos, e esse poder deve ser usado com equilíbrio, sem abuso. O homem pode regular a reprodução conforme as necessidades, mas não deve criar obstáculos desnecessários. Sua ação consciente serve como contrapeso para manter o equilíbrio das forças da natureza, e é isso que o diferencia dos animais. Ainda assim, os próprios animais também participam desse equilíbrio, pois o ins-

tinto de sobrevivência limita o crescimento excessivo das espécies das quais se alimentam.

694 — O que pensar dos costumes que impedem a reprodução apenas para satisfazer os sentidos?

— Isso mostra o quanto o corpo ainda domina a alma e o quanto o homem permanece preso à matéria.

Casamento e celibato

695 — O casamento, entendido como a união permanente de duas pessoas, é contrário à lei da natureza?

— Não. Pelo contrário, representa um avanço no desenvolvimento da humanidade.

696 — Que efeito teria sobre a sociedade humana a abolição do casamento?

— Seria um retrocesso, aproximando o homem da vida dos animais.

A união livre e ocasional dos sexos é o estado mais primitivo. O casamento foi um dos primeiros sinais de progresso social, pois criou laços de solidariedade e organização familiar. Ele existe em todos os povos, ainda que de formas diferentes. Abolir o casamento seria retornar à infância da humanidade e rebaixar o homem a um nível inferior ao de certos animais, que demonstram uniões estáveis.

697 — A indissolubilidade absoluta do casamento é uma lei da natureza ou apenas uma lei humana?

— *É uma lei humana, e bastante contrária à lei natural. As leis humanas podem ser modificadas; as leis da natureza, não.*

698 — O celibato voluntário é um estado de perfeição que agrade a Deus?

— *Não. Quando nasce do egoísmo, ele desagrada a Deus e engana as pessoas.*

699 — Para algumas pessoas, o celibato não é um sacrifício feito para se dedicar mais plenamente ao serviço da humanidade?

— *Isso é diferente. Eu me referi ao celibato motivado pelo egoísmo. Todo sacrifício pessoal feito em benefício dos outros tem valor. Quanto maior o sacrifício, maior o mérito.*

Deus não se contradiz nem condena aquilo que Ele mesmo criou. Por isso, não há mérito em violar a lei natural. O celibato, por si só, não é meritório; mas quando representa uma renúncia consciente às alegrias da vida familiar em favor do bem coletivo, torna-se um sacrifício legítimo. Todo sacrifício feito com esse objetivo eleva o homem acima da condição puramente material.

Poligamia

700 — A proporção quase igual entre homens e mulheres indica a forma correta de união?

— *Sim, pois tudo na natureza tem um propósito.*

701 — Qual é mais compatível com a lei da natureza: a poligamia ou a monogamia?

— *A poligamia é uma criação humana, e sua eliminação representa um progresso social. Segundo a vontade de Deus, o casamento deve se basear no afeto verdadeiro entre os que se unem. Na poligamia, não há afeto real, apenas satisfação dos sentidos.*

Se a poligamia fosse uma lei natural, deveria ser possível torná-la universal, o que é inviável devido à proporção equilibrada entre os sexos.

Ela deve ser vista como um costume ou legislação específica, adequada a determinados contextos históricos, e que o progresso social tende a eliminar gradualmente.

Capítulo 5 - Lei de conservação

Instinto de conservação

702 — O instinto de conservação é uma lei da natureza?

— *Sem dúvida. Todos os seres vivos o possuem, independentemente do grau de inteligência. Em alguns, ele age de forma automática; em outros, de maneira consciente e refletida.*

703 — Com que objetivo Deus concedeu a todos os seres vivos o instinto de conservação?

— *Porque todos devem contribuir para o cumprimento dos desígnios da Providência. Por isso Deus lhes deu a necessidade de viver. Além disso, a vida é indispensável ao aperfeiçoamento dos seres. Eles sentem essa necessidade de forma instintiva, mesmo sem ter plena consciência disso.*

Meios de conservação

704 — Ao dar ao homem a necessidade de viver, Deus lhe forneceu, em todos os tempos, os meios para isso?

— *Sim. Se o homem não os encontra, é porque não sabe reconhecê-los. Deus não poderia criar a necessidade de viver sem oferecer os meios para satisfazê-la. É por isso que a Terra produz o necessário para os que nela habitam, pois apenas o necessário é real-*

mente útil; o supérfluo nunca é.

705 — Por que a Terra nem sempre produz o suficiente para garantir ao homem o necessário?

— Porque o homem, ingrato, a despreza. No entanto, ela é uma excelente mãe. Muitas vezes, ele acusa a natureza por males que resultam apenas de sua falta de habilidade ou de sua imprevidência. A Terra sempre produziria o necessário, se o homem soubesse se contentar com o necessário. Se o que ela produz não basta, é porque ele desperdiça no supérfluo aquilo que poderia suprir o essencial.

Veja o árabe no deserto: ele sempre encontra como viver, porque não cria necessidades artificiais. Se o homem gasta metade do que possui satisfazendo caprichos, por que se espanta ao nada encontrar no dia seguinte e ainda se queixa quando chega a escassez? Em verdade, não é a natureza que é imprevidente, mas o homem, que não sabe conduzir sua própria vida.

706 — Os bens da Terra se resumem apenas aos produtos do solo?

— O solo é a fonte principal de todos os outros recursos, pois, em última instância, eles são apenas transformações do que vem da terra. Portanto, bens da Terra são tudo aquilo de que o homem pode desfrutar neste mundo.

707 — Por que, mesmo havendo abundância ao redor, algumas pessoas não conseguem garantir o próprio sustento?

— Isso acontece principalmente por causa do egoísmo humano, que faz com que muitos não cumpram sua responsabilidade de

partilhar e cooperar. Em muitos casos, porém, a causa também está no próprio indivíduo. “Buscai e achareis” não significa que basta olhar em volta, mas que é preciso procurar com esforço, perseverança e sem desistir diante das dificuldades. Muitas dessas dificuldades são, na verdade, provas usadas pela Providência para testar a constância, a paciência e a firmeza do homem (534).

Se é verdade que a civilização cria novas necessidades, também é verdade que ela amplia as oportunidades de trabalho e os meios de garantir a própria sobrevivência. Ainda assim, é preciso reconhecer que muito resta a ser feito. Quando a civilização cumprir plenamente seu papel, ninguém poderá dizer que lhe faltou o necessário, a não ser por responsabilidade própria.

Grande parte do sofrimento vem do fato de o homem seguir caminhos diferentes daqueles indicados pela natureza. Nesses casos, falta-lhe discernimento para alcançar resultados melhores. Há lugar para todos sob o sol, desde que cada um ocupe o seu espaço, e não o dos outros. A natureza não pode ser responsabilizada pelos defeitos da organização social, nem pelas consequências da ambição e do orgulho.

Ainda assim, seria cegueira ignorar os avanços já alcançados pelos povos mais desenvolvidos. Graças aos esforços conjuntos da solidariedade e da ciência, a condição material da humanidade melhorou consideravelmente. Mesmo com o crescimento constante da população, a escassez foi atenuada em grande parte, e os períodos de crise atuais não se comparam aos do passado.

A saúde pública, essencial para a força e o bem-estar cole-

tivo, e praticamente desconhecida pelas gerações anteriores, hoje recebe atenção consciente. O sofrimento e a miséria encontram formas de amparo. Em toda parte, a ciência contribui para melhorar a qualidade de vida. Já se chegou à perfeição? Certamente não. Mas o que já foi feito permite antever o que ainda pode ser alcançado, se o homem buscar sua felicidade em realidades concretas e duradouras, e não em ilusões que o fazem retroceder em vez de avançar.

708 — Existem situações em que os meios de subsistência não dependem da vontade do homem e a privação do necessário resulta da própria força das circunstâncias?

— *Sim. Essas são provas, muitas vezes duras, que o homem sabia que enfrentaria. Seu mérito está em aceitar a vontade de Deus quando sua inteligência não encontra meios de sair da dificuldade. Se a morte vier, deve recebê-la sem revolta, lembrando que a hora da verdadeira libertação chegou e que o desespero final pode fazê-lo perder o mérito da resignação construída ao longo da vida.*

709 — Cometem crime aqueles que, em situações extremas, sacrificam seus semelhantes para não morrer de fome? A necessidade de viver não atenua esse ato?

— *Já foi dito que há mais mérito em suportar as provações com coragem e renúncia. Nesse caso, há homicídio e crime contra a lei da natureza, falta que é duplamente punida.*

710 — Nos mundos em que os seres possuem uma organização física mais aperfeiçoada, eles ainda precisam se alimentar?

— *Precisam, mas os alimentos estão de acordo com a sua natureza. Esses alimentos não sustentariam os vossos corpos mais densos, assim como eles não poderiam assimilar os vossos.*

Gozo dos bens terrenos

711 — O uso dos bens da Terra é um direito de todos?

— *Sim. Esse direito decorre da própria necessidade de viver. Deus não impõe deveres sem fornecer os meios para cumpri-los.*

712 — Com que objetivo Deus tornou atraente o uso dos bens materiais?

— *Para estimular o homem a cumprir sua missão e para colocá-lo à prova por meio da tentação.*

— Qual é o objetivo dessa tentação?

— *Desenvolver a razão, que deve protegê-lo contra os excessos.*

Se o homem fosse motivado a usar os bens da Terra apenas por sua utilidade, a indiferença poderia comprometer a harmonia do universo. Por isso, Deus associou prazer ao uso desses bens, levando o homem a cumprir os desígnios da Providência. Ao mesmo tempo, esse prazer funciona como uma prova, pois a tentação pode levá-lo ao abuso, contra o qual a razão deve atuar.

713 — A natureza estabeleceu limites para os prazeres?

— *Sim, para indicar o que é necessário. Mas, pelos excessos, o homem chega à saturação e acaba se punindo a si mesmo.*

714 — O que pensar daquele que busca nos excessos de todo tipo o máximo dos prazeres?

— *Pobre criatura. É mais digna de compaixão do que de inveja, pois está muito próxima da ruína.*

— Da ruína física ou da ruína moral?

— *De ambas.*

Quem busca prazer sem limites se rebaixa abaixo do animal, pois o animal sabe parar quando sua necessidade é satisfeita. Esse homem abandona a razão que Deus lhe deu como guia e permite que sua natureza instintiva domine sua natureza espiritual. As doenças, os sofrimentos e até a morte, que surgem do abuso, são ao mesmo tempo a consequência e a punição pela violação da lei de Deus.

O necessário e o supérfluo

715 — Como o homem pode reconhecer o limite do necessário?

— *Quem é realmente sábio o percebe intuitivamente. Muitos só chegam a esse entendimento pela experiência, e quase sempre pagando um preço alto.*

716 — Pela organização física que nos foi dada, a natureza não estabeleceu o limite das nossas necessidades?

— *Sim, mas o homem é insaciável. A natureza definiu o limite das necessidades por meio do corpo, porém os vícios alteraram esse equilíbrio e criaram necessidades que não são reais.*

717 — O que pensar daqueles que acumulam os bens da Terra para garantir o supérfluo, enquanto outros carecem do necessário?

— *Eles desrespeitam a lei de Deus e responderão pelas privações que causaram aos outros.*

O limite entre o necessário e o supérfluo não é absoluto. A civilização criou necessidades que o homem primitivo não conhecia. Os Espíritos que ditaram esses ensinamentos não pretendem que o homem civilizado viva como o selvagem. Tudo é relativo, e cabe à razão estabelecer o equilíbrio. A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade, que leva as pessoas a se ajudarem mutuamente. Aqueles que vivem à custa da privação dos outros exploram, em benefício próprio, os avanços da civilização. Dela conservam apenas a aparência, assim como muitos conservam da religião apenas a máscara.

Privações voluntárias. Mortificações

718 — A lei de conservação obriga o homem a suprir as necessidades do corpo?

— *Sim, pois sem força e saúde o trabalho se torna impossível.*

719 — O homem merece censura por buscar o bem-estar?

— Não. O desejo de bem-estar é natural. Deus condena apenas o abuso, por ser contrário à conservação. Buscar conforto não é errado, desde que isso não aconteça às custas dos outros e não prejudique nem a saúde do corpo nem o equilíbrio moral.

720 — As privações voluntárias, feitas como forma de expiação, são meritórias aos olhos de Deus?

— Fazer o bem ao próximo tem muito mais valor.

— Existem privações voluntárias que sejam meritórias?

— Sim. A renúncia aos prazeres inúteis, pois ela ajuda o homem a se desapegar da matéria e a elevar o espírito. Há mérito em resistir à tentação do excesso e dos prazeres supérfluos; em tirar do que é necessário para ajudar quem não tem o suficiente. Mas, quando a privação é apenas aparência, ela se torna motivo de ridículo.

721 — A vida de privações e sofrimentos voluntários, praticada por ascetas desde a antiguidade, tem algum mérito aos olhos de Deus?

— Pergunte a quem essa prática realmente beneficia, e terá a resposta. Se ela serve apenas a quem a pratica e ainda o impede de fazer o bem aos outros, trata-se de egoísmo, qualquer que seja o nome ou a justificativa usada. Submeter o próprio corpo a sofrimentos, jejuns extremos ou privações rígidas não tem valor espiritual se isso não resulta em benefício para ninguém além de si mesmo.

722 — É racional a abstinência de certos alimentos, prescrita por tradições de vários povos?

— *O homem pode alimentar-se de tudo o que não prejudique sua saúde. Alguns legisladores, com objetivos práticos, proibiram certos alimentos e, para dar mais autoridade às leis, apresentaram essas proibições como ordens divinas.*

723 — A alimentação de origem animal é contrária à lei da natureza para o homem?

— *Dada a constituição humana, a carne alimenta o corpo; sem ela, o homem se enfraquece. A lei de conservação exige que ele mantenha sua saúde e suas forças para cumprir o dever do trabalho. Por isso, deve se alimentar conforme as necessidades do próprio organismo.*

724 — É meritório abster-se da alimentação animal, ou de qualquer outra, como forma de expiação?

— *Sim, se essa privação for feita em benefício dos outros. Mas, aos olhos de Deus, só há mérito quando a renúncia é real e útil. Por isso são considerados hipócritas aqueles que apenas fingem se privar de algo (720).*

725 — O que pensar das mutilações feitas no corpo humano ou nos animais?

— *Para que serviria isso? Perguntem sempre a si mesmos se algo é útil. Nada que seja inútil pode agradar a Deus, e tudo o que é prejudicial lhe desagrade. Deus se importa com os sentimentos que elevam a alma. É obedecendo à sua lei, e não a violando, que o homem se liberta do domínio excessivo da matéria.*

726 — Se os sofrimentos naturais nos elevam quando são bem suportados, também nos elevam os sofrimentos que nós mesmos criamos?

— *Apenas os sofrimentos naturais elevam, porque vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários não servem para nada quando não beneficiam ninguém. Acreditas que avançam espiritualmente aqueles que abreviam a própria vida com rigores extremos, como fazem alguns ascetas e fanáticos? Por que não trabalham, em vez disso, pelo bem dos outros? Que vistam os pobres, consolem os aflitos, cuidem dos doentes, renunciem ao conforto para aliviar os infelizes. Então suas vidas serão úteis e agradáveis a Deus. Sofrer apenas por si mesmo é egoísmo; sofrer pelos outros é caridade. Esse é o ensinamento do Cristo.*

727 — Já que não devemos criar sofrimentos voluntários inúteis, devemos procurar evitar aqueles que prevemos ou que nos ameaçam?

— *Foi para isso que o instinto de conservação foi dado a todos os seres. Discipline o espírito, e não o corpo; combata o orgulho e controle o egoísmo, que corrói o coração como uma serpente. Assim, você fará muito mais pelo próprio progresso do que impondo a si mesmo sofrimentos que já não fazem sentido no mundo atual.*

Capítulo 6 - Lei de destruição

Destruição necessária e destruição abusiva

728 — A destruição é uma lei da natureza?

— *Sim. Tudo precisa se transformar para renascer e se renovar. O que chamais de destruição é, na verdade, apenas uma transformação, cujo objetivo é a renovação e o aperfeiçoamento dos seres vivos.*

— O instinto de destruição foi então dado aos seres vivos por desígnio divino?

— *Os seres são instrumentos dos quais Deus se serve para alcançar seus objetivos. Para se alimentarem, os seres vivos se destroem mutuamente, e essa destruição atende a dois fins: manter o equilíbrio da reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e reaproveitar os elementos do corpo material que se desintegra. O que é destruído é apenas o envoltório físico, que é acessório. A parte essencial do ser, o princípio inteligente, não pode ser destruída e continua seu desenvolvimento através das diversas transformações pelas quais passa.*

729 — Se a regeneração exige destruição, por que a natureza cerca os seres de meios de preservação?

— *Para que a destruição não aconteça antes do tempo. Toda destruição prematura impede o desenvolvimento do princípio inteligente. Por isso Deus fez com que cada ser sentisse a necessidade de viver e de se reproduzir.*

730 — Se a morte nos conduz a uma vida melhor e nos liberta dos sofrimentos terrenos, por que o homem a teme instintivamente?

— *Porque o homem deve procurar prolongar a vida para cumprir sua missão. Foi por isso que Deus lhe deu o instinto de conservação, que o sustenta nas provas. Sem esse instinto, ele se entregaria facilmente ao desânimo. A voz interior que o leva a rejeitar a morte lhe diz que ainda pode fazer algo por seu progresso. O perigo funciona como um aviso para que aproveite o tempo que Deus lhe concede. Ainda assim, o homem costuma agradecer mais à sorte do que ao Criador.*

731 — Por que a natureza colocou agentes de destruição ao lado dos meios de conservação?

— *Como um remédio ao lado do mal. Para manter o equilíbrio e funcionar como contrapeso.*

732 — A necessidade de destruição é a mesma em todos os mundos?

— *Ela varia conforme o grau de materialidade dos mundos. Diminui e desaparece à medida que o físico e o moral se tornam mais depurados. As condições de existência nos mundos mais evoluídos são muito diferentes das da Terra.*

733 — Entre os homens da Terra, sempre haverá necessidade de destruição?

— *Essa necessidade diminui à medida que o Espírito passa a dominar a matéria. Por isso, pode-se observar que o horror à destruição cresce com o progresso intelectual e moral.*

734 — No estado atual, o homem tem direito ilimitado de destruir os animais?

— *Não. Esse direito é limitado pela necessidade de garantir sua sobrevivência e sua segurança. O abuso nunca constitui um direito.*

735 — O que pensar da destruição que ultrapassa os limites da necessidade, como a caça feita apenas pelo prazer de matar?

— *É a predominância da natureza animal sobre a espiritual. Toda destruição que excede a necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para sobreviver; o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Ele terá de responder pelo abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso revela submissão aos instintos inferiores.*

736 — Os povos que levam ao extremo o escrúpulo em relação à destruição dos animais demonstram mérito especial?

— *Não. Quando exagerado, até mesmo um sentimento louvável se torna prejudicial, e seu mérito é anulado por outros excessos. Nesses casos, há mais superstição do que verdadeira bondade.*

Flagelos destruidores

737 — Com que objetivo Deus atinge a humanidade por meio de flagelos destruidores?

— *Para fazê-la progredir mais rapidamente. A destruição é necessária à regeneração moral dos Espíritos, que avançam passo a passo em seu aperfeiçoamento a cada nova existência. É preciso considerar o objetivo geral para compreender os resultados. O homem julga esses acontecimentos apenas do ponto de vista pessoal, chamando-os de flagelos por causa dos prejuízos que sofre. No entanto, essas perturbações são muitas vezes necessárias para acelerar o surgimento de uma ordem melhor, realizando em poucos anos o que levaria séculos (744).*

738 — Deus não poderia empregar outros meios, além dos flagelos, para melhorar a humanidade?

— *Sim, e os utiliza todos os dias, pois deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, nem sempre aproveita esses recursos. Torna-se então necessário que seu orgulho seja abalado e que ele sinta sua própria fragilidade.*

— Mas nesses flagelos morrem tanto pessoas boas quanto más. Isso é justo?

— *Durante a vida, o homem valoriza excessivamente o corpo, mas após a morte passa a ver as coisas de outra forma. A vida corporal é pouco significativa diante da eternidade. Um século na Terra é apenas um instante. Os sofrimentos de alguns dias ou meses são lições que servirão no futuro. Os Espíritos, que existem antes e depois da vida material, são a realidade essencial (85).*

Os corpos são apenas instrumentos temporários. Nas grandes calamidades, isso se assemelha a um exército em que os uniformes se perdem ou se estragam: o comandante se preocupa com os soldados, não com as vestes.

— Ainda assim, as vítimas continuam sendo vítimas.

— Se o homem percebesse quão pequena é a vida material diante do infinito, daria menos peso a isso. Na vida espiritual, essas vítimas encontrarão ampla compensação, se tiverem suportado seus sofrimentos sem revolta.

Seja por um flagelo ou por uma causa comum, ninguém deixa de morrer quando chega o momento. A diferença é que, nos flagelos, muitos partem ao mesmo tempo.

Se fosse possível contemplar toda a humanidade de uma só vez, esses acontecimentos pareceriam apenas tempestades passageiras no destino do mundo.

739 — Os flagelos têm alguma utilidade do ponto de vista físico?

— Sim. Em alguns casos, modificam as condições de certas regiões. Porém, muitas vezes, os benefícios só são percebidos pelas gerações futuras.

740 — Os flagelos também funcionam como provas morais?

— Sim. Eles dão ao homem a oportunidade de exercitar a inteligência, a paciência e a resignação diante da vontade de Deus, além de permitir que demonstre abnegação, solidariedade e amor ao próximo, se não estiver dominado pelo egoísmo.

741 — O homem pode evitar os flagelos que o afligem?

— *Em parte, sim. Muitos flagelos são consequência da própria imprudência humana. À medida que o homem adquire conhecimento, pode prevenir vários deles, identificando suas causas. No entanto, existem males de ordem geral que fazem parte dos desígnios da Providência, e contra esses só resta a aceitação da vontade de Deus. Ainda assim, o homem frequentemente agrava esses males por negligência.*

Entre os flagelos naturais e independentes da ação humana estão a peste, a fome, as inundações e as intempéries que afetam a produção da Terra. Mas a ciência, a engenharia, o avanço da agricultura, a irrigação, o estudo da higiene e das condições de saúde pública já permitiram evitar ou ao menos reduzir muitos desses males. Regiões antes devastadas hoje estão protegidas. Quanto mais o homem souber usar sua inteligência aliada à verdadeira caridade, maior será o bem-estar coletivo que poderá alcançar (707).

Guerras

742 — O que leva o homem à guerra?

— *A predominância da natureza instintiva sobre a espiritual e o descontrole das paixões. Em estados de barbárie, o único direito reconhecido é o da força. Por isso, a guerra se torna algo comum. À medida que o homem progride, a guerra se torna menos frequente, pois ele aprende a evitar suas causas. E, quando ocorre, tende a ser conduzida com mais humanidade.*

743 — A guerra desaparecerá algum dia da Terra?

— *Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nesse momento, todos os povos se reconhecerão como irmãos.*

744 — Qual é o objetivo da Providência ao permitir a guerra?

— *A liberdade e o progresso.*

— Se a guerra visa à liberdade, por que tantas vezes resulta em dominação e opressão?

— *Essa dominação é temporária e serve para pressionar os povos a avançarem mais rapidamente.*

745 — O que pensar daquele que provoca a guerra para benefício próprio?

— *Ele é gravemente culpado. Precisarà de muitas existências para reparar todos os assassinatos dos quais foi causa, pois responderá por todas as mortes provocadas por sua ambição.*

Assassínio

746 — O assassinio é um crime aos olhos de Deus?

— *É um grande crime, pois quem tira a vida de outro interrompe uma existência destinada à reparação ou ao cumprimento de uma missão. Aí está a gravidade do ato.*

747 — A culpa é sempre a mesma em todos os casos de assassinio?

— Já foi dito: Deus é justo e julga mais pela intenção do que pelo ato em si.

748 — Em caso de legítima defesa, Deus absolve o assassínio?

— Somente a necessidade pode atenuá-lo. Mas, se quem se defende puder preservar a própria vida sem tirar a do agressor, deve fazê-lo.

749 — O homem é culpado pelas mortes que causa durante a guerra?

— Não, quando é forçado pelas circunstâncias. Porém, é responsável pelas crueldades que comete e isso é avaliado de acordo com o grau de humanidade com que age.

750 — O que é mais condenável: o parricídio ou o infanticídio?

— Ambos são igualmente condenáveis, pois todo crime contra a vida é um crime.

751 — Como explicar que, em povos intelectualmente desenvolvidos, o infanticídio tenha sido um costume legalizado?

— Desenvolvimento intelectual não significa desenvolvimento moral. Um Espírito pode ser muito inteligente e ainda assim agir mal. Isso acontece quando alguém vive muito, mas não se melhora moralmente: aprende, mas não evolui.

Crueldade

752 — A crueldade está ligada ao instinto de destruição?

— *É o instinto de destruição em sua forma mais degradada. A destruição pode, em alguns casos, ser necessária; a crueldade, nunca. Ela é sempre fruto de uma natureza moralmente inferior.*

753 — Por que a crueldade é tão comum entre os povos primitivos?

— *Porque nesses povos a matéria domina o Espírito. Guiados principalmente pelos instintos, preocupam-se apenas com a própria sobrevivência, o que os torna, em geral, mais duros e violentos. Além disso, Espíritos pouco evoluídos influenciam esses grupos, até que povos mais adiantados enfraqueçam essa influência.*

754 — A crueldade não decorre da ausência de senso moral?

— *Não da ausência, mas do pouco desenvolvimento do senso moral. Ele existe em todos os seres humanos, como princípio. Com o tempo, é esse mesmo senso que transforma os cruéis em pessoas mais humanas.*

O senso moral existe no homem primitivo como o perfume existe no botão da flor antes de desabrochar.

Todas as faculdades humanas existem de forma latente e se desenvolvem conforme as circunstâncias. Quando os instintos materiais são estimulados em excesso, abafam o senso moral. Já quando este se desenvolve, as tendências puramente animais perdem força pouco a pouco.

755 — Como é possível encontrar pessoas tão cruéis em sociedades altamente civilizadas?

— *Da mesma forma que uma árvore saudável pode produzir alguns frutos defeituosos. São indivíduos que da civilização possuem apenas a aparência externa, verdadeiros lobos em meio a cordeiros. Espíritos muito atrasados podem encarnar entre pessoas moralmente mais adiantadas para tentar progredir. Quando a prova é pesada demais, porém, a natureza primitiva acaba prevalecendo.*

756 — A sociedade dos homens de bem um dia estará livre dos indivíduos mal-intencionados?

— *A humanidade progride. Esses indivíduos, dominados por tendências negativas e deslocados entre pessoas de bem, desaparecerão gradualmente, como o joio separado do trigo. Mas desaparecerão apenas para renascer em outras condições. Com mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. O aperfeiçoamento acontece ao longo de muitas existências, assim como ocorre com plantas e animais que só revelam plenamente suas qualidades após várias gerações.*

Duelo

757 — O duelo pode ser considerado legítima defesa?

— *Não. É assassinio e um costume absurdo, próprio de sociedades bárbaras. Com maior avanço moral, o homem compreenderá que o duelo é tão irracional quanto os antigos combates considerados, no passado, como juízos divinos.*

758 — Quando alguém aceita um duelo sabendo que provavelmente morrerá, isso é assassinio?

— *Nesse caso, é suicídio.*

— E quando as chances de morte são iguais para ambos?

— *É ao mesmo tempo suicídio e assassinio.*

Em qualquer situação, mesmo quando as chances são iguais, há culpa: primeiro, porque se atenta de forma consciente e deliberada contra a vida de outro; segundo, porque se expõe inutilmente a própria vida, sem benefício para ninguém.

759 — Que valor tem o chamado “ponto de honra” nos duelos?

— *Orgulho e vaidade: duas grandes feridas da humanidade.*

— Mas não há situações em que recusar o duelo pareceria covardia?

— *Isso depende dos costumes de cada época e lugar. Quando os homens forem moralmente mais evoluídos, entenderão que a verdadeira honra está acima das paixões. Não é matando nem morrendo que se reparam ofensas.*

Existe mais grandeza e verdadeira honra em reconhecer um erro, quando se errou, ou em perdoar, quando se está com a razão, e em desprezar insultos que não atingem a dignidade real da pessoa.

Pena de morte

760 — A pena de morte desaparecerá um dia das leis humanas?

— *Sim, desaparecerá sem dúvida, e sua abolição marcará um progresso importante da humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte deixará de existir na Terra. Refiro-me, porém, a um tempo ainda distante.*

Apesar de ainda haver muito a melhorar, seria injusto ignorar os avanços já feitos. As restrições à pena de morte e a redução dos crimes aos quais ela se aplica, nos povos mais adiantados, revelam progresso. Se compararmos os métodos atuais da justiça com as práticas brutais de tempos não tão distantes, veremos claramente o avanço moral da humanidade.

761 — A lei de conservação não dá ao homem o direito de eliminar alguém perigoso para proteger a sociedade?

— *Existem outros meios de proteção que não envolvem tirar a vida. Além disso, é preciso abrir ao criminoso o caminho do arrependimento, e não fechá-lo.*

762 — A pena de morte não foi necessária em épocas menos evoluídas?

— *“Necessária” não é a palavra correta. O homem chama de necessário aquilo para o qual ainda não encontrou alternativa melhor. À medida que se esclarece, passa a distinguir melhor o justo do injusto e rejeita os excessos cometidos, no passado, em nome da justiça.*

763 — A redução dos casos de pena de morte é sinal de progresso da civilização?

— Como duvidar disso? Não te causa repulsa ler sobre as execuções em massa, as torturas e as confissões arrancadas pela dor, praticadas em nome da justiça ou até da religião? Se tivesses vivido naquela época, talvez achasses tudo isso normal e até o praticasses como juiz. O que hoje parece bárbaro já foi considerado justo. Só as leis divinas são eternas; as leis humanas evoluem com o progresso.

764 — As palavras de Jesus: “quem matou pela espada, pela espada perecerá”, justificam a pena de talião?

— Cuidado com a interpretação. A pena de talião é a justiça de Deus, não a dos homens. É Deus quem a aplica. Todos a experimentam, pois cada um sofre as consequências do mal que praticou, nesta ou em outra existência. Quem fez sofrer, acabará passando por situação semelhante. Esse é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus.

Mas ele também ensinou: “perdoai os vossos inimigos” e pediu que rogássemos a Deus perdão na mesma medida em que perdoamos. É preciso compreender isso com clareza.

765 — O que pensar da pena de morte aplicada em nome de Deus?

— É o homem tomando o lugar de Deus na administração da justiça. Quem age assim demonstra o quanto ainda desconhece a verdadeira natureza divina e o quanto ainda tem a reparar. A pena de morte, quando aplicada em nome de Deus, é um crime, e quem a impõe se torna culpado como qualquer outro assassino.

Capítulo 7 - Lei de sociedade

Necessidade da vida social

766 — A vida em sociedade faz parte da natureza humana?

— *Sim. Deus criou o homem para viver em sociedade. Não lhe deu, sem motivo, a palavra e todas as demais faculdades necessárias à convivência.*

767 — O isolamento absoluto é contrário à lei da natureza?

— *Sim, pois os homens, por instinto, buscam a convivência. Todos devem contribuir para o progresso comum, ajudando-se mutuamente.*

768 — Ao buscar a vida em sociedade, o homem apenas segue um impulso pessoal ou existe nisso um objetivo maior?

— *O homem precisa progredir. Isolado, isso não é possível, pois ele não possui todas as faculdades sozinho. O contato com os outros é indispensável. No isolamento, o homem se embrutece e se enfraquece.*

Nenhum indivíduo reúne todas as capacidades necessárias ao próprio desenvolvimento. É na vida social que essas capacidades se completam, garantindo bem-estar e progresso. Por isso, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade, e não isolados.

Vida de isolamento. Voto de silêncio

769 — Se a vida social é natural, por que o isolamento absoluto é condenável quando traz satisfação a quem o escolhe?

— *Porque essa satisfação é egoísta. Há também quem sinta prazer na embriaguez; isso torna o vício aceitável? Uma vida que torna o homem inútil aos outros não pode agradar a Deus.*

770 — O que pensar daqueles que vivem em completo isolamento para fugir do contato que consideram prejudicial?

— *Trata-se de egoísmo em dobro.*

— Mas esse isolamento não poderia ser meritório se fosse buscado como forma de expiação pessoal?

— *A melhor expiação é fazer mais bem do que mal. Ao evitar um mal por meio do isolamento, o homem acaba cometendo outro, pois deixa de cumprir a lei do amor e da caridade.*

771 — E aqueles que se afastam do mundo para ajudar os necessitados?

— *Esses se elevam ao se colocarem a serviço dos outros. Têm o mérito de renunciar aos prazeres materiais e de fazer o bem, cumprindo a lei do trabalho.*

— E os que buscam o retiro apenas para alcançar a tranquilidade necessária a certos trabalhos?

— *Isso não é o isolamento egoísta. Essas pessoas não se afastam da sociedade, pois continuam trabalhando em benefício dela.*

772 — O que pensar do voto de silêncio praticado por algumas tradições desde tempos antigos?

— *Perguntem primeiro a si mesmos: a palavra é uma faculdade natural? Por que Deus a teria dado ao homem? Deus condena o abuso das faculdades, não o seu uso. Ainda assim, o silêncio pode ser útil, pois favorece o recolhimento interior; nele, o espírito se liberta e pode se comunicar mais facilmente conosco. Mas o voto de silêncio absoluto é um erro.*

Sem dúvida, muitos adotam essa prática com boa intenção, acreditando tratar-se de virtude. No entanto, enganam-se por não compreenderem plenamente as leis de Deus. O silêncio absoluto, assim como o isolamento total, priva o homem das relações sociais que lhe oferecem oportunidades de fazer o bem e de progredir.

Laços de família

773 — Por que, entre os animais, pais e filhos deixam de se reconhecer quando os filhotes já não precisam de cuidados?

— *Porque os animais vivem apenas a vida material, não a moral. O cuidado da mãe tem origem no instinto de conservação. Quando os filhotes conseguem sobreviver sozinhos, sua tarefa termina, e nada mais a natureza exige dela. Por isso, ela os abandona para cuidar de outros.*

774 — Alguns concluem que, se os animais abandonam seus filhos, os laços familiares humanos seriam apenas fruto de costumes sociais, e não de uma lei natural. O que pensar disso?

— O destino do homem é diferente do dos animais. Por que querer confundi-los? No homem existe algo além das necessidades físicas: existe a necessidade de progresso. Os vínculos sociais são indispensáveis a esse progresso, e os laços familiares, ainda mais fortes, tornam isso possível. Por isso, os laços de família são uma lei da natureza. Deus quis que, por meio deles, os homens aprendessem a amar-se como irmãos (205).

775 — Que efeito teria, para a sociedade, o enfraquecimento dos laços familiares?

— Um aumento do egoísmo.

Capítulo 8 - Lei do progresso

Estado de natureza

776 — O estado de natureza e a lei natural são a mesma coisa?

— *Não. O estado de natureza é o estado primitivo do homem. A civilização é incompatível com esse estado, enquanto a lei natural impulsiona o progresso da humanidade.*

O estado de natureza corresponde à infância da humanidade e marca o ponto inicial de seu desenvolvimento intelectual e moral. O homem é perfectível e traz em si o potencial de evolução; por isso, não foi feito para viver eternamente nesse estado, assim como não foi feito para permanecer para sempre na infância. O estado de natureza é transitório e é superado pelo progresso e pela civilização. Já a lei natural rege toda a humanidade e o homem se melhora à medida que a compreende e a pratica melhor.

777 — Como o homem tinha menos necessidades no estado de natureza e não criava para si tantas dificuldades, alguns dizem que esse seria o estado de maior felicidade na Terra. O que pensar disso?

— *Essa é a felicidade do animal. Há pessoas que não compreendem outra forma de felicidade. Ser feliz assim é ser feliz como os animais. As crianças também parecem mais felizes do que os*

adultos.

778 — O homem pode retornar ao estado de natureza?

— *Não. O homem deve progredir continuamente e não pode voltar à infância. Se progride, é porque Deus assim o quer. Admitir um retrocesso ao estado primitivo seria negar a lei do progresso.*

Marcha do progresso

779 — A força do progresso vem do próprio homem ou é apenas resultado do ensinamento recebido?

— *O homem se desenvolve por si mesmo, de forma natural. Porém, nem todos avançam ao mesmo tempo nem da mesma maneira. Por isso, os mais adiantados contribuem para o progresso dos outros por meio da convivência social.*

780 — O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?

— *Ele nasce do progresso intelectual, mas nem sempre o acompanha imediatamente (192–365).*

— Como o progresso intelectual pode gerar o progresso moral?

— *Tornando o bem e o mal compreensíveis. A partir disso, o homem pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade pelos próprios atos.*

— Então por que povos mais esclarecidos são, muitas vezes, também os mais corrompidos?

— *O progresso completo é o objetivo final, mas povos e indivíduos só o alcançam passo a passo. Enquanto o senso moral não se desenvolve, a inteligência pode ser usada para o mal. O progresso intelectual e o moral são forças que só se equilibram com o tempo (365–751).*

781 — O homem pode impedir o progresso?

— *Não, mas pode atrasá-lo.*

— O que pensar daqueles que tentam deter o progresso ou fazer a humanidade retroceder?

— *Pobres criaturas. Serão arrastadas pela própria força que tentam conter.*

O progresso faz parte da natureza humana e não pode ser anulado. Leis humanas injustas podem atrasá-lo, mas acabam sendo destruídas quando entram em conflito com ele, junto com aqueles que insistem em mantê-las. Isso continuará até que as leis humanas estejam de acordo com a justiça divina, que quer o bem para todos e a eliminação das leis criadas pelo forte contra o fraco.

782 — E aqueles que, de boa-fé, acreditam favorecer o progresso, mas na verdade o impedem?

— *São como pequenas pedras colocadas sob a roda de uma grande carruagem: não conseguem impedir seu avanço.*

783 — O progresso da humanidade é sempre lento e contínuo?

— *Existe um progresso gradual e constante, resultado da própria dinâmica das coisas. Mas, quando um povo não avança como*

deveria, Deus permite abalos físicos ou morais que provocam transformações profundas.

O homem não pode permanecer indefinidamente na ignorância, pois precisa alcançar o objetivo traçado pela Providência. O esclarecimento vem com o tempo. As grandes transformações morais e sociais amadurecem lentamente nas ideias, às vezes durante séculos, até que irrompem de forma súbita, derrubando estruturas antigas que já não correspondem às novas necessidades.

Nesses períodos de crise, o homem costuma perceber apenas a desordem momentânea que afeta seus interesses materiais. Mas quem consegue elevar o pensamento acima do próprio ego percebe os desígnios da Providência, que faz o bem surgir do mal. São como tempestades que purificam a atmosfera depois de agitá-la intensamente.

784 — Diante de tanta perversidade, não parece que o homem retrocede moralmente em vez de avançar?

— Enganas-te. Observa o conjunto e verás que o homem progride, pois compreende cada vez melhor o que é o mal e passa a combater os abusos. Muitas vezes, é preciso que o mal chegue ao extremo para que se torne evidente a necessidade do bem e das reformas.

785 — Qual é o maior obstáculo ao progresso?

— O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, pois o intelectual sempre avança.

À primeira vista, o progresso intelectual parece até fortalecer esses vícios, estimulando a ambição e o desejo de riquezas, o que

leva o homem a novas descobertas. Assim, tudo se encadeia: do próprio mal pode nascer o bem. Esse estado, porém, não é definitivo. Ele muda à medida que o homem compreende que existe uma felicidade muito maior e mais duradoura do que a proporcionada pelos bens materiais.

(Vide: Egoísmo, Capítulo 12)

Existem dois tipos de progresso que se apoiam mutuamente, mas não avançam no mesmo ritmo: o intelectual e o moral. Entre os povos civilizados, o progresso intelectual recebeu grande impulso nos últimos séculos, atingindo um nível nunca antes visto. O progresso moral ainda não acompanha esse ritmo, mas basta comparar os costumes atuais com os de séculos passados para reconhecer o avanço. Por que, então, o progresso moral haveria de estagnar, enquanto o intelectual continua? Negar isso seria afirmar que a humanidade já atingiu a perfeição, o que é absurdo, ou que não pode evoluir moralmente, o que a experiência desmente.

Povos degenerados

786 — A história mostra povos que, após grandes abalos, recaíram na barbárie. Onde está o progresso nesses casos?

— Quando uma casa ameaça ruir, tu a derrubas para construir outra mais sólida. Enquanto isso, há confusão e desordem.

Pensa assim: eras pobre e moravas num casebre; ao enriquecer, mudaste para um palácio. Outro pobre ocupa o lugar que dei-

xaste e se sente satisfeito. Da mesma forma, os Espíritos que formam um povo degenerado não são os mesmos que o formavam em seu período de esplendor. Os mais adiantados seguiram adiante, enquanto outros, menos evoluídos, ocuparam seu lugar, até também progredirem.

787 — Existem raças naturalmente resistentes ao progresso?

— Existem, mas acabam desaparecendo fisicamente.

— E qual será o destino das almas desses povos?

— O mesmo de todas as outras: alcançarão a perfeição por meio de novas existências. Deus não abandona ninguém.

— Então os homens mais civilizados de hoje já foram selvagens no passado?

— Tu mesmo já o foste, mais de uma vez, antes de seres quem és.

788 — Os povos, como os indivíduos, passam por infância, maturidade e decadência. Isso significa que os povos mais avançados de hoje também desaparecerão?

— Os povos que vivem apenas para a força material nascem, crescem e morrem, assim como o corpo humano. Aqueles cujas leis se baseiam no egoísmo desaparecem, porque a luz dissipa as trevas e a caridade vence o egoísmo. Já os povos cujas leis se harmonizam com as leis divinas permanecem e servem de exemplo para os outros.

789 — O progresso levará todos os povos da Terra a se unirem em uma só nação?

— Uma única nação, não. A diversidade de climas gera costumes e necessidades diferentes, o que torna indispensáveis leis adaptadas a cada povo. Mas a caridade não conhece fronteiras nem distingue raças. Quando a lei de Deus for a base das leis humanas, os povos viverão em paz e fraternidade.

A humanidade progride por meio dos indivíduos que se melhoram pouco a pouco. Quando esses se tornam maioria, conduzem os demais. De tempos em tempos, surgem homens de gênio que impulsionam a humanidade, seguidos por aqueles que, investidos de autoridade, promovem grandes avanços em curto espaço de tempo.

O progresso dos povos confirma a justiça da reencarnação. Se apenas as gerações futuras se beneficiassem dos avanços, haveria injustiça. Mas, pela pluralidade das existências, todos têm direito ao progresso e à felicidade. Aqueles que viveram em tempos bárbaros retornam em épocas mais avançadas, colhendo os frutos do progresso coletivo.

A teoria de uma única existência não explica esse fenômeno. Se as almas fossem criadas no nascimento, Deus criaria algumas mais perfeitas que outras sem motivo justo. Já a doutrina dos Espíritos explica que as almas progridem ao longo de várias existências, retornando em ambientes compatíveis com seu nível de evolução.

Quando todos os povos atingirem um mesmo patamar moral, a Terra se tornará morada de Espíritos bons. Os maus, sentindo-se deslocados, buscarão mundos compatíveis com seu estado, até estarem prontos para retornar.

Assim, o progresso beneficia tanto os vivos quanto os que retornam, garantindo a justiça divina para todos (222).

Civilização

790 — A civilização é um progresso ou, como afirmam alguns filósofos, uma decadência da humanidade?

— *É um progresso, mas ainda incompleto. O homem não passa da infância à maturidade de uma só vez.*

— Faz sentido condenar a civilização em si?

— *Condenai o mau uso que se faz dela, e não a obra de Deus.*

791 — A civilização chegará um dia a um ponto em que desapareçam os males que ela própria criou?

— *Sim, quando o desenvolvimento moral alcançar o mesmo nível da inteligência. O fruto não nasce antes da flor.*

792 — Por que a civilização não produz imediatamente todo o bem de que é capaz?

— *Porque os homens ainda não estão preparados nem dispostos a realizá-lo.*

— Não seria também porque ela cria novas necessidades e desperta novas paixões?

— *Também por isso. Além disso, as diferentes faculdades do Espírito não evoluem ao mesmo tempo. Tudo exige tempo. De uma civilização ainda imperfeita não se podem esperar resultados plenamente bons (751–780).*

793 — Como reconhecer uma civilização verdadeiramente completa?

— *Pelo seu desenvolvimento moral. Muitos acreditam estar muito avançados porque realizam grandes descobertas, criam invenções notáveis e vivem com mais conforto do que os povos primitivos. Mas só poderão se dizer realmente civilizados quando tiverem eliminado os vícios que envergonham a sociedade e quando viverem como irmãos, praticando a caridade ensinada por Cristo. Até lá, serão apenas povos instruídos, que deram os primeiros passos da civilização.*

A civilização, como tudo, apresenta diferentes graus. Uma civilização incompleta é um estágio transitório, que gera males desconhecidos do homem primitivo. Ainda assim, ela é um progresso necessário, pois traz consigo o remédio para os próprios males que produz. À medida que se aperfeiçoa, elimina gradualmente esses problemas, que desaparecerão por completo com o progresso moral.

Entre duas nações igualmente avançadas do ponto de vista material, será verdadeiramente mais civilizada aquela em que houver menos egoísmo, menos ambição e menos orgulho; onde os hábitos morais e intelectuais prevalecerem sobre os puramente materiais; onde a inteligência puder se desenvolver com mais liberdade; onde houver mais bondade, honestidade, benevolência e generosidade entre as pessoas; onde os preconceitos de origem e de classe forem mais fracos, pois são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo; onde as leis não privilegiarem ninguém e forem iguais para todos; onde a justiça for aplicada com menos parcialidade; onde o fraco encontre proteção contra o forte; onde a vida, as crenças e as opiniões sejam mais res-

peitadas; onde haja menos miséria; e, enfim, onde toda pessoa de boa vontade tenha a segurança de não lhe faltar o necessário.

Progresso da legislação humana

794 — A sociedade poderia organizar-se apenas com base nas leis naturais, sem leis humanas?

— *Poderia, se todos as compreendessem e quisessem praticá-las. Mas a sociedade tem exigências próprias e, por isso, precisa de leis específicas.*

795 — Qual é a causa da instabilidade das leis humanas?

— *Nos tempos de barbárie, os mais fortes criavam as leis em benefício próprio. À medida que os homens passaram a compreender melhor a justiça, tornou-se necessário modificá-las. As leis humanas se tornam mais estáveis quanto mais se aproximam da verdadeira justiça, isto é, quanto mais se aplicam a todos e se alinham com a lei natural.*

A civilização criou novas necessidades ligadas à posição social do homem, exigindo a criação de direitos e deveres regulados por leis humanas. Porém, movido por suas paixões, o homem muitas vezes inventou direitos artificiais, que a lei natural condena e que os povos eliminam de seus códigos à medida que progridem. A lei natural é imutável e igual para todos; a lei humana é variável e evolui com o tempo. No início das sociedades, ela apenas consagrava o direito do mais forte.

796 — No estado atual da sociedade, a severidade das leis penais não é uma necessidade?

— *Uma sociedade moralmente corrompida precisa, de fato, de leis severas. Infelizmente, essas leis servem mais para punir o mal depois que ele acontece do que para eliminar suas causas. Só a educação pode transformar verdadeiramente o homem, tornando desnecessárias leis tão duras.*

797 — Como o homem é levado a reformar suas leis?

— *Isso acontece naturalmente, pela força das circunstâncias e pela influência das pessoas de bem, que o conduzem no caminho do progresso. Muitas leis já foram reformadas, e muitas outras ainda o serão. Espera!*

Influência do Espiritismo no progresso

798 — O Espiritismo se tornará uma crença geral ou ficará restrito a poucos?

— *Tornar-se-á uma crença geral e marcará uma nova era na história da humanidade, porque está de acordo com a natureza das coisas e chegou o momento de ocupar seu lugar entre os conhecimentos humanos. No entanto, enfrentará grandes resistências, mais por interesses pessoais do que por falta de convicção. Com o tempo, porém, seus opositores ficarão isolados e acabarão se adaptando, para não se tornarem ridículos.*

As ideias não mudam de forma repentina, mas lentamente. De geração em geração, vão perdendo força e desaparecem com aqueles que as sustentavam, sendo substituídas por novas formas de pensar, como ocorre com as ideias polí-

ticas. O paganismo, por exemplo, já dominou o mundo, e hoje ninguém o professa, embora seus vestígios tenham persistido por séculos após o surgimento do Cristianismo. O mesmo ocorrerá com o Espiritismo. Ele avança rapidamente, mas ainda haverá resistência durante algumas gerações. Seu progresso, porém, será mais rápido que o do Cristianismo, pois este lhe prepara o caminho. O Cristianismo precisou destruir antigas crenças; o Espiritismo veio para construir.

799 — De que forma o Espiritismo pode contribuir para o progresso?

— *Combatendo o materialismo, uma das grandes doenças da sociedade, ele ajuda o homem a compreender quais são seus verdadeiros interesses. Ao esclarecer a vida futura, permite que o homem entenda que o presente é a preparação do que virá. Ao eliminar preconceitos de seitas, classes e raças, ensina a grande solidariedade que deve unir todos os homens como irmãos.*

800 — Não há o risco de o Espiritismo fracassar por causa da negligência humana e do apego aos bens materiais?

— *Só quem conhece pouco o ser humano acredita que uma ideia possa transformá-lo de repente. As mudanças acontecem aos poucos, ao longo das gerações, até que antigos hábitos desapareçam. A transformação é gradual. A cada geração, parte do véu se levanta. O Espiritismo veio para rasgá-lo por completo; mas, mesmo que consiga corrigir apenas um defeito em uma pessoa, já terá realizado um grande bem, pois esse primeiro passo facilita todos os outros.*

801 — Por que os Espíritos não ensinaram, em todos os tempos, o que ensinam hoje?

— *Não se ensina a uma criança o mesmo que a um adulto, nem se oferece a um recém-nascido um alimento que ele não possa digerir. Tudo tem seu tempo. Os Espíritos ensinaram muitas verdades no passado, mas os homens não estavam prontos para compreendê-las ou as distorceram. Esses ensinamentos prepararam o terreno para a compreensão atual.*

802 — Se o Espiritismo representa um avanço da humanidade, por que os Espíritos não aceleram esse progresso por meio de manifestações evidentes, capazes de convencer até os mais incrédulos?

— *Esperais milagres, mas Deus os espalha por toda parte, e ainda assim muitos o negam. Nem mesmo Cristo conseguiu convencer todos os seus contemporâneos com os prodígios que realizou. Ainda hoje há quem negue fatos evidentes. Não é por milagres que Deus quer conduzir o homem. Em sua bondade, Ele permite que a convicção venha pela razão, para que haja mérito em compreender.*

Capítulo 9 - Lei de igualdade

Igualdade natural

803 — Perante Deus, todos os homens são iguais?

— *Sim. Todos caminham para o mesmo fim, e Deus criou suas leis para todos. Costumais dizer: “O Sol nasce para todos”, e com isso expressais uma verdade muito maior e mais profunda do que imaginais.*

Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da natureza. Todos nascem igualmente frágeis, estão sujeitos às mesmas dores, e o corpo do rico se desfaz como o do pobre. Deus não concedeu a ninguém superioridade natural, nem pelo nascimento nem pela morte: todos são iguais aos seus olhos.

Desigualdade das aptidões

804 — Por que Deus não deu as mesmas aptidões a todos os homens?

— *Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um vive há mais ou menos tempo e, por isso, adquiriu mais ou menos experiência. As diferenças surgem do grau de vivência acumulada e da forma como cada um usa a própria vontade, isto é, o livre-arbítrio. Assim, alguns se aperfeiçoam mais rapidamente do que outros, o*

que explica a diversidade de aptidões.

Essa variedade é necessária para que cada um possa contribuir, dentro de suas capacidades físicas e intelectuais, para a realização dos desígnios da Providência. O que um não faz, outro fará; todos têm um papel útil. Além disso, como os mundos são solidários entre si, os Espíritos mais adiantados, em sua maioria criados antes do vosso, vêm habitar mundos menos evoluídos para servir de exemplo e impulso ao progresso (361).

805 — Ao passar de um mundo mais evoluído para outro menos evoluído, o Espírito conserva as faculdades que já adquiriu?

— *Sim. O Espírito que progrediu não retrocede. Pode escolher, como Espírito livre, um corpo mais limitado ou uma posição social mais difícil do que as que já teve, mas isso serve como aprendizado e meio de progresso (180).*

Assim, a diversidade das aptidões humanas não vem de uma criação desigual, mas do grau de aperfeiçoamento alcançado pelos Espíritos que encarnam. Deus não criou faculdades desiguais; permitiu que Espíritos em diferentes estágios de evolução convivam, para que os mais adiantados auxiliem os mais atrasados e para que os homens, precisando uns dos outros, aprendam a lei de caridade que deve uni-los.

Desigualdades sociais

806 — A desigualdade das condições sociais é uma lei da natureza?

— Não. Ela é obra do homem, não de Deus.

— Essa desigualdade desaparecerá algum dia?

— Eternas são apenas as leis de Deus. Não vedes que, pouco a pouco, ela já começa a diminuir? Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de dominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento. Chegará o dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de se considerar superiores ou inferiores pelo sangue. Só o Espírito será mais ou menos puro, e isso nada tem a ver com posição social.

807 — O que pensar daqueles que abusam de sua posição social para oprimir os mais fracos?

— Esses são dignos de reprovação severa. Ai deles! Também sofrerão aquilo que fizeram sofrer: renascerão em condições em que experimentarão a opressão que impuseram aos outros (684).

Desigualdade das riquezas

808 — A desigualdade das riquezas não decorre da diferença de aptidões, já que alguns têm mais facilidade para adquirir bens?

— Sim e não. E a fraude e o roubo, onde entram nisso?

— Mas a riqueza herdada não é fruto de más paixões.

— Tens certeza? Investiga a origem dessas riquezas e verás que nem sempre são limpas. Sabes se não começaram com uma injustiça ou uma espoliação? E mesmo quando a origem é honesta, acreditas que a ânsia de enriquecer rapidamente seja um sentimento nobre? É isso que Deus julga — e seu julgamento é mais rigoroso que o dos homens.

809 — Quem herda uma riqueza originalmente mal adquirida tem responsabilidade por isso?

— Não é responsável pelo mal cometido por outros, sobretudo se o desconhece. Mas, muitas vezes, a riqueza chega às mãos de alguém para lhe dar a oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz aquele que entende isso. Se reparar o erro em nome de quem o cometeu, ambos se beneficiarão da reparação, pois muitas vezes é o próprio Espírito faltoso que provoca essa situação.

810 — Podemos dispor livremente de nossos bens. Sermos responsáveis, após a morte, pelo uso que fizemos deles?

— Toda ação gera consequências. As boas produzem frutos bons; as más, frutos amargos. Nunca duvideis disso.

811 — É possível, ou já existiu, a igualdade absoluta das riquezas?

— Não, nem é possível. A diversidade de aptidões e de caracteres se opõe a isso.

— Alguns acreditam que essa igualdade seria a solução para os males da sociedade. O que pensar disso?

— São idealistas ingênuos ou ambiciosos movidos pela inveja. Não compreendem que a igualdade forçada que imaginam

seria rapidamente desfeita pela própria realidade. Combatei o egoísmo, que é a verdadeira chaga social, e não persigas ilusões.

812 — Já que não pode haver igualdade de riquezas, o mesmo ocorre com o bem-estar?

— Não. O bem-estar é relativo. Todos poderiam desfrutá-lo se soubessem viver em harmonia, pois o verdadeiro bem-estar está em usar o tempo de acordo com as próprias inclinações, e não em realizar trabalhos pelos quais não se sente nenhuma afinidade. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria sem ser feito. O equilíbrio existe; é o homem quem o rompe.

— Será possível que todos cheguem a esse entendimento?

— Sim, quando praticarem a lei de justiça.

813 — Há pessoas que, por culpa própria, caem na miséria e na privação. A sociedade não tem nenhuma responsabilidade nisso?

— Tem, sim, e muitas vezes é a principal responsável. Não cabe à sociedade zelar pela educação moral de seus membros? Com frequência, uma educação deficiente distorce o julgamento das pessoas, em vez de corrigir suas más inclinações (685).

As provas da riqueza e da miséria

814 — Por que Deus concede a uns a riqueza e o poder, e a outros a miséria?

— *Para colocá-los à prova de maneiras diferentes. Além disso, como já sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, embora muitos acabem fracassando nelas.*

815 — Qual dessas provas é mais difícil para o homem: a da miséria ou a da riqueza?

— *Ambas são igualmente difíceis. A miséria leva à revolta contra a Providência; a riqueza conduz facilmente aos excessos.*

816 — Sendo o rico mais exposto às tentações, não tem ele também mais meios de fazer o bem?

— *Tem, mas é justamente isso que muitas vezes não faz. Com frequência, torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. À medida que acumula riqueza, suas necessidades aparentes aumentam, e nunca lhe parece ter o suficiente.*

A posição elevada e a autoridade sobre os outros são provas tão grandes e perigosas quanto a miséria. Quanto mais rico e poderoso é o homem, maiores são suas responsabilidades e maiores também os meios de fazer tanto o bem quanto o mal. Deus prova o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e de seu poder.

A riqueza e o poder despertam paixões que prendem o homem à matéria e o afastam do aperfeiçoamento espiritual. Por isso disse Jesus: “Em verdade vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um

rico entrar no Reino dos Céus” (266).

Igualdade dos direitos do homem e da mulher

817 — O homem e a mulher são iguais perante Deus? Têm os mesmos direitos?

— *Deus não concedeu a ambos a inteligência do bem e do mal e a capacidade de progredir?*

818 — De onde vem a inferioridade moral atribuída à mulher em certas regiões?

— *Do domínio injusto e cruel que o homem exerceu sobre ela. Isso é fruto de instituições sociais e do abuso da força sobre a fragilidade. Entre povos moralmente pouco desenvolvidos, a força acaba sendo tomada como direito.*

819 — Por que a mulher é fisicamente mais fraca que o homem?

— *Para orientá-la a funções diferentes. Ao homem, geralmente mais forte, cabem os trabalhos mais pesados; à mulher, os mais leves. A ambos, porém, cabe o dever de se ajudarem mutuamente a enfrentar as dificuldades de uma vida cheia de desafios.*

820 — A menor força física da mulher a coloca naturalmente sob a dependência do homem?

— *Não. A força que Deus concedeu a um sexo existe para proteger o outro, não para dominá-lo.*

Deus adaptou o corpo de cada ser às funções que lhe cabem. Ao dar à mulher menor força física, concedeu-lhe maior sensibilidade, adequada às funções maternas e ao cuidado com seres frágeis confiados a ela.

821 — As funções atribuídas à mulher pela natureza têm a mesma importância que as do homem?

— *Sim, e até maior, pois é ela quem transmite as primeiras noções da vida.*

822 — Sendo iguais perante a lei de Deus, devem homens e mulheres ser iguais também perante as leis humanas?

— *O princípio fundamental da justiça é este: não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fizessem.*

— Nesse caso, uma legislação justa deve garantir igualdade de direitos entre homem e mulher?

— *Igualdade de direitos, sim; de funções, não. Cada um deve ocupar o lugar que melhor corresponde às suas aptidões. A lei humana, para ser justa, deve assegurar direitos iguais a ambos. Todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização; sua submissão forçada caminha junto com a barbárie. Além disso, a distinção entre os sexos é apenas física. Os Espíritos podem encarnar como homem ou como mulher; por isso, sob o ponto de vista espiritual, não há diferença entre eles, e ambos devem gozar dos mesmos direitos.*

Igualdade perante o túmulo

823 — De onde vem o desejo de perpetuar a própria memória por meio de monumentos funerários?

— *Do orgulho, até o último momento.*

— Mas muitas vezes não são os parentes que erguem monumentos luxuosos para honrar o morto?

— *É o orgulho dos vivos, que buscam se exaltar a si mesmos. Muitas dessas homenagens não são feitas pelo morto, mas por vaidade, ostentação e desejo de parecer importante aos olhos do mundo. Acaso a lembrança de alguém querido é menor no coração do pobre, que só pode oferecer uma simples flor? Ou o mármore impede o esquecimento daquele que foi inútil em vida?*

824 — Então a pompa dos funerais deve ser sempre condenada?

— *Não. Quando serve para honrar a memória de uma pessoa de bem, pode ser justa e educativa.*

O túmulo é o ponto onde todas as distinções humanas terminam. Diante dele, todos se igualam. Em vão o rico tenta eternizar seu nome com monumentos suntuosos: o tempo os destruirá, assim como consumirá seu corpo. Assim quer a natureza. Muito mais duradoura que o túmulo é a lembrança das boas ou más ações praticadas em vida. A pompa do funeral não apaga faltas cometidas, nem faz o Espírito avançar um único grau na hierarquia espiritual (320 e seguintes).

Capítulo 10 - Lei de liberdade

Liberdade natural

825 — Existem no mundo posições em que o homem possa dizer que goza de liberdade absoluta?

— Não, porque todos dependem uns dos outros, tanto os pequenos quanto os grandes.

826 — Em que situação o homem poderia ter liberdade absoluta?

— Apenas na condição de um eremita isolado no deserto. A partir do momento em que dois homens convivem, surgem entre eles direitos e deveres recíprocos que precisam ser respeitados. A partir daí, nenhum deles é absolutamente livre.

827 — O dever de respeitar os direitos dos outros tira do homem o direito de ser dono de si mesmo?

— De forma alguma, pois esse é um direito que vem da própria natureza.

828 — Como conciliar as ideias liberais que alguns defendem com o autoritarismo que exercem em casa ou sobre seus subordinados?

— Eles até compreendem a lei natural, mas essa compreensão é abafada pelo orgulho e pelo egoísmo. Quando não estão apenas

representando um papel, defendendo ideias bonitas em público, sabem como deveriam agir — apenas não agem assim.

— Na vida espiritual, esses princípios que proclamaram em vida serão levados em conta?

— Quanto maior a capacidade de compreender um princípio, menor é a desculpa para não colocá-lo em prática. Em verdade, o homem simples e sincero está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que finge virtudes que não vive.

Escravidão

829 — Existem homens que, por natureza, nasceram para ser propriedade de outros?

— Toda submissão absoluta de um homem a outro é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força. Ela desaparece com o progresso, assim como desaparecerão, pouco a pouco, todos os abusos.

A lei humana que legitima a escravidão é contrária à natureza, pois reduz o homem à condição de coisa e o degrada física e moralmente.

830 — Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, são culpáveis aqueles que dela se beneficiam por considerá-la algo normal?

— O mal continua sendo mal, e nenhum argumento o transforma em bem. A responsabilidade, porém, depende do grau de consciência. Quem se aproveita da escravidão sempre viola a lei natural, mas a culpa varia conforme a capacidade que tinha de com-

preender essa injustiça.

Em povos onde a escravidão se enraizou como costume, foi possível que alguns a aceitassem de boa-fé, julgando-a natural. No entanto, a partir do momento em que a razão, iluminada sobretudo pelo Cristianismo, mostrou que o escravo é igual perante Deus, não resta mais nenhuma desculpa.

831 — A desigualdade natural de aptidões coloca certas raças sob a dependência de outras consideradas mais inteligentes?

— Sim, mas para que sejam elevadas, nunca para serem degradadas ainda mais pela escravidão. Durante muito tempo, os homens trataram certas raças como simples instrumentos de trabalho, dotados apenas de força física, e julgaram ter o direito de vendê-las como animais. Os que agiram assim acreditaram ser de sangue mais puro. Que cegueira! Só enxergaram a matéria. O que é mais ou menos puro não é o sangue, mas o Espírito (361–803).

832 — Alguns dizem tratar seus escravos com humanidade, suprimindo todas as suas necessidades, e afirmam que a liberdade os exporia a uma vida ainda pior. O que pensar disso?

— Isso mostra apenas que compreendem melhor seus próprios interesses. O mesmo cuidado têm com bois e cavalos para preservar seu valor. São menos culpados do que os que maltratam os escravos, mas ainda assim continuam tratando pessoas como mercadoria, negando-lhes o direito de serem donas de si mesmas.

Liberdade de pensar

833 — Existe no homem algo que escape a qualquer tipo de imposição e lhe garanta liberdade total?

— *No pensamento, o homem é plenamente livre. Nenhuma barreira pode contê-lo. Pode-se tentar reprimir sua expressão, mas não eliminá-lo.*

834 — O homem é responsável por seus pensamentos?

— *Diante de Deus, sim. Só Deus pode conhecê-los plenamente, e é segundo a sua justiça que o homem é julgado ou absolvido.*

Liberdade de consciência

835 — A liberdade de consciência decorre da liberdade de pensar?

— *A consciência é um pensamento íntimo. Ela pertence ao homem como qualquer outro pensamento.*

836 — Tem o homem o direito de impor limites à liberdade de consciência de outro?

— *Não, assim como não tem o direito de limitar a liberdade de pensar. Somente a Deus cabe julgar a consciência. Do mesmo modo que os homens, por suas leis, regulam as relações entre si, Deus, por meio das leis naturais, regula as relações entre Ele e o homem.*

837 — O que resulta das restrições impostas à liberdade de consciência?

— *Elas forcem o homem a agir contra aquilo que pensa, tornando-o hipócrita. A liberdade de consciência é uma das marcas da verdadeira civilização e do progresso.*

838 — Toda crença deve ser respeitada, mesmo quando claramente falsa?

— *Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz à prática do bem. Condenáveis são apenas as crenças que levam ao mal.*

839 — É censurável aquele que escandaliza alguém por causa de sua crença?

— *Sim. Isso é faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensamento.*

840 — Impedir crenças que causam perturbação social é atentar contra a liberdade de consciência?

— *Não. Podem-se conter os atos, mas não a crença íntima.*

Reprimir as manifestações exteriores de uma crença, quando causam prejuízo a terceiros, não viola a liberdade de consciência, pois essa liberdade permanece intacta no íntimo da pessoa.

841 — Para respeitar a liberdade de consciência, deve-se permitir a propagação de doutrinas nocivas ou é legítimo tentar reconduzir ao bom caminho aqueles que seguem princípios falsos?

— *Pode-se e deve-se fazê-lo. Mas, à maneira de Jesus, por meio da suavidade e da persuasão, nunca pela força. A imposição seria*

pior do que a própria crença que se deseja corrigir. A convicção não se impõe.

842 — Como distinguir a doutrina que realmente exprime a verdade, se todas afirmam possuí-la?

— Pela sua prática. A verdadeira doutrina é a que forma mais homens de bem e menos hipócritas, aquela que melhor ensina e pratica a lei do amor e da caridade, em sua forma mais ampla e mais pura. Toda doutrina que semeia divisão ou cria separações entre os filhos de Deus é falsa e prejudicial.

Livre-arbítrio

843 — O homem possui livre-arbítrio em seus atos?

— Sim. Assim como tem liberdade de pensar, tem liberdade de agir. Sem livre-arbítrio, o homem seria uma máquina.

844 — O homem exerce o livre-arbítrio desde o nascimento?

— Há liberdade de agir desde que exista vontade. Nas primeiras fases da vida, essa liberdade é quase inexistente; ela cresce e muda de foco conforme as faculdades se desenvolvem. A criança exerce seu livre-arbítrio dentro dos limites do que sua idade permite.

845 — As predisposições instintivas com que o homem nasce não limitam o livre-arbítrio?

— Essas predisposições pertencem ao Espírito antes da encarnação. Conforme seu grau de evolução, podem incliná-lo a atos

reprováveis, reforçados por Espíritos que com ele se afinam. No entanto, não existe impulso irresistível quando há vontade de resistir. Lembrai-vos: querer é poder (361).

846 — O organismo exerce influência sobre os atos da vida? Essa influência compromete o livre-arbítrio?

— É inegável que a matéria influencia o Espírito e pode dificultar suas manifestações. Por isso, em mundos menos materiais do que a Terra, as faculdades se expressam com mais liberdade. Mas o instrumento não cria a faculdade.

É preciso distinguir as faculdades morais das intelectuais. Se um homem tem o instinto de matar, esse instinto pertence ao Espírito, não aos órgãos do corpo. Pior do que o animal se torna aquele que se entrega totalmente à matéria e deixa de vigiar seus próprios impulsos. A culpa está na vontade.

(Vede n.ºs. 367 e seguintes: “Influência do organismo”).

847 — A perturbação das faculdades mentais elimina o livre-arbítrio?

— Quando a inteligência está comprometida, o homem já não é senhor de seus pensamentos e perde a liberdade de agir. Essa perturbação é, muitas vezes, uma prova ou punição para o Espírito que, em outra existência, foi fútil, orgulhoso ou abusou de suas faculdades. Assim, pode renascer em condições limitantes, como o tirano que retorna como escravo ou o rico cruel como mendigo.

Apesar disso, o Espírito sofre conscientemente essa limitação. Aí se manifesta a ação da matéria.

(371 e seguintes.)

848 — A embriaguez pode servir de desculpa para atos condenáveis?

— Não. O homem se embriaga por escolha própria, abrindo mão da razão para satisfazer paixões grosseiras. Em vez de uma falta, comete duas.

849 — No estado selvagem, o que predomina no homem: o instinto ou o livre-arbítrio?

— Predomina o instinto, mas isso não impede a liberdade de agir em certos aspectos. Assim como a criança, o homem primitivo exerce sua liberdade dentro de necessidades básicas. À medida que a inteligência cresce, a liberdade se amplia e, com ela, a responsabilidade.

850 — A posição social pode ser um obstáculo ao pleno exercício do livre-arbítrio?

— Sem dúvida. O mundo impõe exigências, e Deus leva tudo isso em conta com justiça. Ainda assim, cada um responde pelo esforço que faz para superar os obstáculos que encontra.

Fatalidade

851 — Existe fatalidade nos acontecimentos da vida, no sentido de que tudo estaria predeterminado? Nesse caso, o que acontece com o livre-arbítrio?

— A fatalidade existe apenas nas provas que o Espírito escolheu ao encarnar. Ao fazer essa escolha, ele cria para si uma espécie de destino, que decorre naturalmente da situação em que se coloca. Isso se refere às provas físicas. Já nas provas morais e nas

tentações, o Espírito conserva sempre o livre-arbítrio para escolher entre o bem e o mal, podendo resistir ou ceder.

Quando o Espírito vacila, um Espírito bom pode auxiliá-lo, mas nunca dominar sua vontade. Um Espírito inferior pode assustá-lo, exagerando perigos, mas nem assim sua vontade deixa de ser livre.

852 — Há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade, independentemente de como ajam. O infortúnio estaria escrito em seu destino?

— Podem ser provas que elas mesmas escolheram. Porém, muitas vezes, aquilo que chamais de destino é apenas consequência de erros pessoais. Se mantiveres a consciência tranquila em meio às dificuldades, já encontrarás grande consolação.

Muitas vezes preferimos atribuir nossos fracassos à sorte ou ao destino, pois isso fere menos o amor-próprio do que reconhecer nossas próprias falhas. É verdade que, em alguns casos, há influência de Espíritos, mas também é verdade que podemos sempre rejeitar más inspirações.

853 — Há pessoas que escapam de um perigo mortal apenas para cair em outro. Isso não indica que não poderiam escapar da morte?

— Fatal, no sentido verdadeiro, é apenas o momento da morte. Quando essa hora chega, ninguém pode evitá-la.

— Então, enquanto essa hora não chega, não morreremos, qualquer que seja o perigo?

— Exatamente. Há inúmeros exemplos disso. Mas, quando soa a hora da partida, nada pode impedi-la. Deus sabe de antemão

como será a morte, e muitas vezes o próprio Espírito também o sabe, pois isso lhe foi revelado ao escolher sua existência.

854 — Sendo certa a hora da morte, são inúteis as precauções que tomamos para evitá-la?

— Não. Essas precauções são justamente meios que vos são inspirados para evitar uma morte prematura. Elas fazem parte dos recursos destinados a afastar o perigo.

855 — Por que a Providência nos expõe a perigos que acabam não tendo consequência alguma?

— Porque esses perigos funcionam como advertências que o próprio Espírito desejou receber, para se corrigir e melhorar. Quando escapas de um risco sério, costumas refletir sobre tua conduta e tentar melhorar — ao menos por algum tempo.

Mas, se cedes novamente às más influências, passas a acreditar que sempre escaparás e deixas as paixões retomarem o controle. Por meio desses perigos, Deus lembra ao homem sua fragilidade e a incerteza da vida. Quase sempre, ao examinar a causa do perigo, percebe-se que ele foi consequência de uma falta ou de negligência. Assim, Deus convida o homem à reflexão e à mudança (526-532).

856 — O Espírito sabe antecipadamente de que forma morrerá?

— Sabe que o tipo de vida que escolheu o expõe mais a certos riscos do que a outros. Sabe também quais lutas terá de enfrentar e que, se Deus permitir, poderá superá-las.

857 — Há homens que enfrentam grandes perigos confiando que ainda não chegou sua hora. Essa confiança tem fundamento?

— Muitas vezes, o homem tem o pressentimento do seu fim, assim como pode pressentir que ainda não morrerá. Esse aviso vem dos Espíritos protetores, que o preparam para partir ou lhe dão coragem quando mais precisa. Também pode vir da intuição da missão que aceitou cumprir (411-522).

858 — Por que aqueles que pressentem a morte geralmente a temem menos?

— Quem teme a morte é o homem, não o Espírito. Aquele que a pressente pensa mais como Espírito: vê a morte como libertação e a espera com serenidade.

859 — O mesmo ocorre com todos os acidentes da vida, como ocorre com a morte?

— Muitas vezes, tratam-se de fatos pequenos demais para que sejamos avisados. Em alguns casos, podemos até ajudar a evitá-los, pois o sofrimento material nos desagrada. Mas isso tem pouca importância diante do conjunto da vida escolhida. A verdadeira fatalidade limita-se ao momento de nascer e de morrer.

— Existem fatos que obrigatoriamente devem acontecer, mesmo contra a vontade dos Espíritos?

— Sim, mas são fatos que já foram previstos quando fizeste tuas escolhas como Espírito. Ainda assim, não penses que tudo esteja rigidamente escrito. Muitos acontecimentos resultam de decisões tomadas livremente. Se não tivesses agido de certa forma, o fato não teria ocorrido.

Queimar o dedo, por exemplo, é consequência da imprudência e da ação da matéria. Já os grandes sofrimentos e os acontecimentos que influenciam profundamente o moral são previstos por Deus, pois servem ao aperfeiçoamento do Espírito.

860 — Pode o homem, por sua vontade, impedir acontecimentos que deveriam ocorrer, ou provocar outros?

— Pode, desde que isso esteja de acordo com o encadeamento da vida que escolheu. Além disso, como o objetivo da vida é o bem, o homem sempre pode impedir o mal, sobretudo aquele que poderia gerar um mal ainda maior.

861 — Ao escolher sua existência, o Espírito que cometerá um assassinato sabia que se tornaria assassino?

— Não. Ao escolher uma vida de lutas, sabe que terá ocasiões difíceis, até mesmo de tirar a vida de alguém, mas não sabe se cometerá o crime. Antes do ato há sempre a decisão, e nessa decisão o homem é livre. Se soubesse com certeza que cometeria um crime, estaria predestinado, o que não existe.

Confundis os acontecimentos materiais com os atos morais. A fatalidade, quando existe, refere-se apenas aos fatos materiais independentes da vontade. Os atos morais nascem sempre da escolha do homem. Neles, nunca há fatalidade.

862 — Algumas pessoas fracassam em tudo e parecem perseguidas por má sorte. Isso é fatalidade?

— Pode-se chamar assim, se quiseres, mas decorre do tipo de existência escolhido. Muitas desejaram uma vida de fracassos para exercitar a paciência e a resignação. Ainda assim, isso não é absoluto. Muitas vezes, o fracasso vem do caminho errado esco-

lhido, incompatível com as próprias aptidões.

Quem tenta atravessar um rio sem saber nadar provavelmente se afogará. O mesmo ocorre na vida. O homem quase sempre teria sucesso se tentasse apenas o que está de acordo com suas capacidades. O que o perde é o orgulho e a ambição, que o afastam do seu verdadeiro caminho.

863 — Os costumes sociais e o chamado “respeito humano” não limitam o livre-arbítrio?

— São os homens que criam os costumes sociais, não Deus. Se se submetem a eles, é porque querem. Isso também é livre-arbítrio. Não devem, portanto, queixar-se.

O problema está no orgulho que leva muitos a preferirem o sofrimento a contrariar a opinião alheia. Deus leva em conta o sacrifício das vaidades, não o da fome em nome do orgulho. Isso não significa afrontar inutilmente a sociedade, mas saber descer com humildade quando não se pode permanecer no alto.

864 — Por que algumas pessoas parecem sempre favorecidas pela sorte?

— Muitas vezes, porque sabem conduzir melhor a própria vida. Em outros casos, isso é uma prova. O sucesso pode embriagá-las, levando-as à imprudência, e mais tarde surgem reveses que poderiam ter sido evitados.

865 — Como explicar a sorte em situações como o jogo, onde nem a vontade nem a inteligência parecem atuar?

— Alguns Espíritos escolheram provas ligadas a certos prazeres. A fortuna, nesses casos, é uma tentação. O homem ganha materialmente, mas perde espiritualmente. É uma prova para o orgu-

lho e para a avareza.

866 — A fatalidade nos destinos materiais também decorre do livre-arbítrio?

— *Sim. Tu mesmo escolheste tua prova. Quanto mais difícil ela for e melhor a suportares, mais te elevarás. Espíritos fracos preferem vidas fáceis e permanecem estagnados. Por isso, há mais desafortunados do que felizes no mundo.*

Os Espíritos veem claramente a fragilidade dos prazeres terrenos e escolhem provas mais úteis ao seu progresso. Mesmo a existência mais confortável nunca é totalmente tranquila.

867 — De onde vem a expressão “nascer sob uma boa estrela”?

— *De uma superstição antiga, que atribuía às estrelas o destino dos homens. É apenas uma alegoria que muitos tomam, equivocadamente, ao pé da letra.*

Conhecimento do futuro

868 — O futuro pode ser revelado ao homem?

— *Em princípio, o futuro lhe é oculto. Só em casos raros e excepcionais Deus permite que algo seja revelado.*

869 — Por que o futuro permanece oculto ao homem?

— *Porque, se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e deixaria de agir com liberdade. Pensaria que, se algo tem que acontecer, não vale a pena se esforçar, ou então tentaria impedir o que deveria ocorrer. Deus não quis que fosse assim, para*

que cada um participe ativamente da própria vida, inclusive na realização de acontecimentos que, muitas vezes, nem gostaria que ocorressem. Muitas vezes, sem perceber, o próprio homem prepara os fatos que irão marcar sua existência.

870 — Se é melhor que o futuro fique oculto, por que Deus permite que ele seja revelado em alguns casos?

— Porque, às vezes, o conhecimento antecipado ajuda na realização de algo, em vez de atrapalhar. Em outros casos, a revelação funciona como prova.

Imagine alguém que descobre que receberá uma herança inesperada. Essa notícia pode despertar cobiça, ansiedade e até o desejo de que o outro morra logo. Mas também pode inspirar gratidão, generosidade e bons sentimentos. Mesmo que a previsão não se cumpra, ainda assim houve uma prova: como essa pessoa lidou com a expectativa e a decepção.

O mérito ou a falta estão nos pensamentos e sentimentos despertados, não na realização do fato.

871 — Se Deus já sabe se o homem vencerá ou não uma prova, por que ela é necessária?

— Isso seria o mesmo que perguntar por que Deus não criou o homem perfeito desde o início ou por que ele passa pela infância antes de se tornar adulto (119, 379).

A prova não existe para informar Deus sobre o homem, Deus já sabe quem ele é. Ela existe para que o próprio homem responda por seus atos, usando sua liberdade. Só há mérito ou culpa quando a ação é realmente praticada. Deus não pune nem recompensa por algo que ainda não aconteceu (258).

Assim como um estudante só recebe um diploma após ser examinado, e não apenas por expectativa de capacidade, o homem só pode ser julgado por atos realizados.

Se o homem conhecesse o futuro, sua liberdade ficaria paralisada. A certeza de um sucesso o tornaria acomodado; a de um fracasso, desesperado. Em ambos os casos, deixaria de agir. Por isso, Deus lhe mostra apenas o objetivo, não todo o caminho até ele.

872 — Resumo teórico do móvel das ações humanas

A questão do livre-arbítrio pode ser resumida assim: o homem não é levado fatalmente ao mal. Seus atos não estão predeterminados, e os crimes que comete não são resultado de um destino inevitável. Ele pode escolher uma existência que o exponha a tentações e dificuldades — pelo meio em que vive ou pelas circunstâncias —, mas continuará sempre livre para agir ou resistir.

O livre-arbítrio existe tanto quando o Espírito escolhe suas provas antes de encarnar quanto durante a vida material, ao decidir ceder ou não às más inclinações. Cabe à educação combater essas tendências. Ela só será eficaz quando se basear no conhecimento profundo da natureza moral do homem. Assim como se educa a inteligência pela instrução e o corpo pela higiene, educa-se o caráter pelo entendimento das leis morais.

No estado espiritual, livre da matéria, o Espírito escolhe suas futuras existências de acordo com seu grau de evolução. A encarnação não elimina essa liberdade. Se o Espírito sucumbe às influências materiais, é porque falhou nas provas que ele mesmo escolheu. Para ajudá-lo, Deus permite que invoque auxílio dos Espíritos bons (337).

Sem livre-arbítrio, não haveria culpa no mal nem mérito no bem. Isso é tão evidente que, no mundo, julgamos as pessoas pela intenção, isto é, pela vontade. E vontade implica liberdade. Não faz sentido culpar o corpo ou a organização física pelos atos morais sem rebaixar o homem à condição de um animal.

Curiosamente, quando alguém faz o bem, atribui o mérito a si mesmo, e não aos seus órgãos. Isso mostra que, instintivamente, o homem reconhece sua liberdade de escolha.

A ideia vulgar de fatalidade supõe que tudo na vida esteja decidido de forma irrevogável. Se isso fosse verdade, o homem seria uma máquina sem responsabilidade. Não haveria justiça possível, nem punição nem recompensa, e a própria ideia de progresso perderia sentido, pois ninguém se esforçaria para melhorar o que estaria previamente decidido.

No entanto, a fatalidade existe apenas na posição geral que o homem ocupa na vida — nas provas, expiações ou missões que escolheu antes de encarnar. Ele sofrerá, inevitavelmente, as dificuldades ligadas a essa escolha. Mas a maneira como reage a elas depende sempre de sua vontade.

Os detalhes dos acontecimentos resultam, em grande parte, das decisões que ele mesmo toma. Nessas decisões, os Espíritos podem influenciar por sugestões, mas nunca determinam a escolha final (459).

A verdadeira fatalidade existe apenas na morte: ninguém pode escapar ao momento em que ela deve ocorrer, nem ao tipo de morte escolhido. Fora isso, não há fatalidade nos atos morais.

Segundo certas teorias materialistas, os instintos seriam apenas produto da organização física, retirando do homem qualquer responsabilidade. A doutrina espírita é muito mais moral: ela reconhece o livre-arbítrio em sua plenitude. Mesmo quando o homem cede a más influências, continua responsável, pois pode resistir.

Não existe impulso irresistível. O homem pode sempre recusar a sugestão do mal, assim como pode fechar a porta de sua casa a um intruso. Pode pedir força a Deus e auxílio aos Espíritos bons. Foi isso que Jesus ensinou na oração: “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

Essa visão não apenas é moralmente elevada, como também dignifica o homem. Ele deixa de ser uma marionete do destino e se reconhece como um ser racional, capaz de ouvir, refletir e escolher livremente.

O homem encarnado continua sendo um Espírito com qualidades e imperfeições. Suas faltas vêm da imperfeição moral ainda não superada, não da ausência de liberdade. A vida material lhe é dada para corrigir essas falhas por meio das provas. Se vence, se eleva; se falha, permanece no mesmo nível, tendo que tentar novamente.

À medida que o Espírito se depura, seus pontos fracos diminuem e os maus Espíritos se afastam. Quanto mais elevado moralmente, maior sua força interior.

Como a Terra é um mundo ainda pouco adiantado, há nela mais Espíritos imperfeitos do que bons, o que explica a grande quantidade de egoísmo e perversidade. Por isso, devemos nos esforçar para não retornar a este mundo e merecer viver em esferas melhores, onde o bem predo-

mina, e onde nossa passagem pela Terra será lembrada apenas como um exílio temporário.

Capítulo 11 - Lei de justiça, amor e caridade

Justiça e direito natural

873 — O sentimento de justiça faz parte da natureza humana ou é resultado de ideias aprendidas?

— *Ele está tão presente na natureza humana que nos revoltamos só de imaginar uma injustiça. É claro que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o cria. Deus o colocou no íntimo do homem. Por isso, muitas vezes encontramos em pessoas simples e sem instrução noções mais claras de justiça do que naquelas com grande acúmulo de conhecimento.*

874 — Sendo a justiça uma lei natural, como explicar que os homens a compreendam de formas tão diferentes, considerando justo o que outros julgam injusto?

— *Porque a esse sentimento se misturam paixões que o distorcem, como acontece com a maioria dos sentimentos naturais, levando os homens a enxergarem as coisas por um prisma deformado.*

875 — Como se pode definir a justiça?

— *Justiça é respeitar os direitos dos outros.*

— O que determina esses direitos?

— *Duas coisas: a lei humana e a lei natural. Os homens criam leis*

conforme seus costumes e seu modo de ser, estabelecendo direitos que mudam com o avanço do conhecimento. Basta observar se as leis atuais, embora ainda imperfeitas, reconhecem os mesmos direitos das da Idade Média. Muitos direitos antigos, que hoje nos parecem absurdos, eram considerados justos e naturais naquela época. Portanto, nem sempre o direito criado pelos homens está de acordo com a verdadeira justiça. Além disso, esse direito regula apenas parte das relações sociais, enquanto na vida pessoal existe uma infinidade de atos que pertencem somente ao julgamento da própria consciência.

876 — Independentemente do direito estabelecido pela lei humana, qual é a base da justiça segundo a lei natural?

— Cristo ensinou: façam aos outros o que gostariam que fosse feito a vocês. Deus gravou no coração humano a regra da verdadeira justiça, fazendo com que cada pessoa deseje ver seus próprios direitos respeitados. Quando alguém não sabe como agir com o próximo em determinada situação, deve se perguntar como gostaria de ser tratado na mesma circunstância. Deus não poderia ter dado guia mais seguro do que a própria consciência.

De fato, o critério da verdadeira justiça está em desejar para os outros o que desejaríamos para nós mesmos, e não em querer para nós o que gostaríamos que os outros quisessem. Isso não é a mesma coisa. Como ninguém deseja naturalmente o mal para si, ao tomar seus próprios desejos como referência, é evidente que não desejará ao próximo senão o bem. Em todas as épocas e sob todas as crenças, o homem sempre lutou para fazer prevalecer seu direito pessoal. A grandeza da religião cristã está em ter feito do direito individual a base do direito do próximo.

877 — Da necessidade de viver em sociedade surgem obrigações especiais para o homem?

— *Sim, e a principal é respeitar os direitos dos outros. Quem respeita esses direitos age com justiça. No mundo atual, como a maioria não pratica a lei da justiça, cada um recorre à retaliação. Daí vêm a desordem e a confusão nas sociedades humanas. A vida em sociedade concede direitos e impõe deveres recíprocos.*

878 — Sendo possível que o homem se engane quanto aos limites de seus direitos, o que lhe permite reconhecer até onde eles vão?

— *O limite está nos direitos que ele reconhece no outro, em condições semelhantes e de forma recíproca.*

— Mas, se cada um se atribuir direitos iguais aos dos outros, o que acontecerá com a autoridade e a hierarquia? Isso não levaria à anarquia?

— *Os direitos naturais são iguais para todos os homens, do mais humilde ao mais elevado. Deus não criou uns com matéria mais nobre do que outros; todos são iguais aos seus olhos. Esses direitos são eternos. Já os direitos criados pelos homens desaparecem com suas instituições. Além disso, cada pessoa reconhece naturalmente sua força ou sua fragilidade e sabe demonstrar respeito por quem o merece por sua virtude e sabedoria. É importante destacar isso, para que os que se julgam superiores compreendam seus deveres e mereçam esse respeito. A autoridade não fica ameaçada quando é confiada à sabedoria.*

879 — Como é o caráter daquele que pratica a justiça em sua forma mais pura?

— *É o caráter do verdadeiro justo, à semelhança de Jesus, pois ele também pratica o amor ao próximo e a caridade, sem os quais não existe justiça verdadeira.*

Direito de propriedade. Roubo

880 — Qual é o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

— *O direito à vida. Por isso, ninguém tem o direito de atentar contra a vida do outro, nem de fazer algo que coloque em risco sua existência física.*

881 — O direito à vida dá ao homem o direito de acumular bens para descansar quando não puder mais trabalhar?

— *Sim, mas isso deve ser feito de forma coletiva, como a abelha, por meio de trabalho honesto, e não por egoísmo. Até os animais dão exemplo de previdência.*

882 — O homem tem o direito de defender os bens que adquiriu com seu trabalho?

— *Deus não disse: “Não roubarás”? E Jesus não disse: “Dai a César o que é de César”?*

Aquilo que o homem adquire por meio de trabalho honesto é sua legítima propriedade, e ele tem o direito de defendê-la, pois a propriedade fruto do trabalho é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e o de viver.

883 — É natural o desejo de possuir?

— *Sim. Mas quando alguém deseja possuir apenas para si e para satisfazer seus próprios interesses, isso se chama egoísmo.*

— Mas não é legítimo desejar possuir, se a pessoa tem do que viver e não pesa sobre ninguém?

— *Existem homens insaciáveis, que acumulam bens sem utilidade para ninguém, apenas para alimentar suas paixões.*

Achas que Deus vê isso com bons olhos? Quem acumula por meio do trabalho com a intenção de ajudar os outros pratica a lei do amor e da caridade, e Deus abençoa esse trabalho.*

884 — Qual é o caráter da propriedade legítima?

— *Só é legítima a propriedade adquirida sem prejuízo para o próximo (808).*

Ao nos proibir de fazer aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem, a lei de amor e de justiça também nos proíbe, automaticamente, de adquirir bens por meios que contrariem esse princípio.

885 — O direito de propriedade é ilimitado?

— *É claro que tudo o que se adquire de forma legítima é propriedade. Mas, como já foi dito, a legislação humana, por ser imperfeita, reconhece muitos direitos convencionais que a justiça natural condena. Por isso as leis são reformadas à medida que o progresso avança e a justiça é melhor compreendida. O que em um século parece justo, no seguinte pode parecer bárbaro (795).*

Caridade e amor do próximo

886 — Qual é o verdadeiro sentido da palavra caridade, como Jesus a entendia?

— *Benevolência para com todos, tolerância diante das imperfeições alheias e perdão das ofensas.*

O amor e a caridade completam a lei de justiça, pois amar o próximo é fazer por ele todo o bem possível, assim como gostaríamos que fizessem por nós. Esse é o sentido das palavras de Jesus: amai-vos uns aos outros como irmãos.

Segundo Jesus, a caridade não se limita à esmola. Ela se estende a todas as relações que mantemos com os outros, sejam inferiores, iguais ou superiores. Ela nos pede tolerância, porque todos precisamos dela, e nos proíbe de humilhar os que sofrem, como tantas vezes acontece. Quando uma pessoa rica aparece, recebe atenção e respeito; quando é pobre, muitos acham que não precisam se importar. No entanto, quanto mais difícil for a situação de alguém, maior deve ser o cuidado para não aumentar seu sofrimento com desprezo ou humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos próprios olhos, aquele que está em condição inferior, reduzindo a distância que os separa.

887 — Jesus também disse: amai até mesmo os vossos inimigos. Esse amor não contraria nossas inclinações naturais? A inimizade não nasce da falta de afinidade entre os Espíritos?

— *É claro que ninguém é capaz de nutrir por seus inimigos um amor afetuoso ou sentimental. Não foi isso que Jesus quis dizer. Amar os inimigos é perdoar, é responder ao mal com o bem. Quem age assim se coloca acima de seus inimigos; quem busca vingança se coloca abaixo deles.*

888 — O que se deve pensar da esmola?

— *O homem reduzido a pedir esmola se degrada física e moralmente; acaba se embrutecendo. Uma sociedade fundada na lei de Deus e na justiça deve garantir a subsistência dos mais fracos sem submetê-los à humilhação. Deve assegurar a vida daqueles que não podem trabalhar, sem deixá-los dependentes do acaso ou da boa vontade alheia.*

— Então a esmola deve ser condenada?

Não. O que merece reprovação não é a esmola em si, mas a forma como geralmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro de quem sofre, sem esperar que lhe peçam ajuda.

A verdadeira caridade é sempre delicada e respeitosa; ela está tanto no gesto quanto na maneira de agir. Um serviço prestado com consideração tem valor dobrado. Quando é feito com arrogância, a necessidade pode obrigar quem recebe a aceitá-lo, mas o coração dificilmente se toca.

Lembraí-vos de que, aos olhos de Deus, a ostentação anula o mérito do bem feito. Disse Jesus: “Que a mão esquerda não saiba o

que faz a direita.” Assim, ele ensinou a não misturar a caridade com o orgulho.

É preciso distinguir a esmola da verdadeira beneficência. Nem sempre o mais necessitado é quem pede. O medo da humilhação muitas vezes cala o verdadeiro pobre, que sofre em silêncio. A esse é que o homem realmente humano sabe ir ao encontro, com discrição.

Amai-vos uns aos outros: eis toda a lei, a lei divina pela qual Deus governa os mundos. O amor é a força de atração entre os seres vivos; a atração é a expressão do amor na matéria inerte.

Não esqueçais que o Espírito, seja qual for seu grau de evolução e esteja ele encarnado ou no plano espiritual, sempre se encontra entre um superior, que o orienta e aperfeiçoa, e um inferior, a quem deve ajudar. Sede, portanto, caridosos, praticando não apenas a caridade fria da moeda entregue por obrigação, mas aquela que vai ao encontro das misérias escondidas. Sede tolerantes com os defeitos alheios. Em vez de desprezar a ignorância e o vício, instruí os ignorantes e ajudai a transformar os viciados. Sede gentis e bondosos com tudo o que vos seja inferior, inclusive com os seres mais humildes da criação, e assim estareis obedecendo à lei de Deus.

SÃO VICENTE DE PAULO

889 — Não existem pessoas que acabam mendigando por culpa própria?

— Sim; mas, se tivessem recebido uma boa educação moral e aprendido a viver segundo a lei de Deus, não teriam caído nos excessos que causaram sua ruína. É principalmente disso que depende a melhoria do vosso planeta (707).

Amor materno e filial

890 — O amor materno é uma virtude ou apenas um instinto comum aos homens e aos animais?

— *É as duas coisas. A natureza deu à mãe o amor pelos filhos para garantir sua sobrevivência. Nos animais, porém, esse amor se limita às necessidades materiais e termina quando os cuidados deixam de ser necessários. No homem, ele dura por toda a vida e envolve dedicação e renúncia, que são verdadeiras virtudes. Esse amor sobrevive à morte e acompanha o filho além do túmulo. Fica claro que há nele algo diferente do simples instinto animal (205–385).*

891 — Se o amor materno é natural, como explicar que existam mães que odeiam seus filhos, às vezes desde o nascimento?

— *Em alguns casos, trata-se de uma prova escolhida pelo Espírito do filho ou de uma expiação, quando esse Espírito não foi bom pai, mãe ou filho em outra existência (392). Em todo caso, uma mãe cruel só pode ser a encarnação de um Espírito ainda imperfeito, que cria dificuldades para que o filho enfrente a prova que escolheu. Essa violação das leis naturais não ficará sem consequência, e o Espírito do filho será recompensado por ter superado esses obstáculos.*

892 — Quando os filhos causam sofrimento aos pais, estes ficam isentos de lhes oferecer afeto?

— *Não, pois isso é uma responsabilidade que lhes foi confiada. A missão dos pais é esforçar-se para conduzir os filhos pelo caminho do bem (582–583). Além disso, muitas vezes esses sofrimen-*

tos resultam do mau caráter que os próprios pais permitiram que os filhos desenvolvessem desde cedo. Colhem, assim, o que semearam.

Capítulo 12 - Perfeição moral

As virtudes e os vícios

893 — Qual é a mais meritória de todas as virtudes?

— *Todas as virtudes têm seu valor, pois todas indicam avanço no caminho do bem. Há virtude sempre que existe resistência consciente às más inclinações. No entanto, a verdadeira grandeza da virtude está no sacrifício do interesse pessoal em favor do próximo, sem segundas intenções. A mais meritória é a que se baseia na caridade mais desinteressada.*

894 — Existem pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem precisar lutar contra sentimentos contrários. Elas têm o mesmo mérito daquelas que precisam vencer a própria natureza?

— *Só não precisam lutar aqueles que já avançaram bastante. Eles lutaram no passado e venceram. Por isso, hoje os bons sentimentos não lhes exigem esforço, e suas ações lhes parecem naturais. O bem tornou-se um hábito. A esses cabem as honras que se prestam aos veteranos que conquistaram posições elevadas após longas batalhas.*

Como ainda estais longe da perfeição, tais exemplos vos impressionam pelo contraste com o que vedes à vossa volta, e tanto mais os admirais quanto mais raros são. Ficai sabendo, porém, que nos mundos mais adiantados que o vosso isso é regra, e não ex-

ceção. Neles, o sentimento do bem é espontâneo, pois só Espíritos bons ali habitam. Uma única intenção maldosa seria algo anormal. Por isso, nesses mundos, os homens são felizes. Assim também será na Terra quando a humanidade se transformar e passar a compreender e praticar a caridade em seu verdadeiro sentido.

895 — Deixando de lado defeitos e vícios evidentes, qual é o sinal mais característico da imperfeição?

— O interesse pessoal. Muitas vezes, as qualidades morais são como um banho de ouro sobre o cobre: não resistem à prova. Um homem pode ter virtudes reais e ser visto como alguém correto, mas essas qualidades nem sempre suportam certas situações. Basta tocar no interesse pessoal para que o fundo apareça. O verdadeiro desinteresse ainda é tão raro na Terra que, quando surge, todos o admiram como algo extraordinário.

O apego excessivo aos bens materiais é um sinal claro de inferioridade, pois quanto mais o homem se prende às coisas deste mundo, menos compreende seu destino espiritual. O desinteresse, ao contrário, mostra que ele encara o futuro de um ponto de vista mais elevado.

896 — Há pessoas desinteressadas, porém sem discernimento, que distribuem seus bens sem real utilidade, por não saberem aplicá-los com critério. Têm algum mérito?

— Têm o mérito do desinteresse, mas não o do bem que poderiam ter feito. O desinteresse é uma virtude, mas a prodigalidade sem reflexão é, no mínimo, falta de bom senso. A riqueza não é dada a uns para ficar trancada num cofre, nem a outros para ser lançada ao vento. Ela é um depósito pelo qual todos deverão prestar

contas, respondendo pelo bem que poderiam ter feito e não fizeram, pelas dores que poderiam ter aliviado e não aliviaram, e pelo dinheiro dado a quem não precisava, enquanto outros continuaram sofrendo.

897 — É censurável fazer o bem sem buscar recompensa na Terra, mas esperando que isso conte a favor na outra vida? Essa preocupação prejudica o progresso?

— O bem deve ser feito com caridade, isto é, com desinteresse.

— Mas é natural desejar progredir e escapar das dificuldades desta vida. Os próprios Espíritos nos incentivam a fazer o bem com esse objetivo. É errado, então, esperar algo melhor no futuro por praticar o bem?

— Não, de modo algum. Porém, aquele que faz o bem sem cálculo, apenas pelo prazer de agradar a Deus e ajudar quem sofre, já se encontra em um grau de progresso que lhe permitirá alcançar a felicidade mais rapidamente do que aquele que faz o bem por interesse ou conveniência (894).

— Não é preciso distinguir entre o bem que fazemos ao próximo e o esforço de corrigir nossos próprios defeitos? Fazer o bem esperando recompensa futura pode ser pouco meritório, mas melhorar a si mesmo, vencer paixões e corrigir o caráter para se aproximar dos Espíritos bons também seria sinal de inferioridade?

— Não. Quando falamos em fazer o bem, referimo-nos à caridade. Age com egoísmo quem calcula o retorno de cada boa ação, seja nesta vida ou na outra. Mas não há egoísmo algum em querer melhorar-se para se aproximar de Deus, pois esse é o objetivo ao qual todos devem aspirar.

898 — Sendo a vida material apenas uma passagem e devendo o futuro ser nossa principal preocupação, é útil adquirir conhecimentos científicos ligados apenas às necessidades materiais?

— *Sim. Primeiro, porque isso vos permite ajudar os vossos irmãos; depois, porque o Espírito progride mais rapidamente quando também avança em inteligência. Entre uma encarnação e outra, aprendeis em uma hora o que na Terra levaria anos. Nenhum conhecimento é inútil. Todos contribuem, de alguma forma, para o progresso, pois o Espírito, para ser perfeito, precisa saber tudo. Como o progresso ocorre em todas as direções, toda ideia adquirida favorece o desenvolvimento espiritual.*

899 — Qual é mais culpado entre dois homens ricos que usam suas riquezas apenas para prazeres pessoais: aquele que nasceu na abundância e nunca conheceu a necessidade, ou o que conquistou seus bens pelo próprio trabalho?

— *Aquele que conheceu o sofrimento, pois sabe o que é a dor. Ele a reconhece, mas não faz nada para aliviá-la; muitas vezes, simplesmente a esquece.*

900 — Aquele que acumula bens sem jamais fazer o bem, justificando-se com a intenção de deixar maior herança aos filhos, tem desculpa válida?

— *Isso é um acordo com a própria má consciência.*

901 — Consideremos dois avarentos: um priva-se do necessário e morre na miséria sobre seu tesouro; o outro é avarento apenas com os outros, sendo generoso consigo mesmo, recusando qualquer sacrifício para ajudar alguém, mas nunca achando demais o que gasta com seus prazeres. Qual é o mais culpado e qual estará em pior situação no mundo espiritual?

— *O que goza, pois é mais egoísta do que avarento. O outro já recebeu parte de seu castigo.*

902 — É reprovável desejar riquezas quando o objetivo é fazer o bem?

— *Esse sentimento é louvável quando é puro. Mas será sempre realmente desinteressado? Não esconderá alguma intenção pessoal? Muitas vezes, quem manifesta esse desejo pensa primeiro em fazer bem a si mesmo.*

903 — O homem erra ao estudar os defeitos dos outros?

— *Erra gravemente se o faz para criticar ou expor, pois isso é falta de caridade. Se o faz para aprender e evitar esses defeitos em si mesmo, pode ser útil. Ainda assim, não se deve esquecer que a tolerância com as falhas alheias é uma virtude da caridade. Antes de criticar, vede se não podem dizer o mesmo de vós. Procurai desenvolver em vós as qualidades opostas aos defeitos que apontais. Esse é o verdadeiro meio de vos tornardes superiores. Se censurais a avareza, sede generosos; se censurais o orgulho, sede humildes; se a dureza, sede brandos; se a mesquinhez, sede grandes em vossas ações. Em resumo, fazei de modo que não se aplique a vós esta advertência de Jesus: vês o cisco no olho do outro e não percebes a trave no teu.*

904 — Erra aquele que expõe publicamente as feridas da sociedade?

— *Depende da intenção. Se busca apenas scandalizar, satisfaz um prazer pessoal e oferece maus exemplos. Isso será avaliado espiritualmente e pode gerar consequências. Mas nem sempre é fácil julgar a intenção.*

— Como avaliar, então, a sinceridade e a pureza das intenções?

— *Nem sempre isso é útil. Se houver coisas boas no que escreve, aproveitai-as. Se houver erro, a consciência dele dará conta. Se quiser provar sinceridade, que sustente suas palavras com exemplos e ações.*

905 — Autores que escreveram belas obras morais, úteis ao progresso da humanidade, mas não viveram de acordo com o que ensinaram, terão mérito espiritual?

— *A moral sem prática é como a semente sem cultivo. De que serve a semente se não gera frutos? A culpa desses homens é grande, pois tinham inteligência para compreender, mas não viveram o que ensinaram, abrindo mão dos frutos que poderiam colher.*

906 — É censurável reconhecer internamente o bem que se faz?

— *Não. Assim como o homem reconhece o mal que pratica, deve reconhecer o bem, para avaliar se agiu corretamente. Examinando seus atos à luz da lei de Deus, da justiça, do amor e da caridade, pode aprovar ou reprovar a si mesmo. Não há erro nisso, desde que não se deixe levar pela vaidade, pois aí cairia em outra falta (919).*

As paixões

907 — O princípio das paixões é, por si mesmo, mau?

— Não. A paixão está no excesso dado à vontade. O princípio que a origina foi colocado no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo a realizar grandes coisas. O mal nasce do abuso.

908 — Como identificar o ponto em que as paixões deixam de ser boas e se tornam nocivas?

— As paixões são como um cavalo: úteis quando são guiadas, perigosas quando passam a comandar. Tornam-se prejudiciais quando já não conseguis dominá-las e quando causam dano a ti ou aos outros.

As paixões ampliam as forças humanas e ajudam na realização dos desígnios da Providência. Mas, se o homem deixa de controlá-las, elas o dominam, levando aos excessos. A força que poderia servir ao bem volta-se contra ele.

Todas as paixões nascem de uma necessidade ou sentimento natural. O problema não está na origem, mas no exagero. Esse exagero se torna mau quando produz consequências negativas.

Toda paixão que aproxima o homem do instinto animal o afasta da espiritualidade. Todo sentimento que o eleva acima dessa condição revela o predomínio do espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

909 — O homem pode sempre vencer suas más inclinações?

— *Sim, muitas vezes com esforços pequenos. O que geralmente lhe falta é vontade. Ah! Quão poucos realmente se esforçam!*

910 — Pode o homem contar com a ajuda dos Espíritos para vencer suas paixões?

— *Sim, se pedir com sinceridade a Deus e ao seu Espírito protetor. Os Espíritos bons certamente o ajudarão, pois essa é a missão deles (459).*

911 — Existem paixões tão fortes que a vontade não consegue dominá-las?

— *Muitos dizem: “Quero”, mas a vontade fica apenas nas palavras. No fundo, ficam satisfeitos que nada mude. Quando o homem acredita que não pode vencer suas paixões, é porque seu Espírito ainda se compraz nelas. Quem tenta reprimi-las já reconhece sua natureza espiritual. Vencê-las é a vitória do espírito sobre a matéria.*

912 — Qual é o meio mais eficaz de combater o domínio da natureza material?

— *Praticar a abnegação.*

O egoísmo

913 — Dentre os vícios, qual pode ser considerado o mais fundamental?

— Já dissemos muitas vezes: o egoísmo. Dele nasce todo mal. Examinai todos os vícios e vereis que, no fundo de cada um, está o egoísmo. Por mais que os combatais, não conseguireis eliminá-los enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não destruídes sua causa. Portanto, concentraí todos os esforços nesse ponto, pois aí está a verdadeira chaga da sociedade. Quem deseja, desde já, aproximar-se da perfeição moral deve limpar o coração de todo sentimento egoísta, pois o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras virtudes.

914 — Sendo o egoísmo baseado no interesse pessoal, não parece quase impossível eliminá-lo totalmente do coração humano? Isso será possível algum dia?

— À medida que os homens se esclarecem sobre a vida espiritual, passam a dar menos valor às coisas materiais. Além disso, é preciso reformar as instituições humanas que alimentam e estimulam o egoísmo. Isso depende essencialmente da educação.

915 — Por ser inerente ao homem, o egoísmo não será sempre um obstáculo ao triunfo completo do bem na Terra?

— É verdade que o egoísmo é o maior mal entre vós, mas ele está ligado à inferioridade dos Espíritos que hoje encarnam na Terra, e não à humanidade em si. Com sucessivas encarnações, os Espíritos se purificam e se libertam do egoísmo, assim como de outras

imperfeições. Não existe na Terra nenhum homem sem egoísmo e que pratique a caridade? Existem muitos mais do que imaginais. Apenas não os percebeis, porque a virtude não gosta de se exhibir. Se há um, por que não haveria dez? Se há dez, por que não mil, e assim por diante?

916 — O egoísmo, em vez de diminuir, parece crescer com a civilização, que até o estimula. Como a causa poderia destruir o efeito?

— Quanto maior o mal, mais repulsivo ele se torna. Foi necessário que o egoísmo causasse muitos sofrimentos para que se tornasse evidente a necessidade de eliminá-lo. Quando os homens se libertarem do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem se ferirem, ajudando-se mutuamente, guiados pelo sentimento de solidariedade. O forte será apoio, e não opressor do fraco. Não haverá mais pessoas privadas do necessário, pois todos praticarão a lei de justiça. Esse será o reinado do bem, que os Espíritos têm a missão de preparar (784).

917 — Qual é o meio de destruir o egoísmo?

— De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de arrancar, pois nasce da influência da matéria, da qual o homem, ainda próximo de sua origem, não conseguiu se libertar. Tudo contribui para mantê-lo: as leis, a organização social, a educação. O egoísmo enfraquecerá à medida que a vida moral prevalecer sobre a vida material e, principalmente, com a compreensão clara do futuro real que o Espiritismo oferece, livre de imagens fantasiosas. Quando bem compreendido e integrado aos costumes e crenças, o Espiritismo transformará hábitos, usos e relações sociais. O egoísmo se apoia na importância excessiva do “eu”. O Espiritismo, bem entendido, mostra a vida de um

ponto tão elevado que essa importância pessoal se reduz diante da imensidão. Ao diminuir essa centralidade do ego, combate-se naturalmente o egoísmo.

O choque com o egoísmo dos outros muitas vezes leva o homem a tornar-se egoísta, por sentir necessidade de se defender. Vendo que os outros pensam apenas em si, ele passa a fazer o mesmo. Se, porém, a caridade e a fraternidade servirem de base às instituições sociais e às relações humanas, cada um pensará menos em si, ao perceber que os outros também se preocupam com ele. O exemplo e o convívio exercerão influência moralizante. Diante do egoísmo dominante, é preciso grande virtude para alguém renunciar aos próprios interesses em favor dos outros, que muitas vezes nem agradecem. Mas é justamente para esses que o reino dos céus está aberto. A eles está reservada a felicidade dos eleitos, pois, em verdade, no dia da justiça, será deixado de lado aquele que só pensou em si; experimentará então o abandono que impôs aos outros (785).

FÉNELON.

Esforços louváveis vêm sendo feitos para promover o progresso da humanidade. Os bons sentimentos são mais valorizados, estimulados e honrados do que em qualquer outra época. Ainda assim, o egoísmo, como um verme persistente, continua sendo a grande chaga social. É um mal real, espalhado por toda parte, do qual cada homem é, em maior ou menor grau, vítima. Deve-se combatê-lo como se combate uma epidemia. Para isso, é preciso agir como fazem os médicos: ir à origem do mal. Investigai, portanto, em todos os níveis da vida social — da família às nações, da casa simples ao palácio — todas as causas e influências que, de forma visível ou oculta, estimulam, alimentam e fortale-

cem o egoísmo. Identificadas as causas, o remédio surgirá naturalmente. Será preciso eliminá-las, talvez não de uma vez, mas progressivamente, até que o veneno seja expelido. A cura pode ser longa, pois são muitas as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só acontecerá se o mal for combatido na raiz: pela educação. Não uma educação que forme apenas pessoas instruídas, mas seres humanos melhores. A educação, bem compreendida, é a chave do progresso moral. Quando se souber moldar o caráter como hoje se molda a inteligência, será possível corrigi-lo como se endireitam plantas jovens. Isso exige tato, experiência e observação profunda. É um erro pensar que basta conhecimento intelectual para essa tarefa. Quem acompanha a formação moral de uma criança, rica ou pobre, desde o nascimento, e observa as influências negativas da negligência, da ignorância ou da fraqueza dos educadores, compreende por que há tantos desvios no mundo. Fazei com o moral o que se faz com a inteligência, e vereis que, embora existam naturezas resistentes, são muito mais numerosas as que apenas precisam de cultivo adequado para dar bons frutos (872).

O homem deseja ser feliz, e esse desejo é natural. Por isso, trabalha incessantemente para melhorar sua condição e busca compreender as causas de seus sofrimentos. Quando perceber que o egoísmo é uma dessas causas — origem do orgulho, da ambição, da avareza, da inveja, do ódio e do ciúme, que ferem continuamente o coração humano, destroem a confiança, rompem relações e transformam amigos em inimigos — compreenderá também que esse vício é incompatível com sua felicidade e até com sua própria segurança. Quanto mais sofrer por causa dele, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, como se

combate uma praga ou um flagelo. O próprio interesse o levará a isso (784).

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, assim como a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra deve ser o objetivo constante do homem, se quiser garantir sua felicidade, tanto neste mundo quanto no futuro.

Caracteres do homem de bem

918 — Por quais sinais se pode reconhecer o verdadeiro progresso moral de um homem?

— *O Espírito demonstra sua elevação quando todos os atos de sua vida material refletem a prática da lei de Deus e quando ele já compreende, antecipadamente, a vida espiritual.*

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, amor e caridade em sua forma mais pura. Ao examinar sua consciência, pergunta a si mesmo se violou essa lei, se causou algum mal, se deixou de fazer o bem que podia, se alguém tem razão para se queixar dele, enfim, se fez aos outros o que gostaria que lhe fizessem.

Movido pela caridade e pelo amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar recompensa, e coloca a justiça acima dos próprios interesses.

É bondoso, humano e benevolente com todos, pois reconhece irmãos em todos os homens, sem distinção de raça ou crença.

Se possui poder ou riqueza, vê-os como UM DEPÓSITO confiado por Deus, que deve ser usado para o bem. Não se orgulha disso, sabendo que quem deu também pode retirar.

Se ocupa posição de autoridade, trata com bondade aqueles que lhe estão subordinados, pois são iguais perante Deus. Usa a autoridade para elevar, não para humilhar.

É indulgente com as fraquezas alheias, lembrando-se de que também precisa da indulgência dos outros, e recorda as palavras de Jesus: “Que atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”.

Não é vingativo. Seguindo o exemplo de Jesus, perdoa as ofensas e guarda apenas a lembrança do bem recebido, consciente de que será perdoado na medida em que perdoar.

Respeita, enfim, todos os direitos naturais do próximo, assim como deseja que os seus próprios direitos sejam respeitados.

Conhecimento de si mesmo

919 — Qual é o meio prático mais eficaz para o homem melhorar-se nesta vida e resistir à atração do mal?

— *Um sábio da antiguidade já o disse: conhece-te a ti mesmo.*

— Reconhecemos a sabedoria dessa máxima, mas a dificuldade está justamente em conhecer-se a si mesmo. Como conseguir isso?

— *Eu fazia assim quando vivi na Terra: ao fim do dia, exami-*

nava minha consciência, revia tudo o que fizera e perguntava a mim mesmo se falhara em algum dever, se alguém tinha motivo para se queixar de mim. Foi assim que aprendi a me conhecer e a identificar o que precisava corrigir. Aquele que, todas as noites, revisar suas ações do dia, perguntando-se sobre o bem e o mal que fez, e pedir a Deus e ao seu anjo guardião esclarecimento, adquirirá grande força para se aperfeiçoar, pois Deus o auxiliará. Perguntai-vos, portanto, o que fizestes, com que intenção agistes em tal situação, se fizestes algo que reprovaríeis em outra pessoa, ou que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda: “Se Deus me chamasse agora, teria receio do olhar de alguém ao entrar no mundo espiritual, onde nada pode ser ocultado?” Examinai o que fizestes contra Deus, contra o próximo e contra vós mesmos. As respostas trarão paz à consciência ou indicarão o mal que precisa ser curado.

O autoconhecimento é, portanto, a chave do progresso individual. Mas podeis dizer: como julgar a si mesmo sem cair na ilusão do amor-próprio, que disfarça as falhas? O avarento se julga econômico; o orgulhoso acredita ter apenas dignidade. Isso é real. Porém, há um critério seguro: quando hesitardes sobre o valor de uma ação, perguntai-vos como a julgaríeis se fosse praticada por outra pessoa. Se a condenais no outro, não podeis considerá-la justa em vós. Deus não usa dois pesos e duas medidas. Observai também a opinião dos outros, inclusive dos inimigos, pois eles não têm interesse em disfarçar a verdade e muitas vezes são colocados ao vosso lado como espelhos mais sinceros que os amigos. Que aquele que deseja realmente melhorar examine sua consciência com cuidado, arrancando de si os maus hábitos como quem remove ervas daninhas do jardim. Fazei o balanço moral do dia, como o comerciante faz o de seus lucros e perdas, e eu vos asseguro que esse balanço será muito mais pro-

veitoso. Se puderdes dizer que o dia foi bom, dormireis em paz e aguardareis sem temor o despertar na outra vida.

Formulai, portanto, perguntas claras e precisas a vós mesmos, sem receio de multiplicá-las. Vale a pena gastar alguns minutos para conquistar a felicidade eterna. Não trabalhais diariamente para garantir conforto no futuro? Que vale esse descanso passageiro, muitas vezes perturbado pela doença, comparado ao que espera o homem de bem? Não merece ele alguns esforços? Muitos dizem que o presente é certo e o futuro incerto. Justamente essa ideia é o que devemos remover de vós, pois queremos que compreendais o futuro de modo claro, sem dúvidas. Foi por isso que primeiro chamamos vossa atenção por fenômenos que impressionam os sentidos e agora vos transmitimos ensinamentos que cada um deve divulgar. Com esse objetivo foi ditado O Livro dos Espíritos.

Santo Agostinho.

Muitas faltas passam despercebidas porque não examinamos a fundo os motivos e a natureza de nossas ações. Se interrogássemos com mais frequência nossa consciência, como aconselha Santo Agostinho, perceberíamos quantas vezes erramos sem notar.

A forma interrogativa é mais precisa do que máximas gerais, que costumamos aplicar aos outros e não a nós mesmos. As perguntas exigem respostas diretas, sem desculpas. Somando essas respostas, podemos avaliar o bem e o mal que existem em nós.

Livro Quarto

Capítulo 1 - Penas e gozos terrestres

Felicidade e infelicidade relativas

920 — Pode o homem alcançar felicidade completa na Terra?

— *Não, porque a vida lhe foi dada como prova ou como expiação. Ainda assim, depende dele amenizar seus sofrimentos e ser tão feliz quanto for possível neste mundo.*

921 — Se a felicidade plena só existirá quando a humanidade estiver transformada, é possível alcançar, enquanto isso, uma felicidade relativa?

— *O homem é, na maioria das vezes, o principal responsável pela própria infelicidade. Ao praticar a lei de Deus, pode evitar muitos sofrimentos e construir para si uma felicidade compatível com sua condição atual.*

Aquele que compreende bem o seu destino futuro passa a enxergar a vida física apenas como uma etapa provisória, uma breve parada em uma hospedaria desconfortável. Por isso, suporta com mais facilidade os contratempos passageiros de uma jornada que o levará a uma condição melhor, conforme o cuidado que tiver em se preparar para ela.

Ainda nesta vida, sofremos as consequências das infrações

que cometemos contra as leis que regem a existência material, assim como os efeitos dos nossos próprios excessos. Se voltarmos passo a passo à origem do que chamamos de desgraças terrenas, veremos que, na maioria das vezes, elas surgem de um primeiro desvio do caminho correto. Ao nos afastarmos dele, entramos em outro, equivocado, e assim, erro após erro, acabamos colhendo o sofrimento.

922 — A felicidade na Terra varia conforme a posição de cada um. O que basta para um pode ser motivo de infelicidade para outro. Existe algum critério comum de felicidade para todos?

— *Na vida material, é ter o necessário. Na vida moral, é manter a consciência tranquila e confiar no futuro.*

923 — Aquilo que é supérfluo para uns não pode ser necessário para outros, conforme suas condições?

— *Sim, de acordo com ideias materiais, preconceitos, ambições e exageros que um dia serão revistos quando a verdade for compreendida. Alguém que tinha grande renda e passa a ganhar menos pode se considerar infeliz por não conseguir manter o mesmo padrão de vida, a mesma aparência social ou os mesmos prazeres. Acredita que lhe falta o essencial. Mas, sinceramente, merece compaixão quando ao seu lado há pessoas morrendo de fome, frio e sem qualquer abrigo? O homem sábio, para ser feliz, olha para baixo e não para cima, exceto quando eleva o pensamento ao infinito (715).*

924 — Existem sofrimentos que não dependem da conduta humana e atingem até os mais justos. Há como evitá-los?

— Não. É preciso aceitá-los e suportá-los sem revolta, se quiser progredir. Ainda assim, sempre é possível encontrar consolo na própria consciência e na esperança de um futuro melhor, desde que se faça o necessário para merecê-lo.

925 — Por que Deus concede riquezas a pessoas que aparentemente não as merecem?

— Isso só parece um privilégio aos olhos de quem vê apenas o presente. A riqueza, muitas vezes, é uma prova mais perigosa do que a pobreza (814 e seguintes).

926 — A civilização, ao criar novas necessidades, não gera também novas aflições?

— Os sofrimentos do mundo nascem, em grande parte, das necessidades artificiais que vocês criam. Quem sabe limitar seus desejos e não inveja o que está acima de si evita muitas decepções. Quem tem menos necessidades é, de fato, o mais rico.

Vocês invejam os prazeres daqueles que parecem felizes. Mas sabem o que os espera? Se esses prazeres são apenas egoístas, pertencem aos que vivem voltados para si mesmos, e o reverso virá. Em vez de invejá-los, é melhor ter pena deles. Deus às vezes permite que o mau prospere, mas essa felicidade não dura: será paga com sofrimento. Quando um justo enfrenta a infelicidade, isso é uma prova que lhe será considerada se ele a suportar com coragem. Lembrem-se das palavras de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem, porque serão consolados.”

927 — Se o supérfluo não é necessário para a felicidade, o mesmo não vale para o necessário. Não é realmente infeliz quem dele carece?

— *Verdadeiramente infeliz é quem não tem o necessário para viver e manter a saúde. No entanto, essa privação pode ser resultado da própria conduta, caso em que a pessoa só pode responsabilizar a si mesma. Se for causada por outros, a responsabilidade recai sobre quem a provocou.*

928 — Deus indica nossa vocação por meio das aptidões naturais. Muitos sofrimentos não surgem de ignorarmos essa vocação?

— *Sim. Muitas vezes são os pais que, por orgulho ou interesse, desviam os filhos do caminho para o qual têm inclinação natural, comprometendo a felicidade deles. Por isso, respondem por esse erro.*

— Seria justo, então, que o filho de alguém socialmente influente exercesse um ofício humilde, se tivesse aptidão para isso?

— *É preciso evitar exageros. A civilização tem exigências. Não há motivo para que alguém exerça um trabalho incompatível com suas possibilidades, se pode ser útil de outra forma. O essencial é usar bem as próprias capacidades. Alguém pode ser um mau advogado e um excelente mecânico, por exemplo.*

O afastamento da verdadeira aptidão é uma das causas mais comuns de frustração. A escolha de uma carreira para a qual não se tem talento gera fracassos constantes. O orgulho, então, impede a pessoa de buscar uma ocupação mais simples e faz com que veja o suicídio como saída para o que

considera humilhação. Uma educação moral sólida, livre dos preconceitos do orgulho, evitaria esse desfecho.

929 — Pessoas sem recursos, cercadas de abundância, às vezes veem apenas a morte como saída. Devem se deixar morrer de fome?

— *Ninguém deve aceitar morrer de fome. Sempre existe algum meio de sobreviver, se o orgulho não se colocar entre a necessidade e o trabalho. Costuma-se dizer que não existe trabalho indigno; o que desonra o homem não é a função, mas a conduta. Muitos dizem isso aos outros, mas não a si mesmos.*

930 — Mesmo sem preconceitos, há pessoas que não conseguem se sustentar por doença ou causas alheias à própria vontade?

— *Em uma sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deveria morrer de fome.*

Em uma organização social justa e solidária, só por falha pessoal extrema alguém deixaria de ter o necessário. Ainda assim, muitas dessas falhas resultam do meio em que a pessoa vive. Quando a lei de Deus for praticada, a sociedade se baseará na justiça e na solidariedade, e o próprio homem será melhor (793).

931 — Por que há mais pessoas que sofrem do que pessoas aparentemente felizes?

— *Ninguém é completamente feliz, e aquilo que vocês chamam de felicidade muitas vezes esconde dores profundas. O sofrimento está em toda parte. A Terra é um mundo de provas e expiações. Quando se tornar morada de Espíritos bons, deixará de ser um*

lugar de infelicidade e se transformará em um verdadeiro paraíso.

932 — Por que a influência dos maus costuma ser maior que a dos bons?

— Pela fraqueza dos bons. Os maus são ousados e articulados; os bons, muitas vezes, são passivos. Quando quiserem agir, prevalecerão.

933 — Assim como o homem causa muitos sofrimentos materiais a si mesmo, também é responsável pelos sofrimentos morais?

— Ainda mais. Os sofrimentos materiais às vezes independem da vontade, mas o orgulho ferido, a ambição frustrada, a avareza, a inveja, o ciúme e as paixões são verdadeiras torturas da alma.

A inveja e o ciúme destroem a paz interior. Quem vive dominado por eles não encontra descanso, nem mesmo no sono. Esses sentimentos criam fantasmas que perseguem a mente sem trégua. Com suas próprias paixões, o homem constrói para si um inferno interior.

As expressões populares retratam bem isso: “inchado de orgulho”, “morrendo de inveja”, “consumido pelo ciúme”. Em alguns casos, a inveja sequer tem um alvo definido; certas pessoas invejam tudo o que se destaca, simplesmente porque não conseguem alcançar o mesmo. É a inveja aliada à mediocridade.

Muitas vezes, o homem é infeliz porque dá importância excessiva às coisas materiais. Vaidade, ambição e cobiça frustrada são fontes constantes de sofrimento. Quando

ele eleva o pensamento acima da vida material e olha para o infinito, as dificuldades humanas passam a parecer pequenas, como as tristezas de uma criança que perdeu um brinquedo.

Quem busca felicidade apenas na satisfação do orgulho e dos desejos grosseiros sofre quando não os alcança. Já aquele que não depende do supérfluo encontra paz até em situações que outros chamariam de calamidade.

O homem civilizado, por analisar e racionalizar seus sofrimentos, acaba sentindo-os com mais intensidade. Mas essa mesma capacidade também lhe permite encontrar consolo. Esse consolo vem da fé cristã, que oferece esperança, e do Espiritismo, que oferece certeza do futuro.

Perda dos entes queridos

934 — A perda de pessoas queridas não é uma causa legítima de dor, ainda mais por ser irreversível e fora da nossa vontade?

— Essa dor atinge ricos e pobres igualmente. É uma prova ou expiação comum a todos. Ainda assim, existe consolo na possibilidade de comunicação com aqueles que partiram, pelos meios que hoje estão ao alcance.

935 — O que pensar dos que consideram profanação a comunicação com os Espíritos?

— Não há profanação quando há respeito, seriedade e intenção sincera. A prova disso é que os Espíritos que nos amam atendem com alegria ao chamado e se sentem felizes ao serem lembrados.

Só haveria profanação se isso fosse feito de forma leviana.

A possibilidade de comunicação com os Espíritos é uma grande consolação. Permite reencontrar parentes e amigos que partiram antes de nós. Pela evocação, eles se aproximam, nos ouvem e respondem, diminuindo a sensação de separação. Ajudam-nos com conselhos, demonstram carinho e alegria por serem lembrados. Para nós, é um conforto saber que estão bem e ter a certeza de que um dia nos reuniremos novamente.

936 — Como a dor excessiva dos que ficam afeta os Espíritos que partiram?

— O Espírito sente a lembrança e a saudade, mas uma dor exagerada o entristece, pois nela ele vê falta de fé no futuro e de confiança em Deus. Isso pode dificultar o progresso de quem sofre e até o reencontro entre eles.

Se o Espírito está mais feliz fora do corpo do que na Terra, lamentar sua partida é lamentar que ele esteja melhor. Imagine dois amigos presos: um é libertado antes do outro. Seria justo que o que ficou triste porque o amigo saiu primeiro? O mesmo acontece com aqueles que se amam. Quem parte antes se liberta primeiro; cabe aos que ficam esperar com paciência.

Pense também em um amigo que precisa se afastar para melhorar de saúde ou de vida. A separação é apenas física, e vocês continuam em contato. Você se entristeceria, mesmo sabendo que isso é para o bem dele?

O Espiritismo oferece grande consolo ao provar a continuidade da vida, da afeição e da comunicação entre os que se

amam. Não há abandono nem solidão: mesmo isolado, o homem nunca está sozinho.

As dificuldades da vida parecem insuportáveis enquanto duram. Mas, quando superadas, percebemos que elas nos fortaleceram, como o doente que agradece o tratamento difícil após a cura.

Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas

937 — Para quem tem um coração sensível, a ingratidão e a fragilidade das amizades não são fontes de sofrimento?

— São, sim. Mas é melhor ter compaixão dos ingratos e dos amigos infiéis, pois eles acabam sendo mais infelizes do que você. A ingratidão nasce do egoísmo, e o egoísta mais cedo ou mais tarde encontrará corações tão frios quanto o dele. Lembre-se de quantas pessoas boas fizeram o bem e receberam ingratidão em troca. O próprio Jesus foi desprezado e caluniado. Não se surpreenda se isso também acontecer com você. Que o bem que você fez seja sua recompensa, sem dar atenção ao que dizem aqueles que se beneficiaram dele. A ingratidão é uma prova da sua perseverança no bem e será levada em conta.

938 — As decepções causadas pela ingratidão não podem endurecer o coração?

— Não deveriam. Quem tem um coração verdadeiro sente alegria pelo bem que faz. Sabe que, mesmo esquecido nesta vida, ele será lembrado na outra, e que o ingrato um dia sentirá remorso.

— Mas isso não impede que o coração sofra. Não seria mais fácil ser menos sensível?

— Só se a pessoa preferir a falsa felicidade do egoísta. Amigos ingratos que se afastam não eram dignos dessa amizade. Mais tarde, surgirão outros que saberão compreender melhor. Tenha compaixão de quem agiu mal com você, pois a dor maior será deles. Não se deixe abater: isso o coloca acima dessas situações.

A natureza deu ao homem a necessidade de amar e ser amado. Um dos maiores prazeres da vida é encontrar pessoas com quem haja verdadeira afinidade. Essas alegrias são um prenúncio da felicidade que aguarda no mundo espiritual, onde tudo é amor e bondade. O egoísta, porém, se exclui desse bem.

Unões antipáticas

939 — Se Espíritos simpáticos tendem a se unir, por que entre os encarnados tantas vezes o afeto existe apenas de um lado, e um amor sincero é recebido com indiferença ou até rejeição? E por que uma afeição intensa pode se transformar em antipatia e até em ódio?

— Isso pode ser uma consequência educativa, ainda que temporária. Muitas pessoas acreditam amar profundamente apenas porque se deixam levar pelas aparências. Quando passam a conviver de fato com quem dizem amar, percebem que aquilo era apenas atração material. Não basta gostar de alguém à distância ou idealizá-la; é na convivência que se conhece de verdade. Também existem uniões que começam difíceis e sem afinidade, mas que, com o tempo, o conhecimento mútuo e o respeito, se

transformam em vínculos duradouros e afetuosos. É importante lembrar que quem ama é o Espírito, não o corpo. Quando a ilusão material cai, o Espírito passa a enxergar a realidade.

Existem dois tipos de afeição: a do corpo e a da alma. Muitas vezes, uma é confundida com a outra. A afeição da alma, quando é verdadeira, tende a ser duradoura; a do corpo é passageira. Por isso, não é raro que pessoas que acreditavam viver um amor eterno acabem se afastando ou até se odiando quando a ilusão se desfaz.

940 — A falta de afinidade entre pessoas obrigadas a viver juntas não é uma fonte profunda de sofrimento, capaz de envenenar toda a vida?

— É um sofrimento intenso, sem dúvida. Mas, na maioria das vezes, vocês mesmos são a principal causa disso. Primeiro, pelas leis humanas. Deus não obriga ninguém a permanecer ao lado de quem lhe causa infelicidade. Depois, porque nessas uniões muitas vezes se busca mais satisfazer o orgulho, a ambição ou conveniências sociais do que construir um afeto verdadeiro. As consequências acabam sendo inevitáveis.

— Mas, nesses casos, quase sempre existe uma vítima inocente, não?

— Sim, e para ela isso representa uma prova difícil. A responsabilidade, porém, recai sobre quem causou essa situação. Se essa pessoa já tiver compreensão espiritual e fé no futuro, encontrará consolo. Com o enfraquecimento dos preconceitos sociais, as causas dessas dores íntimas também tenderão a desaparecer.

Temor da morte

941 — Para muitas pessoas, o medo da morte causa grande angústia. De onde vem esse temor, se o futuro é infinito?

— *Esse medo nasce de um erro de educação espiritual. Desde cedo, muitas pessoas são ensinadas a temer um inferno eterno e a acreditar que a maioria está condenada, enquanto tudo o que é natural lhes é apresentado como pecado. Ao crescerem, se têm senso crítico, acabam rejeitando essas ideias e se tornam materialistas, acreditando que nada existe além da vida atual. Já aqueles que mantêm essas crenças infantis passam a temer um castigo eterno.*

Para quem vive com virtude, a morte não inspira medo. A fé lhe dá certeza do futuro, a esperança aponta para uma vida melhor, e a caridade praticada garante que, no mundo espiritual, não encontrará ninguém cujo olhar precise temer (730).

O homem muito preso à vida material vive de prazeres e dores passageiras. Sua felicidade depende da satisfação imediata dos desejos, e sua alma permanece inquieta e ansiosa. A morte o assusta porque ele duvida do futuro e teme perder tudo o que ama.

Já o homem que supera as necessidades artificiais criadas pelas paixões experimenta, ainda nesta vida, uma paz que o materialista desconhece. A moderação traz serenidade ao Espírito. Feliz pelo bem que pratica, ele não se abala com contrariedades, que passam sem deixar marcas profundas.

942 — Algumas pessoas consideram esses conselhos para ser feliz banais e repetitivos, dizendo que a felicidade se resume a saber suportar os próprios sofrimentos. O que pensar disso?

— *Muitas dizem isso, de fato. Mas se parecem com doentes que querem se curar sem seguir o tratamento, insistindo nos mesmos hábitos que os adoecem.*

Desgosto da vida. Suicídio

943 — De onde surge o desgosto pela vida que, sem motivo claro, atinge algumas pessoas?

— *Da ociosidade, da falta de fé e, muitas vezes, do excesso e da saturação.*

Quem utiliza suas capacidades de forma útil e de acordo com suas aptidões naturais não vê o trabalho como um peso, e a vida passa mais rápido. Suporta melhor as dificuldades porque sabe que caminha em direção a uma felicidade mais sólida e duradoura.

944 — O homem tem o direito de tirar a própria vida?

— *Não. Esse direito pertence apenas a Deus. O suicídio consciente é uma violação da lei divina.*

— Todo suicídio é voluntário?

— *Não. Quem age em completo desequilíbrio mental não tem consciência do que faz.*

945 — O que pensar do suicídio motivado pelo desgosto da vida?

— *Falta de lucidez. Se tivessem trabalhado e dado um sentido útil à existência, a vida não lhes pareceria tão pesada.*

946 — E o suicídio cometido para fugir das dificuldades e decepções da vida?

— *Espíritos frágeis, que não tiveram coragem de enfrentar as provas da existência. Deus ampara os que sofrem, não os que desistem. As dificuldades da vida são provas ou expiações. Felizes os que as enfrentam com coragem, pois serão recompensados. Já aqueles que depositam sua esperança no acaso ou na sorte acabarão percebendo o vazio dessas ilusões.*

— E os que levaram alguém a esse desespero, terão responsabilidade?

— *Sim. Responderão como se tivessem tirado uma vida.*

947 — Pode ser considerado suicídio o caso de alguém que, em extrema miséria, se deixa morrer por falta de esperança?

— *É uma forma de suicídio. No entanto, os mais culpados são aqueles que causaram essa situação ou que poderiam tê-la evitado. Ainda assim, essa pessoa não está totalmente isenta de responsabilidade se lhe faltaram esforço e perseverança. Especialmente grave é quando o desespero nasce do orgulho — quando alguém prefere morrer a trabalhar por considerar isso humilhante. Há muito mais dignidade em enfrentar a adversidade do que sacrificar a própria vida pela opinião de um mundo indiferente.*

948 — É tão condenável quanto o suicídio por desespero aquele cometido para fugir da vergonha de uma falta?

— *Sim. O suicídio não apaga o erro; apenas acrescenta outro. Quem teve coragem para errar deve ter coragem para arcar com as consequências. Deus, como juiz justo, pode atenuar a pena conforme a intenção.*

949 — O suicídio é desculpável quando alguém acredita estar protegendo os filhos ou a família da vergonha?

— *A intenção é considerada, mas o ato continua sendo errado. A boa intenção atenua a falta, mas não a elimina. Se a sociedade eliminasse seus preconceitos e abusos, muitos desses suicídios deixariam de existir.*

Quem se mata para fugir da vergonha mostra que valoriza mais a opinião dos homens do que a justiça divina. Retorna à vida espiritual carregando a falta, sem ter usado o tempo da vida para repará-la. Deus é mais misericordioso do que os homens e considera o arrependimento sincero. O suicídio não repara nada.

950 — O que pensar de quem se mata acreditando que chegará mais rápido a uma vida melhor?

— *Outro engano grave. Quem faz o bem chega mais rápido ao progresso. Ao se matar, a pessoa apenas atrasa sua evolução e precisará retornar para concluir a existência interrompida. Nenhuma falta abre caminho para uma condição superior.*

951 — O sacrifício da própria vida é meritório quando visa salvar outra pessoa ou beneficiar a coletividade?

— *Pode ser, dependendo da intenção. Nesse caso, não se trata de suicídio. Mas Deus não aprova sacrifícios inúteis nem aqueles manchados pelo orgulho. Apenas o desinteresse torna o sacrifício realmente valioso.*

Todo sacrifício feito em nome da caridade tem grande valor espiritual. Renunciar à própria vida pelo bem dos outros não é um atentado, mas um gesto elevado. Ainda assim, antes de agir, é preciso refletir se a própria vida não será mais útil do que a própria morte.

952 — É suicídio morrer em consequência de paixões que a pessoa sabia que encurtariam sua vida, mas às quais não resistiu?

— *É um suicídio moral. Há dupla culpa: falta de controle e esquecimento de Deus.*

— Esse caso é mais ou menos grave do que o suicídio por desespero?

— *É mais grave, porque houve tempo para reflexão. No ato impulsivo, muitas vezes há confusão mental. Aqui, há consciência prolongada das consequências.*

953 — Se alguém enfrenta uma morte inevitável e terrível, é culpado por antecipar o fim para reduzir o sofrimento?

— *Sim. Ninguém deve abreviar o tempo que Deus lhe concedeu. Nunca se pode ter certeza de que um socorro não surgiria no último instante.*

— Mesmo quando a morte é inevitável e o tempo é mínimo?

— Ainda assim, é falta de resignação diante da vontade divina.

— Quais são as consequências?

— Uma expiação proporcional à gravidade do ato e às circunstâncias.

954 — Uma imprudência que coloca a vida em risco sem intenção é condenável?

— Não há culpa quando não existe intenção consciente de fazer o mal.

955 — Mulheres que, por tradição cultural, se sacrificam junto ao corpo do marido são consideradas suicidas?

— Na maioria das vezes, agem por pressão social e ignorância, acreditando cumprir um dever. Isso atenua a culpa. Esses costumes desaparecem com o progresso moral e cultural.

956 — Aqueles que se matam para reencontrar entes queridos alcançam esse objetivo?

— Não. O efeito é o oposto. Em vez de se aproximarem, afastam-se ainda mais. Deus não recompensa um ato de desespero. Sofrerão consequências mais dolorosas do que aquelas que tentaram evitar (934 e seguintes).

957 — Quais são, em geral, as consequências espirituais do suicídio?

— Variam conforme as causas. Não há punição fixa, mas uma consequência é inevitável: a decepção. Alguns sofrem imediata-

mente; outros passam por existências futuras mais difíceis.

Em muitos casos, o vínculo entre o Espírito e o corpo se rompe de forma brusca, prolongando a confusão após a morte. O Espírito pode, por algum tempo, acreditar que ainda está vivo. Em certos casos, sente até reflexos da decomposição do corpo, o que gera angústia intensa. Nem todos passam por isso, mas ninguém escapa das consequências.

Alguns Espíritos relatam ter escolhido novas provas após o suicídio, buscando aprender a suportar a vida com mais resignação. Outros permanecem presos à matéria, impedidos de avançar para mundos melhores. A maioria percebe que o ato foi inútil e fonte apenas de arrependimento.

Todas as religiões e filosofias condenam o suicídio como contrário às leis naturais. O Espiritismo vai além da teoria e mostra, pelos fatos observados, que o suicídio não traz alívio, não resolve problemas e apenas adia o progresso espiritual.

Capítulo 2 - Penas e gozos futuros

O Nada. Vida futura

958 — Por que o ser humano tem, instintivamente, horror ao nada?

— *Porque o nada não existe.*

959 — De onde vem, no ser humano, o sentimento instintivo da vida futura?

— *Já explicamos: antes de encarnar, o Espírito conhecia essas realidades, e a alma conserva uma lembrança vaga do que sabia e do que viu no estado espiritual (393).*

Desde todos os tempos, o ser humano se preocupa com o que existe além da morte — e isso é perfeitamente natural. Por mais importância que atribua à vida presente, ele percebe que ela é curta e frágil, sujeita a terminar a qualquer instante, sem garantia sequer do dia seguinte. O que acontece depois do momento final? Essa pergunta é profunda, porque não envolve apenas alguns anos, mas a eternidade.

Quem vai viver muito tempo em um país distante se preocupa com as condições que encontrará lá. Como, então, não nos preocuparíamos com a situação em que estaremos ao deixar este mundo, sabendo que essa passagem é defini-

tiva?

A ideia do nada causa repulsa à razão. Mesmo aquele que vive despreocupado acaba, no instante derradeiro, perguntando a si mesmo o que será dele — e, quase sem perceber, se agarra à esperança.

Crer em Deus sem admitir a vida futura é uma contradição. O sentimento de uma existência melhor está no íntimo de todos os seres humanos, e não faria sentido que Deus o tivesse colocado ali sem propósito.

A vida futura pressupõe a preservação da nossa individualidade após a morte. Afinal, de que nos serviria sobreviver ao corpo se nossa essência moral se dissolvesse no infinito? Para nós, o efeito seria o mesmo que desaparecer no nada.

Intuição das penas e gozos futuros

960 — De onde nasce a crença, comum a todos os povos, na existência de punições e recompensas após a morte?

— Da mesma origem de sempre: o pressentimento da realidade, trazido pelo Espírito encarnado. Saibam que essa voz interior não fala em vão. O erro está em não lhe darem atenção suficiente. Se refletissem mais sobre isso, seriam pessoas melhores.

961 — Qual sentimento predomina na maioria das pessoas no momento da morte: dúvida, medo ou esperança?

— A dúvida nos céticos convictos; o medo nos culpados; a esperança nos homens de bem.

962 — Como podem existir cétricos, se a alma traz consigo o sentimento do mundo espiritual?

— *Eles são menos numerosos do que parece. Muitos se fazem de fortes e incrédulos por orgulho. No momento da morte, porém, essa postura costuma desaparecer.*

A responsabilidade pelos nossos atos decorre diretamente da realidade da vida futura. A razão e a justiça nos dizem que não é possível confundir bons e maus na partilha da felicidade que todos desejam. Não seria justo que uns desfrutassem sem esforço do que outros só conquistam com trabalho e perseverança.

A ideia que fazemos da justiça e da bondade de Deus não permite acreditar que justos e maus sejam tratados da mesma forma. Nem faz sentido duvidar de que, um dia, cada um receba o que lhe corresponde pelo bem ou pelo mal que praticou. É por isso que o sentimento inato de justiça nos dá a intuição das penas e recompensas futuras.

Intervenção de Deus nas penas e recompensas

963 — Deus se ocupa de cada ser humano individualmente? Não somos pequenos demais diante da grandeza divina?

— *Deus cuida de todos os seres que criou, por menores que pareçam. Nada é insignificante para a sua bondade.*

964 — Mas Deus precisa observar cada um dos nossos atos para nos recompensar ou punir? Muitos deles não seriam irrelevantes para Ele?

— *Deus estabeleceu leis que regem todas as ações humanas. Quando essas leis são violadas, a responsabilidade é nossa. Deus não julga dizendo: “Você fez isso, será punido”. Ele fixa limites. As doenças e, muitas vezes, a própria morte são consequências naturais dos excessos. Essa é a punição: o resultado da infração da lei. E isso vale para tudo.*

Todas as nossas ações estão submetidas às leis divinas. Nenhuma é tão pequena que não possa representar uma violação dessas leis. Quando sofremos as consequências, somos nós mesmos os responsáveis, pois assim construímos nossa felicidade ou infelicidade futura.

Essa verdade fica clara com a seguinte comparação:

“Um pai educa o filho e lhe dá instrução, ou seja, os meios para se orientar. Entrega-lhe um campo para cultivar e diz: ‘Aqui está a regra que deves seguir e os instrumentos necessários para tornar esse campo produtivo e garantir teu sustento. Dei-te conhecimento para compreender essa regra. Se a seguires, o campo dará frutos e te assegurará tranquilidade na velhice. Se a ignorares, nada produzirá e passarás necessidade.’ Depois disso, deixa o filho agir livremente.”

Não é evidente que o campo produzirá conforme o cuidado que receber, e que toda negligência resultará em prejuízo? Na velhice, o filho será feliz ou infeliz conforme tenha seguido ou não a regra do pai.

Deus é ainda mais cuidadoso: Ele nos adverte constante-

mente, por meio da consciência, quando fazemos o bem ou o mal. Envia Espíritos para nos inspirar, mas muitas vezes não os escutamos. Há ainda uma diferença fundamental: Deus sempre concede novas oportunidades, novas existências, para que possamos reparar erros do passado — algo que o filho do exemplo não teve quando desperdiçou seu tempo.

Natureza das penas e gozos futuros

965 — As penas e as alegrias da alma, depois da morte, têm algo de material?

— *Não podem ser materiais, como indica o bom senso, pois a alma não é matéria. Não há nada de físico nessas penas e alegrias; ainda assim, elas são muito mais intensas do que as que experimentais na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, torna-se mais sensível. A matéria já não lhe amortece as percepções (237-257).*

966 — Por que o ser humano faz, tantas vezes, uma ideia tão grosseira e absurda das penas e alegrias da vida futura?

— *Por falta de desenvolvimento intelectual suficiente. A criança entende as coisas como o adulto? Além disso, isso depende muito do que lhe foi ensinado: aí está a necessidade de uma reforma.*

A linguagem humana é limitada para expressar o que está além do mundo material. Foi preciso recorrer a comparações, e as imagens usadas acabaram sendo tomadas como realidades. À medida que o ser humano se instrui, passa a compreender melhor

aquilo que a linguagem não consegue traduzir.

967 — Em que consiste a felicidade dos Espíritos bons?

— Em conhecer todas as coisas; em não sentirem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem nenhuma das paixões que causam a infelicidade humana. O amor que os une é fonte de felicidade profunda. Não sofrem necessidades, dores ou angústias da vida material. São felizes pelo bem que realizam.

A felicidade dos Espíritos, porém, é proporcional ao grau de elevação de cada um. Somente os Espíritos puros desfrutam da felicidade plena, mas isso não significa que todos os demais sejam infelizes. Entre os maus e os perfeitos há inúmeros graus, nos quais as alegrias variam conforme o estado moral. Os que já avançaram bastante compreendem a felicidade dos que os antecederam e desejam alcançá-la. Esse desejo não gera inveja, mas estímulo. Sabem que depende deles mesmos chegar lá e trabalham para isso com serenidade de consciência, sentindo-se felizes por não sofrerem mais como sofrem os Espíritos inferiores.

968 — Mencioneis a ausência de necessidades materiais como condição da felicidade dos Espíritos bons. Mas a satisfação dessas necessidades não é, para o homem, uma fonte de prazer?

— Sim, é o prazer do animal. Quando não consegues satisfazê-las, sofres.

969 — O que significa dizer que os Espíritos puros estão reunidos no seio de Deus e ocupados em lhe entoar louvores?

— Trata-se de uma alegoria, que indica o grau de compreensão que eles têm das perfeições divinas, pois veem e entendem Deus. Não deve ser tomada ao pé da letra. Tudo na natureza, desde um grão de areia, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus.

Não penses, porém, que os Espíritos felizes passam a eternidade em contemplação passiva. Isso seria uma felicidade vazia e monótona, própria do egoísmo. Eles estão livres das tribulações da vida material, o que já é um grande gozo. Além disso, utilizam a inteligência que adquiriram para auxiliar o progresso dos outros Espíritos. Essa é sua ocupação — e, ao mesmo tempo, sua alegria.

970 — Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

— São tão variados quanto as causas que os provocaram e proporcionais ao grau de inferioridade, assim como as alegrias o são ao de superioridade. Podem ser resumidos assim: invejar aquilo que lhes falta para serem felizes e não poder alcançar; ver a felicidade alheia sem poder usufruí-la; sentir remorso, ciúme, raiva, desespero pelo que os impede de ser felizes; sofrer ansiedade moral indefinível. Desejam todos os prazeres e não conseguem satisfazê-los: isso é o que os atormenta.

971 — A influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros é sempre boa?

— *É sempre boa da parte dos Espíritos bons. Já os Espíritos maus tentam afastar do bem e do arrependimento aqueles que julgam suscetíveis de se deixarem influenciar, muitas vezes os mesmos que eles conduziram ao mal durante a vida terrena.*

— Então a morte não nos livra da tentação?

— *Não, mas a influência dos maus Espíritos é muito menor sobre outros Espíritos do que sobre os encarnados, pois lhes falta o apoio das paixões materiais (996).*

972 — Como os Espíritos maus tentam os outros, se não podem agir sobre paixões materiais?

— *As paixões não existem mais de forma material, mas continuam existindo no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus alimentam esses pensamentos, conduzindo suas vítimas a ambientes onde se apresentam cenas e lembranças capazes de excitá-los.*

— Mas para que servem essas paixões, se já não têm objeto real?

— *Justamente aí está o tormento: o avarento vê riquezas que não pode possuir; o devasso imagina excessos dos quais não pode participar; o orgulhoso vê honrarias que lhe despertam inveja e às quais não tem acesso.*

973 — Quais são os maiores sofrimentos dos Espíritos maus?

— *Não há palavras capazes de descrever plenamente as torturas morais que punem certos crimes. Mesmo o Espírito que as sofre teria dificuldade em explicá-las. Mas a mais terrível delas é a certeza de estar condenado sem possibilidade imediata de reparação.*

A ideia que o ser humano faz das penas e alegrias após a morte depende do seu grau de entendimento. Quanto mais se desenvolve intelectualmente, mais essa ideia se depura e se afasta das imagens materiais. Passa a compreender de forma mais racional, sem tomar ao pé da letra figuras simbólicas. Sabendo que a alma é espiritual, a razão entende que ela não pode sofrer como o corpo sofre — mas isso não significa que esteja isenta de dor ou de punição (237).

As comunicações espíritas mostram o estado futuro da alma não como teoria, mas como realidade. Revelam as experiências da vida além da morte como consequências diretas e lógicas da vida terrena. Mesmo sem os exageros fantasiosos da imaginação humana, essas consequências continuam sendo dolorosas para quem fez mau uso de suas faculdades. Em síntese: cada um é punido pelo tipo de falta que cometeu. Uns sofrem ao ver continuamente o mal que causaram; outros, pelo remorso, pela vergonha, pelo medo, pela solidão, pelas trevas interiores, pela separação dos entes queridos, e assim por diante.*

974 — De onde vem a doutrina do fogo eterno?

— *De uma imagem simbólica tomada como realidade, como tantas outras.*

— Mas o medo desse fogo não produz bons efeitos?

— Observai se ele realmente funciona como freio, inclusive entre os que o ensinam. Quando se ensinam ideias que a razão acaba rejeitando, o efeito não é duradouro nem saudável.

Incapaz de definir a natureza desses sofrimentos, o ser humano recorreu à imagem mais forte que conhecia: o fogo, símbolo da dor extrema e da ação intensa. Por isso, a ideia do fogo eterno vem das mais antigas tradições e foi herdada pelos povos modernos. É o mesmo princípio das expressões figuradas: “fogo das paixões”, “arder de amor”, “queimar de ciúme”.

975 — Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade dos justos?

— Sim, e isso é para eles um suplício, pois sabem que estão privados dessa felicidade por culpa própria. Por isso, o Espírito liberto da matéria aspira a uma nova encarnação, já que cada existência bem aproveitada reduz a duração do sofrimento. Assim, escolhe provas que lhe permitam reparar suas faltas.

O Espírito sofre por todo o mal que praticou ou causou voluntariamente, pelo bem que poderia ter feito e não fez, e pelo mal que resultou da omissão do bem.

Na erraticidade, o Espírito já não se engana: vê claramente o que o separa da felicidade. Seu sofrimento aumenta porque reconhece sua própria responsabilidade. Não há mais ilusões.

Ele revê suas existências passadas e, ao mesmo tempo, percebe o futuro que o aguarda, compreendendo o que ainda lhe falta para alcançá-lo. É como o viajante que chega ao topo de uma montanha: vê o caminho percorrido e o que ainda precisa percorrer

para concluir a jornada.

976 — Ver o sofrimento dos Espíritos inferiores não perturba a felicidade dos bons?

— Não, porque sabem que o mal tem fim. Eles ajudam os outros a se melhorarem e lhes estendem a mão. Essa é sua ocupação — e essa ocupação lhes traz alegria quando conseguem êxito.

— E quando se trata de Espíritos que amaram na Terra? O sofrimento deles não os afeta?

— Se não percebessem esses sofrimentos, seriam estranhos a vós após a morte. Mas eles os veem sob outro ponto de vista. Sabem que as dores são úteis ao progresso, se suportadas com resignação. Sofrem mais ao ver a falta de coragem que atrasa esse progresso do que com o sofrimento em si, que é passageiro.

977 — Como os Espíritos não ocultam seus pensamentos, o culpado permanece sempre diante de sua vítima?

— Necessariamente, como indica o bom senso.

— Isso é um castigo?

— Sim, maior do que se imagina, mas apenas até que o culpado expie suas faltas, seja como Espírito, seja em novas existências corporais.

No mundo espiritual, todo o passado fica exposto. O culpado não pode fugir do olhar de suas vítimas, e essa presença constante é um castigo e um remorso contínuos, até que a reparação seja feita. Já o homem de bem encontra por toda parte acolhimento e serenidade.

978 — A lembrança das faltas passadas não perturba a felicidade do Espírito purificado?

— Não, porque ele já as resgatou e venceu as provas necessárias.

979 — A expectativa de novas provas não compromete a felicidade do Espírito?

— Para o Espírito ainda imperfeito, sim. Para o que já se elevou, não há sofrimento nisso.

A alma que alcança certo grau de pureza já experimenta felicidade. Sente gratidão, harmonia e alegria em tudo o que percebe. O véu que ocultava os mistérios da criação se levanta, e ela contempla as perfeições divinas com clareza.

980 — A afinidade entre Espíritos da mesma ordem é fonte de felicidade?

— Sim. A união baseada na afinidade para o bem é uma das maiores alegrias, pois não há medo de que o egoísmo a destrua. No mundo espiritual formam-se famílias pela identidade de sentimentos, e nisso reside a felicidade espiritual, assim como na Terra as pessoas se agrupam e sentem prazer em conviver.

Na afeição sincera e pura, livre de falsidade e hipocrisia, está uma fonte constante de felicidade. Na Terra, o ser humano já prova um reflexo disso quando encontra almas com quem pode se unir de forma verdadeira. Em um estado mais elevado, essa alegria será plena e ilimitada, pois ali o egoísmo não a sufoca. Na essência, tudo é amor; é o egoísmo que o destrói.

981 — O estado futuro do Espírito difere conforme ele tema ou aceite a morte?

— *Pode diferir muito. Contudo, isso depende dos sentimentos que motivam esse temor ou esse desejo. Temê-la ou desejá-la pode nascer de razões muito diferentes, e são essas razões que influenciam o estado do Espírito.*

982 — É necessário professar o Espiritismo para garantir uma boa sorte futura?

— *Se fosse assim, todos os que não conhecem ou não aceitam o Espiritismo estariam condenados, o que seria absurdo. Só o bem garante o futuro, e o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que leve a ele (165–799).*

A crença no Espiritismo ajuda o ser humano a se melhorar, esclarecendo ideias sobre o futuro. Acelera o progresso individual e coletivo, pois mostra com clareza o que seremos amanhã. É um apoio, uma luz orientadora. Ensina a suportar as provas com paciência e resignação, afastando atos que atrasariam a felicidade. Mas isso não significa que, sem ele, essa felicidade não possa ser alcançada.

Penas temporais

983 — O Espírito que expia suas faltas em uma nova existência não sofre também dores materiais? É correto dizer que, após a morte, a alma sofre apenas moralmente?

— *Quando a alma está reencarnada, os sofrimentos da vida atingem o Espírito, mas quem sofre materialmente é o corpo.*

Costumais dizer que quem morreu não sofre mais, mas isso nem sempre é verdade. Como Espírito, ele não sente dor física; porém, conforme as faltas cometidas, pode sofrer dores morais muito mais intensas e até enfrentar uma nova existência mais difícil. O rico egoísta pode renascer na miséria; o orgulhoso, em condições humilhantes; aquele que abusou da autoridade pode se ver obrigado a obedecer a alguém mais duro do que ele próprio foi. Todas as dores e dificuldades da vida são expiação de faltas passadas ou consequência das atuais. Quando deixardes este mundo, compreenderéis isso claramente (273, 393 e 399).

Quem se julga feliz na Terra apenas por satisfazer seus desejos é, em geral, quem menos se esforça para se melhorar. Muitas vezes, começa a expiar esses prazeres ainda nesta vida, mas certamente continuará a fazê-lo em outra existência igualmente material.

984 — As dificuldades da vida são sempre punição por faltas cometidas nesta mesma existência?

— Não. Muitas vezes são provas impostas por Deus ou escolhidas pelo próprio Espírito antes de reencarnar, para expiar faltas de vidas anteriores. Nenhuma infração às leis divinas fica sem consequência, especialmente à lei de justiça. Se não houver reparação nesta vida, ela ocorrerá em outra. É por isso que alguém aparentemente justo pode sofrer: trata-se do ajuste de seu passado (393).

985 — Reencarnar em um mundo menos material é uma recompensa?

— É a consequência do progresso espiritual. À medida que o Espírito se depura, passa a habitar mundos cada vez mais elevados, até se libertar completamente da matéria e alcançar a felicidade

dos Espíritos puros.

Nesses mundos mais evoluídos, as necessidades materiais são menores e os sofrimentos físicos quase inexistem. As paixões inferiores desaparecem, não há ódio nem ciúme, e a convivência é baseada na justiça, no amor e na caridade. Não existem os tormentos gerados pelo orgulho, pela inveja e pelo egoísmo, tão comuns na Terra (172–182).

986 — Um Espírito que já progrediu pode reencarnar novamente no mesmo mundo?

— Pode, se ainda não tiver concluído sua missão. Ele mesmo pode pedir uma nova oportunidade para completá-la. Nesse caso, essa reencarnação já não será uma expiação.

987 — O que acontece com quem não faz o mal, mas também não se esforça para se libertar do apego material?

— Como não avança rumo à perfeição, precisa recomeçar uma existência semelhante à anterior. Fica estacionado, prolongando suas próprias provas.

988 — Uma vida tranquila, sem grandes dificuldades, prova que a pessoa não tem nada a expiar?

— Enganas-te se pensas que isso seja comum. Muitas vezes essa tranquilidade é apenas aparente. Há Espíritos que escolhem uma vida assim, mas ao deixá-la percebem que não progrediram. Lamentam, então, o tempo perdido. O Espírito só evolui pela ação. A indolência não conduz a lugar algum.

Quem desperdiça voluntariamente a própria existência terá de responder por isso. A felicidade futura é proporcional ao bem realizado; a infelicidade, ao mal praticado e ao sofrimento cau-

sado aos outros.

989 — E aqueles que, sem serem propriamente maus, tornam infelizes todos à sua volta pelo seu caráter?

— *Não são bons, de fato. Expiarão esse comportamento ao ver o sofrimento que causaram e, em outra existência, experimentarão aquilo que fizeram os outros sofrer.*

Expição e arrependimento

990 — O arrependimento ocorre no corpo ou no estado espiritual?

— *Principalmente no estado espiritual, mas também pode ocorrer ainda em vida, quando a pessoa compreende claramente a diferença entre o bem e o mal.*

991 — Qual a consequência do arrependimento no estado espiritual?

— *O desejo de uma nova encarnação para se purificar. O Espírito reconhece as imperfeições que o afastam da felicidade e aspira a uma nova oportunidade de reparação (332-975).*

992 — E o arrependimento durante a vida corporal, o que produz?

— *Produz progresso imediato, se ainda houver tempo de reparar as faltas. Sempre que a consciência acusa uma imperfeição, o ser humano pode se melhorar.*

993 — Existem Espíritos irremediavelmente voltados ao mal?

— Não. Todo Espírito deve progredir. Quem hoje só pratica o mal terá, em outra existência, inclinação ao bem. Alguns avançam mais rápido; outros demoram mais, porque assim escolhem. Quem hoje tem inclinação natural ao bem já passou por fases de erro em vidas anteriores (894).

994 — O Espírito que não reconheceu suas faltas em vida sempre as reconhece após a morte?

— Sim, e então sofre mais, porque percebe todo o mal que causou. Contudo, o arrependimento nem sempre é imediato. Alguns Espíritos persistem no erro por um tempo, mas mais cedo ou mais tarde reconhecem o caminho equivocado. Os Espíritos bons trabalham para esclarecê-los, e vós também podeis ajudar.

995 — Há Espíritos que não são maus, mas se mantêm indiferentes ao próprio destino?

— Há Espíritos inativos, que nada fazem de útil. Sofrem exatamente por essa estagnação, pois o progresso é lei. O sofrimento os impulsiona.

— Esses Espíritos não desejam acabar logo com esse sofrimento?

— Desejam, mas lhes falta energia para agir. Muitos preferem sofrer a fazer o esforço necessário para melhorar — como tantos encarnados que preferem a miséria ao trabalho.

996 — Se os Espíritos percebem as consequências do mal, por que alguns continuam a agir mal e a piorar sua situação?

— *Porque se arrependem tarde ou recaem no erro, influenciados por Espíritos ainda mais atrasados (971).*

997 — Por que alguns Espíritos inferiores são sensíveis às preces, enquanto outros parecem endurecidos e cínicos?

— *A prece só alcança quem já se arrepende. Os que, por orgulho, se revoltam contra Deus e persistem no erro não são tocados pela oração, até que desperte neles um verdadeiro arrependimento (664).*

O Espírito não se transforma instantaneamente após a morte. Se viveu mal, continua imperfeito por algum tempo. Mantém seus erros, crenças falsas e preconceitos até que se esclareça pelo aprendizado, pela reflexão e pelo sofrimento.

998 — A expiação acontece no corpo ou no estado espiritual?

— *Em ambos. No corpo, pelas provas da vida; no estado espiritual, pelos sofrimentos morais ligados à inferioridade do Espírito.*

999 — O arrependimento sincero basta para apagar as faltas?

— *O arrependimento ajuda no progresso, mas não elimina a necessidade de reparação.*

— Então, se alguém pensa que não vale a pena se arrepen-

der, pois terá de expiar de qualquer forma, o que ganha com isso?

— *Torna sua expiação mais longa e mais dolorosa, por persistir no mal.*

1000 — Podemos reparar nossas faltas ainda nesta vida?

— *Sim, reparando o mal que causamos. Mas não penseis que isso se faz com privações inúteis ou esmolas tardias. Deus não valoriza um arrependimento vazio. Uma pequena renúncia feita em benefício real de alguém vale mais do que grandes sacrifícios feitos apenas por vaidade pessoal (726).*

O mal só se repara com o bem. Não há mérito se a reparação não atinge o orgulho ou os interesses pessoais.

De que adianta devolver bens depois da morte, quando já não servem para nada?

De que adianta abrir mão de pequenos confortos se o dano causado ao outro permanece?

E de que adianta humilhar-se diante de Deus se, diante das pessoas, o orgulho continua intacto? (720–721)

1001 — Não há mérito em destinar bens a fins úteis apenas após a morte?

— *Há algum valor, mas pouco. Quem só doa depois de morrer geralmente quer o mérito sem o esforço. Quem doa em vida tem dois ganhos: o mérito do sacrifício e a alegria de ver o bem que fez.*

O egoísmo costuma dizer: “Se doares, perderás teus prazeres”. E como ele fala alto, muitos guardam o que têm,

justificando-se com falsas necessidades. Infeliz daquele que nunca sentiu a alegria de dar: ele se priva de um dos prazeres mais puros. A riqueza é uma prova perigosa, mas Deus oferece, como compensação, a felicidade da generosidade, já possível nesta vida (814).

1002 — E quem, ao morrer, reconhece suas faltas, mas já não pode repará-las?

— *O arrependimento acelera sua recuperação, mas não o absolve. O futuro não se fecha para ele; apenas exige novas oportunidades de reparação.*

Duração das penas futuras

1003 — A duração dos sofrimentos do culpado, na vida futura, é arbitrária ou regida por alguma lei?

— *Deus nunca age por capricho. Tudo no universo é regido por leis nas quais se revelam sua sabedoria e sua bondade.*

1004 — Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?

— *No tempo necessário para que ele se melhore. O estado de sofrimento ou de felicidade é proporcional ao grau de purificação do Espírito. Assim, a duração e a natureza dos sofrimentos dependem do esforço que o Espírito faz para progredir. À medida que avança e se purifica, seus sofrimentos diminuem e se transformam.*

SÃO LUÍS.

1005 — Para o Espírito sofredor, o tempo parece mais longo ou mais curto do que quando estava encarnado?

— *Parece mais longo, porque para ele não existe o sono. Apenas os Espíritos que já alcançaram certo grau de purificação deixam de perceber o tempo diante do infinito (240).*

1006 — Os sofrimentos do Espírito podem ser eternos?

— *Não. Se o Espírito pudesse permanecer eternamente no mal, sofreria eternamente. Mas Deus não criou seres destinados ao mal perpétuo. Todos foram criados simples e ignorantes, com a obrigação de progredir. Uns demoram mais, outros menos, conforme a própria vontade. Mais cedo ou mais tarde, surge no Espírito a necessidade irresistível de sair da inferioridade e buscar a felicidade. A lei que regula a duração das penas é, portanto, profundamente sábia e justa, pois subordina o sofrimento aos esforços do próprio Espírito, sem jamais lhe retirar o livre-arbítrio. Se ele escolhe mal, sofre as consequências.*

SÃO LUÍS.

1007 — Existem Espíritos que nunca se arrependem?

— *Há Espíritos cujo arrependimento é muito tardio. Mas dizer que nunca se melhorarão seria negar a lei do progresso, como negar que uma criança possa tornar-se adulta.*

SÃO LUÍS.

1008 — A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito ou há penas impostas por tempo determinado?

— *Ambas as coisas existem. Podem ser impostas penas por tempo determinado, mas Deus, que só quer o bem de suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento. Nenhum desejo sincero de melhora é inútil.*

SÃO LUÍS.

1009 — As penas impostas podem ser eternas?

— *Consultai a vossa razão. Uma condenação sem fim, por erros cometidos em um tempo limitado, não seria a negação da bondade de Deus? O que representa uma vida de cem anos diante da eternidade? Sofrimentos sem fim, sem esperança, por faltas temporárias — essa ideia não repugna ao bom senso?*

A ignorância dos povos antigos explica que tenham concebido Deus como severo e vingativo, atribuindo-lhe paixões humanas. Mas esse não é o Deus ensinado pelo Cristo, cujo fundamento é o amor, a misericórdia e o perdão. Poderia Deus exigir virtudes que Ele próprio não tivesse? Poderia ser infinitamente bom e infinitamente vingativo ao mesmo tempo?

A verdadeira justiça divina está em fazer com que a duração das penas dependa dos esforços do culpado. A cada um segundo as suas obras.

SANTO AGOSTINHO.

— *Empenhai-vos em destruir a ideia da eternidade absoluta das penas — ideia que blasfema contra a justiça e a bondade de Deus*

e que tem sido uma das maiores fontes do materialismo, do ceticismo e da indiferença moral. A razão humana, ao se esclarecer, percebe essa injustiça e, rejeitando-a, muitas vezes rejeita também Deus.

Pobres almas desgarradas, olhai o bom Pastor que vem ao vosso encontro, não para vos excluir para sempre, mas para vos reconduzir ao caminho. Filhos pródigos, abandonai o exílio voluntário: o Pai vos espera de braços abertos.

LAMENNAIS.

— Guerras de palavras! Ainda não bastou o sangue derramado? Discutis sobre a eternidade das penas sem perceber que os antigos não entendiam eternidade como vós entendeis hoje. A eternidade dos castigos significa a permanência do mal enquanto o mal existir. Quando o arrependimento for geral, cessarão as penas.

Somente Deus é eterno. Admitir um mal eterno seria negar o seu poder soberano. Humanidade, não busques nos abismos da Terra o castigo: espera, expia e confia num Deus essencialmente bom, justo e poderoso.

PLATÃO.

— O fim da humanidade é gravitar para a unidade divina. Para isso, são necessários justiça, amor e conhecimento. O castigo não é vingança: é consequência natural do desvio. Serve para despertar a alma, levá-la ao arrependimento e à reparação.

Querer penas eternas para faltas temporárias é negar a razão de

ser do castigo. Não coloques o Mal, obra da criatura, no mesmo nível do Bem, essência do Criador.

PAULO, APÓSTOLO.

O Espiritismo mostra que recompensas e penas só têm efeito quando são compreendidas pela razão. Castigos ilógicos não corrigem; afastam. Ao apresentar o futuro de forma racional, o Espiritismo devolve sentido à justiça divina.

A palavra “eterno” é frequentemente usada de modo figurado, para indicar longa duração, não infinitude absoluta. Espíritos que sofrem por séculos podem acreditar que sofrerão para sempre, pois não veem o fim de suas provas. Essa ilusão faz parte da própria expiação.

Hoje, a teologia já reconhece que o “fogo” das penas é moral, não material. As dores espirituais, embora imateriais, são profundamente intensas. A duração das penas não é fixa: diminui à medida que o Espírito progride.

Ressurreição da carne

1010 — O dogma da ressurreição da carne ensina, implicitamente, a reencarnação?

— Sim. Essa doutrina decorre naturalmente de muitas passagens que, por muito tempo, não foram compreendidas. O Espiritismo não destrói a religião: ele a esclarece, retirando o véu da linguagem simbólica.

A ciência demonstra a impossibilidade literal da ressurreição da carne. A matéria do corpo se transforma e se dispersa, integrando outros corpos. A reencarnação, porém, explica racionalmente o progresso da alma, sem contrariar a ciência nem a fé.

Paraíso, inferno e purgatório.

1011 — Existem lugares específicos no universo para penas e recompensas?

— *Não. Penas e gozos são estados do Espírito, conforme seu grau de evolução. Não existem lugares fechados destinados ao castigo ou à felicidade.*

— Então, inferno e paraíso não existem como o homem imagina?

— *São alegorias. Espíritos felizes e infelizes existem em toda parte. Os semelhantes se reúnem por afinidade.*

1012 — O que é o purgatório?

— *É o estado de expiação. Muitas vezes, ele ocorre na própria Terra.*

O purgatório não é um lugar, mas um estado temporário do Espírito imperfeito, que se purifica por meio de sucessivas existências.

1013 — Por que Espíritos elevados falam de inferno e purgatório conforme ideias populares?

— *Porque adaptam a linguagem à compreensão de quem pergunta. Espíritos inferiores também usam termos terrenos para expressar sofrimentos espirituais.*

1014 — O que significa uma “alma a penar”?

— *Um Espírito sofredor, em estado de erraticidade, incerto do futuro, que muitas vezes busca auxílio (664).*

1015 — O que se deve entender por céu?

— *Não é um lugar fixo. É o universo, os mundos superiores, onde os Espíritos vivem sem as angústias da vida material.*

1016 — O que significam expressões como “quarto” ou “quinto céu”?

— *Graus de evolução espiritual, não locais físicos.*

1017 — O que quis dizer o Cristo com “meu reino não é deste mundo”?

— *Que seu reino é moral, fundado no amor e na pureza de coração, não no poder material.*

1018 — O bem reinará algum dia na Terra?

— *Sim, quando os Espíritos bons forem maioria. Isso ocorrerá com o progresso moral da humanidade. Espíritos atrasados migrarão para mundos compatíveis com seu grau de evolução.*

Nessa transformação está a verdadeira alegoria do paraíso perdido e do pecado original, entendido como a imperfeição inicial do Espírito.

Trabalhai, pois, com coragem na regeneração do mundo. Ai dos egoístas, que não encontrarão quem os ajude a carregar o peso das próprias dores.

SÃO LUÍS.

Conclusão

I

Quem conhece o magnetismo terrestre apenas pelo brinquedo dos patinhos imantados, que se movem numa bacia sob a ação de um ímã, dificilmente imagina que ali esteja um dos princípios que regem o movimento dos mundos. O mesmo acontece com quem vê o Espiritismo apenas como o curioso fenômeno das mesas girantes, reduzindo-o a um passatempo sem importância, incapaz de perceber que esse fato simples — conhecido desde a Antiguidade e até por povos considerados primitivos — se conecta às questões mais profundas da moral e do futuro social.

Para o observador apressado, que relação poderia haver entre uma mesa que se move e o destino da humanidade? No entanto, basta lembrar que de uma simples panela fervendo, cuja tampa se erguia repetidamente, nasceu o motor a vapor, que revolucionou o mundo, encurtou distâncias e transformou a civilização. Assim também, dessa mesa que gira e provoca risos irônicos, surgiu uma ciência inteira e a chave de problemas que nenhuma filosofia havia conseguido resolver.

Por isso, apelamos aos críticos de boa-fé: estudaram realmente aquilo que criticam? A crítica só tem valor quando parte do conhecimento. Zombar do que não se conhece não é criticar — é superficialidade. Se essa filosofia tivesse

sido apresentada como obra de um pensador humano, talvez tivesse recebido exame respeitoso. Mas como se afirma que vem dos Espíritos, é descartada de imediato. Julga-se pelo rótulo, como o macaco da fábula julgava a noz pela casca. Abstraí a origem, supondo que este livro fosse obra humana, e perguntai-vos, com honestidade: há nele algo que mereça escárnio?

II

O Espiritismo é o mais forte antagonista do materialismo. Não causa surpresa, portanto, que seja combatido pelos materialistas — embora muitos deles evitem assumir esse nome, preferindo esconder-se sob o discurso da razão e da ciência. Curiosamente, alguns chegam a invocar a religião, que compreendem ainda menos que o próprio Espiritismo.

O ataque costuma mirar o maravilhoso e o sobrenatural. Condenando-os sem distinção, condenam também a religião, que se funda na revelação e nos milagres. O Espiritismo, porém, não se apoia no sobrenatural, mas em leis naturais ainda pouco compreendidas. Os fenômenos espíritas apenas parecem sobrenaturais porque são novos ou desconhecidos — assim como muitos fenômenos científicos pareceram absurdos antes de serem explicados.

Nada no Espiritismo escapa às leis da natureza. Ele revela uma força natural até então ignorada, mas perfeitamente integrada à ordem universal. Nesse sentido, apoia-se menos no maravilhoso do que a própria religião tradicional. Quem o combate por esse ângulo demonstra não conhecê-lo. Mesmo grandes cientistas, se ignoram que o domínio da natureza é infinito, são apenas cientistas pela metade.

III

Vocês dizem que querem curar o século de uma suposta mania que ameaça se espalhar pelo mundo. Mas prefeririam que ele fosse dominado pela negação de qualquer fé no futuro, que vocês mesmos ajudam a propagar? De onde vêm o enfraquecimento dos laços familiares e grande parte das desordens que corroem a sociedade, senão da falta de uma crença real em algo além da vida material?

Ao demonstrar a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reacende a confiança no futuro, fortalece quem está abatido e ajuda a enfrentar as dificuldades com mais equilíbrio. Ele dá sentido às provas da vida. Vocês chamariam isso de mal?

Duas visões se confrontam: uma afirma que não existe futuro; a outra mostra que ele existe e o explica. Uma não esclarece nada; a outra responde às grandes perguntas e dialoga com a razão. Uma acaba reforçando o egoísmo; a outra sustenta a justiça, a caridade e o amor ao próximo. A primeira prende o homem apenas ao presente e elimina qualquer esperança; a segunda consola e amplia o horizonte. Qual delas é realmente prejudicial?

Alguns, mesmo entre os mais céticos, falam em fraternidade e progresso. Mas fraternidade de verdade exige desapego e controle do próprio ego. Onde existe fraternidade autêntica, o orgulho não tem espaço.

Com que autoridade se exige sacrifício de alguém a quem se diz que, com a morte, tudo termina? Que amanhã ele pode não ser mais do que matéria dispersa? Que motivo teria para abrir mão de algo? Não seria mais lógico tentar

aproveitar ao máximo os poucos anos que lhe restam?

Daí nasce o desejo de possuir cada vez mais, para aproveitar melhor. Do desejo surge a inveja; da inveja, o impulso de tomar o que é do outro. O que impede isso? A lei? Mas a lei não alcança tudo. A consciência? O senso de dever? Em que se apoia o dever, se se acredita que tudo acaba na morte?

Quando essa ideia domina, só resta uma regra coerente: cada um por si. Fraternidade, consciência, dever, humanidade e progresso tornam-se apenas palavras bonitas.

Vocês que defendem essas ideias talvez não percebam o tamanho do mal que causam à sociedade, nem o peso das consequências que isso pode gerar. Mas falar em responsabilidade não faz sentido para quem acredita apenas na matéria, pois, para esse, responsabilidade moral não existe.

IV

O progresso humano se apoia na lei de justiça, amor e caridade, que só faz sentido com a certeza do futuro. Retirai essa certeza e destruíis o alicerce da civilização. A história mostra que, à medida que essa lei é melhor compreendida, as condições humanas melhoram.

O progresso é inevitável. As gerações se renovam, velhos preconceitos caem, barreiras entre povos diminuem, as guerras se tornam menos frequentes, a ideia de humanidade se amplia. Ainda estamos longe da perfeição, mas o movimento é contínuo. O homem quer ser feliz — e é isso que impulsiona o progresso. Quando perceber que o progresso material não basta, buscará o progresso moral. Nesse caminho, o Espiritismo surge como uma poderosa

alavanca.

V

Aqueles que dizem que o Espiritismo ameaça invadir o mundo confessam, sem perceber, a sua força. Nenhuma ideia sem lógica e sem verdade se tornaria universal. O ridículo lançado sobre ele apenas acelerou sua expansão.

O Espiritismo inaugura uma nova fase da humanidade: a do progresso moral. Sua rápida difusão se explica pelo bem que produz. Ele passa por três etapas: curiosidade, reflexão e aplicação. A primeira já passou. A segunda está em curso. A terceira é inevitável.

Mesmo quem nunca presenciou fenômenos espíritos reconhece o valor de sua filosofia, que traz serenidade, segurança e sentido à vida. Quem deseja combatê-lo deve oferecer algo melhor: uma explicação mais lógica, uma esperança mais sólida, uma certeza mais profunda. Negar não basta. É preciso substituir.

VI

A força do Espiritismo não está nas manifestações materiais, mas na sua filosofia. Ele fala à razão, não exige fé cega, não se apoia em mistérios indecifráveis. Quer ser compreendido por todos.

Proibi-lo seria inútil. As manifestações não dependem de um único indivíduo. Estão em toda parte, em todos os lares, em todas as classes. Não se pode prender metade da humanidade nem queimar ideias que renascem a cada dia. O Espiritismo não é obra humana: é tão antigo quanto a pró-

pria humanidade. Sempre existiu, disperso nas religiões, especialmente no cristianismo. Hoje, apenas se organiza, se esclarece e se purifica do excesso de superstição.

VII

O Espiritismo apresenta três aspectos: os fenômenos, a filosofia moral que deles decorre e a aplicação dessa moral. Daí três tipos de adeptos: os que observam os fatos, os que compreendem suas consequências e os que vivem segundo esses princípios. Em todos os casos, o resultado é uma transformação moral no sentido do bem.

Os adversários também se dividem: os que negam sem conhecer; os que combatem por interesse pessoal; e os que se sentem incomodados pela exigência moral. Nenhum deles apresenta refutação sólida. Com o tempo, essas resistências tendem a desaparecer.

VIII

O Espiritismo não traz uma moral nova: reafirma a moral do Cristo, tornando-a clara, prática e racional. Se a moral evangélica é tão sublime, por que é tão pouco praticada? Os Espíritos não apenas a repetem — mostram suas consequências, explicam sua utilidade e revelam o futuro que dela decorre.

Assim como o microscópio revelou o mundo invisível do infinitamente pequeno, o Espiritismo revela o mundo espiritual que nos envolve. Nada disso contradiz a razão ou a ciência. Ao contrário: amplia seus horizontes.

IX

As divergências iniciais são naturais em qualquer ciência nascente. Com o tempo, os erros caem, a unidade se estabelece e o essencial permanece. Os Espíritos sempre ensinaram que a verdade se reconhece pela elevação moral, pela lógica e pela ausência de orgulho e maldade.

As diferenças secundárias não comprometem o essencial: o amor a Deus e a prática do bem. Não há espaço para rivalidades entre os que sinceramente buscam o progresso moral. O único antagonismo legítimo é entre o bem e o mal.

Ouçamos, para concluir, Santo Agostinho:

— O Espiritismo será o laço que unirá os homens, porque lhes mostrará onde está a verdade. Julgai as doutrinas pelas obras que produzem. Os bons Espíritos jamais inspiram ódio, violência ou ambição. Onde houver caridade, humildade e amor ao próximo, ali está o caminho que conduz a Deus.

SANTO AGOSTINHO.

